

com textos

12

livro do professor

Português | 12º ano

Ana Maria Cardoso
Célia Fonseca
Maria José Peixoto

- Planificação anual e periodal*
- Planos de aula*
- Orientações de leitura e cenários de resposta
- Testes de avaliação*

*Disponíveis em formato editável em

20 AULA DIGITAL

com textos

12

livro do professor

Português | 12.º ano

Ana Maria Cardoso
Célia Fonseca
Maria José Peixoto

ASA

Índice

1. Sobre o Projeto <i>Com Textos 12</i>	3
2. Planificação Anual e Periodal	7
3. Planos de Aula	15
4. Cenários de Resposta e Outras Propostas (Manual)	29
• Sequência 0: Com Textos para Começar	30
• Sequência 1: Com Textos para Ser Múltiplo	38
• Sequência 2: Com Textos para Valorizar	52
• Sequência 3: Com Textos para Representar	93
• Sequência 4: Com Textos para (Re)Contar	100
5. Testes de Avaliação	121
• Cenários de resposta	176

1

SOBRE O PROJETO
COM TEXTOS 12

Sobre o Projeto *Com Textos 12*

Manual

O manual visa o trabalho da língua materna nas componentes programaticamente definidas (compreensão e expressão orais, leitura, expressão escrita e conhecimento explícito da língua), orientadas para o trabalho com diversos tipos/gêneros textuais. Estes articulam-se com as competências Ouvir/Falar, Ler, Escrever, numa perspectiva funcional da língua, ativando-as tanto no domínio da compreensão como no da produção textuais; com a da reflexão e do estudo sobre a língua; com as três macrocompetências de formação pessoal (comunicação, estratégia e formação para a cidadania); com a dimensão estética da produção linguística e com os métodos e técnicas de trabalho.

As sequências, correspondendo aproximadamente às projetadas no programa (cinco), encontram-se organizadas segundo critérios de progressão, a nível tanto da estruturação das tipologias textuais (das mais próximas da linguagem utilitária e corrente às mais elaboradas nos registos) como dos conhecimentos linguísticos requeridos ou implicados nos textos trabalhados.

Salienta-se em todas as sequências as rubricas a “Ler em Intertexto” (fomentando práticas de leitura extensiva), mais as propostas de “Dinamizar um Projeto” (articulando conhecimentos de língua e tipos/gêneros textuais que são orientados para projetos que convocam contribuições de outras disciplinas além de ativarem o que foi/é trabalhado em cada sequência). “Projetar/Avaliar Competências” (promovendo práticas de produções orais/escritas autónomas, criteriosas e estruturadas, acompanhadas de guião de verificação e de avaliações de avaliação); “Consolidar Conhecimentos” (disponibilizando sínteses de conteúdos facilitadores da apreensão de conteúdos programaticamente definidos e objeto de abordagem na sequência) e Testar (fornecendo um teste de avaliação formativa, apostando nos domínios da compreensão, interpretação e análise textuais; do conhecimento explícito da Língua e da produção escrita compositiva).

Manual (versão do Professor)

O Manual *Com Textos*, edição exclusiva do professor, faculta, em banda lateral, cenários de resposta para todas as atividades propostas, bem como sugestões metodológicas para todas as matérias em estudo.

Caderno de Atividades

Possibilita um trabalho mais alargado do funcionamento da língua, disponibilizando propostas de atividades complementares assentes numa tipologia de questões próxima da utilizada nos exames nacionais.

Apresenta ainda propostas de atividades de escuta (curta e extensa) bem como alguns exercícios retirados de exames oficiais que abordam os autores em estudo. Termina com 2 guiões de atividades e propostas de resolução de todas as atividades.

Livro do Professor

Inclui:

- Planificação anual e periodal*
- Planos de aula*
- Sugestões metodológicas e cenários de resposta para as atividades do manual “Orientações de Leitura”, “Práticas da Língua” e “Escrever”
- Testes formativos*

* Estes materiais encontram-se disponíveis em formato editável, em **20 AULA DIGITAL**.

CD Áudio

Inclui a vocalização de textos do manual, bem como outros recursos de apoio a atividades de oralidade.

20 AULA DIGITAL

O **20 AULA DIGITAL** possibilita a fácil exploração do projeto *Com Textos 12*, através das novas tecnologias em sala de aula. Trata-se de uma ferramenta inovadora que permite:

- **a projeção e exploração das páginas do manual em sala de aula;**
- o acesso a um **vasto conjunto de conteúdos multimédia integrados com o manual:**
 - **Vídeos (5)** – suportes multimédia que complementam os conteúdos abordados no manual, incluindo alguns excertos da peça de teatro “Felizmente há Luar”.
 - **Áudios (30)** – gravações de leituras expressivas de diversos textos do manual.
 - **Apresentações em PowerPoint (5)** – recurso didático que visa expor e/ou sintetizar conteúdos do manual.
 - **Testes Interativos (24)** – extenso banco de testes interativos, personalizáveis e organizados pelos diversos temas do manual.
 - **Links internet** – endereços para páginas na internet de apoio às matérias, para a obtenção de mais informação.
- **a disponibilização dos Planos de Aula, em formato Word**, para que o professor os possa adaptar de acordo com as características de cada turma:
 - utilizando as sequências de recursos digitais propostas em cada plano, com recurso a um projetor ou a um quadro interativo;
 - personalizando os Planos de Aula com outros recursos.

- **a avaliação dos alunos:**
 - utilização de testes predefinidos ou criação de novos a partir de uma base de cerca de 250 questões;
 - impressão de testes para distribuição;
 - envio, online, de testes para os alunos, com a correção automática;
 - relatórios de avaliação detalhados que permitem um acompanhamento do progresso dos alunos.
- **a troca de mensagens e a partilha de recursos com os alunos.**

2

PLANIFICAÇÃO ANUAL E PERIÓDICA

Materiais disponíveis, em formato editável, em  AULA DIGITAL

PROPOSTA DE PLANIFICAÇÃO PERIODAL DE LÍNGUA PORTUGUESA – 12.º ANO

Parâmetros de planificação	Orientações estratégicas	
	Objetivos genéricos	Competências nucleares objetivadas
PRIMEIRO PERÍODO	Sequência 0 e Sequência 1	
	Demonstrar indicadores de desempenho ao nível das diferentes competências nucleares	
	Acompanhar orientações de trabalho visando situações de remediação	
	Expressar-se de forma correta e coerente, a nível quer oral quer escrito	
	Reconhecer as finalidades/ condições de produção de discursos	
	Adequar o discurso à situação/intencionalidade comunicativas	
	Distinguir a matriz discursiva de diferentes tipos/géneros textuais	
	Desenvolver competências na leitura/interpretação dos textos: lírico, dramático e narrativo	
	Interpretar textos/discursos orais e escritos segundo as finalidades e as situações de comunicação implicadas	
	Contextualizar histórica e culturalmente obras de referência literária	
	Refletir sobre a estrutura/o funcionamento da língua	
	Contactar com autores do Património Cultural Português	
	Redigir segundo técnicas compositivas diversificadas	
		OUVIR/FALAR • Reter informação global/seletiva/pormenorizada a partir de registos áudio/vídeo • Identificar a intenção comunicativa do(s) interlocutor(es): informar, apelar, criticar • Captar características verbais e não verbais dos discursos ouvidos • Oralizar reflexões estruturadas a partir de imagens, audições, leituras, pensamentos • Produzir sínteses de discussões em par/grupo • Descrever personagens/situações/objetos observados/imaginados • Produzir discursos de forma desbloqueada LER • Distinguir factos de opiniões • Identificar as ideias principais de um texto • Detetar nexos lógicos entre segmentos textuais • Apresentar marcas linguísticas relacionadas com o tipo/género textual • Identificar especificidades dos modos: lírico, dramático e narrativo • Interpretar os poemas na sua dimensão simbólico-cultural • Identificar temáticas contempladas na produção poética pessoana • Completar esquemas • Demonstrar a expressividade significativa de recursos estilísticos ESCREVER • Resumir/produzir sínteses de um texto-fonte • Diversificar vocabulário • Utilizar corretamente a ortografia/pontuação/accentuação/seleção vocabular/construção frásica • Reconstruir textos de acordo com instruções de transformação/correção • Planificar total/parcialmente textos • Produzir textos de acordo com modelos/estruturas fornecidos CONHECER A ESTRUTURA E O FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA • Aplicar conhecimentos de ortografia e pontuação • Estabelecer relações entre palavras (forma/sentido) • Reconhecer marcas de modalidade na construção de enunciados • Associar valores lógico-semânticos aos articuladores/às construções frásicas • Identificar os elementos deícticos presentes em discursos

MANUAL: COM TEXTOS 12		
Estratégias		Tempo
Atividades	Avaliação	
• Audição de registos orais • Visionamento de excertos de documentário • Tomada de notas • Exposição de tópicos • Leitura de imagens • Preenchimento de esquemas • Apreciação crítica de produções orais • Recolha e apresentação de textos • Dramatização de situações • Declamação de poemas	Avaliação Diagnóstica (AD) – Registo sistemático de indicadores de (in)sucesso – Práticas de auto e heterocorreção – Trabalho de remediação	U0: 2 semanas 2 x 90 min + 2 x 90 min
• Antecipação de leitura com base em títulos, imagens, segmentos textuais, pesquisas, conhecimentos prévios • Relação texto-imagem/título • Aferição de leitura • Resolução de questionários • Segmentação de textos • Esquematização de ideias • Condensação informativa • Práticas intertextuais	Avaliação contínua – Observação direta da participação – Registo sistemático de indicadores de (in)sucesso – Aplicação de guiões de verificação – Práticas de auto e de heterocorreção – Dinamização de projetos	U1: 9 semanas 9 x 90 min + 9 x 90 min
• Produção textual segundo a) esquemas (planificação) b) géneros discursivos c) orientações temáticas d) indicadores vários • Transformação/correção de textos • Registo do diário de turma		
• Reflexão sobre diferentes domínios gramaticais pela experimentação (comparação, descrição, transformação) de frases/sequências textuais • Consulta de gramáticas, prontuários, dicionários, ... • Resolução de exercícios práticos	Resolução de testes formativos (TF)	TF: 2 semanas 2 x 90 min + 2 x 90 min
		Total: 13 semanas

PROPOSTA DE PLANIFICAÇÃO PERIODAL DE LÍNGUA PORTUGUESA – 12.º ANO

Parâmetros de planificação	Orientações estratégicas	
	Objetivos genéricos	Competências nucleares objetivadas
SEGUNDO PERÍODO	Sequências 2 e 3	OUVIR/FALAR
	- Expressar-se de forma correta e coerente, a nível quer oral quer escrito - Reconhecer as finalidades/ condições de produção de discursos - Adequar o discurso à situação/intencionalidade comunicativas - Distinguir a matriz discursiva de diferentes tipos/géneros textuais - Desenvolver competências na leitura/interpretação do texto épico/épico-lírico - Desenvolver competências na leitura/interpretação do dramático	- Reter informação global/seletiva/pormenorizada a partir de registos áudio/vídeo - Identificar a intenção comunicativa do(s) interlocutor(es): informar, apelar, ironizar, simular, criticar, seduzir - Captar características verbais e não verbais dos discursos ouvidos - Reproduzir o significado global das mensagens - Oralizar reflexões estruturadas a partir de imagens, audições, leituras, pensamentos - Produzir sínteses de discussões em par/grupo - Descrever personagens/situações/objetos observados/imaginados - Produzir discursos de forma desbloqueada - Produzir discursos não espontâneos segundo instruções precisas - Completar esquemas
	Interpretar textos/discursos orais e escritos segundo as finalidades e as situações de comunicação implicadas	LER
	Estabelecer relações entre as épocas de produção das obras e os tempos nelas representados	- Distinguir factos de opiniões - Identificar as ideias principais de um texto - Detetar nexos lógicos entre segmentos textuais - Interpretar elementos paratextuais e metatextuais significativos para a leitura de textos - Apresentar marcas linguísticas relacionadas com o tipo/género textual - Identificar especificidades dos modos dramático/narrativo/lírico - Distinguir diferentes formas de enunciação nos modos/géneros literários trabalhados - Analisar a estrutura da obra de leitura integral - Interpretar a dimensão simbólico-cultural das obras - Avaliar a intemporalidade das obras - Demonstrar a expressividade significativa de recursos estilísticos
	Contextualizar histórica e culturalmente obras de referência literária	ESCREVER
	Estabelecer relações entre textos e outras formas de expressão artística	- Resumir textos - Diversificar vocabulário - Utilizar corretamente a ortografia/pontuação/acentuação/seleção vocabular/construção frásica - Reconstruir textos de acordo com instruções de transformação/ correção - Planificar total/parcialmente textos - Construir segmentos textuais coerentes - Completar esquemas - Produzir textos de acordo com modelos/estruturas fornecidos
	Refletir sobre a estrutura/ o funcionamento da língua	CONHECER A ESTRUTURA E O FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA
	Contactar com autores do Património Cultural Português	- Aplicar conhecimentos de ortografia, pontuação e acentuação - Estabelecer relações entre palavras (forma/sentido) - Identificar funções sintáticas essenciais/acessórias - Classificar grupos de palavras atendendo à constituição destes - Identificar processos de coerência, coesão e progressão textual - Associar valores lógico-semânticos aos articuladores/às construções frásicas - Demonstrar a funcionalidade da alternância dos tempos verbais na construção narrativa
	Redigir segundo técnicas compositivas diversificadas	

MANUAL: COM TEXTOS 12		
Estratégias		Tempo
Atividades	Avaliação	
• Audição de registos orais/vídeo • Tomada de notas • Leitura de imagens • Visionamento de excertos fílmicos/televisivos • Preenchimento de esquemas • Apreciação crítica de produções orais • Recolha e apresentação de textos • Dinamização de debates • Exposição de tópicos • Dramatização de situações • Declamação de poemas	Avaliação contínua – Observação direta da participação – Registo sistemático de indicadores de (in)sucesso – Aplicação de guiões de verificação – Práticas de auto e de heterocorreção – Dinamização de projetos	U2: 6 semanas 6 x 90 min + 6 x 90 min
• Antecipação de leitura com base em títulos, imagens, segmentos textuais, pesquisas, conhecimentos prévios • Relação texto-imagem/título • Relação texto/paratexto/metatexto • Aferição de leitura • Resolução de questionários • Segmentação de textos • Esquematização de ideias • Condensação informativa • Práticas intertextuais		U3: 4 semanas 4 x 90 min + 4 x 90 min
• Produção textual segundo a) esquemas (planificação) b) géneros discursivos c) orientações temáticas d) indicadores vários • Transformação/correção de textos • Registo do diário de turma		
• Reflexão sobre diferentes domínios gramaticais pela experimentação (comparação, descrição, transformação) de frases/sequências textuais • Consulta de gramáticas, prontuários, dicionários, ... • Resolução de exercícios práticos	Resolução de testes formativos (TF)	TF: 2 semanas 2 x 90 min + 2 x 90 min 1 semana: introdução a J. Saramago Total: 13 semanas

PROPOSTA DE PLANIFICAÇÃO PERIODAL DE LÍNGUA PORTUGUESA – 12.º ANO

Parâmetros de planificação	Orientações estratégicas	
	Objetivos genéricos	Competências nucleares objetivadas
TERCEIRO PERÍODO	Sequência 4	
	Expressar-se de forma correta e coerente, a nível quer oral quer escrito	OUVIR/FALAR
	Reconhecer as finalidades/ condições de produção de discursos	• Reter informação global/seletiva/pormenorizada a partir de leituras • Identificar a intenção comunicativa do(s) interlocutor(es) • Captar características dos discursos ouvidos • Oralizar reflexões estruturadas a partir de imagens, audições, leituras, pensamentos • Adequar o discurso ao objetivo e à situação • Utilizar a norma do Português em exposições orais refletidas • Descrever personagens/situações/objetos observados/ imaginados • Produzir discursos desbloqueadamente e com alguma formalidade • Completar esquemas
	Adequar o discurso à situação/ intencionalidade comunicativas	
	Distinguir a matriz discursiva de diferentes tipos/géneros textuais	LER
	Desenvolver competências na leitura/interpretação do texto poético em verso	• Distinguir factos de opiniões • Identificar as ideias principais de um texto • Detetar nexos lógicos entre segmentos textuais • Interpretar elementos paratextuais significativos para a leitura de textos • Apresentar marcas linguísticas relacionadas com o tipo/ género textual • Identificar especificidades do modo narrativo • Distinguir diferentes modos de relato de discurso • Interpretar a dimensão simbólico-cultural da obra • Identificar diferentes linhas de ação narrativa presentes no romance • Demonstrar a expressividade significativa de recursos estilísticos • Completar esquemas
	Interpretar textos/discursos orais e escritos segundo as finalidades e as situações de comunicação implicadas	
	Contextualizar histórica e culturalmente obras de referência literária	ESCREVER
	Estabelecer relações entre a época de produção da obra e o tempo nela representado	• Resumir/produzir sínteses de um texto-fonte • Diversificar vocabulário • Utilizar corretamente a ortografia/pontuação/ acentuação/seleção vocabular/construção frásica • Reconstruir textos de acordo com instruções de transformação/ correção • Produzir textos de acordo com modelos/estruturas fornecidos
	Estabelecer relações entre textos e outras formas de expressão artística	
	Refletir sobre a estrutura/ o funcionamento da língua	CONHECER A ESTRUTURA E O FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA
	Contactar com autores do Património Cultural Português	• Aplicar conhecimentos de ortografia, pontuação e acentuação • Identificar classes morfológicas • Analisar a construção frásica em termos dos elementos sintáticos • Identificar processos de coerência, coesão e progressão textual • Associar valores lógico-semânticos aos articuladores às construções frásicas • Identificar marcas distintivas nos modos de relato do discurso • Distinguir sequências narrativas de descritivas • Associar recursos estilísticos a segmentos textuais • Identificar recursos estilísticos em termos sintáticos
	Redigir segundo técnicas compositivas diversificadas	

MANUAL: COM TEXTOS 12		
Estratégias		Tempo
Atividades	Avaliação	
• Audição de registos orais • Escuta global/seletiva/pormenorizada • Tomada de notas • Leitura de imagens • Preenchimento de esquemas • Relato de vivências, histórias, pesquisas • Debates • Mesa-redonda • Reconto oral • Apreciação crítica de produções orais	Avaliação contínua – Observação direta da participação – Registo sistemático de indicadores de (in)sucesso – Aplicação de guiões de verificação – Práticas de auto e de heterocorreção – Dinamização de projetos	U4: 5 semanas 5 x 90 min + 5 x 90 min
• Antecipação de leitura com base em títulos, imagens, segmentos • Leitura global/seletiva/analítica e crítica • Leitura expressiva • Leitura extensiva • Relação texto-imagem/título • Resolução de questionários • Esquematização de ideias • Antologia de poemas: temática, de autor...		
• Produção textual segundo a) esquemas (planificação) b) géneros discursivos c) orientações temáticas d) indicadores vários • Transformação/correção de textos • Produção de sínteses, exposições • Registo do diário de turma	Resolução de teste formativo (TF)	TF: 1 semana 1 x 90 min
• Reflexão sobre diferentes domínios gramaticais pela experimentação (comparação, descrição, transformação) de frases/sequências textuais • Consulta de gramáticas, prontuários, ... • Resolução de exercícios práticos		
		Total: 6 semanas

3

PLANOS DE AULA

Versão de demonstração

Materiais disponíveis, em formato editável, em **20 AULA DIGITAL**

Apresentam-se de seguida 13 planos de aula relativos à sequência 3 - Com Textos para Representar.

A partir de setembro de 2012, estarão disponíveis, em www.comtextos12.asa.pt, os planos de aula para todas as sequências do manual.

ESCOLA: _____

PORTUGUÊS 12º ANO **LIÇÃO Nº:** _____ **TURMA:** _____ **TEMPO: 90 MIN** **DATA:** ____ / ____ / ____

Tema: *Felizmente Há Luar!*

Unidade: Sequência 3 – Com Textos para Representar

Conteúdos: Os contextos histórico, social e político da obra *Felizmente Há Luar!*

Leitura: Compreender sentidos de textos icônicos e expositivos.

Compreensão/ Expressão Oral: Compreender e produzir enunciados orais; expor ideias; defender pontos de vista.

Expressão Escrita: Utilizar técnicas de síntese de informação.

Estrutura e Funcionamento da Língua: Refletir sobre funcionamento da língua; utilizar articuladores discursivos.

Conceitos: Conotação; denotação; contexto histórico, social e político.

Sumário: Diálogo sobre a simbologia da noite.
Contextualização da obra *Felizmente Há Luar!*.

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	RECURSOS
– Diálogo com os alunos sobre as conotações da palavra noite, orientando-os para o seu significado em termos sociais, culturais, políticos. – Comparação com a simbologia da palavra noite em diferentes poemas de <i>Mensagem</i>, nomeadamente da terceira parte “O Encoberto”. – Observação e análise das imagens da p. 192, com o objetivo de levar os alunos a estabelecer um paralelo entre dois tempos da nossa história. – Realização da atividade B, da p. 192. – Contextualização histórica da obra (século XIX), através da leitura dos textos das p. 193, 194, 195. Os textos serão analisados por filas, desenvolvendo-se as orientações de leitura propostas. – Apresentação das conclusões.	Manual (pp. 192-195) Livro do Professor (p. 93) Obras: <i>Mensagem</i>, <i>Felizmente Há Luar!</i>

AVALIAÇÃO	TPC
Da participação, da compreensão e expressão oral, do trabalho de grupo.	Realização da atividade “Antes de Ler”, p. 193, exercício 1, recorrendo às informações recolhidas nos textos, à Internet, a enciclopédias, etc.

ATIVIDADES COMPLEMENTARES:

Resumo do texto da p. 193, segundo proposta da p. 194.

ESCOLA: _____

PORTUGUÊS 12º ANO LIÇÃO Nº: _____ TURMA: _____ TEMPO: 90 MIN DATA: ____ / ____ / ____

Tema: *Felizmente Há Luar!*

Unidade: Sequência 3 – Com Textos para Representar

Conteúdos: O tempo da escrita da obra *Felizmente Há Luar!*; a censura; o autor da obra: dados bibliográficos.

Leitura: Compreender sentidos de textos informativos ; selecionar informação.

Compreensão/ Expressão Oral: Compreender e produzir enunciados orais; reter informação essencial de uma entrevista; expor ideias; defender pontos de vista.

Expressão Escrita: Utilizar técnicas de síntese de informação.

Estrutura e Funcionamento da Língua: Refletir sobre funcionamento da língua.

Conceitos: Regime salazarista; censura; bibliografia do autor de *Felizmente Há Luar!*; texto dramático.

Sumário: Correção do trabalho de casa: apresentação da pesquisa realizada (exercício 1, p. 193)

Leitura e análise do texto da p. 195.

Audição e visualização de uma entrevista a Sttau Monteiro.

Leitura do texto II da p. 233: “A censura salazarista e caetanista”.

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	RECURSOS
– Correção do trabalho de casa: apresentação da pesquisa realizada. – Elaboração da tabela cronológica proposta no exercício 2 (p. 193, “Antes de Ler”), a partir dos dados recolhidos. – Retoma de dados referentes a Gomes Freire de Andrade e a Luís de Sttau Monteiro. – Leitura do texto da p. 197 e realização do exercício B1. – Audição e visualização de um excerto de uma entrevista ao autor da obra em análise para a realização do exercício A2 (p. 198). – Segunda audição para confirmação dos dados. – Diálogo com os alunos sobre a época em que foi escrito <i>Felizmente Há Luar!</i>. – Leitura do texto II da p. 233 para confirmação/refutação das opiniões apresentadas.	Manual (pp. 193, 196, 197, 198 e 233) Livro do Professor (pp. 93-95) 20 AULA DIGITAL – Link – Entrevista a Luís de Sttau Monteiro – Áudio – Texto expositivo: William Carr Beresford

AVALIAÇÃO	TPC
Da participação, do trabalho de casa, da compreensão e expressão oral, da leitura e da realização da tarefas.	Leitura da obra <i>Felizmente Há Luar!</i>

ATIVIDADES COMPLEMENTARES:

Realização do exercício B1, p. 208.

ESCOLA: _____

PORTUGUÊS 12º ANO LIÇÃO Nº: _____ TURMA: _____ TEMPO: 90 MIN DATA: ____ / ____ / ____

Tema: *Felizmente Há Luar!*

Unidade: Sequência 3 – Com Textos para Representar

Conteúdos: Elementos paratextuais da obra; personagens; tempo; espaço; ação; funções sintáticas (modificadores).

Leitura: Compreender sentidos de elementos paratextuais; compreender o sentido global da obra.

Compreensão/ Expressão Oral: Compreender e produzir enunciados orais; expor ideias.

Expressão Escrita: Utilizar técnicas de síntese de informação.

Estrutura e Funcionamento da Língua: Refletir sobre funcionamento da língua; identificar funções sintáticas (modificadores); distinguir modificadores da frase e do grupo verbal.

Conceitos: Paratexto; espaço; ação; personagens; tempo; modificadores: da frase e do grupo verbal.

Sumário: A obra “*Felizmente Há Luar!*” – análise dos elementos paratextuais.

Realização dos exercícios de verificação de leitura (p. 199-200)

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	RECURSOS
– Análise de diferentes capas de edições da obra: exercício 1 “Antes de Ler” p. 198. (o professor poderá levar outras edições da obra). – Diálogo acerca da função sintática desempenhada pelo advérbio “Felizmente”. (modificador da frase). – Exercício de substituição do advérbio por outros com a mesma função sintática: Infelizmente Há Luar! Provavelmente Há Luar! Inevitavelmente Há Luar! – Distinção entre o modificador do grupo verbal e da frase. – Realização das atividades “Ler” A1 e 2, pp. 199-200. – Elaboração das orientações de leitura, p. 201.	Manual (pp. 198-201) Livro do Professor (p. 95) Outras edições de <i>Felizmente Há Luar!</i>

AVALIAÇÃO	TPC
Da participação, da leitura global da obra, da compreensão e expressão oral, da realização das tarefas e do funcionamento da língua.	Realização da atividade 1 “Antes de Ler”, p. 202.

ATIVIDADES COMPLEMENTARES:

Descrição, em prosa ou em verso, em 60/80 palavras, da imagem da p. 202.

ESCOLA: _____

PORTUGUÊS 12º ANO **LIÇÃO Nº:** _____ **TURMA:** _____ **TEMPO: 90 MIN** **DATA:** ____ / ____ / ____

Tema: *Felizmente Há Luar!*

Unidade: Sequência 3 – Com Textos para Representar

Conteúdos: Texto dramático; teatro brechtiano.

Leitura: Compreender sentidos de texto icônico; compreender sentidos da obra.

Compreensão/ Expressão Oral: Compreender e produzir enunciados orais; expor ideias.

Expressão Escrita: Utilizar técnicas de síntese de informação; utilizar técnicas de construção de texto explicativo.

Estrutura e Funcionamento da Língua: Refletir sobre funcionamento da língua; refletir sobre a utilização de sinais de pontuação (reticências, ponto de exclamação, ponto de interrogação, parêntesis).

Conceitos: Gênero dramático; ato; cena; texto principal; texto secundário; simbologia dos jogos de luz.

Sumário: Correção do trabalho de casa: “Antes de Ler”: p. 202.

Audição de um excerto do Ato I de *Felizmente Há Luar!*.

Resolução das orientações de leitura A e B (p. 203).

Redação de um parágrafo sobre o jogo de luz em palco na peça em análise.

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	RECURSOS
– Correção do trabalho de casa: “Antes de Ler” (p. 202). – Diálogo sobre as características do texto dramático: texto principal, secundário, atos, cenas. – Audição de um excerto do Ato I (pp. 202-203). – Elaboração das orientações de leitura (A e B). – Elaboração de um pequeno texto, em trabalho de pares, sobre a importância do jogo luz/obscuridade neste excerto, partindo das informações presentes nas didascálias (50/70 palavras).	Manual (pp. 202–203)  AULA DIGITAL – Áudio – Excerto 1

AVALIAÇÃO	TPC
Da participação, do trabalho de casa, da compreensão e expressão oral, da leitura e da realização das tarefas e da expressão escrita.	Realização da atividade “Para outros momentos da obra” p. 203.

ATIVIDADES COMPLEMENTARES:

Pesquisa sobre o forte de S. Julião da Barra.

ESCOLA: _____

PORTUGUÊS 12º ANO LIÇÃO Nº: _____ TURMA: _____ TEMPO: 90 MIN DATA: ____ / ____ / ____

Tema: *Felizmente Há Luar!*

Unidade: Sequência 3 – Com Textos para Representar

Conteúdos: Texto dramático: personagens, tempo, espaço e ação.

Leitura: Compreender sentidos da obra.

Compreensão/ Expressão Oral: Compreender e produzir enunciados orais; expor informação.

Expressão Escrita: Utilizar técnicas de síntese de informação.

Estrutura e Funcionamento da Língua: Refletir sobre funcionamento da língua; refletir sobre a utilização de sinais de pontuação (reticências, ponto de exclamação, ponto de interrogação, parêntesis).

Conceitos: Personagens, tempo, espaço, ação.

Sumário: Correção do trabalho de casa: “Para outros momentos da obra”, p. 203.

Leitura e análise de excertos do Ato I: personagens e sua caracterização, tempo, espaço e ação.

Apresentação das conclusões.

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	RECURSOS
– Correção do trabalho de casa: “Para outros momentos da obra” (p. 203). – Análise de excertos do Ato I, distribuídos por filas, para serem analisados em trabalho de pares: textos das pp. 204, 205, 206 e 208. Todos os grupos deverão indicar, a partir da leitura do excerto, personagens e sua caracterização, tempo, espaço e ação. – Apresentação oral das conclusões e registo no quadro.	Manual (pp. 204 a 208) 20 AULA DIGITAL – Áudio – Excerto 2

AVALIAÇÃO	TPC
Da participação, do trabalho de casa, da compreensão e expressão oral, do trabalho de pares e da exposição das conclusões.	Partindo da imagem da p. 206 e dos dados fornecidos pelos diferentes grupos, redigir um texto de apresentação de Vicente (80 a 100 palavras).

ATIVIDADES COMPLEMENTARES:

Realização do exercício A1 “Escrever” da p. 209.

ESCOLA: _____

PORTUGUÊS 12º ANO **LIÇÃO Nº:** _____ **TURMA:** _____ **TEMPO: 90 MIN** **DATA:** ____ / ____ / ____

Tema: *Felizmente Há Luar!*

Unidade: Sequência 3 – Com Textos para Representar

Conteúdos: Texto dramático; caracterização de personagens.

Leitura: Compreender sentidos da obra.

Compreensão/ Expressão Oral: Compreender e produzir enunciados orais; expor ideias.

Expressão Escrita: Utilizar técnicas de síntese de informação.

Estrutura e Funcionamento da Língua: Refletir sobre funcionamento da língua; refletir sobre a utilização de sinais de pontuação (reticências, ponto de exclamação, ponto de interrogação, parêntesis); utilizar corretamente conectores de coordenação.

Conceitos: Género dramático; caracterização de personagens; frase simples; frase complexa; conectores de coordenação.

Sumário: Leitura de alguns textos realizados em casa.

Leitura e análise do excerto da p. 206.

Realização das atividades da p. 207.

Frases complexas: coordenação.

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	RECURSOS
– Apresentação de alguns textos, elaborados em casa, sobre a personagem Vicente. – Leitura dramatizada do excerto da p. 206. – Elaboração das orientações de leitura (“Do excerto...” e “Para outros momentos da obra”). – Realização dos exercícios de práticas da língua (p. 207).	Manual (pp. 206-207)

AVALIAÇÃO	TPC
Da participação, do trabalho de casa, da compreensão e expressão oral, da leitura expressiva, da realização das tarefas e do funcionamento da língua.	Estabelecer entre o primeiro par de frases, que surge na fala inicial de Vicente, uma das relações lógicas apresentadas na aula.

ATIVIDADES COMPLEMENTARES:

Escolher uma personagem das que foram trabalhadas, indicar três aspetos negativos a ela associados e três recomendações, no sentido de os transformar em positivos.

ESCOLA: _____

PORTUGUÊS 12º ANO LIÇÃO Nº: _____ TURMA: _____ TEMPO: 90 MIN DATA: ____ / ____ / ____

Tema: *Felizmente Há Luar!*

Unidade: Sequência 3 – Com Textos para Representar

Conteúdos: Texto dramático; caracterização de personagens ligadas ao poder; o texto-metáfora; o teatro brechtiano.

Leitura: Compreender sentidos da obra; compreender sentidos de texto informativo.

Compreensão/ Expressão Oral: Compreender e produzir enunciados orais; expor ideias.

Expressão Escrita: Utilizar técnicas de síntese de informação.

Estrutura e Funcionamento da Língua: Refletir sobre funcionamento da língua; utilizar conectores coordenados; reconhecer classes de palavras.

Conceitos: Teatro brechtiano; texto-metáfora, ironia, valor expressivo dos adjetivos.

Sumário: Correção do trabalho de casa: conectores de coordenação.

Audição do excerto da p. 210: caracterização das figuras do poder.

O teatro épico: leitura e análise do texto da p. 234.

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	RECURSOS
– Correção do trabalho de casa: uso de conectores de coordenação. – Propostas: “Só me interessa, Excelência, a oportunidade de servir el-rei e a Pátria, logo nada mais me interessa.” – Diálogo, a partir desta réplica, sobre a distinção entre oportunidade e oportunismo. – Referência a outras personagens “oportunistas” da obra, nomeadamente o Principal Sousa e Beresford. – Audição do texto da p. 210, com a finalidade de caracterizar as personagens, destacando atitudes e comportamentos de cada uma delas. – Levantamento de palavras e expressões do texto principal e secundário que remetem para a crítica ao regime salazarista (texto-metáfora). – Leitura, feita pelo professor, do texto III da p. 234: identificação de características do teatro épico, confrontando-as com o texto dramático de Sttau Monteiro.	Manual (pp. 210, 211 e 234) 20 AULA DIGITAL – Áudio – Excerto 5

AVALIAÇÃO	TPC
Da participação, do trabalho de casa, da compreensão e expressão oral, da leitura, da realização das tarefas e do funcionamento da língua.	Realização da atividade “Do excerto” A1, 2 e 3 da p. 211.

ATIVIDADES COMPLEMENTARES:

Realização da atividade “Escrever”, p. 213.

ESCOLA: _____

PORTUGUÊS 12º ANO **LIÇÃO Nº:** _____ **TURMA:** _____ **TEMPO: 90 MIN** **DATA:** ____ / ____ / ____

Tema: *Felizmente Há Luar!*

Unidade: Sequência 3 – Com Textos para Representar

Conteúdos: Texto dramático; teatro brechtiano.

Leitura: Compreender sentidos da obra.

Compreensão/ Expressão Oral: Compreender e produzir enunciados orais; expor ideias; argumentar; refutar.

Expressão Escrita: Utilizar técnicas de síntese de informação.

Estrutura e Funcionamento da Língua: Refletir sobre funcionamento da língua; identificar classes de palavras.

Conceitos: Teatro brechtiano: técnica de distanciamento, jogo luz/sombra, papel ativo do espectador; expressividade da adjetivação.

Sumário: Correção do trabalho de casa: exercício A1, 2, 3 (p. 211)

Leitura e análise do excerto da p. 212.

Realização das atividades da p. 213.

Debate sobre temas da sociedade atual retratados na obra.

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	RECURSOS
– Correção do trabalho de casa: exercício A1, 2, 3 da p. 211. – Leitura do excerto da p. 212. – Elaboração das orientações de leitura “Do excerto...” (p. 213). – Aplicação de características do teatro brechtiano na obra, partindo deste excerto: • técnica da distanciamento; • atitude crítica do espectador; • papel atribuído ao jogo luz/sombra, música, adereços... – Realização da atividade “Ouvir/Falar” da p. 214.	Manual (pp. 212, 213, 214, 215 e 234)

AVALIAÇÃO	TPC
Da participação, do trabalho de casa, da compreensão e expressão oral, da leitura expressiva, da intervenção no debate (de atitudes de cooperação e respeito) e do funcionamento da língua.	Síntese das principais ideias apresentadas no debate (100/120 palavras).

ATIVIDADES COMPLEMENTARES:

Realização da atividade A1 e 2 “Escrever”, p. 215.

ESCOLA: _____

PORTUGUÊS 12º ANO LIÇÃO Nº: _____ TURMA: _____ TEMPO: 90 MIN DATA: ____ / ____ / ____

Tema: *Felizmente Há Luar!***Unidade:** Sequência 3 – Com Textos para Representar**Conteúdos:** Texto dramático; texto icônico; símbolos da obra; personagens do contrapoder.**Leitura:** Compreender sentidos de texto icônico; compreender sentidos da obra.**Compreensão/ Expressão Oral:** Compreender e produzir enunciados orais; expor ideias.**Expressão Escrita:** Utilizar técnicas de síntese de informação.**Estrutura e Funcionamento da Língua:** Refletir sobre funcionamento da língua.**Conceitos:** Género dramático; teatro épico; simbologia da palavra noite; personagens do contrapoder; processos de caracterização de personagens.**Sumário:** Leitura das sínteses realizadas.

Leitura e análise do excerto das pp. 216-217.

Realização das atividades da p. 217.

Simbologia da palavra “noite” em *Felizmente Há Luar!*.

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	RECURSOS
– Correção do trabalho de casa: leitura das sínteses realizadas. – Leitura silenciosa do excerto das pp. 216-217, com o objetivo de estabelecer uma relação com alguns dos temas apresentados nas sínteses. – Elaboração das orientações de leitura “Do excerto...” (p. 217). – Associação da imagem da p. 216 a factos apresentados no excerto da mesma página (fala de Manuel). – Diálogo sobre a simbologia da palavra noite no excerto. – Realização da atividade “Para outros momentos da obra...”, (p. 217).	Manual (pp. 216-217) 20 AULA DIGITAL – Áudio – Excerto 7

AVALIAÇÃO	TPC
Da participação, do trabalho de casa, da compreensão e expressão oral, da leitura, da realização das tarefas.	Leitura do excerto da p. 218 e caracterização de Matilde.

ATIVIDADES COMPLEMENTARES:

Escolher uma personagem das que foram trabalhadas, decorar algumas das suas falas que permitam caracterizá-la, e apresentá-las à turma.

ESCOLA: _____

PORTUGUÊS 12º ANO LIÇÃO Nº: _____ TURMA: _____ TEMPO: 90 MIN DATA: ____ / ____ / ____

Tema: *Felizmente Há Luar!***Unidade:** Sequência 3 – Com Textos para Representar**Conteúdos:** Texto dramático; caracterização de personagens; personagens do poder e do contrapoder.**Leitura:** Compreender sentidos da obra.**Compreensão/ Expressão Oral:** Compreender e produzir enunciados orais; expor ideias.**Expressão Escrita:** Utilizar técnicas de síntese de informação.**Estrutura e Funcionamento da Língua:** Refletir sobre funcionamento da língua.**Conceitos:** Gênero dramático; caracterização de personagens.**Sumário:** Correção do trabalho de casa: caracterização de Matilde.

Audição do excerto da p. 218.

Análise dos excertos das pp. 220 a 225 (trabalho de pares).

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	RECURSOS
- Correção do trabalho de casa: caracterização de Matilde, a partir do excerto das pp. 218-219. - Audição do texto para comprovação do exposto e ligação a sentimentos demonstrados pela personagem. - Divisão dos excertos das pp. 218-225 por grupos de pares, no sentido de analisar em cada excerto: - personagens intervenientes; - distinção entre personagens do poder e contrapoder; - relação de Matilde com as diferentes personagens.	Manual (pp. 218-225) 20 AULA DIGITAL Áudio – Excerto 8 e 9 Vídeo – Excerto de “Felizmente Há Luar!” de Sttau Monteiro – parte 1

AVALIAÇÃO	TPC
Da participação, do trabalho de casa, da compreensão e expressão oral, da leitura, do trabalho de grupo.	Realização do exercício 3 “Para outros momentos da obra” (p. 223)

ATIVIDADES COMPLEMENTARES:

Realização da atividade “Escrever”, p. 229.

ESCOLA: _____

PORTUGUÊS 12º ANO LIÇÃO Nº: _____ TURMA: _____ TEMPO: 90 MIN DATA: ____ / ____ / ____

Tema: *Felizmente Há Luar!***Unidade:** Sequência 3 – Com Textos para Representar**Conteúdos:** Texto dramático; caracterização de personagens; personagens do poder e do contrapoder.**Leitura:** Compreender sentidos da obra.**Compreensão/Expressão Oral:** Compreender e produzir enunciados orais; expor ideias.**Expressão Escrita:** Utilizar técnicas de síntese de informação.**Estrutura e Funcionamento da Língua:** Refletir sobre funcionamento da língua; identificar atos de fala; reconhecer marcas linguísticas características dos diferentes atos de fala.**Conceitos:** Género dramático; caracterização de personagens, personagens do poder e contrapoder; atos de fala; tipos de frase; tempos e modos verbais; frase simples; frase complexa.**Sumário:** Apresentação das conclusões do trabalho de pares.

Caracterização de Matilde face ao poder e contrapoder.

Atos de fala: realização da atividade A “Práticas da língua”, p. 226.

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	RECURSOS
– Apresentação do trabalho realizado na aula: registo, no quadro ou em grelha, das conclusões. – Correção do trabalho de casa, no sentido de completar o retrato de Matilde. – Situar os enunciados, apresentados no exercício da p. 226, nos excertos analisados em trabalho de pares. – Analisar esses enunciados, atendendo ao contexto de produção, à relação do locutor com o interlocutor, ao espaço, ao tempo e ao universo de referência. – Leitura e análise do quadro da p. 227. – Realização do exercício A “Práticas da língua”, (p. 226).	Manual (pp. 224-229) Livro do Professor (p. 96) 20 AULA DIGITAL – Vídeo – Excerto de “Felizmente Há Luar!” de Sttau Monteiro – parte 2
AVALIAÇÃO	TPC
Da participação, do trabalho de casa, da compreensão e expressão oral, da leitura, do trabalho de grupo e do funcionamento da língua.	Realização do exercício B (p. 226).

ATIVIDADES COMPLEMENTARES:

Realização da atividade “Escrever”, p. 229.

ESCOLA: _____

PORTUGUÊS 12º ANO LIÇÃO Nº: _____ TURMA: _____ TEMPO: 90 MIN DATA: ____ / ____ / ____

Tema: *Felizmente Há Luar!***Unidade:** Sequência 3 – Com Textos para Representar**Conteúdos:** Texto dramático; caracterização de personagens; personagens do poder e do contrapoder; simbologia da obra.**Leitura:** Compreender sentidos da obra; compreender sentidos de texto expositivo.**Compreensão/ Expressão Oral:** Compreender e produzir enunciados orais; expor ideias.**Expressão Escrita:** Utilizar técnicas de síntese de informação.**Estrutura e Funcionamento da Língua:** Refletir sobre funcionamento da língua; identificar atos de fala; reconhecer marcas linguísticas dos diferentes atos de fala.**Conceitos:** Gênero dramático; caracterização de personagens; símbolos da obra: noite, luar, fogueira, saia verde, tambores, luz, símbolos religiosos, símbolos cromáticos.**Sumário:** Correção do trabalho de casa: exercício B (p. 226).

Audição do excerto da p. 228.

Realização das orientações de leitura (p. 229).

Leitura silenciosa dos textos das pp. 236-237: os símbolos em *Felizmente Há Luar!*

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	RECURSOS
– Correção do trabalho de casa: exercício B (p. 226). – Audição do texto da p. 228 para levantamento de atos de fala evidenciados (predominância de atos expressivos, dada a indesejada inevitabilidade da morte do General). – Realização das orientações de leitura “Do excerto...” A e B. – Retoma da simbologia da saia verde e recuperação de outros símbolos já abordados (noite, jogo luz/sombra...) – Leitura silenciosa dos textos das pp. 236-237 (divisão da turma por filas). – Preenchimento de um quadro-síntese com os diferentes símbolos presentes na obra. Ex.: fogo – destruição e renascimento; noite – opressão/esperança de libertação pela presença do luar).	Manual (pp. 226, 227, 228, 229, 236 e 237)  AULA DIGITAL – Áudio – Excerto 12

AVALIAÇÃO	TPC
Da participação, do trabalho de casa, da compreensão e expressão oral, da leitura, do trabalho de grupo e do funcionamento da língua.	Levantamento de dois aspetos que marquem a natureza dual na construção da peça.

ATIVIDADES COMPLEMENTARES:

Realização da atividade da p. 230.

ESCOLA: _____

PORTUGUÊS 12º ANO **LIÇÃO Nº:** _____ **TURMA:** _____ **TEMPO: 90 MIN** **DATA:** ____ / ____ / ____

Tema: *Felizmente Há Luar!*

Unidade: Sequência 3 – Com Textos para Representar

Conteúdos: Texto dramático; caráter dual da obra.

Leitura: Compreender sentidos da obra.

Compreensão/ Expressão Oral: Compreender e produzir enunciados orais; expor ideias.

Expressão Escrita: Utilizar técnicas de síntese de construção de texto expositivo-argumentativo.

Estrutura e Funcionamento da Língua: Refletir sobre funcionamento da língua; utilizar corretamente conectores do discurso argumentativo.

Conceitos: Género dramático; caráter dual de *Felizmente Há Luar!*; conectores contrastivos, aditivos, consecutivos, explicativos, causais; construção de texto: planificação, textualização e revisão.

Sumário: Correção do trabalho de casa: caráter dual da obra.

Oficina de escrita: atividade A (p. 231).

EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	RECURSOS
– Correção do trabalho de casa: levantamento de aspetos comprovativos da natureza dual da obra. – Realização de uma oficina de escrita, em trabalho de pares (p. 231 exercício A): planificação (de acordo com o esquema apresentado), textualização e revisão. – Leitura dos trabalhos realizados: • personagens intervenientes; • distinção entre personagens do poder e contrapoder; • relação de Matilde com as diferentes personagens.	Manual (pp. 231, 244, 245, 246, 247) Livro do Professor (pp. 97-99; 160-167; 187-189) Caderno de Atividades (pp. 40, 41, 44) 20 AULA DIGITAL – PowerPoint – <i>Felizmente Há Luar!</i>, de Luís de Sttau Monteiro – parte 2 – Testes interativos: de 1 a 6

AVALIAÇÃO	TPC
Da participação, do trabalho de casa, da compreensão e expressão oral, da leitura, da expressão escrita e do funcionamento da língua.	Rever os conteúdos abordados ao longo das aulas, recorrendo a “Consolidar conhecimentos”, (pp. 244 e 245).

ATIVIDADES COMPLEMENTARES:

Realização do exercício Ouvir/Falar (p. 230) e da Ficha 3 do Caderno de Atividades (pp. 13-14).

4

CENÁRIOS DE RESPOSTA E OUTRAS PROPOSTAS (MANUAL)

Pág. 16

OUVIR/FALAR**Suporte textual para o exercício B.****Cântico Negro**

“Vem por aqui” – dizem-me alguns com os olhos doces
Estendendo-me os braços, e seguros
De que seria bom que eu os ouvisse
Quando me dizem: “vem por aqui!”
Eu olho-os com olhos lassos,
(Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)
E cruzo os braços,
E nunca vou por ali...

A minha glória é esta:
Criar desumanidade!
Não acompanhar ninguém.
– Que eu vivo com o mesmo sem-vontade
Com que rasguei o ventre à minha mãe

Não, não vou por aí! Só vou por onde
Me levam meus próprios passos...

Se ao que busco saber nenhum de vós responde
Por que me repetis: “vem por aqui!”?

Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
Redemoinhar aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí...

Se vim ao mundo, foi
Só para desflorar florestas virgens,
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!
O mais que faço não vale nada.

Como, pois sereis vós
Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem
Para eu derrubar os meus obstáculos?...
Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,
E vós amais o que é fácil!
Eu amo o Longe e a Miragem,
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! Tendes estradas,
Tendes jardins, tendes canteiros,
Tendes pátria, tendes tetos,
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...
Eu tenho a minha Loucura!
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...

Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém.
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;
Mas eu, que nunca principio nem acabo,
Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções!
Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga: “vem por aqui!”
A minha vida é um vendaval que se soltou.
É uma onda que se alevantou.
É um átomo a mais que se animou...
Não sei por onde vou,
Não sei para onde vou
– Sei que não vou por aí!

José Régio, in *Poemas de Deus e do Diabo* (1925)

Pág. 18

ESCREVER

Proposta de correção do esquema, para confronto final.

Luís Vaz de Camões
Período Clássico da Literatura Portuguesa
Escritor de redondilhas, cantigas, sonetos...
Autor da epopeia *Os Lusíadas* (1572)

Século XVI

Padre António Vieira
Período do Barroco (uma das fases do clássico)
Arte prédica e sermonária (oral passado a escrito)
Orador do "Sermão de Santo António" (1654), entre outros

Século XVII

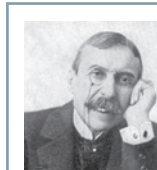
Cultivo das filosofias iluministas ("Século das Luzes")
Luís António Verney e o Verdadeiro Método de Estudar
Reação aos excessos do Barroco: as Arcádias e o Neoclassicismo
Adoção dos "modelos clássicos" (greco-latinos e quinhentistas)
Aparecimento do movimento pré-romântico
A figura poética de Manuel Maria du Bocage

Século XVIII

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett
Introdutor do romantismo na literatura portuguesa
Autor de textos líricos, dramáticos e narrativos
Escritor do drama romântico *Frei Luís de Sousa* (1843)

Século XIX

José Maria Eça de Queirós
Participante nas Conferências do Casino e na Geração de 70
(evolução para os "Vencidos da Vida")
Autor de vários romances, entre eles *Os Maias* (1888)



José Joaquim Cesário Verde
Recriador impressionista da realidade social e espacial
Autor de vários poemas, compilados postumamente em
O Livro de Cesário Verde (1887)

SÉCULO
XX

SEQUÊNCIA 0

Com Textos para Começar

Pág. 19

ESCREVER

(B.1) Proposta de correção da tabela, para confronto final.

		Texto/Obra	Autor	Género Literário
MODOS LITERÁRIOS	Dramático	Frei Luís de Sousa (1843)	Almeida Garrett	Drama romântico
		(Outra eventual proposta decorrente de contrato de leitura)		
	Lírico	<i>O Livro de Cesário Verde</i> (1887)	Cesário Verde	Poesia lírica
		Uma proposta associada à poesia contemporânea, reveladora da centralidade do 'eu', da subjetividade e emotividade		
	Narrativo	(Outra eventual proposta decorrente de contrato de leitura)		
		Romance	Eça de Queirós	Conto Novela
		Narrativas do século XX, de autor português e/ou de língua portuguesa		
		(Outra eventual proposta decorrente de contrato de leitura)		

(B.2) Proposta de correção da tabela, para confronto final.

MODOS LITERÁRIOS		
Dramático	Lírico	Narrativo
Representação direta da ação	Centralidade do sujeito poético-lírico	Correlação estreita entre história e discurso no ato enunciativo
Compresença de um texto principal e um secundário	Concentração emotiva/expressiva	Sucessividade dinâmica dos factos
Integração de recursos literários, humanos e técnicos	Referência marcadamente subjetiva	Visão tendencialmente pretérita dos factos
Predomínio do diálogo	Primado do processo de interiorização	Valorização da dimensão temporal
Maior concentração de espaços	Fenómenos de redundância qualitativamente motivados	Exteriorização de referência tendencialmente objetiva
Apagamento descritivo em detrimento de cenários, gestos, luminotecnia	Propensão para o egocentrismo	Evolução causal e espaço-temporal dos factos

Pág. 21

LER

Atividade complementar: exercício para refletir sobre especificidades do texto dramático

1. Selecione, para cada item, a opção que permite obter afirmações verdadeiras sobre o modo dramático.

1.1. O escritor que se dedica à escrita de textos dramáticos é designado como

- A. encenador.
- B. dramaturgo.
- C. figurinista.
- D. ator.

1.2. No texto dramático verifica-se...

- A. o recurso a um só tipo de texto.
- B. a impossibilidade de o dividir em atos.
- C. a existência de dois textos distintos: o das réplicas e o das didascálias.
- D. a impossibilidade de o dividir em cenas.

1.3. O texto principal de uma obra do modo dramático corresponde...

- A. aos segmentos textuais em itálico.
- B. às partes que se encontram entre parênteses.
- C. aos momentos em que se dá a entrada de novas personagens.
- D. às falas ou réplicas das personagens.

1.4. Considera-se como texto secundário, nesse modo,

- A. a informação apresentada entre parêntesis (parentética) ou em itálico.
- B. todas as informações dadas ao leitor.
- C. todo o tipo de informação.
- D. as notas destinadas ao ator.

1.5. As didascálias ou indicações cénicas são de grande utilidade para...

- A. o autor e o encenador.
- B. o autor e o público.
- C. o encenador, os atores e o dramaturgo.
- D. o encenador, os atores e os leitores.

Resolução: 1.1. – B / 1.2. – C / 1.3. – D / 1.4. – A / 1.5. – D

Pág. 23

LER**Atividade complementar: exercício para refletir sobre especificidades do texto narrativo**

- 1. Convoque conhecimentos acerca do texto narrativo para completar os espaços, recorrendo aos termos abaixo apresentados.**

narrador / tempo / onisciente / espaço / romance / interna / encadeamento / encaixe / acontecimentos
presente / alternância / novela / externa / narradas / descritas

Pode distinguir-se a narrativa de factos (notícias, crónicas, reportagens) da narrativa de ficção. Esta última assenta em dados ou situações mais ou menos ficcionados ou criativamente construídos, a que se associam géneros textuais como o conto, a _____ e o _____ (dependendo da complexidade do enredo, do número e das relações entre personagens, dos jogos entre tempo-espaço).

Nestes géneros há um _____, responsável pelo relato dos _____, que pode estar _____ ou ausente do discurso narrativo, participar ou não na ação; pode conhecer profundamente as situações e até as personagens, recebendo a designação de _____; encarnar a pele de uma das personagens, adotando uma focalização _____, ou limitar-se a observar as situações _____ ou _____, assumindo uma visão _____.

As sequências narrativas, por sua vez, podem organizar-se segundo processos vários: por sucessão implicada das situações narradas (_____), por integração de diferentes níveis (_____) e/ou por situações narrativas paralelas que convergem para um final integrador (_____).

Resolução: novela > romance > narrador > acontecimentos > presente > onisciente > interna > narradas / descritas (permutáveis) > externa > encadeamento > encaixe > alternância

Pág. 27

ESCREVER**(A.1)****Resumo: etapa da contração (supressão e seleção)**

~~“Diz-se que o homem é um animal simbólico, o que é geralmente outra maneira de dizer que o homem é um animal cultural. Todas as sociedades humanas têm uma língua e uma cultura que são completamente interdependentes. No fundo, se língua e cultura não são a mesma coisa, a verdade é que existem laços muito estreitos entre ambas.~~

~~Assim, não só a língua mas toda a cultura, as insígnias, os rituais, as festas, os jogos, as modas, os costumes, as literaturas, as artes e mesmo as ciências, não seriam mais do que formas simbólicas em que a experiência humana nelas contidas se tornaria intermutável. O início da atividade simbólica seria então determinante do aparecimento do homem, ser social, na medida em que apenas poderemos considerar que existe atividade social no momento em que há troca de signos. (...)~~

~~Porém, se, como dissemos, o homem é um animal simbólico e não só a língua mas toda a cultura não seriam mais do que um conjunto de formas simbólicas, os sistemas socioculturais seriam fundamentalmente sistemas integrados de comunicação – se quase tudo na cultura comunica, importa, desde já, ver, por um lado, como ocorrem os diferentes modos de comunicação e, por outro, que papéis podem assumir os diferentes objetos culturais no seio de uma cultura entendida como um imenso *campo de significação*.”~~

(219 palavras)

Resumo: resultado da contração

Diz-se que o homem é um animal simbólico, cultural. Todas as sociedades humanas têm uma língua e uma cultura completamente interdependentes.

Assim, não só a língua mas toda a cultura não seriam mais do que formas simbólicas em que a experiência humana nelas contidas se tornaria intermutável. O início da atividade simbólica seria então determinante do aparecimento do homem, ser social. Existe atividade social no momento em que há troca de signos. (...)

Os sistemas socioculturais seriam fundamentalmente sistemas integrados de comunicação – importa, desde já, ver, por um lado, como ocorrem os diferentes modos de comunicação e, por outro, que papéis podem assumir os diferentes objetos culturais numa cultura entendida como um imenso *campo de significação*.

(116 palavras)

Resumo: etapa da prática de expressão (generalização, expressão, integração/construção)

Diz-se que o homem é um animal simbólico, cultural, integrando sociedades com uma língua e uma cultura completamente interdependentes.

Assim, não só a língua mas toda a cultura podem constituir-se como formas simbólicas impregnadas de experiência humana, intermutável. O início da atividade simbólica determina o aparecimento da dimensão social do homem, a qual surge com o intercâmbio de signos. (...)

Perspetivando os sistemas socioculturais como sistemas integrados de comunicação, cumpre observar-se o modo como de ocorrências da comunicação, bem como os papéis a assumir pela diversidade de objetos culturais numa cultura, encarada como um imenso *campo de significação*.

(98 palavras)

Resumo: etapa da prática de expressão (generalização, expressão, integração/construção)

Como animal simbólico, cultural, o homem integra sociedades com uma língua e uma cultura completamente interdependentes.

Daí estas poderem constituir-se como formas simbólicas impregnadas de experiência humana, intermutável. O início da atividade simbólica, determinando o aparecimento da dimensão social humana, surge com o intercâmbio de signos. (...)

Perspetivando os sistemas socioculturais como sistemas comunicativos integrados, cumpre observar-se o modo como se comunica, bem como os papéis a assumir pela diversidade de objetos culturais numa cultura, enquanto imenso *campo de significação*.

(80 palavras)

CONSOLIDAR CONHECIMENTOS

(Abordagem complementar da estruturação e composição do texto argumentativo)

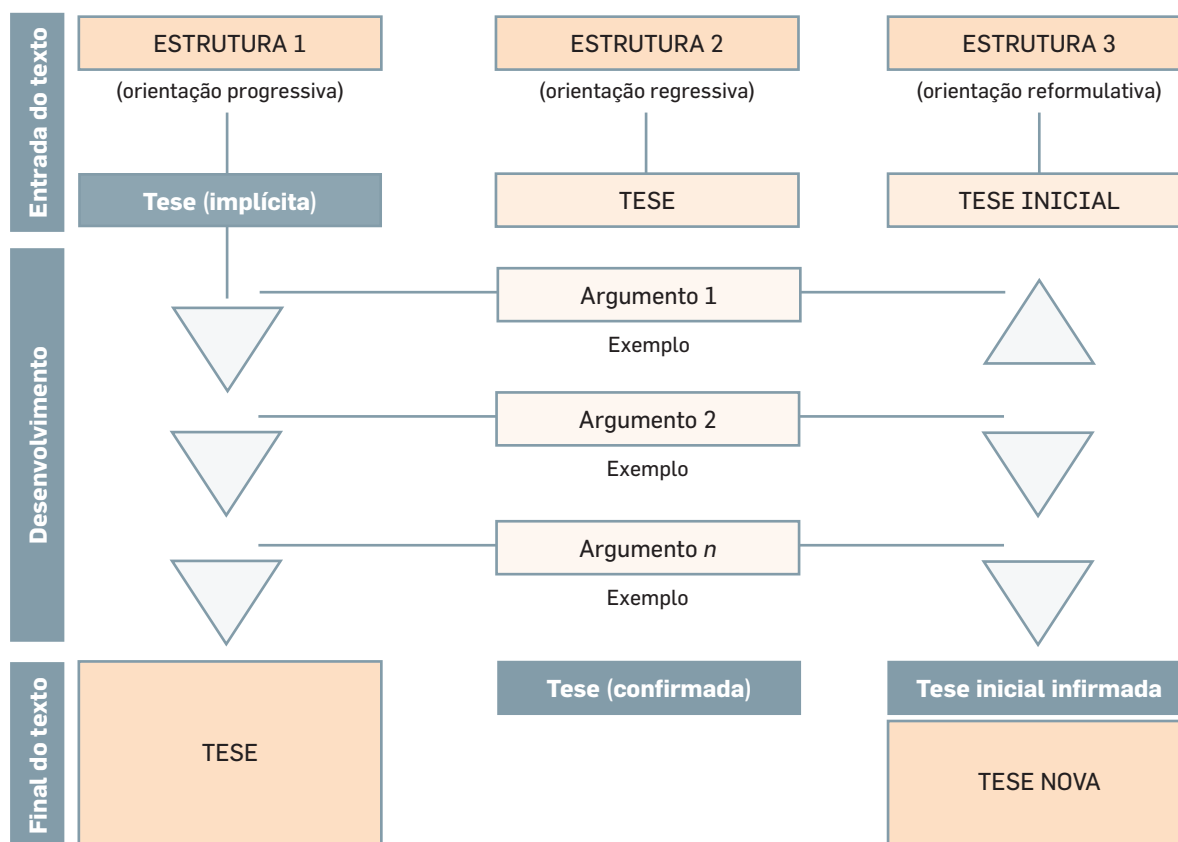
Por norma, um texto argumentativo é aquele que se associa à lógica da argumentação e dos atos de convencer, de contestar, de persuadir, segundo o que foi legado pela tradição de disciplinas clássicas como a oratória (arte de discursar em público) e a retórica (arte ou técnica de bem falar, discursar).

Com o reconhecimento do funcionamento social e pragmático dos textos, uma outra aceção de argumentação impõe-se, mais atenta aos processos e mecanismos linguísticos utilizados para a condução de conclusões e cuja orientação e força argumentativas visam atingir um efeito.

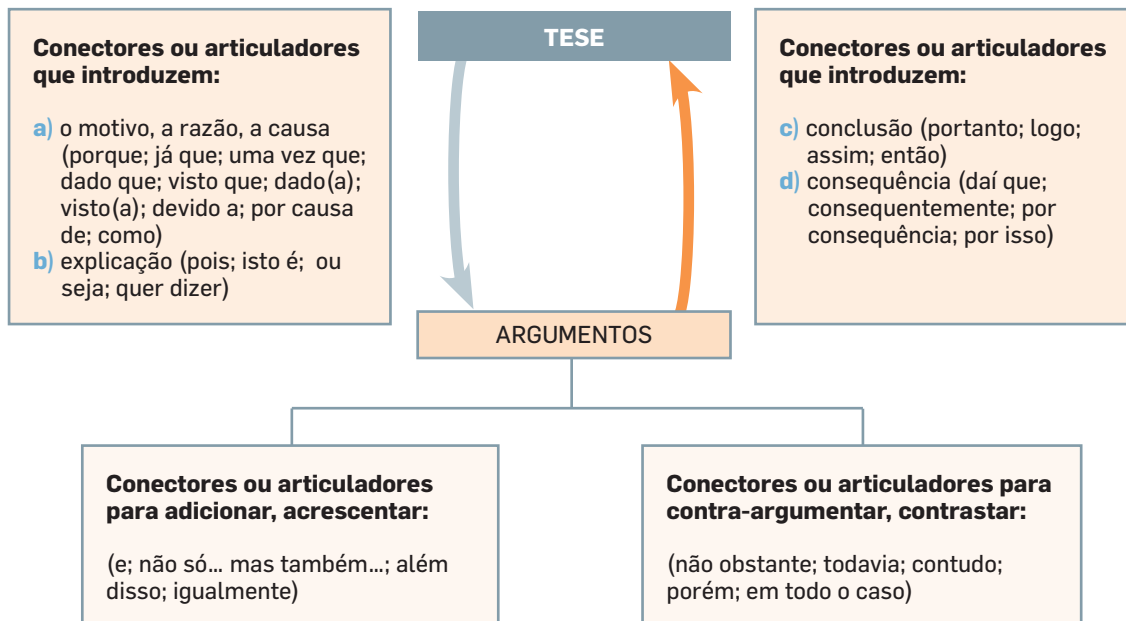
Comum às duas aceções é a intenção de intervir nas atitudes, nas opiniões ou nos comportamentos de um interlocutor ou auditório, tomando como credível ou aceitável o conteúdo de um enunciado. Sobressai o recurso a argumentos, a marcas linguísticas que concorrem para a construção de conclusões, as quais podem confirmar ou, pelo contrário, infirmar uma tese, uma ideia, uma opinião ou posição.

Vários são os géneros discursivos e textuais que se socorrem de estratégias (defesa de opinião ou ponto de vista, confirmação de tese, concessão de razão, reformulação e/ou refutação de tese), tipos de raciocínios (dedutivo, indutivo, analógico, contrastivo, comparativo, entre outros) e tipos de argumentos. É o caso dos discursos políticos, textos publicitários, artigos de opinião ou, ainda, dos sermões, entre outros.

Dominantemente, a lógica de construção de um texto argumentativo pode assentar numa das seguintes orientações ou estruturas-base:



Conforme a orientação do texto (argumentos > tese; tese > argumentos; tese inicial > argumentos > nova tese), diferentes tipos de articuladores ou conectores são potencialmente ativados, conforme se depreenderá pelo esquema seguinte:



A título de exemplo da lógica argumentativa, verifique-se o seguinte exemplo textual e as devidas anotações laterais:

“Até há bem pouco tempo, pensou-se que os recursos da Terra eram inesgotáveis e que a intervenção do Homem não teria grande influência no desenvolvimento normal dos ciclos da natureza. No entanto, atualmente sabemos que o mundo civilizado lança grande quantidade de gases para a atmosfera e que esses gases que deveriam ser absorvidos pelas plantas não o são em quantidade suficiente. Além disso, estes gases aprisionam o calor na atmosfera terrestre como um vidro numa estufa e o aumento da temperatura provoca o degelo, a subida do mar e a desertificação de enormes áreas. Por isso os encontros internacionais sobre este problema não param, embora os resultados sejam praticamente nulos. São bem intencionados, mas chegam a ser cómicos, porque os maiores culpados fogem com o rabo à seringa, pois em 1990, apenas vinte dos oitenta países que assinaram o acordo de redução de emissões de gases o ratificaram.” <i>in Notícias Magazine, 17 de setembro de 2000, p.10</i>	Teses iniciais (duas) articuladas por um conector aditivo ('e') Conector contrastivo: introduz refutação das teses iniciais (argumentos contrários às teses) Conectores aditivos: acrescentam argumentos (para a nova tese implicada) Conector consecutivo: introduz a consequência decorrente dos argumentos anteriores Conector causal: introduz motivo para a afirmação anterior Conector explicativo: introduz explicação para o comentário anteriormente produzido Tese nova (implícita) “Os recursos da Terra não são inesgotáveis”
---	--

SEQUÊNCIA 1

Com Textos para Ser Múltiplo

pág. 38

CENÁRIOS DE RESPOSTA

Início do século XX, surgimento de várias correntes estéticas		
1º parágrafo	tradicionalistas	revigoradoras de cultura nacional
	• neogarrettismo • nacionalismo • integralismo	• Renascença Portuguesa • Saudosismo • Seara Nova
2º parágrafo	Participantes no Modernismo, depois de iniciados no Saudosismo	
	• Fernando Pessoa • Mário de Sá-Carneiro • Afonso Duarte	
	Revista tradutora dos novos ideais	
	• <i>Orpheu</i>	
3º parágrafo	Colaboradores do	
	Primeiro Modernismo <i>Orpheu</i>	Segundo Modernismo <i>Presença</i>
	• Amadeu de Souza-Cardoso • Almada Negreiros • Eduardo Viana • (...)	• José Régio • César Monteiro • Miguel Torga

pág. 41

LER

Exercício A - resposta a questões de compreensão, interpretação, análise

- (A1) liberdade, desprendimento do tradicional, perspetivismo; (A2) liberdade e desprezo pelas regras sintáticas de pontuação; (A3) inter-relação, com o cubismo a concretizar mais a pintura futurista; (A4) 4.1 “seus” > dos “cubistas”; “que” > “objetos em formas geométricas ou fragmentadas”.

Pág. 42

OUVIR/FALAR**Exercício A.1 – Biobibliografia de Fernando Pessoa**

	Vida	Obra
1888	• Nascimento em Lisboa, no dia 13 de junho.	
1893	• Morte do pai, Joaquim Seabra Pessoa.	
1895	• Casamento da mãe com o comandante João Miguel Rosa.	
1896	• Partida para Durban, na companhia da mãe. • Frequência do convento de West Street.	
1902	• Matrícula na <i>High School</i> .	
1903	• Realização de um exame de admissão à Universidade do Cabo.	• Produção de um ensaio em Inglês.
1904		• Receção do prémio Rainha Vitória.
1905	• Regresso a Lisboa	
1906	• Matrícula no Curso Superior de Letras de Lisboa.	
1907	• Abandono do curso, em consequências de uma greve de estudantes. • Abertura de uma tipografia.	
1908	• Entrada no jornal <i>Comércio</i> como “Correspondente Estrangeiro”.	
1911		• Tradução de poetas para uma antologia de autores universais.
1912		• Publicação de artigos sobre <i>A Nova Poesia Portuguesa</i> , na revista <i>A Águia</i> .
1913	• Conhecimento de Almada Negreiros.	• Envio de poesias por Mário de Sá-Carneiro para o livro <i>Dispersão</i> . • Escrita do drama estático <i>O Marinheiro</i> .
1914	• Encontro com o grupo que originará o <i>Orpheu</i> .	• Publicação dos primeiros versos em português na revista <i>A Renascença</i> . • Explosão heteronímica.
1915		• Saída dos dois primeiros números do <i>Orpheu</i> .
1916	• Suicídio do amigo Mário de Sá-Carneiro, em Paris.	
1917		• Publicação da revista <i>Portugal Futurista</i> .
1922		• Publicação da revista <i>Contemporânea</i> .
1934		• Publicação da <i>Mensagem</i> . • Receção do prémio de “segunda categoria” do Secretariado da Propaganda Nacional.
1935	• Morte por cólica hepática.	

Página 43

A1. ESCREVER**Exercício A – 1º texto**

“Sinceridade”, “insinceridade” – eis expressões sem sentido quando é um artista da geração de 15 que está em causa. O profeta do “supra-Camões”, numa nota para a revista Sudoeste, sob o seu heterónimo Álvaro de Campos, lá afirma categorico: “O poeta superior diz o que efetivamente sente. O poeta médio diz o que decide sentir. O poeta inferior diz o que julga que deve sentir.” E elucida: “Nada disto tem que ver com a sinceridade. Em primeiro lugar, ninguém sabe o que verdadeiramente sente; é possível sentirmos alívio com a morte de alguém querido, e julgar que estamos sentindo pena, porque é isso que se deve sentir nessas ocasiões. A maioria da gente sente convencionalmente, embora com maior sinceridade humana; o que não sente é com qualquer espécie ou grau de sinceridade intelectual, e essa é que importa no poeta.”

E nisto está, de certo modo, a chave da sinceridade-insinceridade de Fernando Pessoa. O desdobramento que nele se opera, embora tenha começado por um ato de sinceridade (ele o diz, mais do que uma vez, e no escrito citado o repete: “O meu mestre Caeiro foi o único poeta inteiramente sincero do mundo” – pois, realmente, o aparecimento de Alberto Caeiro corresponde a uma reação sincera na personalidade de Fernando Pessoa, ao mesmo tempo asfixiada de insinceridade, porque era sinceridade emotiva, não intelectual, uma vez que o “paulismo” provinha de fontes emotivas e não de nascentes intelectivas), logo se pulveriza numa série de atos insinceros cuja insinceridade pouco importa já ao poeta, uma vez que, insinceridade no plano humano, era sinceridade no único plano em que a sinceridade lhe interessava: o plano intelectual.

João Gaspar Simões, in *Vida e Obra de Fernando Pessoa, História de uma Geração*, 4ª edição, Livraria Bertrand, pp. 275-6

2º texto

(...) Não fica perdido o poeta. Viverá e conviverá com a arte, mascarando as *suas* dúvidas e angústias, simulando e fingindo, como afinal sempre o fez, quase desde a infância.

O fingimento, eis a solução de Fernando Pessoa, eis a resposta ao nó cego do *seu* drama interior. Por dentro a dor e o fogo, o fogo e a dor da fatalidade e do génio *peessoanos*. Por fora, a máscara, as máscaras, todas as máscaras necessárias para corresponder aos níveis desiguais e descontínuos dos outros. Não *lhes* dar mais do que *eles* podem compreender. Desconcertá-*los*. Confundi-*los*. Impor-*lhes* as próprias ficções *peessoanas*. Tudo modos de preservar a íntima inviolabilidade, o secreto ser. *O verso famoso O poeta é um fingidor. / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente*, geralmente aplicado à criação poética, tem todavia a sua tradução existencial, mais concreta ainda. O decantado “espírito blagueur” de Fernando Pessoa corresponde afinal a uma profunda e séria necessidade de defesa e de afirmação, sem concessões às pequenas tiranias sociais de que todos estamos rodeados.

António Quadros, in *Fernando Pessoa, Vida Personalidade e Génio, a obra e o homem, I Volume*, Arcádia, p. 140

Página 45**ORIENTAÇÕES DE LEITURA - Excerto de *O Livro do Desassossego***

1. Explicita a relação entre o poeta e os sentimentos.
2. Identifique o(s) modo(s) de traduzir os sentimentos.
3. Proponha uma definição de arte, tomando como ponto de referência o texto.
4. Avance uma definição de
 - 4.1. “mentira”, tendo em conta a concepção apresentada no texto.
 - 4.2. fingimento poético, centrando-se na informação do último parágrafo.
5. Estabeleça uma relação entre o texto e os poemas da página anterior.

Páginas 46-47**LER - CENÁRIOS DE RESPOSTA - TÓPICOS DE ANÁLISE****POEMA A**

1. passado / presente, inconsciência / consciência; sensível / inteligível;
2. “meditação”, “atenção”, “penso”;
3. questão indiciadora do desejo de o sujeito poético voltar ao mundo sensível, “crepúsculo antigo”, e abandonar o inteligível, responsável pelo uso constante do pensamento.

POEMA B

1. passado – criança; presente – adulto;
2. “minto” e “prisão” relacionam-se com o estado atual do sujeito poético, que vive sob a imposição de regras resultantes do uso excessivo da razão;
3. articulador que sugere uma concessão, dado que o sujeito, não podendo recuperar o passado, imagina-o;
4. alheamento referido na última estrofe já evidenciado na primeira, com a referência ao passado e com a afirmação do sujeito poético de que, quando era criança, viveu “sem saber”;
5. nostalgia da infância.

POEMA C

1. traduz uma reflexão, um comentário do sujeito da enunciação;
2. apresentação de uma hipótese;
3. semelhanças: o pregão; diferenças: tranquilidade do passado / angústia do presente;
4. desassossego do “eu” resultante da lembrança de um tempo mítico: o imperativo verbal denuncia o estado de revolta do “eu”.

POEMA D

1. o brincar das crianças;
2. alegria típica da infância;
3. sons abertos a denunciarem o sentimento de alegria;
4. som nasal a traduzir a melancolia decorrente da consciência da irreversibilidade do tempo;
5. versos curtos, presença de rima e musicalidade, aspectos formais comuns aos poemas anteriores; ao nível do conteúdo, a consciência da irreversibilidade do tempo e saudade da infância;

Página 47

POEMA E

1. **passado:** a infância inalcançável / **presente:** ação do vento; outono, o momento vivencial do “eu” / **futuro** – indefinição / insatisfação do sujeito poético
2. “amareleceu” remete para a passagem do tempo e para a sua irreversibilidade, sugerindo a tristeza que se apodera do sujeito poético;
3. sons sibilantes (“entardeceer”, “sopro”, “Amareleceu”, “sonho”, “sono”, “solidão”) e fricativos (“vago vento”, “líyida”).
4. a intensificação do frio do “vento vago” poderá estar relacionada com o crescendo emocional do sujeito poético
5. metáfora (vv. 2-3); comparação (vv. 4-5); aliteração (vv. 11-12); (...)

POEMA F

1. relação de similitude, realçando-se o aspeto disfórico que os caracteriza;
2. interrogação, exclamação e reticências ao serviço da emotividade do “eu” (a angústia de quem se dá conta da prisão do pensamento);
3. v. 11 – fragmentação que aponta para a instabilidade do “eu” e a procura incessante da felicidade.

POEMA G

1. nostalgia; tristeza;
2. presente/passado; perto (vv. 9-16)/ distante (v. 12), longe (v. 15);
3. nasais: “tão lento” (som provocado pelo soar do sino, provocando nostalgia no “eu”); oclusivos “Cada pancada tua” (dor provocada pela consciência da passagem do tempo);

4. nostalgia da infância;
5. aspetos formais: quadras; redondilha maior; verso solto: 1º verso de cada estrofe, os restantes rima cruzada, a sugerir as cantigas de embalar; / Recursos estilísticos: apóstrofe (v. 1); comparação (v. 6); antítese (vv. 9 e 12); (...)

Páginas 46-47

ORIENTAÇÕES DE LEITURA

Poemas A e B

A. Concentre a sua atenção no poema A.

1. Identifique o motivo da insatisfação do sujeito poético.
2. Proceda ao levantamento das oposições estruturantes do poema.
 - 2.1. Relacione-as com as vivências do sujeito da enunciação.
3. Avance uma explicação para a colocação em final de verso, na primeira estrofe, dos vocábulos “meditação” e “atenção”.
4. Apresente uma possível interpretação para a interrogação que encerra a composição poética.
5. Analise o poema do ponto de vista formal.

B. Atente, agora, no poema B.

1. Explícite o modo como a dicotomia passado / presente se concretiza no texto.
2. Proponha uma explicação para os termos “minto” (v. 8) e “prisão” (v. 9).
3. Indique a funcionalidade do articulador “Mas” a iniciar a última estrofe.
4. Confirme a circularidade de leitura do poema.
5. Proceda à análise da composição poética ao nível formal.

Poema C

1. Comente a expressividade do verso parentético da primeira estrofe.
2. Justifique a utilização do modo conjuntivo na segunda quadra.
3. Estabeleça aproximações e afastamentos entre o passado e o presente.
4. Identifique os modos verbais presentes na última estrofe, comentando o seu valor expressivo.

Poema D

1. Identifique o referente que permite estabelecer a relação entre dois tempos.
2. Destaque os sentimentos dominantes ao longo do poema.

SEQUÊNCIA 1

Com Textos para Ser Múltiplo

3. Caracterize os sons vocálicos presentes na primeira estrofe e comente o seu valor expressivo.
4. Proponha uma explicação para a predominância do som nasal ao longo do texto.
5. Estabeleça relações entre este poema e os anteriores, do ponto de vista formal e do conteúdo.

Poema E – pág. 47

A. Considere a primeira estrofe do poema.

1. Estabeleça uma possível relação entre o estado de espírito do sujeito poético e a cor que caracteriza o Outono.
2. Identifique os sons que remetem para a ação do vento.
 - 2.1. Indique a figura de estilo que cumpre a função anunciada.

B. Releia, agora, a segunda estrofe.

1. Identifique o sujeito sintático das formas verbais “soergue”, “pousa”, “volve”, “revolve” e “esvai-se”.
2. Explícite o valor da repetição da conjunção coordenativa copulativa “e”.

C. Na última estrofe, o sujeito poético reflete sobre a passagem do tempo e demonstra alguns sentimentos relativos a essa realidade.

1. Transcreva os elementos linguísticos que denotam três marcos temporais.
2. Caracterize a relação que o “eu” estabelece com o passado e com o futuro.
3. Apresente uma possível interpretação para a expressão “Mais frio / O vento vago voltou” (vv. 17-18).

Poema F – pág. 47

1. Explícite a relação entre o tempo meteorológico e o estado emocional do sujeito lírico.
2. Analise a expressividade da pontuação.
3. Identifique marcas de fragmentação do “eu”.

Poema G – pág. 47

1. Identifique a situação que motivou as reflexões do sujeito poético.
 - 1.1. Relacione-a com as vivências do “eu”.
2. Refira três reações do sujeito da enunciação, consequência do badalar do sino.
3. Indique as oposições estruturantes do poema.
4. Considere a expressividade decorrente da repetição de alguns sons.
 - 4.1. Dê um exemplo para cada um dos sons que se seguem e comente o seu valor expressivo.
 - a. Sibilante.
 - b. Nasal.
 - c. Oclusivo.

5. Avance uma explicação para os dois últimos versos do poema: “Sinto mais longe o passado, / Sinto a saudade mais perto”.
6. Justifique a diretividade do discurso presente na composição poética.

Página 51

CENÁRIOS DE RESPOSTA - TÓPICOS DE ANÁLISE

1. sugerido pela repetição de palavras / expressões, pela anáfora; pelos versos curtos, pelo encavalgamento, pelo predomínio dos sons nasais (estes sugerem ritmo lento e arrastado);
2. repetição de versos remete para a ideia de circularidade no percurso apresentado e para a aliança / cumplicidade revelada entre o “cavaleiro monge” e o “cavalo de sombra”;
3. descrição de um percurso feito em termos metafóricos, cheio de obstáculos, quase interminável, errante, mas em busca da liberdade e da própria libertação;
4. indicação de um percurso que é feito, inicialmente, em uníssono, em aliança pelo “cavaleiro monge” e pelo “cavalo de sombra” (1ª estrofe), seguido de um caminhar encoberto, recôndito, solitário (2ª estrofe); na 3ª estrofe, há uma progressão para a liberdade de ação e de movimentos, sem limitações (e libertação), observando-se uma regressão, na 4ª estrofe, à solidão, ao isolamento; na 5ª estrofe, parece atingido o objetivo: o sujeito poético, alcançando a autonomia total em relação a este;
5. à semelhança do conteúdo do poema, há sugestão de percursos diversos, múltiplos, não lineares, insinuando os obstáculos com os quais o caminhante se depara e que deve superar para poder prosseguir.

Página 51

LER - ORIENTAÇÕES DE LEITURA

1. Avalie o ritmo e a musicalidade do poema cantado.
2. Analise a expressividade resultante da repetição de determinados versos.
3. Identifique os referentes espaciais.
4. Infira sobre a progressão / regressão com base nos últimos versos de cada estrofe.
5. Estabeleça uma relação entre o poema e a imagem.

Página 57

A. Escrever

A.1.

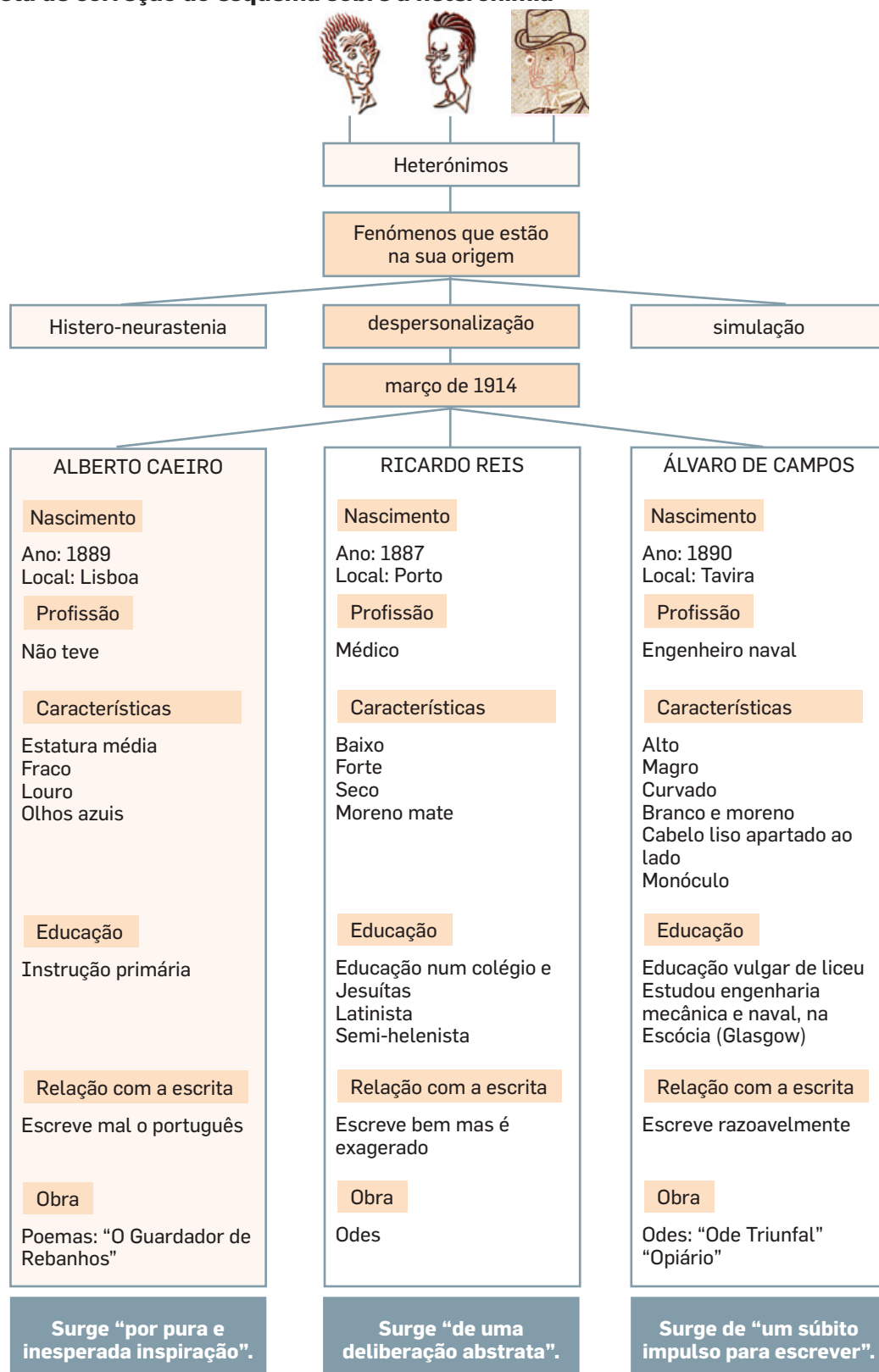
A autenticidade dos heterónimos depende da sua coerência poética, da sua verosimilhança. Foram criações necessárias, pois de outro modo Pessoa não teria consagrado a sua vida a vivê-los e a criá-los; o que conta agora não é que tenham sido necessários para o seu autor, mas se o são também para nós. Pessoa, seu primeiro leitor, não duvidou da sua realidade. Reis e Campos disseram o que talvez ele nunca tivesse dito.

Pág. 62

LER

Esquema sobre a heteronímia

Proposta de correção do esquema sobre a heteronímia



Página 68**Poema XXIII**

1. Estabeleça a relação entre a segunda e a primeira estrofes.
2. Sugira um valor simbólico da cor “azul” no contexto referenciado.
3. Comente o valor dos parênteses na última estrofe.
4. Proponha uma explicação para a postura do sujeito poético nos dois últimos versos.

Pág. 77**ORIENTAÇÕES DE LEITURA****Poema “Vem sentar-te comigo, Lídia, ...”**

1. Refira-se à importância da Natureza, segundo a filosofia de vida de Ricardo Reis.
2. Defina o tipo de relação entre o “eu” e “Lídia”.
3. Elenque as normas de comportamento defendidas.
4. Indique o valor expressivo dos advérbios de modo presentes ao longo do poema.
5. Comente a importância das marcas de negação, tendo em conta a filosofia de vida apresentada.
6. Identifique os elementos textuais que comprovam o estoicismo (apatia) e o epicurismo (a ataraxia e o *carpe diem*).
7. Refira-se à expressividade dos diferentes tempos e modos verbais.
8. Explique a simbologia das metáforas “rio” (vv. 1 e 10), “mar (v. 16), “sombra” (v. 25) e “barqueiro sombrio” (v. 29).
9. Explícite a importância da memória.
10. Descreva a idealização da vida para o sujeito poético.

Página 78**ORIENTAÇÕES DE LEITURA**

1. Estabeleça a relação humanos / Natureza.
2. Analise a expressividade da adjetivação.
3. Indique o(s) efeitos de sentido produzido(s) pelas formas verbais no gerúndio.
4. Atribua um valor simbólico às referências: “flores” (v. 1), “rosas” (v. 14), “barco escuro” (v. 25) e “so- turno rio” (v. 25).
5. Proponha uma explicação para a presença da primeira pessoa do plural.

Página 79**ORIENTAÇÕES DE LEITURA****Poema “Sofro, Lídia, ...”**

1. Proponha uma segmentação do poema em partes lógicas.
2. Refira-se à importância da presença do recetor.
3. Identifique os sentimentos evidenciados pelo “eu” lírico.
4. Descreva o ideal de vida preconizado.
5. Proceda ao levantamento de recursos estilísticos e comente o seu valor expressivo.

SEQUÊNCIA 1

Com Textos para Ser Múltiplo

Pág. 82

OUVIR/FALAR

Exercício A.1 – Quadro para completar

Proposta de completamento de quadro

	Primeira fase	Segunda fase	Terceira fase
Designação	decadentista	futurista-sensacionista	intimista
Poemas exemplificativos	<i>Opiário</i>	<i>Ode triunfal</i>	<i>Lisbon revisited</i> <i>Esta velha angústia</i> <i>Tabacaria</i>
Características	Tédio. Enfado. Náusea. Cansaço. Abatimento. Necessidade de novas sensações. Falta de sentido para a vida. Necessidade de fuga à monotonia.	Poesia repleta de vitalidade. Predileção pelo ar livre e pelo belo feroz. Verso livre Estilo esfuziante torrencial, anafórico, exclamativo, interjetivo, monótono pela simplicidade dos processos, pela reiteração de apóstrofes e enumerações, mas vivificado pela fantasia verbal duradoura e inesgotável. Versos longos de duas ou três linhas. Celebração do triunfo da máquina, da energia mecânica e da civilização moderna. Canto dos escândalos e corrupções da contemporaneidade, em sintonia com o futurismo. Intelectualização das sensações. Excesso violento de sensações à maneira de Walt Whitman.	Incapacidade de realização. Abatimento. Sono. Cansaço. Desilusão. Revolta. Inadaptação. Desânimo. Frustração.

Página 83

LER - TÓPICOS DE ANÁLISE**A.**

- modernismo: alusão ao mundo maquinizado, fabril; sensacionismo: necessidade de sentir tudo (v. 13); futurismo: subversão das regras tradicionais (nova construção sintática ao sabor da energia torrencial da máquina);
- novo conceito de beleza, associado à força da máquina;
- “febre” (V. 2); enérgico; sedento de êxtase sensorial; ...;
- necessidade de reunir todas as forças que o circundam; vontade de confluir num só tempo – o vivencial – o passado e o futuro (vv. 18); desejo de acompanhar o ritmo das máquinas, como se fosse parte agente (estrofe 4);
- nomes técnicos; interjeições; onomatopeias; ...;
- frase exclamativa;
- a apóstrofe, a repetição;
- a aliteração do som: fricativo /f/ (vv. 2, 3, 6, 7, ...); vibrante /r/ (vv. 5, 24, ...); nasal /ñ/ (v. 24); o recurso à onomatopeia (v. 5); ...;
- heterometria e heteroestrofia, ao serviço da indisciplina intelectual do sujeito da enunciação;
- ode: canto laudatório, neste caso do meio fabril; triunfal: adjetivo valorativo do objeto cantado.

B.

- “comerciantes”, “vadios”, “burguesinhas”, ...; caracterização com base na ironia;
- moda da época; necessidade de acompanhar a evolução que se fazia em França;
- aparte: revelador da necessidade de o “eu” sentir tudo de todas as maneiras;
- apresentação das consequências da evolução, do crescimento da burguesia;
- acentuação da necessidade de sentir até ao paroxismo;
- o masoquismo, a necessidade da dor física, surge como forma de o sujeito poético se poder abstrair da sua dor existencial.

C.

- conjunto de interjeições ao serviço do estado crescente de êxtase do “eu”;
- apresentação do lado negativo do desenvolvimento industrial;
- necessidade de viver o exterior para esquecer o interior (“Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.”);
- confirmação do desejo de ser e sentir tudo, embora envolta num certo desânimo;
- “Galgar com tudo por cima de tudo”; “Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!”.

Página 83**LER - ORIENTAÇÕES DE LEITURA****Poema “Ode Triunfal”****A. Segmento textual da página 86**

1. Identifique marcas de modernismo, sensacionismo e futurismo.
2. Apresente a concepção de beleza defendida.
3. Caracterize o estado de espírito do sujeito lírico.
4. Analise a identificação do sujeito com as máquinas, os tempos, as pessoas e os espaços.
5. Identifique as classes de palavras recorrentes, associando-as ao domínio referencial para que apontam.
6. Caracterize a tipologia de frase ao serviço da emotividade do “eu”.
7. Indique o recurso estilístico que traduz o excesso do canto.
8. Proponha uma relação entre a irregularidade métrica e estrófica com as intenções do sujeito lírico.
9. Explícite a relação título-poema.

B. Segmento textual da página 84

1. Identifique as figuras humanas presentes na primeira estrofe e proceda à sua caracterização.
2. Analise a expressividade dos estrangeirismos.
3. Sugira o valor expressivo do verso e da expressão parentéticos (vv. 16, 33).
4. Exponha a ideia principal da terceira estrofe.
5. Refira-se à intencionalidade da utilização das frases de tipo imperativo nos versos 39-41.
6. Defina a relação entre sensacionismo e masoquismo.

C. Segmento textual da página 85

1. Justifique o recurso às interjeições.
2. Explícite a relação entre as enumerações da primeira estrofe e o desenvolvimento industrial.
3. Estabeleça a relação do sujeito poético com o mundo interior / exterior.
4. Analise a progressão final do poema.
5. Selecione exemplos textuais que confirmem o sensacionismo defendido pelo heterónimo.

Página 88**LER - ORIENTAÇÕES DE LEITURA****Poema “Esta velha angústia”**

1. Proponha uma divisão do poema em partes lógicas, justificando a sua opção.
2. Caracterize o estado emocional do sujeito poético.
3. Defina a relação passado / presente, fundamentando-se com elementos textuais.
4. Refira-se à importância dos deícticos temporais.
5. Proceda ao levantamento de recursos estilísticos e comente a sua expressividade.
6. Avance uma interpretação para os desejos do sujeito poético (penúltima estrofe, vv. 29-37).
7. Analise do ponto de vista estilístico o último verso.
8. Estabeleça uma relação entre este poema e os anteriores do heterónimo Álvaro Campos.

Págs. 106-107

TESTAR (AVALIAÇÃO FORMATIVA)

Proposta de correção

GRUPO I

A

1. A segunda estrofe funciona com explicação da primeira, apresentando o argumento que sustenta a tese referida anteriormente.
2. Homens que racionalizam: como tal, não veem a verdade.
3. Para comunicar com os outros homens, necessita de recorrer ao pensamento.
4. A sua filosofia de vida é incompatível com os homens “falsos” (v. 5), porque pensam; apologista do sentir (v. 8); adepto da realidade concreta (último verso).

B

A resposta deve ser dada, segundo o critério dos alunos, desde que respeite a tipologia textual indicada, os limites solicitados, a adequação temática, os critérios de produção definidos, a correção escrita (coerência e coesão, adequação e seleção vocabulares), a correção ao nível da ortografia, da sintaxe, da pontuação, da acentuação.

Salientam-se, contudo, alguns aspetos que deverão ser contemplados:

• Dos estoicos:

- viver em harmonia com a natureza;
- compreender a ordem natural das coisas e conformar-se com essa realidade;
- dominar as fortes paixões;
- (...).

• Dos epicuristas:

- buscar o prazer na fuga à dor;
- autodisciplinar-se para levar uma vida equilibrada e contemplativa;
- optar pelo prazer espiritual;
- (...)

GRUPO II

1.1 b)

1.2 c)

2.1 O pronome refere-se ao “novo livro de José Saramago”.

2.2 Oração subordinada adjetiva relativa restritiva.

2.3 Complemento indireto.

GRUPO III

A resposta deve ser dada, segundo critério dos alunos, desde que respeite a tipologia textual indicada, os limites solicitados, a adequação temática, os critérios de produção definidos, a correção escrita (coerência e coesão, adequação e seleção vocabulares), a correção ao nível da ortografia, da sintaxe, da pontuação, da acentuação.

SEQUÊNCIA 2

Com Textos para Valorizar

Pág. 110

OUVIR/FALAR

Tabela preenchida para confronto de tópicos

TRABALHO DE PARES: leitura da imagem da sequência 2		
Elementos constituintes da imagem	Referências cronológicas/biográficas das imagens à direita	Questões (superior/inferior)
a) Elementos verbais Título (Passaporte poético) Questões		- destino / viagem poéticos relacionados com a) a ficção, a criação b) a construção de realidades alternativas c) a exploração da linguagem e da sensibilidade d) a dimensão estética e) a glorificação de pessoas, entidades, ideias, ideais f) ...
b) Elementos não verbais Capa do passaporte eletrónico de Portugal Imagem de Camões Imagem de Pessoa (três figuras > heterónimos principais)	a) Camões - poeta quinhentista (séc. XVI) b) Pessoa - ortónimo/heterónimos (Caeiro, Reis, Campos) - poeta novecentista (primeiro terço do séc. XX) - geração de <i>Orpheu</i>	

Pág. 113

PRÁTICAS DA LÍNGUA

Exercício A.2

Reescrita de parágrafo com os pontos solicitados (2.1, 2.2, 2.3, 2.4)

D. Manuel, o ____1 que nos governa, **beneficiou da** (OU **com a**) **subida** 2.1 ao trono numa altura em que o futuro do país é ____2. **Daí o chamarem** 2.2 já *Venturoso e Afortunado*. **Talvez até esta sua (e nossa) época** venha a **ser** apontada 2.3 como a mais gloriosa da História portuguesa. **O brilho da boa sorte** 2.4 do Rei começou, aliás, antes ainda de ter sido coroado.

Pág. 114

ESCREVER**Exercício A.1****Marcas de modalidade presentes no segmento textual fornecido**

Sem certezas quanto à data de nascimento do primeiro filho do fidalgo Simão Vaz de Camões, que **deve ter ocorrido entre 1524-25**, também **pouco se sabe** dos primeiros anos de vida seguintes.

É provável que tenha passado a infância em Coimbra, sendo ainda admissível a hipótese de ter sido culturalmente orientado nas humanidades por seu tio Bento da Camões, prior do Convento de Santa Cruz e chanceler da Universidade.

A sua presença na corte é ainda **um episódio envolvido em mistério**. Em 1549 (**contaria** Camões vinte e quatro anos), o seu vigor de jovem e o interesse pelas letras **devem ter propiciado a frequência** de locais que o expunham a intrigas. Estas **tê-lo-ão lançado** numa vida errante, marcada por amores e desamores. Desterrado ora da corte, em Lisboa, ora do próprio país, veio a ser transferido, por despacho real, para Ceuta, em Marrocos. Aí, numa das lutas contra os Mouros, perdeu o olho direito, passando a ser representado com essa deformidade nos retratos conhecidos.

À data de 1553, ...

Pág. 115

ESCREVER**Exercício A.1****Proposta de planificação para o excerto lido**

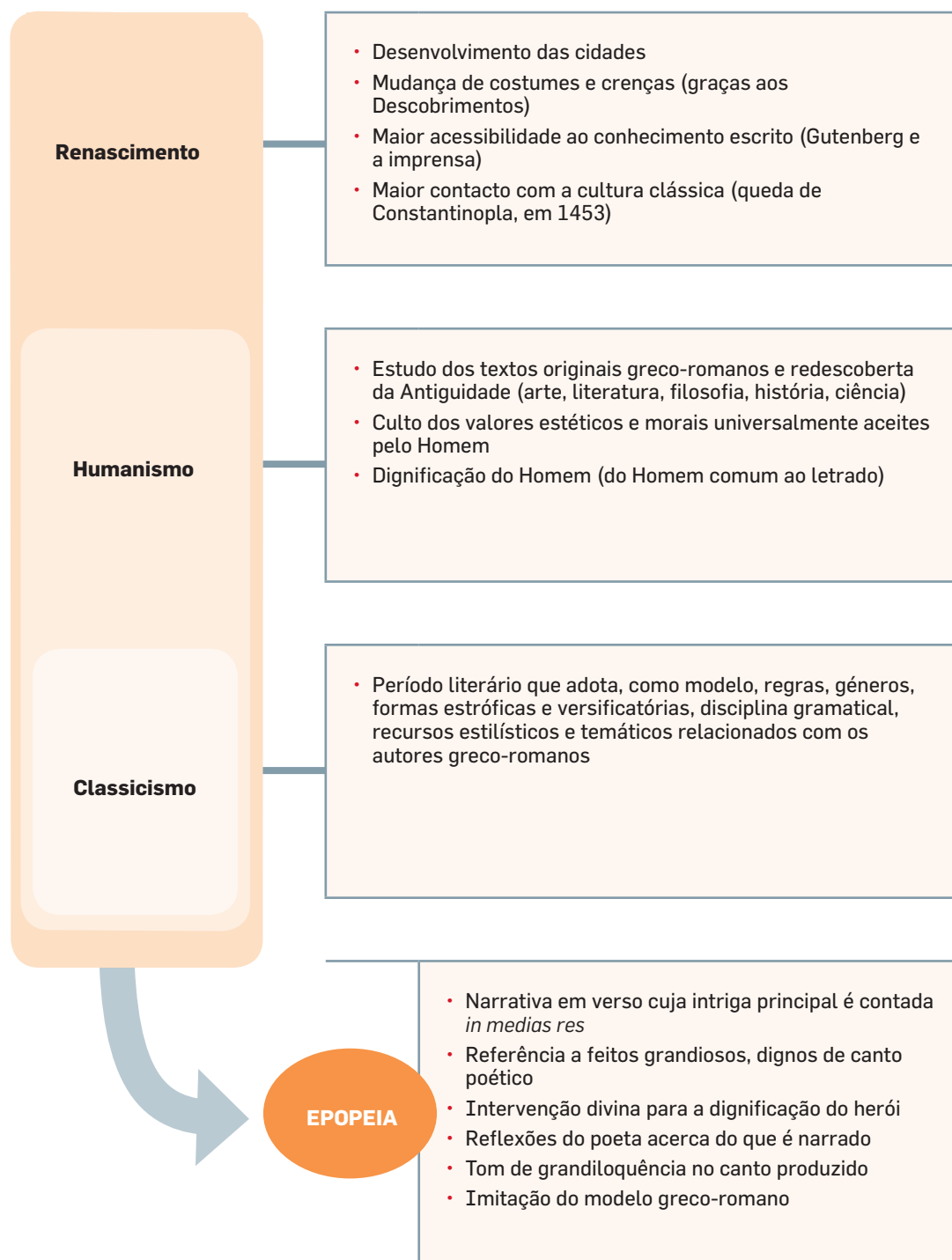
I – Três espécies de Portugal/português

- a)** português típico
 - afastado do poder governativo
 - base da fundação nacional
- b)** português governante
 - divorciado do país
 - “estrangeirado” e moderno
- c)** português projetado na fé
 - culturalmente ligado a D. Dinis
 - geograficamente transoceânico
 - simbolicamente próximo do sebastianismo

Pág. 116

ESCREVER**Exercício A.1**

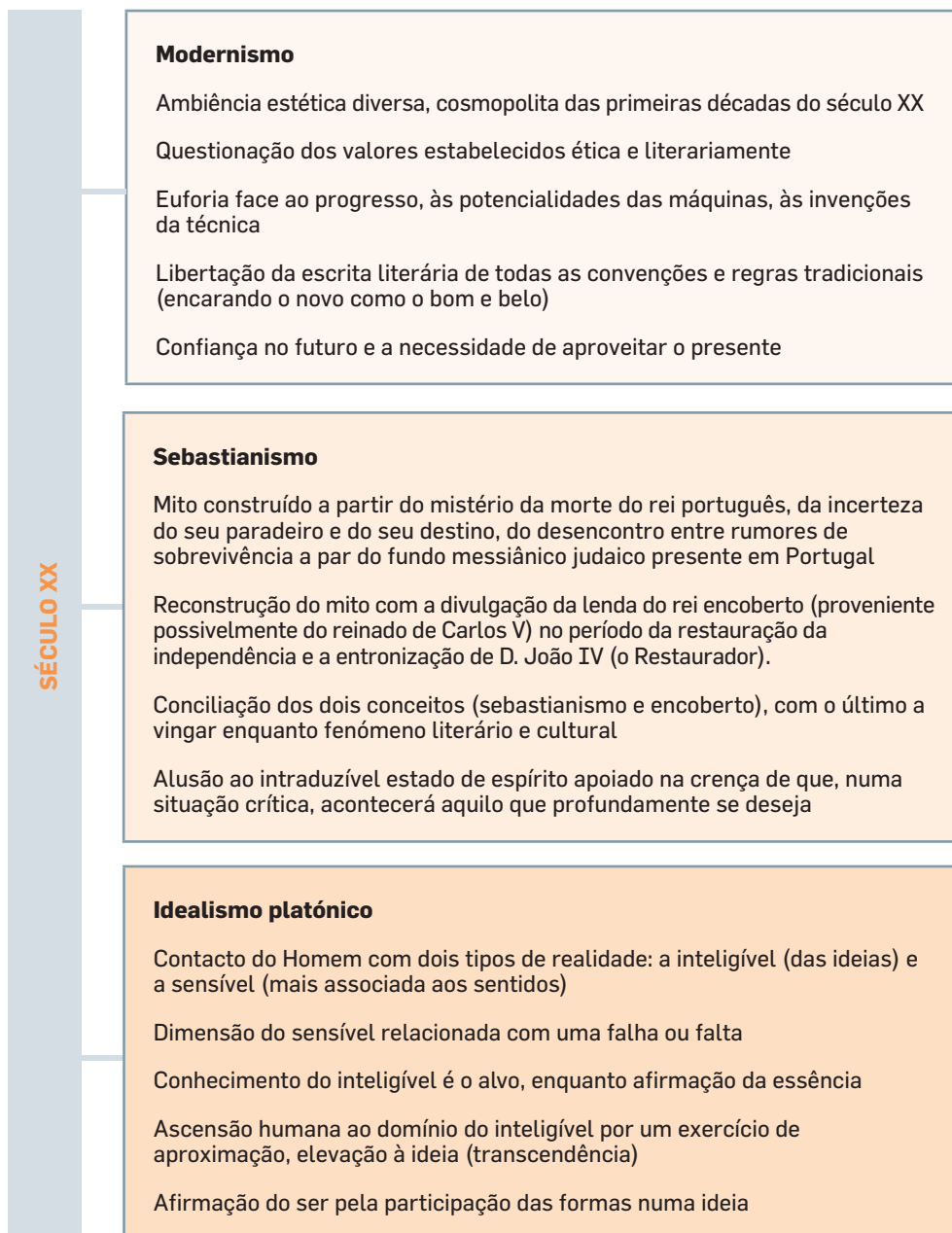
Proposta de preenchimento do esquema com informação-síntese (para confronto com as propostas dos alunos)



Pág. 117

ESCREVER**Exercício A.1**

Proposta de preenchimento do esquema com informação-síntese (para confronto com as propostas dos alunos)



Pág. 117

LER**Exercício A.1**

O conceito do idealismo platónico por expor a caminhada em direção ao transcendente.

SEQUÊNCIA 2

Com Textos para Valorizar

Pág. 118

OUVIR/FALAR

Exercícios A.1 e 2

Transcrição do segmento textual relativo ao depoimento “Luiz de Camões glorificado pelos poetas da nossa terra” (Fernando Pessoa)

Camões é *Os Lusíadas*. O lírico, em quem os inferiores focam a admiração que os denota inferiores, era, como em outros épicos de sensibilidade também notável, apenas a excedência inorgânica do épico.

Não ocupa *Os Lusíadas* um lugar entre as primeiras epopeias do mundo; só a *Ilíada*, a *Divina Comédia* e o *Paraíso Perdido* ganharam essa elevação. Pertencendo, porém, à segunda ordem das epopeias, como a *Jerusalém Libertada*, o *Orlando Furioso*, a *Faerie Queene* – e, em certo modo, a *Odisseia* e a *Eneida*, que participam das duas ordens, – distingue-se *Os Lusíadas* não só destas epopeias, suas pares, senão também daquelas, suas superiores, em que é directamente uma epopeia histórica.

A vastidão impressiva de fábula, que uma epopeia requer, buscaram-na os antigos e os grandes modernos já na lenda ou na história indirecta, já no Além. Naquelas se fundamentam, de diverso modo, a *Ilíada*, a *Odisseia*, a *Eneida*, a *Jerusalém* de Tasso; na lenda absoluta, ou fantasia pura, o poema de Spenser e o *Orlando*; no Além – o Além pagão do Cristianismo –, a epopeia de Dante e a de Milton.

A Camões bastou a história próxima para lenda e Além. O povo, que cantou, fizera da ficção certeza, da distância colónia, da imaginação vontade. Sob os próprios olhos do épico se desenrolou o inimaginável e o impossível se conseguiu. Sua epopeia não foi mais que uma reportagem transcendente, que o assunto obrigou a nascer épica. Este Apolónio podia ter falado com seus Argonautas, este Homero ter ouvido da boca dos companheiros de seus Ulisses os terrores da caverna do Ciclope e a notícia imediata do encantamento das sereias. Em certo modo viveu o que cantou, sendo, assim, o único épico que foi lírico ao sê-lo. Essa sua singularidade, que é uma virtude. É, como todas as virtudes, origem de vários defeitos.

Resta dizer, de Camões, que não chegou para o que foi. Grande como é, não passou de esboço de si próprio. Os sobrehomens da nossa glória constelada – o Infante e o Albuquerque mais que todos – não cabem no que ele podia abarcar. A epopeia que Camões escreveu pede que aguardemos a epopeia que ele não pôde escrever. A maior coisa nele é o não ser grande bastante para os semi-deuses que celebrou.

in *Diário de Lisboa*, 4 de fevereiro de 1924 (adaptado)

Pág. 119

OUVIR/FALAR

Exercício B.1 – Associação das imagens aos episódios

- i) A partida das naus; ii) Achegada à Índia; iii) O consílio dos deuses; iv) A batalha de Aljubarrota; v) A tempestade marítima; vi) O Adamastor; vii) O episódio de Inês de Castro; viii) Camões lendo a Dedicatória a D. Sebastião.

Exercício B.2 e B.3 – Ordenação dos episódios e relação com os planos da epopeia

1º – Camões lendo a Dedicatória a D. Sebastião – Plano do poeta; 2º – O consílio dos deuses – Plano mitológico; 3º – A partida das naus – Plano da história da viagem; 4º – Inês de Castro – Plano da História de Portugal; 5º – A batalha de Aljubarrota – Plano da História de Portugal; 6º – O Adamastor – Plano da história da viagem; 7º – A tempestade marítima – Plano da história da viagem; 8º – A chegada à Índia – Plano da história da viagem.

Pág. 126

LER – ORIENTAÇÕES DE LEITURA**Exercícios 1.2 e 1.3****Excerto – “Dedicatória” de *Os Lusíadas*: segmentação e marcas gramaticais implicadas nessa segmentação**

- 6 E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade¹⁴,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade;
Vós, ó novo temor da Maura lança¹⁵,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, (que todo o mande,
Pera do mundo a Deus dar parte grande);
- 7 Vós, tenro e novo ramo *florecente*,
De *h* a árvore¹⁶, de Cristo mais amada
Que *nenh* a nascida no Ocidente,
Cesárea¹⁷ ou Cristianíssima¹⁸ chamada
(Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitória já passada¹⁹,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que Ele *pera* Si na cruz tomou);
- 8 Vós, poderoso Rei, cujo alto Império
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro;
Vê-o também no meio do Hemisfério,
E quando *dece*, o deixa derradeiro;
Vós, que esperamos jugo e vitupério
Do torpe Ismaelita cavaleiro²⁰,
Do Turco Oriental e do Gentio
Que *inda* bebe o licor do santo Rio²¹;
- 9 Inclinai por um pouco a majestade,
Que nesse tenro gesto²² vos contemplo,
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno Templo²³;
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão;
vereis um novo exemplo
De amor dos pátrios feitos *valerosos*,
Em versos *devulgado* numerosos²⁴.
- 10 Vereis amor da pátria, não movido
De prémio vil, mas alto e quase eterno;
Que não é prémio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi;
vereis o nome engrandecido
Daqueles de quem sois senhor *superno*²⁵,

CHAMAMENTO

- Segunda pessoa do plural (“vós” majestático)
- Vocativos (seguidos de modificadores não restritivos)
- Enumeração de vocativos (separados por ponto e vírgula) concluída com dois pontos

PEDIDOS

- Parêntesis (quando o pedido surge encaixado na sequência de vocativos)
- Recurso aos dois pontos para fechar a sequência de pedidos
- Sequência de pedidos separados por ponto e vírgula e segmentada por ponto final
- Verbos no modo imperativo (cf. segunda pessoa e frases na forma afirmativa)

consequências – est. 9:6-8 e est. 10:1-4, est. 10:5-8, est. 11:1-8, est. 12: 1-8, est. 15:4-8, est. 18:5-8 (1.3)
 pedidos: > consequências introduzidas por dois pontos; futuro do indicativo

CONSEQUÊNCIAS

- Antecedidas por dois pontos ou ponto e vírgula
- marcadas pelo tempo futuro

SEQUÊNCIA 2

Com Textos para Valorizar

E julgareis qual é mais excelente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

11 Ouvi: que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem *Rodamonte*¹ e o vão *Rugeiro*²,
E Orlando³, *inda* que fora verdadeiro.

12 Por estes vos darei um Nuno⁴ fero,
Que fez ao Rei e ao Reino tal serviço,
Um Egas⁵ e um Dom Fuas⁶, que de Homero
A cítara para eles só cobiço;
Pois *polos* Doze Pares⁷ dar-vos quero
Os Doze de Inglaterra⁸ e o seu Magriço;
Dou-vos também aquele ilustre Gama,
Que para si de Eneias toma a fama.

(...)

15 E, enquanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as rédeas vós do Reino vosso:
Dareis matéria a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o peso grosso
(Que *polo* mundo todo faça espanto)
De exércitos e feitos singulares
De África as terras e do Oriente os mares.

16 Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exício⁹ afigurado;
Só com vos ver, o bárbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;
*Téthys*¹⁰ todo o cerúleo senhorio¹¹
Tem *pera* vós por dote aparelhado,
Que, afeiçoada ao gesto belo e tenro,
Deseja de comprar-vos *pera* genro.

(...)

18 Mas, enquanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento¹²,
Pera que estes meus versos vossos sejam:
E vereis ir cortando o salso argento¹³
Os vossos Argonautas, *por* que vejam
Que são vistos de vós no mar irado,
E costumai-vos já a ser invocado.

CONSEQUÊNCIAS

CHAMAMENTO

Pág. 127

LER – ORIENTAÇÕES DE LEITURA**Exercícios 1 a 6**

Excerto – Estâncias finais do Canto I de *Os Lusíadas*: segmentação e marcas gramaticais implicadas nessa segmentação

103 Estava a Ilha à terra tão chegada
Que um estreito pequeno a dividia;
Hūa cidade nela situada,^{1a}
Que na frente do mar aparecia,^{1a}
De nobres edifícios fabricada,^{1b}
Como por fora,^{1b*} ao longe,^{1b*} descobria,^{1b}
Regida por um Rei de antiga idade:
Mombaça é o nome da ilha e da cidade.

104 E sendo a ela o Capitão chegado,^{1c}
Estranhamente ledó,^{1c} porque espera
De poder ver o povo baptizado,^{1d}
Como o falso piloto lhe dissera,^{1d}
Eis vêm batéis da terra com recado
Do Rei,^{1e} que já sabia a gente que era,^{1e}
Que Baco muito de antes o avisara,^{1f}
Na forma doutro Mouro,^{1f} que tomara.

105 O recado que trazem é de amigos,²
Mas *debaxo* o veneno vem coberto,^{1g}
Que os pensamentos eram de inimigos,^{1g}
Segundo foi o engano descoberto.
Oh! Grandes e gravíssimos perigos,
Oh! Caminho de vida nunca certo,
Que, aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança!

106 No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade *avorrecida*!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

PLANO DA VIAGEM

- Frases de tipo declarativo
- Pontuação forte: ponto final
- Predomínio do uso da vírgula para assinalar:
 1. presença de encaixes/modificadores
 2. presença de um articulador/conector de

PLANO DOS DEUSES

- Sequência subordinada encaixada

PLANO DO POETA

- Frases de tipo exclamativo e interrogativo
- Exclamações e interrogação reflexiva
- Graduação, quantificação
- Predomínio do uso da vírgula para assinalar:
 1. Elementos enumerados

Canto (estâncias)	Ideias fundamentais
Canto I (est. 105-106)	O poeta exclama que o Homem vive em extrema insegurança, quer no mar quer na terra, sendo a traição um dos fatores da fragilidade humana – do facto particular (traição dos Mouros) parte-se para um facto geral (insegurança humana); daí a questão e a necessidade de procura de um espaço para o “bicho da terra” se sentir seguro.

Pág. 128

OUVIR/FALAR

Exercícios A.1-4

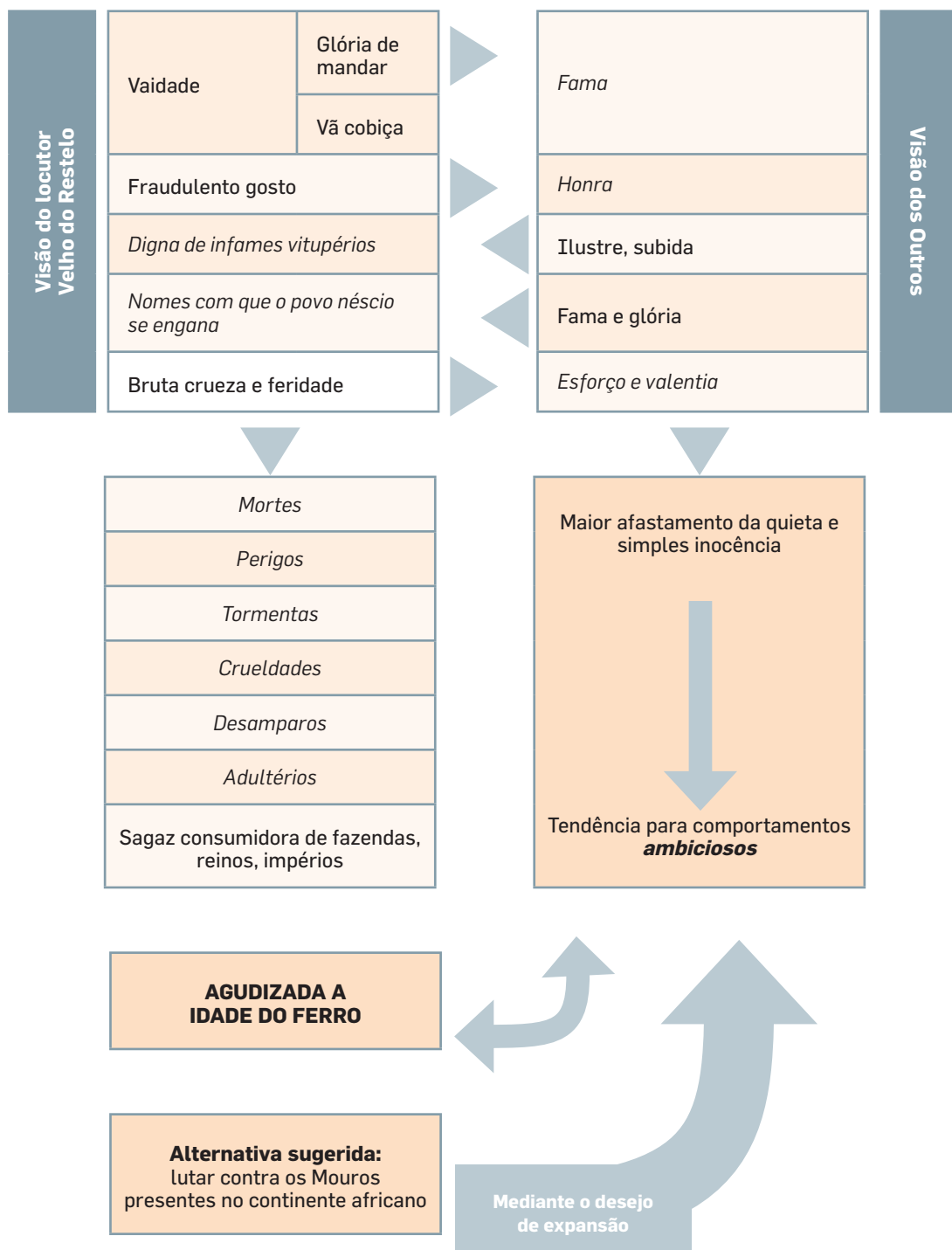
Transcrição do registo áudio: estâncias finais do Canto IV de *Os Lusíadas* – discurso do Velho do Restelo

- | | |
|--|--|
| <p>95 «Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
<i>Cûa</i> aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles <i>exprimentas</i>!</p> | <p>100 Não tens junto contigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue ele do Arábio a Lei maldita,
Se tu pola de Cristo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não é ele por armas esforçado,
Se queres por vitórias ser louvado?</p> |
| <p>96 Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de <i>desemparos</i> e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo <i>dina</i> de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana;</p> | <p>101 Deixas criar às portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe!
Buscas o incerto e incógnito perigo
Por que a Fama te exalte e te lisonje
Chamando-te senhor com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia!</p> |
| <p>97 A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo dalgum nome <i>preminente</i>?
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que <i>lhe</i> farás tão facilmente?
Que famas <i>lhe</i> prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?</p> | <p>102 Oh! Maldito o primeiro que, no mundo,
Nas ondas vela pôs em seco lenho!
Dino da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!
Nunca juízo algum, alto e profundo,
Nem cítara sonora ou vivo engenho,
Te dê por isso fama nem memória,
Mas contigo se acabe o nome e glória!</p> |
| <p>98 Mas, ó tu, <i>geração</i> daquele insano
Cujo pecado e desobediência
Não somente do Reino soberano
Te pôs neste desterro e triste ausência,
Mas <i>inda</i> doutro estado, mais que humano,
Da quieta e da <i>simpres</i> inocência,
Idade de ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e de armas te deitou:</p> | <p>103 Trouxe o filho de Jápeto do Céu
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas acendeu,
Em mortes, em desonras (grande engano!).
Quanto melhor nos fora, Prometeu,
E quanto pera o mundo menos dano,
Que a tua estátua ilustre não tivera
Fogo de altos desejos que a movera!</p> |
| <p>99 Já que nesta gostosa <i>vaidade</i>
Tanto enlevas a leve Fantasia,
Já que à bruta crueza e feridade
Puseste nome «esforço e valentia»,
Já que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdê-la Quem a dá:</p> | <p>104 Não cometera o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande arquitecto co filho, dando,
Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio.
Nenhum cometimento alto e nefando
Por fogo, ferro, água, calma e frio,
Deixa intentado a humana <i>geração</i>.
Mísera sorte! Estranha condição!»</p> |

Pág. 128

Exercício A.1

Preenchimento do esquema a partir da atividade áudio baseada nas estâncias finais do Canto IV de *Os Lusíadas* – discurso do Velho do Restelo



SEQUÊNCIA 2

Com Textos para Valorizar

Pág. 131

PRÁTICAS DA LÍNGUA

Exercício A.1

Texto preenchido segundo a indicação das classes de palavras solicitadas e o conhecimento do discurso do Velho do Restelo já escutado

Um velho **respeitável**¹ que se encontrava na praia olhou **fixamente**² para os navegadores, prestes a partir, e, meneando três vezes a cabeça, em sinal de desagrado, ergueu a voz e assim se pronunciou:

– Ó insensatos e imprudentes, vítimas da glória de mandar e da vã cobiça desta vaidade chamada Fama; ó seguidores do **fraudulento**³ gosto (causador de mortes, **perigos**, **desamparos**, **adultérios**⁴), que promessas de poder, de triunfos, de riquezas, de vitórias vos terão feito?

Homens, o vosso destino parece ser o de querer sempre mais, o de ser **ambiciosos**⁵ e, com isso, perder a idade do ouro, da inocência, passando à do ferro, plena de **calamidades**⁶ e de lutas. Mas, já que vos deixais assim levar pela vaidade e pela fantasia, a que chamais **esforço**⁷ e valentia; já que assim desprezais a **segura**⁸ vida, não será preferível combater os Mouros em África, em vez de ir em busca de um inimigo **longínquo**⁹? Não seguem eles a lei de Maomé, se por Cristo quereis lutar? Não têm eles **vastíssimas**¹⁰ terras e cidades, se quereis enriquecer? Não serão eles esforçados nas armas, se vos quereis mostrar **valentes**¹¹? Deixais a vossa pátria **indefesa**¹², fraca perante o inimigo próximo para buscar, longe, o incerto e **incógnito**¹³ perigo.

Maldito seja quem colocou o primeiro barco no mar! E também Prometeu, por roubar o fogo aos deuses para o dar aos humanos! E Ícaro, que tentou voar **alto**¹⁴ com as asas de cera fabricadas pelo pai, Dédalo, para escapar do labirinto!

Todos os feitos **insensatos**¹⁵ e **nefandos**¹⁶ são tentados pelos homens. **Mísera**¹⁷ sorte! **Estranha**¹⁸ condição!

Pág. 132

LER

Proposta de resolução da tabela-síntese, para eventual confronto com os dados que venham a ser considerados pelos alunos.

CAMÕES E OS LUSÍADAS (1572)
ALGUMAS REFLEXÕES DO POETA NO SEIO DA EPOPEIA
 (entre a visão épica dos feitos narrados e a disforia pressentida na voz lírica do poeta)

Canto (estâncias)	Ideias fundamentais	Discurso		Antes e depois do discurso
		Locutor	Destinatário	
Canto I (est. 105- -106)	O poeta exclama que o Homem vive em extrema insegurança, quer no mar quer na terra, sendo a traição um dos fatores da fragilidade humana – do facto particular (traição dos Mouros) parte-se para um facto geral (insegurança humana); daí a questão e a necessidade de procura de um espaço para o “bicho da terra” se sentir seguro.	Poeta	(Não marcado)	Antes: Os portugueses são traiçoeiramente impelidos para o perigo, por interferência de Baco. Vénus salva-os. Depois: Inicia-se o Canto II, com o rei de Mombaça a convidar os navegadores a entrarem no porto de mar e, assim, poderem ser destruídos.

Canto (estâncias)	Ideias fundamentais	Discurso		Antes e depois do discurso
		Locutor	Destinatário	
Canto IV (est. 94- -104)	O poeta-narrador apresenta a história de um velho que, no Restelo, tenta evitar a partida dos marinheiros, dizendo-lhes que o fazem por ambição, vaidade e cobiça. Depois de apresentar uma outra hipótese (conquista por terra), o velho refere que os homens são dominados por uma “estranha condição” (deixando-se antever, na voz do velho, a voz do próprio poeta)	Velho do Restelo (que fala em discurso direto e parece dar voz a uma reflexão do próprio poeta)	Marinheiros (personagens de uma viagem já passada, conforme Vasco da Gama a conta ao Rei de Melinde, no plano da História de Portugal)	Antes: É descrita a preparação da viagem (partida) e a despedida que se faz na praia do Restelo (pelo narrador Vasco da Gama, no plano da História de Portugal). Depois: Inicia o Canto V, com Vasco da Gama a contar, ao Rei de Melinde, a largada de Lisboa (Plano da História de Portugal, com a narrativa da viagem já passada).
Canto V (est. 90)	Apresentado o final da narrativa da História de Portugal, realça-se o valor glorioso dos portugueses	Poeta-narrador	(Não marcado)	Antes: Vasco da Gama contou a história do Adamastor e as dificuldades da viagem (fome, doenças). Depois: Finda o canto com a reflexão do poeta.
(est. 97- -99)	O poeta reflete sobre a narração do Gama (a da História de Portugal) e, nessa sequência, lamenta que não haja tradição de cultivar os feitos pelas letras portuguesas; pela poesia que imortaliza os grandes feitos e heróis.	Poeta	(Não marcado)	Antes: Fica concluída a narração do Gama ao rei de Melinde (plano da História de Portugal). Depois: Inicia o Canto VI com a retoma do plano da Viagem, contada pelo poeta-narrador, com o restante percurso que conduzirá os portugueses à Índia.
Canto VI (est. 95-99)	Uma vez atingido o objetivo (chegada à Índia), reflete-se sobre o esforço e o valor do que é alcançado, bem como a virtude que existe em desafiar perigos e dificuldades sem desistir – está aí o heroísmo.	Poeta	(Não marcado textualmente, podendo ativar-se com qualquer leitor)	Antes: No plano da Viagem, e depois da tempestade no mar, já se avistava a terra de Calecut. Depois: Inicia o Canto VII, com o poeta a elogiar os portugueses.
Canto VII (est. 78-87)	O poeta invoca as Ninfas do Tejo e do Mondego para que o ajudem, ele que tem “numa mão sempre a espada e noutra a pena”; reconhece que quem irá ser cantado não será exemplo de egoísmo, só de virtudes e apoio ao seu rei.	Poeta	(marcado textualmente como “..., Ninfas do Tejo e do Mondego,...”)	Antes: Ao visitar as naus, o Catual depara com símbolos nas bandeiras e pede que o esclareçam sobre os significados destes. Depois: No canto VIII, Paulo da Gama contará episódios da História de Portugal.

SEQUÊNCIA 2

Com Textos para Valorizar

Canto (estâncias)	Ideias fundamentais	Discurso		Antes e depois do discurso
		Locutor	Destinatário	
Canto VIII (est. 96-99)	O poeta reflete sobre o poder do "metal louro e luzente", capaz de conduzir à traição, conforme é provado com vários exemplos.	Poeta	(Não marcado textualmente, podendo ativar-se com qualquer leitor)	Antes: No plano da Viagem, o Gama é feito prisioneiro pelo Catual, que o liberta em troca de mercadorias europeias e valores. Depois: No canto IX, dá-se conta de que dois fatores são detidos em terra (Plano da Viagem).
Canto IX (est. 89)	O poeta apresenta o significado alegórico da Ilha dos Amores: ilha pertencente aos deuses, sinal da glorificação dos portugueses.	Poeta	(Não marcado textualmente, podendo ativar-se com qualquer leitor)	Antes: Os navegadores encontram-se no palácio de Tethys (junção do plano da Viagem com o da Mitologia) Depois: O poeta continua a apresentar o significado alegórico da Ilha dos Amores.
(est. 93-95)	O poeta indica o que deve ser feito para se atingir a imortalização	Poeta	(marcado textualmente como "..., ó vós que a fama estimais, ...")	Antes: O poeta reflete sobre o valor alegórico das ninfas ("deleitosas honras") e reconhece a origem dos deuses na própria condição humana (ascendeu à divinização pelos feitos). Depois: No canto X, Tethys oferecerá um banquete aos marinheiros e profetiza os feitos dos portugueses.
Canto X (est. 144-145)	Os portugueses chegam à pátria num clima de serenidade e saudade, lamentando-se o poeta do cansaço de cantar os portugueses bem como da cobiça e "vil tristeza" em que Portugal se encontra.	Poeta	(marcado textualmente como "..., Musa, ...")	Antes: Tethys despede-se dos portugueses, pelo que estes retomam o regresso a Portugal. Depois: O poeta retoma a Dedicatória ao Rei D. Sebastião e vaticina futuras glórias.

Pág. 135

PRÁTICAS DA LÍNGUA

Exercício A.1 – Seleção do conector/articulador adequado à construção frásica proposta

- 1.1. Em *Os Lusíadas* pretende-se não só exaltar os portugueses COMO AINDA despertar a consciência dos erros e defeitos evidenciados.
- 1.2. O poeta estabelece um critério QUE lhe permitirá excluir quem não merece ser cantado.
- 1.3. A hipocrisia dos que pretendem agradar a todos e a exploração dos pobres são tão criticadas QUE não podem caracterizar os heróis cantados pelo poeta.

1.4. Na galeria de heróis de *Os Lusíadas* cabem apenas aqueles QUE, pelas obras, se afirmaram dignamente na vida.

1.5. O poeta confia na inspiração que Apolo e as Musas lhe darão PARA continuar o seu canto.

Exercício A.2 – Transformação das frases com um dos conectores/articuladores preteridos

1.1. Em *Os Lusíadas* pretende-se não só exaltar os portugueses E despertar a consciência dos erros e defeitos evidenciados.

1.2. O poeta estabelece um critério, O QUAL lhe permitirá excluir quem não merece ser cantado.

1.3. A hipocrisia dos que pretendem agradar a todos e a exploração dos pobres são tão muito criticadas; POR ISSO, não podem caracterizar os heróis cantados pelo poeta.

1.4. Na galeria de heróis de *Os Lusíadas* cabem apenas aqueles por CUJAS pelas obras se afirmaram dignamente na vida.

1.5. O poeta confia na inspiração que Apolo e as Musas lhe darão PARA QUE continue o seu canto.

Pág. 143

ESCREVER

Exercício A.1 – Proposta de planificação completa para o texto argumentativo

Introdução	Ilha Namorada	- Localização na obra - Localização na história narrada (Não) Localização geográfica da ilha
Desenvolvimento	Ilusão da recompensa	- Inexistência real da ilha - Intervenção mitológica no plano da viagem (preparação da Ilha por influência de Vénus) - Relação deusas / navegadores
	O verdadeiro valor do prémio	- Reconhecimento dos feitos conseguidos - Glorificação do Homem, que se equipara aos deuses - Abstração do prémio
Conclusão	- Citação da afirmação proposta - Atualidade da reflexão	

Pág. 143

Exercício A.2

Proposta de reescrita com palavras/expressões sinónimas

Quando os marinheiros lusos deparam com um festim ofertado pela divindade marítima, a ninfa Sirena anuncia alguns indícios do porvir, as glórias futuras no Oriente sobre a gente lusitana. Posteriormente, a deusa que se casou com o Oceano leva o capitão português ao topo de um monte “alto e divino”, a partir do qual lhe revela a “máquina do mundo”, uma fábrica de cristal e ouro puro, à qual apenas os deuses tinham acesso, e que se tornou também num privilégio para os Portugueses. Após o repouso logrado, os nautas abandonam a ínsula namorada e retornam a Lisboa.

Exercício B.1**Proposta de resumo para confronto, considerando as etapas de contração e reconstrução****a) contração**

O que na Ilha dos Amores se goza pela satisfação dos sentidos, pelos espectáculos da vontade triunfante e da inteligência curiosa, é bem o símbolo da euforia magnífica, da plenitude física e espiritual que os descobrimentos trouxeram à Europa quinhentista.

É preciso, porém, conjugar este símbolo e o do discurso de Baco aos deuses marinhos com o do Velho do Restelo, que amaldiçoa a glória de mandar, a vaidade a quem chamamos fama, o fogo trazido do céu pelo filho de Jápeto, que o mundo em armas acendeu, a dura inquietação que nada de alto e nefando deixa por tentar, para sentir que a euforia é atenuada pelas experiências dolorosas registadas na *História Trágico-Marítima*. É título de glória de Camões dar estas duas faces da realidade.

b) reconstrução

Com a Ilha dos Amores desfruta-se a euforia e a plenitude, tanto física como espiritual, trazidas pelos descobrimentos à Europa quinhentista.

Todavia, a exaltação é moderada com a versão da *História Trágico-Marítima*, revista no Velho do Restelo. Camões reflete ambas as faces da realidade.

(44 palavras)

Pág. 147

OUVIR / FALAR**Exercício A.1****Texto-base do registo áudio**

Como poema épico, existe em *Os Lusíadas* uma *ação* e um *herói*. Podemos, todavia, distinguir uma *ação* aparente e uma *ação* real que se entrelaçam, confundem e coincidem, a primeira com uma *ação geográfica*, a segunda com uma *ação histórica*.

Aparentemente, a ação do poema é a viagem de descobrimento da Índia e o seu herói o capitão da armada – Vasco da Gama. De acordo, porém, com o conteúdo da *proposição*, verificamos que essa ação e esse herói não são senão o disfarce simbólico-poético da verdadeira ação e do verdadeiro herói: a História de Portugal e o Povo Português, representados pelo feito e pelo Homem reputados pelo poeta como os maiores. Tal como se toda a História de Portugal fosse uma longa viagem de descobrimento, ao cabo da qual estava a glória (simbolizada pela ilha dos Amores). Indo mais longe, até mesmo para além da intenção do poeta, podemos também discernir como ação de *Os Lusíadas* a vitória do Homem sobre a Natureza. Podemos dizer que, ao cantar o descobrimento do globo terrestre, o poeta glorifica a ânsia humana de descobrir o que está para além: o Cosmos. O seu herói será o próprio Homem. Esta interpretação confere ao poema o seu mais profundo sentido humanístico, que se desenvolve ao longo dos dez Cantos do poema que, na sua totalidade, cumprem ou executam a proposta contida nas três estrofes da Proposição.

Os últimos doze versos do Canto I marcam o início de um percurso ou de um processo de metamorfose. Metamorfose no sentido da elevação e da transcendência.

Com efeito, o ser inicial, sobre o qual vai operar-se a metamorfose é o *bicho da terra*, imagem degradada do *fraco humano*, o qual vai tender para o estatuto do herói.

Através da *peregrinação* «árdua e custosa», o homem vai acedendo ao conhecimento e, em última análise, ao «alto assento». Assim, portanto, o bicho primordial, o ser amorfo e ignorante, tende para assumir, finalmente, o estatuto projetado desde o início do poema. Trata-se de um projeto-programa inacabado, cuja realização se vai clarificar nas estâncias finais do Canto IX.

Na estância 142 e 143 do Canto X podemos dizer, finalmente, que a metamorfose está realizada. Aí, no mítico espaço da Ilha dos Amores, mercê de *altos manjares excelentes*, das *iguarias suaves e divinas*, dos *vinhos odoríferos que acima estão da ambrósia que Jove tanto estima* (note-se o insólito da adjetivação), mercê sobretudo, das núpcias divinas, que vão dar origem a uma descendência heróica, o bicho terreno alcança – finalmente – o estatuto divino e tem acesso ao *nobre mantimento*, alimento dos deuses soberanos e senhores, garantia da imortalidade. E esse estatuto marca, efetivamente, o termo de um longo percurso, «caminho da virtude alto e fragoroso mas por fim doce, alegre e deleitoso», no decorrer do qual fora necessário atravessar as provas a que tivera de submeter-se a sua fraca humanidade. Provas que não são, afinal, senão o percurso tenebroso mas gratificante de um rito de passagem, que permite o acesso definitivo a uma eternidade, cujo modelo se reencontra em outros lugares da obra camoniana e constitui a mensagem profundamente humana e humanística do Poema.

Maria Leonor Carvalhão Buesco,
in *Apontamentos de Literatura Portuguesa* (Porto Editora)

Pág. 148

PRÁTICAS DA LÍNGUA

Exercício A.2

Explicitação de fatores de coesão

1. Predicado com verbo transitivo direto e indireto ('dedicar' algo a alguém).
2. Concordância do sujeito com o verbo do predicado, quanto ao número e ao género (singular feminino).
3. Nome constituinte do complemento oblíquo expandido por oração relativa restritiva (que especifica a referência de 'as obras literárias').
4. Nome constituinte do sujeito expandido por oração não finita participial, a concordar quanto ao género e número ('As reflexões + formuladas pelo poeta').
5. Concordância do sujeito com o verbo auxiliar do predicado (número), mais o particípio passado dos verbos principais coordenados (número e género).
6. Seleção do verbo do predicado, numa realização transitiva direta.
7. Seleção do verbo do predicado, requerendo complemento oblíquo (introduzido pela preposição 'a').

Exercício B.2

Explicitação de princípios de concordância

- O sujeito subordinado identificado com o pronome relativo *quem* é seguido, de regra, por um predicado cuja forma verbal se encontra na terceira pessoa do singular (1.1., 1.4.).
- O sujeito identificado com o pronome relativo *que* é seguido por um predicado cuja forma verbal se conjuga, em número e pessoa, com o antecedente retomado pelo pronome em construção clivada (1.2).
- O sujeito identificado com o pronome relativo *que* é seguido por um predicado cuja forma verbal se conjuga, em número e pessoa, com o antecedente retomado pelo pronome (1.1.; 1.3., na última forma verbal).
- O sujeito concorda, em número e pessoa, com o predicado (1.3., primeira forma verbal, com o sujeito subordinado da relativa restritiva; segunda forma verbal, com o sujeito da subordinante).

Exercício C.2**Processos de coesão referencial num segmento textual**

Portugal, que¹ foi visto por Camões na sua¹ obra épica como a cabeça da Europa, torna-se, na *Mensagem* de Pessoa, no rosto de uma Europa moribunda que¹ “fita”, ^[3] que¹ contempla. O destino civilizador do ocidente está para além da ação, ^[3] da vida, ^[3] da morte. Mas é na epopeia, no canto do escritor quinhentista que o Reino Lusitano mais se¹ afirma pelo afeto. Este² é o verso que o¹ evidencia: “Esta é a ditosa Pátria minha⁴ amada”. Di-lo¹ Vasco da Gama, a personagem escolhida pelo poeta épico português¹, ao contar a História de Portugal ao rei de Melinde.

Anáforas¹Catáforas²Construções elípticas^[3]Deícticos pessoais⁴**Exercício C.3****Processos de coesão lexical num segmento textual**

- Repetição (Europa)
- Substituição (Portugal > a cabeça da Europa > o rosto de uma Europa moribunda > Reino Lusitano > Pátria; Camões > o escritor quinhentista > o poeta épico português; Vasco da Gama > a personagem escolhida pelo poeta épico português)
- Sinonímia (epopeia/canto)
- Antonímia (vida/morte)
- Hiperonímia (escritor)/hiponímia (poeta)
- Holonímia (epopeia)/meronímia (verso).

Pág. 156**OUVIR/FALAR****Exercício A.1****Suporte escrito dos segmentos propostos em áudio**PRIMEIRO

“Aqueles portugueses do futuro, para quem porventura estas páginas encerrem qualquer lição, ou tenham qualquer esclarecimento, não devem esquecer que elas foram escritas numa época da Pátria em que havia minguado a estatura nacional dos homens e falecido a panaceia abstracta dos sistemas. A angústia e a inquietação de quem as escreveu, porque as escreveu quando não podia haver senão inquietação e angústia, devem ser pesadas na mão esquerda, quando se tome, na mão direita, o peso ao seu valor científico.

Serão, talvez e oxalá, habitantes de um período mais feliz aqueles que lerem, aproveitando estas páginas arrancadas, na mágoa de um presente infeliz, à saudade imensa de um futuro melhor.”

SEGUNDO

“Só duas nações – a Grécia passada e Portugal futuro – receberam dos deuses a concessão de serem não só elas mas também todas as outras. (...)”

Tristes de nós se faltarmos à missão que Aquele que nos pôs ao Ocidente da Europa, e tais nos fez quais somos, nos impôs quando nos deu este nosso aceso e transcendido espírito aventureiro. Depois da conquista dos mares deve vir a conquista das almas.”

Fernando Pessoa, in *Ultimatum e Páginas de Sociologia Política* (pp. 134; 240)

TERCEIRO

“Se a alma portuguesa, representada pelos seus poetas, encarna neste momento a alma recém-nada da futura civilização europeia, é que essa futura civilização europeia será uma civilização lusitana. (...) Deve estar para muito breve, portanto, o aparecimento do poeta supremo da nossa raça, e, ousando tirar a verdadeira conclusão que se nos impõe (...), o poeta supremo da Europa, de todos os tempos. É um arrojo dizer isto? Mas o raciocínio assim o quer. (...)”

E a nossa grande Raça partirá em busca de uma Índia nova, que não existe no espaço, em naus que são construídas “daquilo que os sonhos são feitos”. E o seu verdadeiro e supremo destino, de que a obra dos navegadores foi o obscuro e carnal antearremedo, realizar-se-á divinamente.”

Fernando Pessoa, “A Nova Poesia Portuguesa no seu aspecto psicológico”
in *A Águia*, IIª série, nº 9-12, de 1912 (pp. 134; 240)

Exercício A.1 Proposta de planificação (preenchida) para confronto**I – Motivações para a génese de *Mensagem***

- a) Míngua na estatura nacional dos homens
- b) Falecimento da panaceia abstrata dos sistemas
- c) Angústia e inquietação
- d) Saudade imensa de um futuro melhor
- e) Concessão / predestinação divina para a Grécia e para Portugal
- f) Espírito aventureiro português
- g) Vontade de um raciocínio

II – Os tempos associados a *Mensagem*

- a) Tempo passado (da Grécia passada e da conquista dos mares)
- b) Tempo presente (“mágoa de um presente infeliz”)
- c) Tempo futuro
 - aspiração a um futuro melhor
 - afirmação de Portugal na futura civilização luso-europeia
 - aparecimento do poeta supremo da nossa raça
 - busca de uma Índia nova, em naus construídas “daquilo que os sonhos são feitos”
 - realização divina do verdadeiro e supremo destino nacional

SEQUÊNCIA 2

Com Textos para Valorizar

Pág. 156

ESCREVER

Exercício A.1

Proposta de preenchimento da tabela (planificação para o texto a produzir)

	<i>Os Lusíadas</i>	<i>Mensagem</i>
Autor	<i>Luís de Camões</i>	<i>Fernando Pessoa</i>
Século da obra	<i>XVI (1572)</i>	<i>XX (1934)</i>
Movimento estético-literário	<i>Classicismo</i>	<i>(Primeiro) Modernismo</i>
Aproximações relativamente aos aspetos contemplados na estrutura das obras	• <i>Presença de heróis relacionados com a História de Portugal</i> • <i>Recurso a figuras mitológicas</i> • <i>Os Descobrimentos como tema basilar</i> • <i>Importância da figura de D. Sebastião (entre o rei da Dedicatória ao rei que se metamorfoseia no mito do Encoberto)</i> • <i>Expressão lírica do poeta</i> • <i>Simbologia da Ilha (entre a Ilha dos Amores e as Ilhas Afortunadas)</i> • <i>Perspetivação do futuro</i>	
Aproximações de Camões a Supra-Camões		

Pág. 158

LER

Cenários de resposta – tópicos de análise

“O DOS CASTELOS”

- Associação da Europa à imagem de uma mulher.
- “Jaz”, “pousado”, “apoia”, “fita”, “olhar esfíngico”.
- “olhos gregos”, “olhar”.
- “Fita, com olhar esfíngico e fatal / O Ocidente...”, sugerindo a missão profética de Portugal.
- No passado previu-se a grandeza do futuro.
- Remete para a particularização: estrofes com quatro e cinco versos, passando para um dístico e para um monóstico.
- Sete palavras, a remeter para a grandeza e profetismo associados a Portugal.
- Portugal é o retrato da Europa, plano de destaque que sugere a sua missão iniciática.
- Personificação (da Europa), dupla adjetivação (“olhar esfíngico e fatal”) e paradoxo (“o futuro do passado”), para destacar a superioridade da nação portuguesa.
- Camões também coloca Portugal à cabeça da Europa, visando salientar a supremacia da nação.
- Localização no “Brasão” por haver referência à origem de um país predestinado a grandes feitos.

Pág. 158

LER

Proposta de orientações de leitura, compreensão, interpretação e análise dos poemas de *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

“O DOS CASTELOS”

1. Relacione a imagem da página com o poema lido.
2. Atente no léxico utilizado.
 - 2.1. Transcreva exemplos sugestivos de termos associados ao significado de estatismo.
 - 2.2. Indique exemplos de palavras relacionadas com o campo da visão.
 - 2.3. Relacione a seleção lexical detetada em 2.1. e 2.2. com a mensagem global do poema.
3. Explique o sentido do verso “O Ocidente, futuro do passado.”, atendendo à dualidade temporal apresentada.
4. Analise a disposição estrófica do poema, em associação com o significado global do texto.
5. Demonstre a missão profética de Portugal sugerida no poema.
6. Justifique a presença da personificação na composição poética.
7. Encontre pontos de contacto entre este poema e a estância 20 do Canto III de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões.
8. Justifique a localização deste poema na estrutura global de *Mensagem*.

Pág. 159

LER

Cenários de resposta – tópicos de análise

“ULISSES”

- Remete para o poder fecundador do mito apesar da sua imaterialidade.
- Presente – Passado – Presente, a marcar a intemporalidade, a exemplificação do mito que se prolonga no presente.
- O mito alimenta a vida humana, dando-lhe sentido.
- Poder fecundador.
- A realidade é fecundada pelo mito, todavia, se não se alimentarem as crenças, a vida torna-se “nada”.
- Oximoro (v. 1); metáfora (v. 3); aliteração do som “r”: última estrofe.
- Ulisses, fundador da cidade de Lisboa, metonímia de Portugal.
- “Brasão”: herói mítico associado à fundação da nacionalidade.

Pág. 159

LER

Proposta de orientações de leitura, compreensão, interpretação e análise dos poemas de *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

“ULISSES”

1. O poema abre com a utilização de um oxímoro.
 - 1.1. Explique o que se sugere com esse recurso estilístico.
 - 1.2. Demonstre a recorrência desta figura de estilo ao longo da composição poética.
2. Relacione a disposição gráfica do poema com a progressão temporal dos tempos presente/pretérito.
3. Refira, com base no texto, a capacidade e o valor atribuídos ao mito.
4. Identifique a presença de uma progressão informacional regressiva no final do poema.
5. Relacione a importância do mito com a vida.
6. Explícite a expressividade dos seguintes recursos estilísticos utilizados ao longo do poema:
 - 6.1. metáfora;
 - 6.2. adjetivação.
7. Estabeleça uma relação entre este poema e as estâncias 57 e 58 do Canto III e/ou as estâncias 4 e 5 do Canto VIII da epopeia camoniana.
8. Justifique a localização deste poema na estrutura global da *Mensagem*.

Pág. 160

LER**Cenários de resposta – tópicos de análise****“D. DINIS”**

- Trovador (v. 1); lavrador e plantador (v. 2 e seguintes).
- “Cantar de Amigo”; “O plantador”; “pinhais”; “trigo”; “naus”; “oceano”; “mar futuro”.
- “Plantador de naus”; “fala dos pinhais”...
- Plantação dos pinhais, prenúncio das navegações.
- Império terreno (“pinhais”, “trigo”) preparatório do marítimo (“ansiando pelo mar”).
- A donzela espera na terra notícias do amado que pode andar embarcado; os portugueses constroem em terra formas de alcançar o mar.
- No Pinhal de Leiria está a génese do império marítimo.
- Metáfora (v. 2); oxímoro (v. 3); personificação (v. 8); antítese (v. 9)...
- D. Dinis é destacado como sendo um rei dedicado às letras e com um papel fundamental para a prosperidade de Portugal.
- “Brasão”: referência a um dos reis cujo contributo foi preponderante para a afirmação da nação portuguesa.

Pág. 160

LER

Proposta de orientações de leitura, compreensão, interpretação e análise dos poemas de *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

“D. DINIS”

1. D. Dinis é uma entidade histórica presentificada no poema.
 - 1.1. Identifique, no poema, a associação do rei a três atos criativos: trovador, lavrador e plantador.
2. Transcreva do texto vocábulos associados ao canto, ao campo e ao mar.
3. Sugira uma interpretação para cada associação.
4. Demonstre como o tempo verbal utilizado apresenta uma sugestão de futuro.
5. Explique a simbologia terra/mar no ato de criação.
6. Explique o sentido da metáfora “O plantador de naus a haver, ...”.
7. Relacione a temática da génese, do sonho com o crescimento do império.
8. Identifique a presença da anáfora, no poema, explicando a sua expressividade significativa.
9. A figura de D. Dinis, relevada em *Mensagem*, é também abordada n' *Os Lusíadas*.
 - 9.1. Compare o tratamento das duas obras relativamente à entidade considerada.
10. Justifique a localização deste poema na estrutura global da *Mensagem*.

Pág. 161

LER

Cenários de resposta – tópicos de análise

“D. SEBASTIÃO – REI DE PORTUGAL”

- “Louco”, “loucura” (vv. 6 e 8).
- “Sorte” associada a uma força superior ao homem.
- Passado (pretérito): morte física do rei; presente: rei mitificado (imortalidade).
- Conjuntivo com valor exortativo – apelo à loucura.
- Assunção, por parte do sujeito poético, do ponto de vista do rei.
- Incitamento à reflexão relativamente à importância do rei.
- Antítese (v. 5); interrogação retórica (última estrofe).
- Referência a D. Sebastião como símbolo da esperança; alusão ao desaparecimento de D. Sebastião e à sua mitificação ou carácter lendário.
- “Brasão” – figura histórica associada à nacionalidade.
- Imortalidade do monarca e seu desaparecimento no “areal”.

Pág. 161

LER

Proposta de orientações de leitura, compreensão, interpretação e análise dos poemas de *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

“D. SEBASTIÃO”

Rei de Portugal

1. Interprete a utilização da primeira pessoa neste poema.
2. Sugira uma explicação para a maiusculização da palavra “Sorte”.
3. Comente a oposição pretérito/presente na construção do poema.
4. Explique a funcionalidade do modo verbal do conjuntivo na segunda estrofe.
5. Explique, apoiando-se no poema, a expressividade dos recursos estilísticos seguintes:
 - 5.1. personificação;
 - 5.2. interrogação retórica.
6. D. Sebastião é uma figura de relevo quer n’ *Os Lusíadas* quer em *Mensagem*.
 - 6.1. Relacione o papel deste rei n’ *Os Lusíadas* com o assumido neste poema de Fernando Pessoa.
7. Justifique a localização deste poema na estrutura global *Mensagem*.
8. Compare a abordagem de D. Sebastião neste poema com a do primeiro de “Os símbolos” integrado na terceira parte (“O Encoberto”) da obra pessoana.

Pág. 162

LER

Cenários de resposta – tópicos de análise

“NUN’ÁLVARES PEREIRA”

- Representação/ilustração do herói cuja força está representada na espada.
- Esperança de Portugal, o eleito, o portador da “Excalibur”.
- Predestinação representada pela espada “ungida” (v. 8).
- Isotopia da divinização: “auréola”, “halo”, “ungida”, “luz”, “S. Portugal”.
- Desejo do sujeito poético na restauração da pátria.
- Receção da espada pelas mãos do Rei Artur; santificação (“auréola”).
- Interrogação (v. 1); metáfora (última estrofe); exclamação (último verso).
- Heroísmo e predestinação da figura evocada.
- “Brasão”: herói cujo contributo foi determinante para a manutenção da nacionalidade.

Pág. 162

LER

Proposta de orientações de leitura, compreensão, interpretação e análise dos poemas de *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

“NUN’ÁLVARES PEREIRA”

1. Relacione o poema lido com a imagem apresentada.
2. Identifique os traços caracterizadores de D. Nuno Álvares Pereira valorizados pelo eu poético.
3. Indique o recurso estilístico presente em “Ergue a luz da tua espada” (v. 11), referindo a sua expressividade.
4. Sugira a intencionalidade das frases interrogativas presentes no poema.
5. Explique a expressividade da exclamação final.
6. Relacione o relevo conferido à figura de Nun’Álvares Pereira em *Mensagem* com o da epopeia *Os Lusíadas*.
7. Justifique a localização deste poema na estrutura global da *Mensagem*.

Pág. 163

LER

Cenários de resposta – tópicos de análise

“O INFANTE D. HENRIQUE”

- Tarefa de desvendar o mundo e de o unificar.
- Adjetivos: “novo”, “mortas”, “único”; estruturas adjetivais: “o brilho das esferas”, “manto de noite e solidão”.
- Intemporalidade da ação e da figura histórica.
- Metáfora (v. 2); hipérbole (vv. 4 e 5).
- Heroicidade conferida pela ação de desvendar o mar e de o unificar.
- Apresentação do Infante como impulsionador das descobertas marítimas.
- Anúncio/passagem para a segunda parte – “Mar Português” – de *Mensagem*.

Pág. 163

LER

Proposta de orientações de leitura, compreensão, interpretação e análise dos poemas de *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

“O INFANTE D. HENRIQUE”

1. Demonstre, com exemplos do poema, a veracidade da seguinte afirmação: “A apresentação do Infante assenta numa atitude estática e imperial.”
2. Explique o significado do emprego exclusivo do tempo verbal presente.
3. Explique a expressividade de uma das metáforas existentes no poema.

SEQUÊNCIA 2

Com Textos para Valorizar

4. Refira pontos de contacto entre este poema e “O Infante” da parte “Mar Português”.
5. Relacione este poema da *Mensagem* com o excerto do Canto VIII de *Os Lusíadas*.
6. Justifique a localização deste poema na estrutura global da obra pessoana.

Pág. 164

LER

Cenários de resposta – tópicos de análise

“O INFANTE”

- Ordem lógica de causa-efeito: a obra resulta da vontade divina e do sonho humano.
- Aproximação e enaltecimento do herói evocado.
- Sugestão do local associado às descobertas (“Sagres”) e da sua predestinação (“Sagrou-te”).
- Progressão visível em: predestinação-sonho-concretização (ilha-continente-mundo).
- Versos 2, 3, 7 e 8.
- Sensível: domínio do mar (material); inteligível: predestinação, sonho (espiritual).
- “Cumpru-se o Mar”: concretização do império; “O Império se desfez”: fim/declínio do mesmo.
- Expressão da emotividade do sujeito poético, para manifestar o desejo de construir um novo império.
- Sinal da predestinação dos portugueses dado através do Infante.
- Três estrofes, podendo relacionar-se com a simbologia do número três, representativo do fim de um ciclo, remetendo para a tripartição do primeiro verso.
- Continuidade: domínio e posterior dissolução do Império.
- Gradação (v. 1); metáfora (v. 4); apóstrofe (v. 12), por exemplo.
- Predestinação dos portugueses, representados pelo Infante: “Quem te sagrou criou-te português”.
- O sonho deve estar presente em qualquer ser humano para que a obra nasça.
- “Mar Português” – segunda parte – referência ao início da expansão marítima.

Pág. 164

LER

Proposta de orientações de leitura, compreensão, interpretação e análise dos poemas de *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

“O INFANTE”

1. Explique o pensamento-chave apresentado no poema.
2. Justifique a utilização de um discurso marcado pela segunda pessoa.
3. Apresente a sugestão expressiva obtida com o jogo lexical “sagrar”/“Sagres”.

4. Explícite a expressividade conseguida pela presença dos seguintes recursos estilísticos no poema
 - 4.1. assíndeto;
 - 4.2. gradação;
 - 4.3. antítese;
 - 4.4. apóstrofe.
5. Transcreva, do texto, palavras/expressões que remetem para a isotopia da totalidade/perfeição.
6. Relacione o conteúdo deste poema com a inscrição latina que abre a *Mensagem*.
7. Demonstre como a dicotomia sensível/inteligível está presente nesta composição poética.
8. Explique o sentido do último verso, tendo em conta as linhas estruturadoras da *Mensagem*.
9. Encontre marcas de (des)continuidade entre este poema e “O Infante”.
10. Relacione este poema da *Mensagem* com o episódio camoniano do Consílio dos Deuses (Canto I).
11. Proceda à caracterização da ação humana presente nas duas obras atrás mencionadas.
12. Justifique a localização deste poema na estrutura global da *Mensagem*.

Pág. 165

LER

Cenários de resposta – tópicos de análise

“HORIZONTE”

- Denotativo: espaço da superfície terrestre abrangido pela vista; conotativo: o futuro, o (medo do) desconhecido.
- Tempo: início das descobertas; espaço: impreciso, progressivamente desvendado.
- Mar desconhecido (v. 1) / mar conhecido (v. 3).
- Concreto: “coral”, “praia”, “arvoredos”, (...); abstrato: “sonho”; conhecido: “medos”, “longínqua costa”; desconhecido: “Longe”, “abstrata linha”.
- Definição com base numa estrutura paradoxal: sonho, forma de “ver” o irreal.
- Maiusculização a destacar a importância do sonho (“Longe”) e do conhecimento (“verdade”).
- Metáfora (v. 3); gradação (vv. 8-11); oxímoro (v. 13).
- Concretização do sonho: a chegada à terra desejada.
- Segunda Parte: “Mar Português” – alusão aos Descobrimentos.

Pág. 165

LER

Proposta de orientações de leitura, compreensão, interpretação e análise dos poemas de *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

“HORIZONTE”

1. Explícite os sentidos denotativo e conotativo do título do poema.
2. Transcreva expressões textuais que remetem:
 - 2.1. para um tempo evocado;
 - 2.2. para um espaço invocado.
3. Construa, com base no poema, o campo lexical de ‘viagem’.
4. Demonstre como o poema assenta nas seguintes dicotomias:
 - 4.1. concreto/abstrato;
 - 4.2. conhecido/desconhecido.
5. Comente o paradoxo utilizado para definir ‘o sonho’.
6. Avalie a intencionalidade expressiva do uso de maiúscula em ‘Longe’ e ‘Verdade’.
7. Demonstre a expressividade, no poema, obtida pelo uso dos seguintes recursos estilísticos:
 - 7.1. apóstrofe;
 - 7.2. enumeração;
 - 7.3. inversão;
 - 7.4. polissíndeto.
8. Estabeleça a relação entre este poema e as estâncias 92-94 do Canto VI d’ *Os Lusíadas*.
9. Justifique a localização deste poema na estrutura global da obra pessoana.

Pág. 166

LER**Cenários de resposta – tópicos de análise****“O MOSTRENGO”**

- Ver as interpelações diretas dirigidas pelo Mostrengo ao “homem do leme”.
 - Noite e Cabo das Tormentas.
 - Medo (apreensão).
 - Figura horrenda (animal voador – “O Mostrengo”; homem metamorfoseado numa figura disforme e medonha – “Adamastor”).
 - Discurso autoritário e revelador da superioridade, em ambos os textos.
 - Atitude inicial de sobrançeria e ameaça face à ousadia dos navegadores portugueses que, paulatinamente, se desvanece.
 - Terror inicial; perda progressiva do medo pela determinação e coragem reveladas pelos nautas lusitanos.
 - Obstáculos, medos, perigos e sua superação.

- Anáfora (vv. 10, 11; 17, 18); anástrofe (v. 12); metáfora (v. 7); (...)
- Símbolo dos obstáculos no decurso das Descobertas.
- Alusão à mesma figura e ao seu surgimento das trevas a rodar.

Nota: Confrontar esquema-síntese comparativo

Proposta de preenchimento da tabela – trabalho de intertextualidade baseado no episódio do Adamastor (*Os Lusíadas* – canto V: 7-60) e no poema “O Mostrengo” (de *Mensagem*)

ESQUEMA COMPARATIVO – “Adamastor” e “O Monstrengo”

	<i>Os Lusíadas</i> (1572) de Camões	<i>Mensagem</i> (1934) de Pessoa
	“Adamastor”	“O Mostrengo”
Momento e local de aparecimento na obra	• “hũa noite” • “cinco Sóis” após a partida do território prospectado por Veloso (algures entre o Zaire e o Congo), em “Os mares nunca de outrem navegados”	• “No fim do mar”, “fim do mundo” • “Na noite de breu” Quarto poema de ‘Mar Português’ (após a orientação de ‘O infante’ e os sinais das conquistas evidenciadas em ‘Horizonte’ e ‘Padrão’, surge o indício do perigo para a afirmação da vontade)
Sensações predominantes na descrição/apresentação feita	• Sensação visual, sublinhando traços de disformidade, negatividade, excesso, equiparados aos do Colosso de Rodas	• Sensação visual e sonora, sugerindo o domínio, a sobreposição e a ameaça plenos
Diferenças/semelhanças dos respetivos retratos	• Afirmção das consequências face à ousadia da “gente”	• Questionação do agente da ousadia (pronome interrogativo ‘quem’), em tom de ameaça
Discursos proferidos (caracterização)	• Discurso interpelativo, diretivo, assumindo as consequências para um ato atrevido • Discurso de Vasco da Gama marcado pela reação de admiração face à figura observada • Discurso narrativo e lírico do Adamastor, dando a conhecer como a vontade amorosa (física) o conduziu ao castigo	• Duas questões que sublinham a dimensão do segredo, da posse, da ameaça por parte do Mostrengo (natureza diretiva do discurso) • Progressão do discurso do marinheiro (um verso > um verso > seis versos), na crescente convicção, determinação, identificação com um povo, vontade de conquista
Atitude relativamente ao interlocutor	• Ameaça inicial • Partilha da sua história • Fragilidade emotiva	• Progressão, no Mostrengo, do tom da ameaça até ao apagamento completo da sua presença (como assunto) e da sua voz na última estrofe
Reações desse interlocutor	• Questionação da figura ameaçadora • Indicação da apreciação, do maravilhamento sentidos • Oração para que os portugueses sejam salvaguardados das consequências anunciadas	• Evolução em termos de perda do medo (‘disse, tremendo > ‘tremeu, e disse’ > ‘no fim de tremer três vezes’) • Assunto e discurso exclusivos na última estrofe • Apoio na figura do rei D. João II e sua progressão para a afirmação da vontade coletiva
Simbologia das figuras representadas	• Ameaças, perigos, trevas, receios a enfrentar	• Ameaças, perigos, trevas, receios a enfrentar

Pág. 166

LER

Proposta de orientações de leitura, compreensão, interpretação e análise dos poemas de *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

“O MOSTRENGO”

1. Indique o momento e o local em que, respetivamente, o “Mostrengo” e Adamastor surgem.
2. Refira as sensações que predominam na descrição / apresentação feita.
3. Destaque as diferenças / semelhanças dos retratos de o “Mostrengo” e de Adamastor.
4. Compare os discursos proferidos pelas duas entidades.
5. Saliente a atitude de cada um dos monstros face aos interlocutores.
 - 5.1. Registe as reações desses interlocutores.
6. Apresente a simbologia associada a cada texto.
7. Indique a expressividade significativa obtida com os seguintes recursos estilísticos presentes em “Mostrengo”, exemplificando-os.
 - 7.1. hipérbole;
 - 7.2. metáfora;
 - 7.3. adjetivação;
 - 7.4. aliteração;
 - 7.5. anáfora.
8. Justifique a localização do poema na estrutura global da obra pessoana.
9. Compare este poema com “Antemanhã” (o quarto de “Os Tempos”), na Terceira Parte.

Trabalho intertextual: excerto de *Os Lusíadas* – canto V: est. 37-60 (episódio do Adamastor)

- 37 Porém já cinco Sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca de outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando *hũa* noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Hũa nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.
- 38 Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo;
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.
“Ó Potestade (disse) sublimada:
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor *cousa* parece que tormenta?”
- 39 Não acabava, quando *hũa* figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esquelada,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pálida;
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.
- 40 Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rodes estranhíssimo Colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo.
Cum tom de voz nos fala, horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo.
Arrepiam-se as carnes e o cabelo,
A *mi* e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!
- 41 E disse: “Ó gente ousada, mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas,
Pois os vedados términos quebrantas
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
Nunca arados de estranho ou próprio lenho:
- 42 Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do húmido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de imortal merecimento,
Ouve os danos de *mi* que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar e *pola* terra
Que *inda* hás-de *sojugar* com dura guerra.”
- (...)
- 49 Mais ia por diante o monstro horrendo,
Dizendo nossos Fados, quando, alçado,
Lhe disse eu: “Quem és tu? Que esse estupendo
Corpo, certo, me tem maravilhado!”
A boca e os olhos negros retorcendo
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu, com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pesara:
- (...)
- 51 «Fui dos filhos aspérrimos da Terra,
Qual Encélado, Egeu e o *Centimano*;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano;
Não que pusesse serra sobre serra,
Mas, conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

- 52 Amores da alta esposa de Peleu
Me fizeram tomar tamanha empresa.
Todas as Deusas desprezei do Céu,
Só por amar das Águas a Princesa.
Um dia a vi, *co* as filha de Nereu,
Sair nua na praia: e logo presa
A vontade senti de tal maneira,
Que *inda* não sinto cousa que mais queira.»
- 53 Como fosse impossível alcançá-la,
Pola grandeza feia de meu gesto,
Determinei por armas de tomá-la,
E a Dóris este caso manifesto.
De medo a Deusa então por mi lhe fala;
Mas ela, cum fermoso riso honesto,
Respondeu: “Qual será o amor bastante
De Ninfa, que sustente o dum Gigante?”
- 54 Contudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira
Com que, com minha honra, escuse o dano.”
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu, que cair não pude neste engano
(Que é grande dos amantes a cegueira),
Encheram-me, com grandes abundanças,
O peito de desejos e esperanças.
- 55 Já néscio, já da guerra desistindo,
Hũa noite, de Dóris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca *Thetis*, única, despida.
Como doudo corri, de longe abrindo
Os braços pera aquela que era vida
Deste corpo, e começo os olhos belos
A lhe beijar, as faces e os cabelos.
- 56 Oh! Que não sei de nojo como o conte!
Que, crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei cum duro monte
De áspero mato e de espessura brava.
Estando cum penedo fronte a fronte,
Que eu polo rosto angélico apertava,
Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo
E, junto dum penedo, outro penedo!
- 57 Ó Ninfa, a mais fermosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?
Daqui me parto, irado e quase insano
Da mágoa e da desonra ali passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.
- 58 Eram já neste tempo meus Irmãos
Vencidos e em miséria extrema postos,
E, por mais segurar-se os Deuses vãos,
Alguns a vários montes sotopostos.
E, como contra o Céu não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do Fado imigo,
Por meus atrevimentos, o castigo.
- 59 Converte-se-me a carne em terra dura;
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros, que vês, e esta figura
Por estas longas águas se estenderam.
Enfim, minha grandíssima estatura
Neste remoto Cabo converteram
Os Deuses; e, *por* mais dobradas mágoas,
Me anda *Thetis* cercando destas águas.»
- 60 *Assi* contava; e, *cum* medonho choro,
Súbito de ante os olhos se apartou.
Desfez-se a nuvem negra, e *cum* sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao santo coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

Pág. 167

LER

Cenários de resposta – tópicos de análise

“MAR PORTUGUÊS”

- Exposição do sofrimento, do medo, da luta com o mar para a concretização do sonho marítimo.
- Primeira pessoa do plural (“nós” – os portugueses); segunda pessoa do plural (“te” – o mar), interlocutor direto.
- Expressão da emotividade do sujeito poético e realce do caráter épico.
- O sonho como algo imprescindível à realização.
- Apelo à reflexão do recetor.
- Ênfase do sofrimento, das dificuldades inerentes à transposição dos obstáculos.
- Marca de contraste, de forma a evidenciar a heroicidade dos portugueses que, pela grandiosa obra construída, ainda que arduamente, atingiram a imortalidade;
- Apóstrofe (vv. 1, 2); metáfora (v. 3); paralelismo anafórico (vv. 4, 6); interrogação retórica (v. 7); (...)
- A dor dos que partiram em busca do desconhecido e a dor dos amigos e familiares;
- Referência ao sofrimento, aos obstáculos associados às descobertas.

Pág. 167

LER

Proposta de orientações de leitura, compreensão, interpretação e análise dos poemas de *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

“MAR PORTUGUÊS”

1. Relacione a apóstrofe inicial com a atmosfera emotiva sugerida no poema.
2. Identifique marcas do discurso da primeira e da segunda pessoa, justificando a presença destas no poema.
3. Analise o valor expressivo da interrogação retórica no início da segunda estrofe.
4. Explique a funcionalidade das frases de tipo exclamativo.
5. Relacione os dois primeiros versos da segunda estrofe com a temática do sonho a construir.
6. Apresente a sugestão construída com o valor metafórico da rima “Bojador”/“dor”.
7. Interprete o valor semântico do articulador “mas” no último verso.
8. Explique como o mar é apresentado enquanto espaço conciliador do perigo e da recompensa.
9. Estabeleça um paralelismo entre este poema e o anteriormente trabalhado.
10. Relacione este poema com as estâncias 89-91 do Canto IV da epopeia camoniana.
11. Justifique a localização deste poema na estrutura global da obra pessoana.

Pág. 168

LER

Cenários de resposta – tópicos de análise

“PRECE”

- Primeira pessoa do plural a denunciar um coletivo humano no qual se insere o sujeito poético (os portugueses choram a “tormenta e a vontade” do passado).
- Apóstrofe (v. 1) e Imperativo (v. 9);
- Última estrofe: necessidade de uma nova conquista, de um novo Império.
- Passado (“tormenta”, “vontade”, “mar universal”, “chama”)/Presente (“noite”, “alma vil”, “silêncio hostil”, “saudade”, “frio morto”).
- Pretérito Perfeito do Indicativo (vv. 2, 5); Presente do Indicativo (vv. 1, 3, 7, 8);
- Dificuldades, império moribundo.
- Ênfase do sentimento de esperança.
- A vontade da conquista da “distância” é da competência dos portugueses;
- A esperança, vontade e crença de uma nova conquista portuguesa (ver as duas últimas estrofes).
- Apóstrofe (v. 1); metáfora (v. 5); (...).
- Súplicas, preces, nos momentos de dor.
- Fim do império marítimo (“Mar Português” – segunda parte), conquistado à custa da vontade de vencer os obstáculos.

Pág. 168

LER

Proposta de orientações de leitura, compreensão, interpretação e análise dos poemas de *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

“PRECE”

1. Identifique marcas da presença:
 - 1.1. do sujeito poético no discurso;
 - 1.2. do destinatário representado no discurso poético.
2. Relacione o título do poema com o destinatário do mesmo.
3. Indique o pedido formulado na composição poética.
4. Apresente a intencionalidade associada aos tempos verbais utilizados.
5. Explique a simbologia da “noite”.
6. O poema estrutura-se em torno de uma oposição.
 - 6.1. Identifique-a.
7. Interprete a expressividade conseguida com a repetição do termo “ainda”.
8. Justifique o título do poema.

9. Demonstre a presença da isotopia da esperança na composição poética.
10. Mostre como este texto constitui um prenúncio do mito do Quinto Império.
11. Refira semelhanças e/ou diferenças entre este poema pessoano e as estâncias 81-83 do canto VI da epopeia camonianiana.
12. Justifique a localização deste poema na estrutura global da obra pessoana.

Pág. 169

LER

Cenário de resposta – tópicos de análise

“O QUINTO IMPÉRIO”

- Realce da indignação do sujeito poético.
- Verso 6: contraste que demarca a posição do “eu” relativamente aos seres conformados.
- Desvalorização de uma conceção de vida marcada pelo conforto e pelo ócio.
- Escuridão associada às “forças cegas” que devem ser domadas pelo homem (ócio).
- Luz, claridade associada ao novo império que se aproxima.
- Impérios de foro cultural e civilizacional (v. 21):
 - Cristandade;
 - Roma;
 - Grécia;
 - Europa.
- Despertar a esperança através da dúvida suscitada pela interrogação.
- (resposta variável).
- Antítese (vv. 1, 2); metáfora (vv. 3, 4); enumeração (vv. 21, 22); interrogação retórica (vv. 24, 25).
- Ambos fazem alusão à importância do sonho, da loucura.
- Ambos fazem referência ao prenúncio de um novo Império, o Quinto.
- O Quinto Império será o da língua e cultura portuguesas.
- Apresentação de um ciclo que se fecha e prenúncio de um novo que se iniciará.

Pág. 169

LER

Proposta de orientações de leitura, compreensão, interpretação e análise dos poemas de *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

“O QUINTO IMPÉRIO”

1. Indique a funcionalidade das frases de tipo exclamativo neste poema.
2. Explícite a conceção de vida exposta na primeira parte do poema.

SEQUÊNCIA 2

Com Textos para Valorizar

3. Explique o oxímoro presente na segunda estrofe.
4. Demonstre como a construção do poema assenta no jogo escuro/luz.
5. Justifique, com base no poema, esse jogo contrastivo.
6. Proponha a segmentação do poema segundo o critério temático da consciência/inconsciência pessoais.
7. Comprove, com base no poema, a referência aos quatro impérios civilizacionais do passado.
8. Relacione esses impérios com:
 - 8.1. a referência moral e religiosa Ocidental;
 - 8.2. a formação da língua;
 - 8.3. a origem espiritual da civilização Ocidental;
 - 8.4. o laicismo posterior à Renascença.
9. Interprete a funcionalidade da interrogação final.
10. Relacione essa interrogação com o último poema de “As Quinas”, da primeira parte (“Brasão”) da obra.
11. Compare o poema em estudo com o segundo poema d’ “Os Avisos”.
12. Relacione os poemas mencionados em 10 e 11, mais o que se encontra em análise com o pensamento de Bernardo Soares “Minha pátria é a língua portuguesa.”
13. Justifique a localização deste poema na estrutura global da obra pessoal.

Pág. 170

LER

Cenários de resposta – tópicos de análise

“SCREVO MEU LIVRO À BEIRA-MÁGOA”

- Eu (vv. 1-3, 6, 11, ...) / Tu (vv. 4, 5, 7, ...).
- O “eu” apresenta-se desejoso do regresso daquele que lhe poderá encher e dourar os seus “dias vácuos”.
- Ver estrofes 3-5.
- Presente (o momento da dor) / Futuro (o momento do regresso do rei).
- “O Desejado”; “A Última Nau”.
- Marcas líricas: subjetividade denunciada na presença da primeira pessoa e na expressão de sentimentos; marcas épicas: o recurso à interrogação para interpelação de uma figura histórica divinizada (o Encoberto).
- Apóstrofe (vv. 4, 13); metáfora (v. 6); interrogação (vv. 7, 9-12; 13, 20).
- Terceira Parte (“O Encoberto”): retrato de um Portugal decadente, daí a mágoa do “eu”.

Pág. 170

LER

Proposta de orientações de leitura, compreensão, interpretação e análise dos poemas de *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

“ ‘SCREVO MEU LIVRO À BEIRA-MÁGOA”

1. Justifique a presença de marcas discursivas associadas à relação *eu-tu*.
2. Comente as formas utilizadas pelo sujeito poético-lírico para referir o seu destinatário.
3. Comprove a natureza épico-lírica deste poema.
4. Explique a expressividade conseguida, no poema, pela utilização dos seguintes recursos estilísticos:

4.1. metáfora;	4.2. apóstrofe;
4.3. inversão;	4.4. interrogação retórica.
5. Explícite como se constrói a dimensão mítica, neste poema.
6. Indique, neste poema, ecos de outras composições da mesma obra.
7. Justifique a localização deste poema na estrutura global da obra pessoana.

Pág. 171

LER

Cenários de resposta – tópicos de análise

“NEVOEIRO”

- Ideia de indefinição, de mistério;
- Recorrências lexicais de valor negativo (vv. 1, 7-9, 10-12).
- “Fulgor baço”, “brilho sem luz”, “ânsia distante porto chora?”.
- Realidade (vv. 3- 5): decadência da nação/Sonho (vv. 5, 14): vontade de regeneração da pátria.
- Aparte que traduz a reflexão/comentário do sujeito poético.
- Apóstrofe, segunda pessoa gramatical e o último verso a encerrar um apelo.
- Acentuação do carácter enigmático associado ao aparecimento do rei D. Sebastião.
- Incitamento à ação, à transformação, à mudança.
- Metáfora (v. 3); comparação (v. 6); anáfora (vv. 7-8, 11-12); apóstrofe (v. 13).
- Consciência de um Portugal moribundo, “apagado” e exortação à ação com vista à mudança: Camões exorta um rei vivo (D. Sebastião), Pessoa aguarda o regresso do Encoberto e com ele a instauração de um novo império (o Quinto);
- Apresentação da imagem de um Portugal decadente, do fim de um ciclo e prenúncio de uma nova era que corresponderá à renovação da pátria em termos culturais e espirituais.

SEQUÊNCIA 2

Com Textos para Valorizar

Pág. 171

LER

Proposta de orientações de leitura, compreensão, interpretação e análise dos poemas de *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

“NEVOEIRO”

1. Demonstre como a isotopia da negatividade está presente ao longo do poema.
2. Comprove, através de marcas textuais, como o discurso apelativo é utilizado no poema.
3. Explique a presença da função apelativa da linguagem neste poema.
4. Comente a utilização de parêntesis na segunda estrofe.
5. Interprete a funcionalidade expressiva das reticências, no final da mesma estrofe.
6. Evidencie a presença, no poema, da dicotomia realidade/sonho.
7. Apresente a leitura simbólica associada ao título da composição poética.
8. Indique o valor sugestivo e expressivo associado aos recursos estilísticos seguidamente apontados:
 - 8.1. personificação;
 - 8.2. anáfora;
 - 8.3. aliteração;
 - 8.4. apóstrofe.
9. Analise o último verso do poema, tendo em conta a sua construção formal e a mensagem transmitida.
10. Relacione este poema com a estância 145 do Canto X da epopeia camoniana.
11. Justifique a localização deste poema na estrutura global da obra pessoana.

Pág. 172

OUVIR/FALAR

Exercício A.1

Proposta de preenchimento de tabela relativa ao exercício de escuta ativa sobre três sequências fílmicas de *Mensagem*

Sequências fílmicas de <i>Mensagem</i>		
Primeira sequência	Segunda sequência	Terceira sequência
• Pessoa junto à janela • Desfile de personagens medievais • Crianças a brincar/cantar • Bênção dos soldados • Trabalho do campo • Grito “Portugal Graal” • Símbolos do cofre e espada • Citação de “O Conde D. Henrique” (Brasão/Os castelos) • Espada enterrada no chão sagrado	• Caravela refletida na parede do quarto • Névoa/fumo do tabaco do poeta • Citação de “O Infante D. Henrique” (Brasão/Timbre/A cabeça do grifo) • Figura do Infante com uma esfera de cristal • Aproximação do poeta/afastamento da figura do Infante • Poeta com a esfera de cristal	• Referência a Bandarra (O Encoberto/Os Avisos) • Citação de “António Vieira” (O Encoberto/Os Avisos) • Padre António Vieira: dos púlpitos a imperador da língua portuguesa • Padre António Vieira e o V Império • Padre António Vieira: grão-mestre da ordem templária em Portugal • O tempo (relógio) e o terceiro aviso (poeta)

Pág. 173

ESCREVER**Exercício B.1****Proposta de planificação do texto (para confronto com as propostas discutidas em aulas)****INTRODUÇÃO**

- *Mensagem* publicada em vida (1934)
- Primeiro título: *Portugal*
 - visão nacional
 - plano espiritual

DESENVOLVIMENTO

- aspiração a uma nova condição
- noção de pátria associada à de língua
- projeção de um império: império não material (cultural)
- realização do que falta cumprir
- anúncio do Supra-Camões

CONCLUSÃO

- epopeia do modernismo
 - retoma de feitos/heróis do passado
 - glorificação de ideal
- futuro de Portugal: negação de “Nevoeiro”

Pág. 174

PRÁTICAS DA LÍNGUA**Exercício A.1****Seleção de uma lista de tópicos, em coerência com o sentido épico de *Mensagem*.**

- referências históricas em momentos distintos da *Mensagem*
- caracterização geral do género épico
- compresença do épico e do lírico
- recurso à primeira pessoa (singular/plural) na *Mensagem*
- visão subjetiva da História
- simbologia das referências históricas
- a contemplação sugerida no “rosto” de Portugal

Exercício A.2**Ordenação lógica dos tópicos selecionados, em coerência com o sentido épico de *Mensagem*.**

Ordenação lógica: do tema relevado na citação à sua justificada demonstração na obra pessoana, pela enumeração dos argumentos segundo a sequência progressiva do geral para o específico

- caracterização geral do género épico
- compresença do épico e de lírico

- recurso à primeira pessoa (singular/plural) na *Mensagem*
- visão subjetiva da História
- referências históricas em momentos distintos da *Mensagem*
- simbologia das referências históricas
- a contemplação sugerida no “rosto” de Portugal

Exercício A.3

Sugestão de subtópicos para a seleção feita em coerência com o sentido épico de *Mensagem*.

- caracterização geral do género épico
 - a narrativa em verso de uma ação heróica (*in medias res*), com introdução do maravilhoso e as reflexões do poeta
 - o exemplo de *Os Lusíadas*
- compresença do épico e do lírico
 - exaltação de heróis e dos grandes feitos/predomínio da subjetividade do sujeito poético
- recurso à primeira pessoa (singular/plural) na *Mensagem*
 - o ‘eu’ associado a figuras a destacar pelo seu simbolismo (D. Duarte, D. Sebastião, o poema terceiro de ‘Os Avisos’)
 - o “nós” associado ao sentido coletivo dos portugueses (poemas ‘Horizonte’, ‘Mar Português’)
- visão subjetiva da História
 - os fundadores do império e a posse dos mares como predestinados a um futuro por construir
- referências históricas em momentos distintos da *Mensagem*
 - relevo para a figura de D. Sebastião (no ‘Brasão’ e em ‘O Encoberto’)
- simbologia das referências históricas
 - mito sebastianista associado ao mito do Quinto Império
 - reconstrução do mito enquanto ‘O Encoberto’
- a contemplação sugerida no “rosto” de Portugal
 - um império intelectual, espiritual, encabeçado por Portugal.

Exercício B.1

1.1. Utilização ilógica/incorrecta do conector “no entanto”, quando a conclusão retirada vai na linha do anteriormente referido.

A *Mensagem* de Pessoa, obra publicada por Pessoa no ano de 1934, apresenta-se como uma obra composta por 44 poemas. Entre estes poemas contam-se poemas que privilegiam o sentido épico dos feitos conseguidos; contam-se também os poemas marcados pela natureza lírica do discurso apresentado nesses poemas. **ASSIM/LOGO/PORTANTO**, é possível concluir que a *Mensagem* de Pessoa constitui uma obra de género híbrido.

1.2. Substituição de repetições desnecessárias:

A *Mensagem* de Pessoa, obra publicada por Pessoa no ano de 1934, apresenta-se como uma obra **coletânea** composta por 44 poemas. Entre estes poemas contam-se poemas **os** que privilegiam o sentido épico dos feitos conseguidos; contam-se **há** também os poemas **que são** marcados pela natureza lírica do discurso (**neles** apresentado) nesses poemas. Assim, é possível concluir que a *Mensagem* **obra** de Pessoa **do escritor português do Modernismo** constitui uma obra de género híbrido.

Exercício C.1

Desrespeito da regra de não contradição na construção textual

A leitura do poema “O Mostrengo” da *Mensagem* permite associações com o mesmo poema de *Os Lusíadas*.

A proximidade dos textos é tão evidente que se torna desnecessário apontá-la: cenário marítimo, personagens comparáveis, a simbologia do obstáculo. As diferenças, contudo, não são menos claras: à figura do mar camoniana contrapõe-se a do ar, pessoana; a figura de Vasco da Gama é substituída pelo “homem do leme”; o cabo das tormentas quinhentista dá lugar a um espaço menos geográfico, “o fim do mar”, um “mar sem fundo” do século XX. Assim podemos comparar os textos que analisámos.

1. Desrespeito da regra de não contradição em quatro pontos:

- (1) referir que “O Mostrengo” da *Mensagem* é o mesmo no poema de *Os Lusíadas* (que apresenta um episódio associado à figura do Adamastor);
- (2) afirmar que é desnecessário apontar a proximidade dos textos e, de seguida, apresentá-la; o singular de “proximidade” colide com a pluralidade – três provas;
- (3) o conector ‘contudo’ contradiz a evidência que tanto surge na proximidade como nas diferenças detetadas;
- (4) o recurso à primeira pessoa do plural não está na continuidade de um discurso de terceira pessoa.

Págs. 188-189

TESTAR (AVALIAÇÃO FORMATIVA)

Proposta de correção

GRUPO I

A

- 1.1. O tom de prece advém da invocação a D. Afonso Henriques, apelidado de “Pai” e a quem é pedido que nos dê o seu exemplo, a sua força e a sua bênção para combater os novos infiéis.
- 1.2. A invocação justifica-se porque a hora é de luta e os portugueses necessitam de reconquistar o brilho de outrora e, antes de mais, de alguém que os conduza na conquista do novo império.
- 2.1. Nas estâncias de *Os Lusíadas* surgem referências à origem do nome do primeiro rei português e ainda à batalha que travou contra a mãe, D. Teresa, que queria a posse das terras do filho por o amor sensual se sobrepor ao maternal, tendo sido obrigado a lutar contra ela em Guimarães.
- 2.2. As qualidades guerreiras são visíveis pela referência a Marte, o deus da guerra, que bate no peito do rei português, e ainda pela planificação que este faz da sua ação bélica com o objetivo de atingir os seus propósitos, tal como se pode ler em “Fervendo-lhe no peito o duro Marte,/ Imagina consigo como as tome,/ Revolidas as causas no conceito,/ Ao propósito firme segue o efeito.”

B

D. Sebastião é o monarca português que maior destaque tem em *Os Lusíadas* e em *Mensagem*.

Na epopeia camoniana o rei é referido logo no canto I, quando o poeta lhe dedica a sua obra e salienta a sua importância na luta contra os infiéis, invocando-o novamente no canto X para lhe pedir que valorize os seus súbditos e tome conselho dos mais experientes.

Todavia, a obra pessoana não destaca nem elogia os feitos sebásticos, antes salienta a sua ação para imprimir nos portugueses a loucura que o guiou na conquista de África, de modo a que os seus contemporâneos possam reacender a chama que outrora iluminou os lusitanos.

Pelas razões apresentadas, percebe-se, nas obras referidas, dois objetivos distintos: o elogio e o modelo a seguir, respetivamente.

(127 palavras)

GRUPO II

1.1. Predicativo do sujeito.

1.2. Quantificadores.

1.3. Relação de hiponímia – hiperonímia.

1.4. Subordinada adjetiva relativa restritiva.

1.5. Siglação.

1.6. Sujeito simples.

1.7. As vírgulas separam segmentos explicativos, permitindo a inclusão de informações complementares.

1.8. Modalidade epistémica com valor de certeza.

GRUPO III

Resposta pessoal mas que deve integrar os argumentos e os exemplos solicitados bem como respeitar a tipologia textual e o número de palavras indicados.

Pág. 192

OUVIR/FALAR**B.1**

DATAS	ACONTECIMENTOS
1811	Retirada dos franceses
1817	Execução do general Gomes Freire d'Andrade
1820	Revolução Liberal
1933	Implantação do salazarismo
1965	Assassinato de Humberto Delgado
1974	Revolução de Abril

2. O paralelismo pode ser estabelecido entre acontecimentos e entre pessoas. Com efeito, apesar da retirada dos franceses, a nação portuguesa ficou ainda mais enfraquecida, uma vez que o rei continuou no Brasil, o país empobreceu devido aos saques dos invasores e da gestão governativa sem recursos para alterar a situação económica miserável em que Portugal se encontrava. Durante a ditadura salazarista, verificou-se a mesma situação de miséria, se bem que a economia tivesse recuperado graças às medidas restritivas impostas pelo ditador.

Perante a situação degradante do país, tanto no século XIX como no século XX, várias vozes discordantes se foram fazendo ouvir, assumindo papel de destaque dois militares que, embora separados por mais de um século, aspiravam a alterações políticas e sociais, contestando a governação e tendo ambos o mesmo fim, a morte antecipada.

De qualquer modo, a insatisfação militar e populacional acabaria por ter repercussões, culminando em duas revoluções que transformaram a realidade nacional.

Pág. 196

OUVIR/FALAR**Texto informativo sobre William Carr Beresford**

William Carr Beresford nasceu no dia 2 de outubro de 1768, em Inglaterra.

17 anos depois assentou praça e participou em várias campanhas militares contra a França. Distinguiu-se no assédio de Toulon em 1793.

De 1799 a 1803, destacou-se nas campanhas do Egito e da África do Sul. Capitulou em Buenos Aires e viu-se obrigado a regressar a Inglaterra em 1807. O governo português pediu, nesse ano, auxílio militar à Inglaterra face à iminência da invasão franco-espanhola.

Perante a aproximação de Junot, a família real retirou-se para o Brasil e Beresford refugiou-se a bordo da esquadra inglesa.

Quando os franceses de Junot se retiraram a 2 de janeiro de 1809, o príncipe regente anunciava do Brasil ter pedido a Londres um general para organizar o exército português. Como Wellesley não aceitou o convite, substituiu-o Beresford, um homem de carácter duro, disciplinador e tecnicamente competente.

Apesar do melhoramento das tropas portuguesas, a verdade é que o inimigo só se retiraria em março de 1811. Beresford prossegue a campanha contra os franceses até Salamanca, onde foi ferido em 1812. Mas em 1813 perseguiu os fugitivos até Vitória e Toulouse.

Entretanto, a mão de ferro do general inglês fazia-se sentir não só na esfera militar mas também na política da Regência.

Perante a recrudescência do movimento conspiratório, Beresford deslocou-se ao Rio para exigir mais poderes, de forma a disciplinar o País. Dizia-se que sob o comando de Gomes Freire se intentava instaurar a Revolução. Apesar ter sido travada a conjura e silenciado o general Gomes Freire, em 1817, a agitação não sucumbiu. Por isso, quando em julho de 1820, Beresford se vê com o título de marechal-general do exército português e se preparava para regressar como um verdadeiro ditador, foi impedido, pela Junta Provisória, de desembarcar em Lisboa, em outubro do mesmo ano.

Depois de ter regressado a Inglaterra, ainda voltaria em 1826, após a ajuda solicitada pela regente D. Isabel Maria. Esta, contudo, manteve-o afastado do exército.

Em 1828, recebeu o cargo de diretor-geral da Arma de Artilharia e, em 1830, abandonou definitivamente a política, entregando-se ao ócio até à data da sua morte, que ocorreu em 8 de janeiro de 1854, em Bedgebury.

A.1 William Carr Beresford

DATAS	ACONTECIMENTOS
1768	Nascimento em Inglaterra.
1785	Assentamento de praça e participação em várias campanhas militares.
1799-1803	Destacamento nas campanhas do Egito e da África do Sul.
1807	Regresso a Inglaterra, depois de ter capitulado em Buenos Aires.
1809	Retirada de Junot e pedido de D. João VI para que Londres envie um general para reorganizar o exército português.
1811	Retirada do inimigo.
1817	Impedimento da conjura e execução de Gomes Freire.
1820	Regresso do Brasil com mais poderes, mas impedido de desembarcar em Lisboa, seguindo daí para Inglaterra.
1826	Regresso, de novo, a Portugal, com a regente D. Isabel a exigir que se mantenha afastado do exército português.
1828	Cargo de diretor geral de Artilharia.
1830	Retirada da vida política e entrega ao ócio.
1854	Morte a 8 de janeiro

Pág. 196

PRÁTICAS DA LÍNGUA**A.1 e A.2 Sociedades Secretas em Portugal**

O Movimento Conspirativo, em marcha **quer** em Portugal **quer** até no Brasil, ganha novos contornos em 1817 e em 1818, **dado que** vemos aumentarem as medidas de repressão à sua volta **e já que é**, fundamentalmente, no seio das sociedades secretas que os descontentes vão congeminar um importante movimento de operacionalidade revolucionária, o que reflete uma efetiva tomada de consciência liberal por parte de certos setores da sociedade portuguesa. Dessas associações, algumas há que devem ser destacadas: em 1817, a associação de caráter político Supremo Conselho Regenerador promoverá a conspiração de Gomes Freire; e, em 1818, outra associação secreta, o Sinédrio, levará à Revolução de 1820 (O. Marques, 1990). Note-se que não era só em Portugal que os descontentes nesses anos de 1814 a 1817 se organizavam em sociedades, as quais eram obrigatoriamente secretas, pelas perseguições a que foram sujeitas. Por toda a Europa, foi no seu seio que se formaram núcleos restritos, **contudo** ativos, de elementos revolucionários. Ao longo do século XIX coexistiram, sob nomes e atuações políticas diferentes, mações, carbonários e *comuneros* (J. Heron Lepper, 1933) (...).

in *História de Portugal*, Vol. 5, dir. José Mattoso

Pág. 197

ESCREVER**A.1**

DATAS	Dados biográficos relativos a Gomes Freire d'Andrade
1757	Nascimento em Viena de Áustria
1793	Incorporação no exército português
1801	Invasão da Galiza e recuperação de algumas praças portuguesas
1803	Envolvimento em acontecimentos político-militares – tumultos de Campo de Ourique
1815	Regresso a Portugal
1817	Execução e morte do general

Pág. 201

ORIENTAÇÕES DE LEITURA**A.1**

	Nome das personagens	Expressões textuais
Caracterização Positiva	– Manuel – Frei Diogo – António Sousa Falcão – Matilde de Melo	“O mais consciente dos populares” “Um homem sério que destoaria...” “O inseparável amigo...” “A companheira de todas as horas”
Caracterização Negativa / Irónica	– Vicente – D. Miguel Forjaz – Beresford – Principal Sousa – Morais Sarmiento – Andrade Corvo	“Um provocador em vias de promoção” “Três conscienciosos governadores do reino” “Dois denunciantes que honraram a classe”

Pág. 226

PRÁTICAS DA LÍNGUA**A.2 Atos de fala**

- a) o locutor exerce o poder institucionalmente reconhecido;
- b) o locutor pretende levar o recetor a agir, servindo-se, por isso, do modo conjuntivo (com valor imperativo);
- c) a verdade do enunciado é expressivamente orientada por um sentimento de revolta do locutor;
- d) o locutor emprega o modo conjuntivo (com valor imperativo), com o objetivo de impedir o recetor de pronunciar o nome de Cristo;
- e) o locutor assume o valor da verdade acerca do que diz (complexo verbal a marcar o valor do tempo recente e a ideia do regresso em curso, ainda);
- f) assiste-se ao emprego do modo conjuntivo (com valor de imperativo), através do qual se formula uma súplica;
- g) emprego do verbo no futuro e constatação da intenção do locutor que se implica na construção/cumprimento de uma situação (impossível);
- h) compromisso do locutor marcado pela restrição (advérbio **só**) e pelo modal (**tenho de ir**).

B.1

Tipo de ato	Exemplos textuais
Assertivo	"Conheço esses argumentos." (excerto 10)
Diretivo	"Diga-me: também lhe aconselha, a Ele, que se resigne?" (excerto 10)
Compromissivo	– "Prometo-lhe que não acabará os seus dias a pedir" (excerto 4)
Expressivo	– "Está um lindo dia!" (excerto 5)

B.2

Assertivo – uso de uma asserção a traduzir a implicação do locutor na verdade do que comunica, pelo conhecimento que detém dessa verdade.

Diretivo – frase de tipo imperativo e interrogativo, através da qual se formula um pedido/uma questão ao recetor.

Compromissivo – emprego do verbo "prometer", revelador da intencionalidade/do comprometimento do emissor.

Expressivo – presença de uma frase de valoração que permite percecionar a emotividade, o estado de espírito do locutor.

C.2

- b) indeterminação do sujeito da primeira oração, traduzindo um certo distanciamento relativamente ao facto apresentado; c) o sujeito indeterminado é revelador de posições implicitamente distintas ou algum distanciamento quanto à verdade do que é relatado; d) ênfase da frase pelo recurso ao grupo preposicional "Para Matilde"; e) o advérbio "talvez" exprime a dúvida/possibilidade incerta; f) a adjetivação valorativa/apreciativa associada à ação empreendida.

Pág. 230

OUVIR/FALAR**A.1**

Tópicos para observação		Apontamento
Personagens representadas e aspetos destacados na sua caracterização.	Imagem 1	• Conjunto de pessoas para representar uma personagem coletiva, o povo. • A pobreza vivenciada e a indiferença a que o povo está votado (deserdado da sorte e do berço). • A sujidade, as vestes que usam, as expressões reveladas e a atitude de inércia em que se encontram a sugerir o estado de miséria e a atitude de conformismo perante uma realidade adversa.
	Imagem 2	• A altivez, o luxo, o desprezo – aspetos que deixam antever o conforto, a riqueza, o poder de que usufruem. • O exercício despótico do poder (pelo controlo e pela manipulação das consciências, pela defesa do obscurantismo e da miséria, pelos direitos absolutos).
Relações estabelecidas entre as personagens apresentadas.	Imagem 1	• Grupo dos populares: maior coesão, uma certa comunhão de situações, a solidariedade, a partilha, nomeadamente do pão (porque vivem nas mesmas condições – da esmola e da caridade). • Exemplo de contrapoder: denúncia de situações de opressão/injustiça; aspiração à liberdade; marginalidade e indignação, na percepção dos jogos de poder mas sem coragem para agir. • Adjuvância do poder: suborno e ignorância (cf. Vicente).
	Imagem 2	• Grupo dos governadores: influência inglesa, aristocracia/absolutismo, instituição eclesiástica. • Retrato de um poder que não olha a meios para atingir os fins. • Falta de coesão no grupo: tensões internas. • Símbolos do materialismo, inveja, dissimulação.

SEQUÊNCIA 3

Com Textos para Representar

B.1

Contexto histórico-político Português	
Século XIX (1807-1820)	Século XX (1932-1968)
Breve caracterização	
• Período de crise, de demarcação nítida das três classes sociais. • Supremacia do clero e da nobreza. • Falta de liberdade, concentração de poderes, pobreza reinante entre o povo. • Utilização de formas de repressão para impedir a queda do regime monárquico absolutista. • Domínio militar inglês e participação no Conselho de Regência. • Influência da Revolução Francesa: ecos de vozes discordantes que preconizam o derrube do absolutismo e aspiram à implantação da liberdade, da justiça e da igualdade. • Revolução Liberal de 1820.	• Estabilidade político-económica conseguida com medidas repressivas e ditatoriais desencadeadas pela governação de Salazar. • Desnívelamentos sociais acentuados. • Falta de liberdade e desrespeito pelos direitos fundamentais dos cidadãos. • Clima de convivências entre os detentores do poder, nos quais se inclui a instituição eclesiástica. • Contestação perante as atrocidades cometidas contra os mais desfavorecidos ou os intelectuais que se arrojam a criticar o país. • Revolução de Abril (1974).
Grupo(s) dominante(s)	
Exemplificação/caracterização	
• Os três governadores: – D. Miguel Pereira Forjaz (Nobreza, adepta do absolutismo real). – Principal Sousa (Clero: ascendência e interferência nas questões políticas). – Marechal Beresford (interesses ingleses e interferência destes na política e economia portuguesas: a dependência de Portugal em relação ao estrangeiro) • Os grupos sombra: dois polícias, Andrade Corvo, Morais Sarmento e Vicente usufruem de privilégios e são capazes de vender a alma para obter recompensas materiais.	• Salazar, os políticos apoiantes. • Igreja (fação conservadora da Igreja: Cardeal Cerejeira apoiou o regime salazarista para poder conservar a influência e o poder que sempre deteve no país). • A polícia política (PIDE). Alguns cargos foram exercidos pela burguesia, de modo a manter o poder económico e social, e por homens que se dispuseram a denunciar amigos e conhecidos com vista a preservarem os postos de comando que possuíam.
Grupo(s) dominado(s)	
Exemplificação/caracterização	
• Resistência: vozes do idealismo e da vontade de mudança (Gomes Freire, Matilde, Sousa Falcão, Frei Diogo). • Todos os populares (Antigo Soldado, Manuel, Rita e outros pedintes ilustram o povo e a situação de miséria que o envolvia). • Delatores que ascendem ao grupo dos dominantes (cf. Vicente).	• Resistência: vozes do idealismo e da mudança (general Humberto Delgado, grupo da Tribuna Livre, intelectuais, políticos exilados). • Situação de miséria do povo e ignorância. A repressão exercida sobre os oponentes ao regime também se fazia sentir de igual modo, sendo proibidos os ajuntamentos e anuladas, pela prisão ou perseguição, as iniciativas que visavam a transformação social através do derrube da ditadura e da instauração da democracia. • Delatores: alguns homens do século XX alteraram a sua situação económica pelo recurso à delação.

Págs. 246-247

TESTAR (AVALIAÇÃO FORMATIVA)

Proposta de correção

GRUPO I

A

1. O excerto de *Felizmente Há Luar!* situa-se no ato I, no momento em que os governadores do reino se certificam da conjura que poderá incendiar as almas e vão agir no sentido de travar a revolta. Por isso, D. Miguel, como principal governador do reino, pede aos seus congéneres que despertem o patriotismo naqueles que possam ver ameaçados os seus bens e as suas convicções. O importante é que se neutralize o apoio que eventualmente possa ser dado aos conjurados.
2. A personagem em destaque teme perder os privilégios que detém e, tendo acabado de saber quem poderia estar à frente da conjura, os seus receios tornam-se mais que justificados. Para impedir a revolta ou o apoio aos conjurados, ele precisa da ação de todos, daí a agitação e a pressa percecionadas no seu discurso.
3. Os interlocutores de D. Miguel são os outros dois governadores do reino, nomeadamente Beresford e o Principal Sousa, e a sua convocação deve-se ao facto de terem interesses comuns, como a defesa do regime político vigente na Pátria e, em particular, dos seus poderes e privilégios.
4. Na última réplica do Principal Sousa está presente uma metáfora, uma vez que aqueles a quem ele chama de inimigos de Cristo poderão ser apenas os opositores ao regime, embora se saiba que o rei, no absolutismo, era considerado o representante de Deus na terra. Daí que este membro do Clero se sirva desta metáfora, com o intuito de despertar e incendiar as consciências cristãs.

B

Na obra *Felizmente Há Luar!* os símbolos têm enorme relevância, dado tratar-se de um texto metafórico. Como elementos simbólicos destaca-se o título, proferido por duas personagens com objetivos distintos: para D. Miguel, representa a luminosidade que permitirá ver as formas de repressão usadas contra quem desafie o poder; para Matilde, a luz deixará percecionar as injustiças praticadas contra quem as denuncia. Surgem, ainda, a saia verde, vestida por Matilde para assistir à execução, simbolizando a esperança; a moeda lançada por Matilde ao Principal Sousa, a simbolizar a traição, e sugerindo, quando atirada por Manuel, desprezo, mas, depois de devolvida, admiração pela luta empreendida por Matilde; a fogueira, a representar a destruição e a renovação.

Sendo assim, percebe-se a importância do simbolismo para a compreensão global da obra de Sttau Monteiro.

130 palavras

GRUPO II

- | | |
|--|-----------------|
| 1. Modalidade apreciativa. | 4. Consecutivo. |
| 2. Subordinada adjetiva relativa restritiva. | 5. Sujeito |
| 3. Siglação. | |

GRUPO III

Resposta pessoal mas que deve integrar os argumentos e os exemplos solicitados bem como respeitar a tipologia textual e o número de palavras indicados.

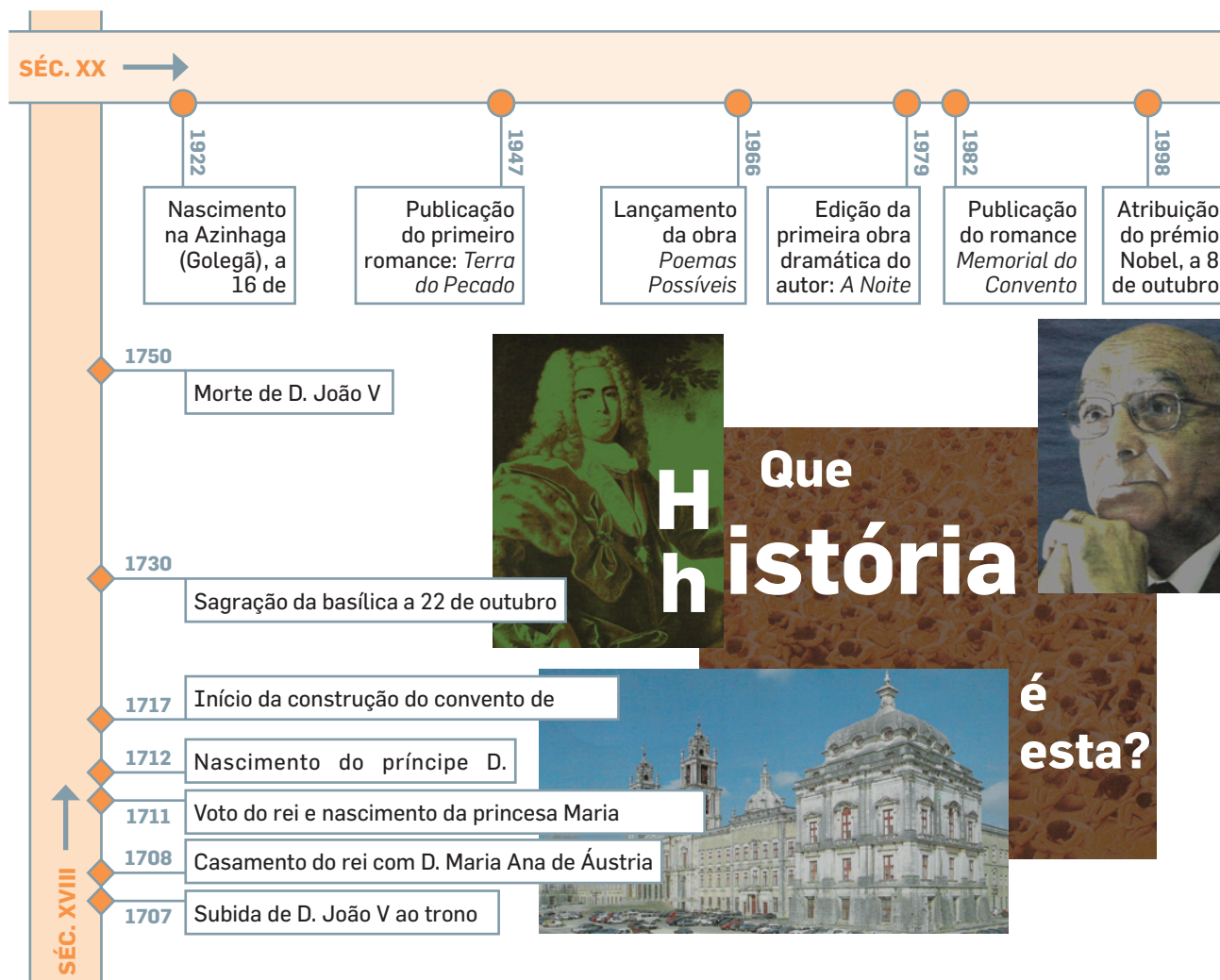
SEQUÊNCIA 4

Com Textos para (Re)Contar

Pág. 250

OUVIR/FALAR

Exercício A.1-3 (composição da imagem com preenchimento dos frisos)



OUVIR/FALAR

Suporte escrito do registo áudio associado à resolução das atividades formuladas em A

A subida ao trono de D. João V, em 1707, representa a ascensão absolutista, em Portugal, do modelo monárquico francês de Luís XIV. O rei português, apelidado de *Magnânimo*, caracterizava-se pelos constantes acessos de megalomania, conforme o demonstra a frase que normalmente proferia: “Meu avô deveu e temeu, meu pai deveu, eu não temo nem devo.” O seu poder não permitia limitações: até 1750, data da sua morte, as cortes não reuniram senão uma vez.

Esta imagem de poder absoluto português advinha mais do papel que o país exercia na Europa a nível diplomático e comercial do que das condições do tesouro, que eram más, não obstante a profusa riqueza do reino que gozava dos rendimentos provenientes da exploração das minas de ouro brasileiras. O descalabro era essencialmente causado pela ingerência na administração dos rendimentos públicos: não se fiscalizavam as contas; inúmeros particulares usufruíam de tenças anuais; Mafra constituía um enorme sumidouro de riquezas.

O casamento com a princesa Maria Ana de Áustria, um ano após a subida de D. João V ao trono, motivou o envio de uma sumptuosíssima embaixada a Viena. Em 1711, a rainha ainda não havia dado um herdeiro para o trono, pelo que o rei formulou o voto de construir o convento mafrense caso a situação se invertesse. A princesa Maria Bárbara, que viria a reinar em Espanha, nasce nos finais desse ano e, em outubro do ano seguinte, é a vez de um herdeiro masculino, D. Pedro, que haveria de morrer ainda criança.

A edificação do monumento, inspirada na Roma papal, começou em 1717, já o futuro D. José I havia nascido. Os quintos do ouro do Brasil, mal chegavam à barra do Tejo, consumiam-se imediatamente no cumprimento da promessa. A sagração da Basílica viria a ocorrer em 1730, no dia 22 de outubro, precisamente quando ocorria o quadragésimo primeiro aniversário do nascimento de D. João V, que fica para a História como monarca de boa figura, promotor das artes e da ciência, amante excessivo da magnificência e da ostentação.

Pág. 253

ORIENTAÇÕES DE LEITURA

Exercício B.1 (identificação do discurso direto na voz das personagens)

“Jesus morre, morre, e já o vai deixando a vida, quando de súbito o céu por cima da sua cabeça se abre de par em par e Deus aparece, vestido como estivera na barca e a sua voz ressoa por toda a terra, dizendo, Tu és o meu filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência. Então Jesus compreendeu que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao sacrifício, que a sua vida fora traçada para morrer assim desde o princípio dos princípios, e, subindo-lhe à lembrança o rio de sangue e de sofrimento, que do seu lado irá nascer e alagar toda a terra, clamou para o céu aberto onde Deus sorria, Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez. Depois, foi morrendo no meio de um sonho, estava em Nazaré e ouvia o pai a dizer-lhe, encolhendo os ombros e sorrindo também, Nem eu posso fazer-te todas as perguntas, nem tu podes dar-me todas as respostas. Ainda havia nele um resto de vida quando sentiu que uma esponja embebida em água e vinagre lhe roçava os lábios, e então, olhando para baixo, deu por um homem que se afastava com um balde e uma cana ao ombro. Já não chegou a ver, posta no chão, a tigela negra para onde o seu sangue gotejava.”

in *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, Círculo de Leitores, 1991
(Cap. XXIV, pp. 442-445)

Exercício B.2

(justificação da identificação do discurso direto na voz das personagens)

- identificação das marcas deícticas de primeira pessoa com a que é representada como produtora do discurso direto (Deus, no primeiro sublinhado; Jesus, no segundo; o pai de Jesus [José], no terceiro)
- identificação das marcas deícticas de segunda pessoa com a que é representada como interlocutora/receptora da voz produtora (Jesus, no primeiro sublinhado; Homens, no segundo; Jesus criança, no terceiro)
- anúncio, com verbo introdutor, do discurso direto com nova voz ('dizendo', 'clamou', 'ouviu a dizer-lhe').
- aplicação de marcas não convencionais do código escrito como marca de transição/das vozes que produzem os discursos citados em discurso direto (cf. exercício B.3).

Exercício B.3

(identificação das marcas que permitem a transição da voz do narrador para a das personagens)

- Utilização de vírgula a substituir os dois pontos, na antecedência da voz da personagem.
- Utilização de maiúscula na abertura do discurso direto da voz citada.

SEQUÊNCIA 4

Com Textos para (Re)Contar

Pág. 254-255

PRÁTICAS DA LÍNGUA

Exercício A.1 (revisão escrita de um excerto narrativo, segundo a inovação do autor)

Disse o revisor, **Sim**, o nome deste sinal é *deleatur*, usamo-lo quando precisamos suprimir e apagar, a própria palavra o está a dizer, e tanto vale para palavras soltas como para palavras completas, **Lembra-me** uma cobra que se tivesse arrependido no momento de morder a cauda, **Bem** observado, senhor doutor, realmente, por muito agarrados que estejamos à vida, até uma serpente hesitaria diante da eternidade, **Faça-me** aí o desenho, mas devagar, **É** fácilimo, basta apanhar-lhe o jeito, quem olhar distraidamente cuidará que a mão vai traçar o terrível círculo, mas não, repare que não rematei o movimento aqui onde o tinha começado, passei-lhe ao lado, por dentro, e agora vou continuar para baixo até cortar a parte inferior da curva, afinal o que parece mesmo é a letra Q maiúscula, nada mais, **Que** pena, um desenho que prometia tanto, **Contentemo-nos** com a ilusão da semelhança, porém, em verdade lhe digo, senhor doutor, se me posso exprimir em estilo profético, que o interesse da vida onde sempre esteve foi nas diferenças.

Excerto de *História do Cerco de Lisboa*
(6ª ed., Lisboa, Caminho, 1989, Pág. 11)

Exercício B.1 (justificação para a utilização de vírgulas)

- a) José Saramago, escritor português, vive na Ilha de Lanzarote.
– encaixe de modificador apositivo
- b) “Bem observado, senhor doutor (...)”
– introdução de vocativo
- c) Crónicas, romances, poemas, teatro, diários compõem a obra de Saramago.
– separação de elementos numa enumeração
- d) Nalguns romances de Saramago, contam-se novas histórias da História.
– separação de modificador (do predicado) relativamente aos restantes elementos da frase
- e) *Memorial do Convento* aborda alguns aspetos da História de Portugal setecentista, mas contraria a versão oficial desse período.
– introdução de contraste marcado pelo conector adversativo
- f) Ao refletir sobre a condição humana, Saramago universaliza a sua obra.
– separação da subordinada adverbial (não finita infinitiva) da subordinante

Exercício B.2 (pontuação com vírgulas)

- a) Recentemente falecido, José Saramago tornou-se um escritor de sucesso tardio, uma vez que só a partir dos seus cinquenta anos ganhou algum reconhecimento público generalizado.
- b) A escrita romanesca de Saramago (sem pontuação nem discurso direto regulares), o seu imaginário, as suas personagens, a sua ironia, as suas histórias, os seus títulos fizeram-se marcas individualizadoras de um escritor reconhecido com o Nobel da Literatura, em 1998.
- c) Publicado em 1982, *Memorial do Convento*, romance de José Saramago, recebeu dois prémios literários nacionais.

Pág. 255

OUVIR / FALAR**Suporte escrito do registo áudio associado ao exercício A**

São três da madrugada. Raimundo pousa a esferográfica, levanta-se devagar, ajudando-se com as palmas das mãos assentes sobre a mesa, como se de repente lhe tivessem caído em cima todos os anos que tem para viver. Entra no quarto, que uma luz fraca apenas ilumina, e despe-se cautelosamente, evitando fazer ruído, mas desejando no fundo que Maria Sara acorde, para nada, só para poder dizer-lhe que a história chegou ao fim, e ela, que afinal não dormia, pergunta-lhe, Acabaste, e ele respondeu, Sim, acabei, Queres dizer-me como termina, Com a morte do almuadem, E Mogueime, e Ouroana, que foi que lhes aconteceu, Na minha ideia, Ouroana vai voltar para a Galiza, e Mogueime irá com ela, e antes de partirem acharão em Lisboa um cão escondido, que os acompanhará na viagem, Por que pensas que eles se devem ir embora, Não sei, pela lógica deveriam ficar, Deixa lá, ficamos nós. A cabeça de Maria Sara descansa no ombro de Raimundo, com a mão esquerda ele acaricia-lhe o cabelo e a face. Não adormeceram logo. Sob o alpendre da varanda respirava uma sombra.

José Saramago, in *História do Cerco de Lisboa*, 6ª ed., Lisboa, Caminho, p. 348

Exercício A.1 (tomada de notas na base dos tópicos facultados para a escuta ativa)

Escuta ativa (Excerto narrativo)		
Ações levadas a cabo pelas personagens	Dados narrativos	
Raimundo conclui a escrita de uma história Entrada no quarto para dormir Maria Sara pergunta como termina a história Raimundo indica que há a morte de almuadem Acrescenta a partida de Ouroana e Mogueime (para a Galiza, com um cão achado em Lisboa) Raimundo acaricia Maria Sara Uma sombra respira sob o alpendre da varanda	Localização temporal	três da madrugada
	Personagens referidas	- da história narrada Raimundo Maria Sara - da história de Raimundo Almuadem Mogueime Ouroana
	Personagens que falam	Raimundo Maria Sara

Exercício A.2 (caracterização da linguagem do excerto)

2.1. A narrativa inicia com a marca temporal do presente.

[CORRETA]

2.2. Uma só voz narra a história, citando as falas das personagens sob as condições do próprio discurso.

[INCORRETA – recurso ao discurso direto das personagens]

2.3. O conector aditivo “e” é o mais utilizado no excerto.

[CORRETA]

2.4. No final, retoma-se a marca temporal do presente.

[INCORRETA – utilização do pretérito: perfeito, em ‘adormeceram’; imperfeito em ‘respirava’]

SEQUÊNCIA 4

Com Textos para (Re)Contar

Pág. 260

ESCREVER

Exercício A. (preenchimento de espaços, a partir dos dados recolhidos na leitura de *Memorial do Convento*)

1. O bispo inquisidor **D. Nuno da Cunha** e o arrábido **Frei António de S. José** dizem a D. João V que terá sucessor se prometer levantar um convento em **Mafra** para os frades **franciscanos**.
2. João Elvas foi um antigo soldado, amigo e companheiro de Baltasar Mateus com quem este se acoitou junto ao **Convento da Esperança**, em **Lisboa**.
3. O projeto do padre **Bartolomeu Lourenço** consistia na construção de uma máquina voadora, designada **Passarola**, que foi montada na **abegoaria** da quinta do duque de **Aveiro**, situada em **São Sebastião da Pedreira**.
4. Blimunda ganha do padre **Bartolomeu Lourenço** o apodo de **Sete-Luas**, porque ela consegue ver **às escuras**; Baltasar tem o de **Sete-Sóis** por apelido **de família**.
5. Após uma ausência de **três** anos, o padre Bartolomeu Lourenço sai de Lisboa em direção a **Coimbra**, mas não deixa de passar por **Mafra** para avisar Baltasar de que este construirá **a máquina de voar**; Blimunda recolherá **vontades**.
6. O padre Bartolomeu Lourenço recebe a ação do **Santo Ofício**, pois a **Inquisição** pode considerar que o projeto da **Passarola** esteja ligado a **artes de feitiçaria**.
7. **Ludovice** foi chamado pelo rei para construir, para a corte portuguesa, uma igreja como a de **São Pedro de Roma**, mas D. João V acaba por ser dissuadido da ideia; decide, então, aumentar o convento de **Mafra** de forma a acolher **trezentos** frades.
8. O nome Mafra, segundo a experiência dos construtores do convento e num jogo com as letras iniciais, passará a significar **Mortos, Assados, Fundidos, Roubados, Arrastados**.
9. Depois de Álvaro Diogo e **Inês Antónia** se terem ido deitar, Baltasar e Blimunda vão ver as **estátuas dos santos**, e a propósito do que nelas observam fazem uma reflexão acerca da **vida** e da **morte**.
10. Blimunda passou por Lisboa **sete** vezes à procura de Baltasar, encontrando-o em **São Domingos**, no mesmo auto de fé onde **António José da Silva** também é queimado.

Pág. 261

LER

1. A construção do Convento de Mafra e os sacrifícios humanos que originou.
2. Narrador comentador/avaliador; focalização onisciente.
 - 3.1. A relação cerimoniosa do rei e da rainha em oposição à naturalidade, espontaneidade de Blimunda e Baltasar.
 - 3.2. A crítica e a ironia do narrador no processo de descrição dos eventos.

Pág. 262

OUVIR/FALAR

1. **a)** V; **b)** F; **c)** F; **d)** V; **e)** F; **f)** V; **g)** F
2. **b)** O romance remete para uma atitude já assumida em “Levantado do Chão”.
 - c)** O romance remete para o século XVIII.
 - e)** O Portugal da época usufrui de grandes quantidades em ouro que servem para pagar os delírios do rei.
 - g)** O delírio artístico da época do rei Magnânimo é fruto dos artífices contratados e das matérias primas importadas.

Pág. 263

PRÁTICAS DA LÍNGUA**Exercício A.1 (contextualização dos provérbios)**

- 1.1. Milagres de santos e religiosos em terra portuguesa.
- 1.2. Baltasar a ajudar Bartolomeu Lourenço na construção da Passarola, questionando a ideia de que um maneta consiga tudo com uma só mão.
- 1.3. A mortandade do terramoto de Lisboa teve de ser enterrada.
- 1.4. Scarlatti a tocar cravo, na casa do Visconde, aquando do lançamento da primeira pedra em Mafra.
- 1.5. Sermão de um padre em dia de missa, numa capela improvisada, situada entre o futuro convento e a Ilha da Madeira.
- 1.6. Cortejo de trabalhadores da Ilha da Madeira, constituído por homens marcados por deficiências.
- 1.7. Casamento da princesa Maria Bárbara com o futuro rei de Espanha.

Exercício A.2 (registo de provérbios)

2. Ainda a procissão vai no adro.
O Sol quando nasce é para todos.
A rico não devas e a pobre não faltes.
A César o que é de César.
Faz o bem não olhes a quem.
Quem anda por gosto não cansa.
Os homens não se medem aos palmos.

Pág. 272

PRÁTICAS DA LÍNGUA**Exercício A.1 (construção de frases mais económicas em termos de léxico)**

- 1.1. *O Magnânimo reinou em Portugal entre 1706-1750, época da grande riqueza proveniente do Brasil.*
- 1.2. *Embora tivesse vários filhos bastardos, D. João V preocupava-se com a falta de herdeiros ao trono português.*
- 1.3. *A pretensão real é atendida com o nascimento da princesa Maria Bárbara.*
- 1.4. *Baltasar Sete-Sóis participou na Guerra da Sucessão de Espanha, na qual perdeu a mão esquerda.*
- 1.5. *Blimunda é filha de Sebastiana Maria de Jesus, condenada pela Inquisição ao degredo em Angola.*
- 1.6. *Blimunda tem dezanove anos quando conhece Baltasar, no dia da execução da sentença inquisitorial a Sebastiana.*
- 1.7. *Blimunda e Baltasar assumem-se como o par amoroso que o discurso romanesco contrasta com o casal real representante do poder.*
- 1.8. *Blimunda compromete-se a nunca olhar Baltasar por dentro.*

Pág. 275

ORIENTAÇÕES DE LEITURA**Exercício A.5 (explicação do efeito irónico dos segmentos)**

- 5.1. "... rufa o tambor e repenica o pífaro, não ela, claro está, que ideia, ..." (linhas 33-34)

O contraste de registos e de situações – entre, por um lado, o sinal festivo e de celebração (rufar do tambor, associado ao anúncio público da saída da rainha) e, por outro, um sinal da dimensão mais popular, tradicional, humilde de um instrumento de sopro com sons estridentes – aparece combinado com um comentário do narrador que aparentemente recusa esta dimensão mais popular relacionada com a rainha

SEQUÊNCIA 4

Com Textos para (Re)Contar

5.2. “... ela sempre no limpo, eles sempre no lixo...” (linhas 38-39)

Composição paralela do segmento, diferenciando dois níveis sociais bem distintos e colocando, em termos equiparáveis, dois universos contrastivos (limpo / lixo), ainda que de humanos se trate

5.3. “... igreja Nossa Senhora dos Mártires, que somos todos, ...” (linhas 43-44)

Quebra de uma sequência enumerativa por um comentário do narrador, associando o nome da designação de uma igreja à condição do comum dos humanos, num desvio de um termo de foro religioso para o seu tratamento num âmbito mais profano

5.4. “... vá lá que não sofre das partes pudendas, ...” (linhas 77-78)

Menção a uma área de maior recato, intimidade, mas que o narrador aponta como das mais conhecidas e familiares relativamente ao rei, sempre com o intuito de o satirizar pelos seus hábitos e pelas relações extraconjugais

Exercício A.6 (apresentação da imagem que o excerto dá do rei)

Retrato do rei:

- boa figura, aventureiro nas relações de juventude, infidelidade.
- grandiosidade real no período adulto em contraste com as maleitas que o fragilizam.
- dependência real de todos os que o acompanham na doença.
- caricatura da infidelidade no casamento.

Pág. 275

ORIENTAÇÕES DE LEITURA – PARA OUTROS MOMENTOS DA OBRA

A.1 D. Maria Ana associa-se à rainha que fugiu com um ermitão. Ambas procuram um outro caminho na busca da felicidade, consequência das respetivas relações conjugais fracassadas.

Exercício A.2 (tabela preenchida para confronto de conclusões)

Relação Blimunda/Baltasar	Relação D. João V/D. Maria Ana
Vivência e proximidade marcadas por silêncios significativos e/ou diálogos	Vivência distanciada e caracterizada por rituais formais e cerimoniais
Amor sem casamento convencional	Casamento oficial sem amor
Encontro amoroso inicial em casa de Blimunda	Encontro inicial (no romance) no quarto da rainha
Casamento simbólico abençoado pelo padre Bartolomeu Lourenço	Casamento abençoado e marcado pelo poder regulador da Igreja
Naturalidade e espontaneidade na relação sexual	Relação sexual encarada como obrigação e rotina régia orientada para a procriação
União resultante da vontade e de sinais pessoais de consenso e compromisso	União resultante de negociações contratuais entre casas régias
Fidelidade no corpo e na alma entre os amantes	Traição/infidelidade do rei; sonhos comprometedores da rainha

Pág. 276

PRÁTICAS DA LÍNGUA**Exercício B.1 (escrita de um segmento narrativo segundo as convenções do código escrito)**

Um dia e outro dia perguntou Baltasar a Blimunda “Por que comes todas as manhãs antes de abrir os olhos?”; perguntou ao padre Bartolomeu Lourenço “Que segredo é este?”. Ela respondeu-lhe uma vez “Acostumei-me a isto em criança”; ele disse “Trata-se de um grande mistério!... Tão grande que voar fará figura de pequena coisa, comparando.”

OU

Um dia e outro dia perguntou Baltasar a Blimunda:

— Por que comes todas as manhãs antes de abrir os olhos?

Perguntou ao padre Bartolomeu Lourenço:

— Que segredo é este?

Ela respondeu-lhe uma vez:

— Acostumei-me a isto em criança.

Ele disse:

— Trata-se de um grande mistério!... Tão grande que voar fará figura de pequena coisa, comparando.

Pág. 278

OUVIR / FALAR**Suporte escrito do texto áudio (canção-poema ‘Pedra Filosofal’, poema de António Gedeão, cantado por Manuel Freire)****Pedra filosofal**

Eles não sabem que o sonho
é uma constante da vida
tão concreta e definida
como outra coisa qualquer,
como esta pedra cinzenta
em que me sento e descanso,
como este ribeiro manso
em serenos sobressaltos,
como estes pinheiros altos
que em verde e oiro se agitam,
como estas aves que gritam
em bebedeiras de azul.

Eles não sabem que o sonho
é vinho, é espuma, é fermento,
bichinho álaçre e sedento,
de focinho pontiagudo,
que fossa através de tudo
num perpétuo movimento.

SEQUÊNCIA 4

Com Textos para (Re)Contar

Eles não sabem que o sonho
é tela, é cor, é pincel,
base, fuste, capitel,
arco em ogiva, vitral,
pináculo de catedral,
contraponto, sinfonia,
máscara grega, magia,
que é retorta de alquimista,
mapa do mundo distante,
rosa dos ventos, Infante,
caravela quinhentista,
que é Cabo da Boa Esperança,
ouro, canela, marfim,
florete de espadachim,
bastidor, passo de dança,
Colombina e Arlequim,
passarola voadora,
para-raios, locomotiva,
barco de proa festiva,
alto-forno, geradora,
cisão do átomo, radar,
ultrassom, televisão,
desembarque em foguetão
na superfície lunar.

Eles não sabem, nem sonham,
que o sonho comanda a vida.
Que sempre que um homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança.

Antônio Gedeão, *Movimento Perpétuo* (1956)

Exercício A.1 (indicação dos termos/das expressões mais repetidos)

"Eles não sabem..." / "o sonho" / "sonham" / "sonha".

Exercício A.2 (justificação para os termos/as expressões mais repetidos)

Temática da composição, afirmação da necessidade do sonho para ingrediente e cumprimento da vida, consciencialização da importância do sonho (desconhecida por alguns).

Exercício A.3 (caracterização do ritmo da composição)

- b) Começo lento, a dar lugar a progressiva aceleração, até que se retoma a lentidão inicial e, de novo, se desenvolve a rapidez musical.

Exercício A.4 (reprodução de frases captadas a partir da escuta)

Resposta variável, em função da seleção dos alunos, ainda que haja a previsibilidade de aparecerem versos como "Eles não sabem que o sonho é uma constante da vida", "Eles não sabem que o sonho é vinho, é espuma, é fermento", "Eles não sabem nem sonham que o sonho comanda a vida", "sempre que um homem sonha o mundo pula e avança".

Exercício A.5 (seleção e justificação da leitura adequada)

Hipótese b), seja pelo que aparece explícito nos versos "Eles não sabem que o sonho/é uma constante da vida/tão concreta e definida/como outra coisa qualquer," seja pelas comparações utilizadas na primeira e última estrofes e as metáforas sucessivas utilizadas nas segunda e terceira estrofes.

Pág. 281

ORIENTAÇÕES DE LEITURA**(Do excerto)****Exercício A.1 (identificação do tópico tratado no segmento)**

Descoberta da origem, da fonte da vontade (a energia para dar cumprimento a qualquer construção).

Exercício A.2 (Visão crítica do narrador)

Visão crítica centrada na falta de condições dos trabalhadores (“gente de muita força e pouco mimo”); o esforço, a violência, os perigos do trabalho numa correlação com o próprio ambiente descrito ao fim de dia, sugerindo o foco da adversidade e precariedade no trabalho que se anuncia hercúleo; a reflexão centrada na procura da vontade, conforme se evidencia nas palavras de Blimunda e que o narrador partilha em pequenos segmentos internamente focalizados (“viu o que sempre via, mais iguais por dentro do que por fora”).

Exercício 3. (justificação da adequação do registo de língua e/ou do conteúdo em certas expressões)

- a) “... quem viver verá, ...” (linha 8) – enunciado adequado a um narrador onisciente quanto ao percurso da narrativa que, por ora, se anuncia; a um narrador crítico, que deixa antever o perigo da morte, pela hipótese subentendida de que alguém possa não viver nas condições de trabalho descritas.
- b) “... descansarem os ossos...” (linha 8) – enunciado sugestivamente crítico orientado para as condições físicas dos trabalhadores, cuja fragilidade e debilidade se acentuam face à grandiosidade da empresa que vão levar a cabo; num retrato em que os trabalhadores se apresentam mais mortos do que vivos, resta-lhes “descansarem os ossos”.

Exercício 4. (expressividade de uma gradação progressiva no final do primeiro parágrafo)

Gradação progressiva no final do primeiro parágrafo, com a descrição do céu por cima do local onde se encontram os trabalhadores alojados de forma precária. As cores revelam-se expressivas, tal como a gradação do adjetivo, convocando o sangue que cobrirá o corpo de muitos dos trabalhadores desta construção. Há como que uma correlação entre o ambiente descrito e a situação a que os operários vão estar expostos.

Exercício 5. (completamento de frases com base na leitura da globalidade do excerto)

- 5.1. As condições de vida dos trabalhadores não são favoráveis, dado *que se encontram alojados em barracas de construção precária.*
- 5.2. Padre Bartolomeu Lourenço explica a Blimunda e Baltasar *o que deverão fazer enquanto ele se encontra em Coimbra.*
- 5.3. Baltasar e Blimunda recebem instruções bem precisas: *ele construirá a passarola; ela recolherá vontades para a fazer voar.*

B.1 Para outros momentos da obra

A título exemplificativo, destaque-se a vontade de voar, referida nos capítulos VI e XIV, associada ao padre Bartolomeu Lourenço; o desejo de Francisco Marques de estar com a mulher (capítulo XIX); a vontade real expressa ao arquiteto Ludwig de mandar construir uma igreja como a de S. Pedro de Roma (XXI).

SEQUÊNCIA 4

Com Textos para (Re)Contar

Pág. 284

ORIENTAÇÕES DE LEITURA

(Do excerto)

Exercício B.1.2 (tabela com proposta de três tópicos relativos a sequências descritivas de um excerto do *Memorial do Convento*)

Sequências descritivas do excerto		
Tópico descrito	Recursos	Exemplificação
Teto	Adjetivação	"todo toldado e forrado de tafetás encarnados e amarelos" (linhas 14-15)
Procissão (homens)	Enumeração	"... à frente sessenta e quatro... gente, passante de três mil..." (linhas 40-
Ambiente no dia	Ironia	"... era uma viraçãozinha do mar... ventinho fresco como próprio da

Pág. 285

OUVIR/FALAR

Exercício A

Registo áudio (excerto do discurso de José Saramago, perante a Real Academia Sueca, no dia 7 de dezembro de 1998)

"Aproximam-se agora um homem que deixou a mão esquerda na guerra e uma mulher que veio ao mundo com o misterioso poder de ver o que há por trás da pele das pessoas. Ele chama-se Baltasar Mateus e tem a alcunha de Sete-Sóis, a ela conhecem-na pelo nome de Blimunda, e também pelo apodo de Sete-Luas que lhe foi acrescentado depois, porque está escrito que onde haja um sol terá de haver uma lua, e que só a presença conjunta e harmoniosa de um e do outro tornará habitável, pelo amor, a terra. Aproxima-se também um padre jesuíta chamado Bartolomeu que inventou uma máquina capaz de subir ao céu e voar sem outro combustível que não seja a vontade humana, essa que, segundo se vem dizendo, tudo pode, mas que não pôde, ou não soube, ou não quis, até hoje, ser o sol e a lua da simples bondade ou do ainda mais simples respeito. São três loucos portugueses do século XVIII, num tempo e num país onde floresceram as superstições e as fogueiras da Inquisição, onde a vaidade e a megalomania de um rei fizeram erguer um convento, um palácio e uma basílica que haveriam de assombrar o mundo exterior, no caso pouco provável de esse mundo ter olhos bastantes para ver Portugal, tal como sabemos que os tinha Blimunda para ver o que escondido estava... E também se aproxima uma multidão de milhares e milhares de homens com as mãos sujas e calosas, com o corpo exausto de haver levantado, durante anos a fio, pedra a pedra, os muros implacáveis do convento, as salas enormes do palácio, as colunas e as pilastras, as aéreas torres sineiras, a cúpula da basílica suspensa sobre o vazio. Os sons que estamos a ouvir são do cravo de Domenico Scarlatti, que não sabe se deve rir ou chorar... Esta é a história de *Memorial do Convento*, um livro em que o aprendiz de autor, graças ao que lhe vinha sendo ensinado desde o antigo tempo dos seus avós Jerónimo e Josefa, já conseguiu escrever palavras como estas, donde não está ausente alguma poesia: "Além da conversa das mulheres, são os sonhos que seguram o mundo na sua órbita. Mas são também os sonhos que lhe fazem uma coroa de luas, por isso o céu é o resplendor que há dentro da cabeça dos homens, se não é a cabeça dos homens o próprio e único céu". Que assim seja."

Exercício A.1 (tabela com proposta de preenchimento, para confronto/síntese)

Personagens referidas	Aspetos destacados
Baltasar Mateus, Sete-Sóis	- perda da mão esquerda na guerra - presença conjunta e harmoniosa com Blimunda
Blimunda, Sete-Luas	- vinda ao mundo com o misterioso poder de ver o que há por trás da pele das pessoas (olhos para ver o que escondido estava) - presença conjunta e harmoniosa com Baltasar
Padre jesuíta chamado Bartolomeu	invenção de uma máquina capaz de subir ao céu e voar com o combustível da vontade humana
Rei (D. João V)	vaidade e megalomania
Multidão de milhares/milhares de homens	- mãos sujas e calosas - corpo exausto pelo esforço hercúleo da construção do convento
Domenico Scarlatti	produção de sons no cravo

Pág. 288

LER – ORIENTAÇÕES DE LEITURA**Para outros momentos da obra**

A.1 O poder encantatório da música está também evidenciado no capítulo XIV quando Scarlatti dá a lição à princesa D. Maria Bárbara e as mulheres “se deixam embalar pela música”. No capítulo XVI, regista-se que S. Sebastião da Pedreira se transformou no lugar mais triste do mundo porque há muito tempo que o “o cravo do Senhor Escarlata... não toca”.

A.2 Tal como a passarola se encontrava escondida em S. Sebastião de Pedreira, também o cravo de Scarlatti lá muito permanecia sem ser usado.

Pág. 289

PRÁTICAS DA LÍNGUA**Exercício A. (preenchimento de texto lacunar, segundo a coerência textual e as orientações ao nível das classes de palavras)**

Austero (1), imponente (2), e magnífico (3) na sua composição arquitetónica, este monumento (4) nacional de grandes dimensões simboliza uma época, um sonho (5) de um rei rico (6) e poderoso (7), que mostrou todo o seu esplendor (8) através não só do luxo das embaixadas enviadas ao Papa e às principais cidades europeias mas também (9) pelas quantias exorbitantes (10) que mandava distribuir aos nobres portugueses e estrangeiros que o (11) serviam.

Do nada, num ermo chamado monte da Vela, nasceu uma monumental (12) construção, iniciada com uma promessa, em forma de prece, feita no terceiro (13) ano de casamento do rei com D. Maria Ana de Áustria: se (14) o casal régio tivesse filhos, mandaria edificar (15) um convento. Mercê da grande disponibilidade (16) económica do reino, do entusiasmo (17) do rei e do nascimento da infanta Maria Bárbara, ao qual se seguiram os de mais oito rebentos reais, o que começou a/por (18) ser um projeto para um

SEQUÊNCIA 4

Com Textos para (Re)Contar

convento destinado a treze franciscanos arrábidos transformou-se num dos mais deslumbrantes (19) edifícios do barroco da Europa. Contra os quinze mil trabalhadores que erigiram (20) o palácio de Versalhes, os mais de 45 mil portugueses cumpriram “obra maior que o reino”, vontade (21) de um rei e esforço imenso de/para (22) uma nação (23).

Pág. 290

PRÁTICAS DA LÍNGUA

Exercício B.1 e 2 (identificação dos discursos diretos de cada interlocutor)

“Disse o padre, Boas tardes, Baltasar, trouxe hoje comigo um visitante a ver a máquina, Quem é esse, Uma pessoa do paço, Não pode ser el-rei, Um dia ele virá, ainda há poucos dias me chamou de parte para me perguntar quando queria voar a máquina, é outra a pessoa que veio, Ficaré a saber o que era de tanto segredo, afinal não foi essa a nossa combinação, para que nos calámos durante tantos anos, Eu é que sou o inventor da passarola, eu decido do que convém, Mas somos nós quem a está construindo, se quiser podemos ir-nos embora, Baltasar, não te saberei explicar, mas sinto que a pessoa que trago é de grande confiança, por ela poria as mãos no fogo ou deixaria a alma como penhor, É mulher, É homem, italiano de nação, está há poucos meses na corte, e é músico, mestre de cravo da infanta, mestre da capela real, o nome dele é Domenico Scarlatti, Escarlate, Não é bem assim que se diz, mas a diferença é tão pouco que podes chamar-lhe Escarlate, afinal, é como toda a gente me chama, mesmo quando julgam estar a dizer certo, Dirigia-se o padre à porta, mas parou para perguntar, Onde está a Blimunda, Anda na horta, respondeu Baltasar.”

in *op. cit.*, 33ª edição, cap. XIV, Pág. 169

DISCURSO DO NARRADOR

DISCURSO DE BARTOLOMEU DE GUSMÃO

DISCURSO DE DOMENICO SCARLATTI

DISCURSO DE BALTASAR

Exercício B.3 (associação da vírgula, em Saramago, a outros sinais de pontuação da escrita normalizada)

3.1. “Disse o padre:...” (linha 1); “... mas parou para perguntar:...” (linha 13)

3.2. “Não pode ser el-rei!” (linha 2)

3.3. “Quem é esse?” (linha 2); “É mulher?” (linha 9); “Onde está a Blimunda?” (linhas 13-14)

3.4. Possibilidade associada à estranheza que Baltasar revela face ao nome de Scarlatti, bem como ao pedido de confirmação para o nome ouvido.

Exercício B.4 (reescrita de segmento segundo a escrita normalizada)

Dirigia-se o padre à porta, mas parou para perguntar:

– Onde está a Blimunda?

– Anda na horta. – respondeu Baltasar.

Exercício C.1 (completamento de parágrafo, segundo a distribuição coerente de diferentes formas de designar Bartolomeu de Gusmão)

O padre Bartolomeu Lourenço revela-se uma personagem multifacetada: o pregador que cumpre o serviço canónico missal; o “estrangeirado” que contactou com a Europa intelectual setecentista; o doutor em cânones ouvido pelo rei D. João V; o inventor de uma máquina de voar. As dúvidas que o vão minando na sua fé, enquanto confessor e abençoador dos homens, deixam-no consciente dos perigos que corre com o Tribunal do Santo Ofício. Este acaba por o considerar um proscrito no pensamento e nas ações. Fugindo da alçada da Inquisição, chega a Espanha, onde acaba por morrer dado como um louco. Morre no mesmo dia em que Lisboa vive uma grande tempestade.

Pág. 293

ORIENTAÇÕES DE LEITURA

(Do excerto)

Exercício A. (tópicos a considerar nos cenários de resposta para o excerto lido do *Memorial do Convento*)

- (A.1) Condições de voo na Passarola estão asseguradas, uma vez despistadas as provas da construção na abegoaria;
- (A.2) “girou duas vezes ... enquanto subia”, “lançou-se em flecha, céu acima”, “afastar-se a terra a uma velocidade incrível”, “poder olhar a terra em todos os seus pontos cardeais, tão grande agora que estavam longe dela”;
- (A.3) Felicidade e deslumbramento do casal e do padre pelo feito conseguido; apreensão do padre pela ação da Inquisição;
- (A.4) a viagem, o percurso cujo destino se associa ao sonho, ao ideal, ao objetivo sonhado; a uma alternativa ao mundo conhecido;
- (A.5) Lisboa: fanatismo, ocultismo, ação inquisitorial Vs Passarola: realização do sonho, concretização do ideal, da irmandade, da comunidade;
- (A.6) ascensão da Passarola apela ao esforço conjunto, à coletividade, à irmandade da realização numa obra construída pela vontade, pelo esforço, pelo desejo partilhado.

Exercício B. (tópicos a considerar nos cenários de resposta para o excerto lido do *Memorial do Convento*)

- (B.1) Cumplicidade face a um conjunto de princípios que são tomados como impossíveis de realizar, mas que se querem efetivos (ex.: igualdade no mundo); a visão crítica dos que perseguem quem se apresenta como virtuoso e/ou louco (cf. linhas 58-65); a procura de identidade e de um compromisso com o universo alternativo a que se aspira.

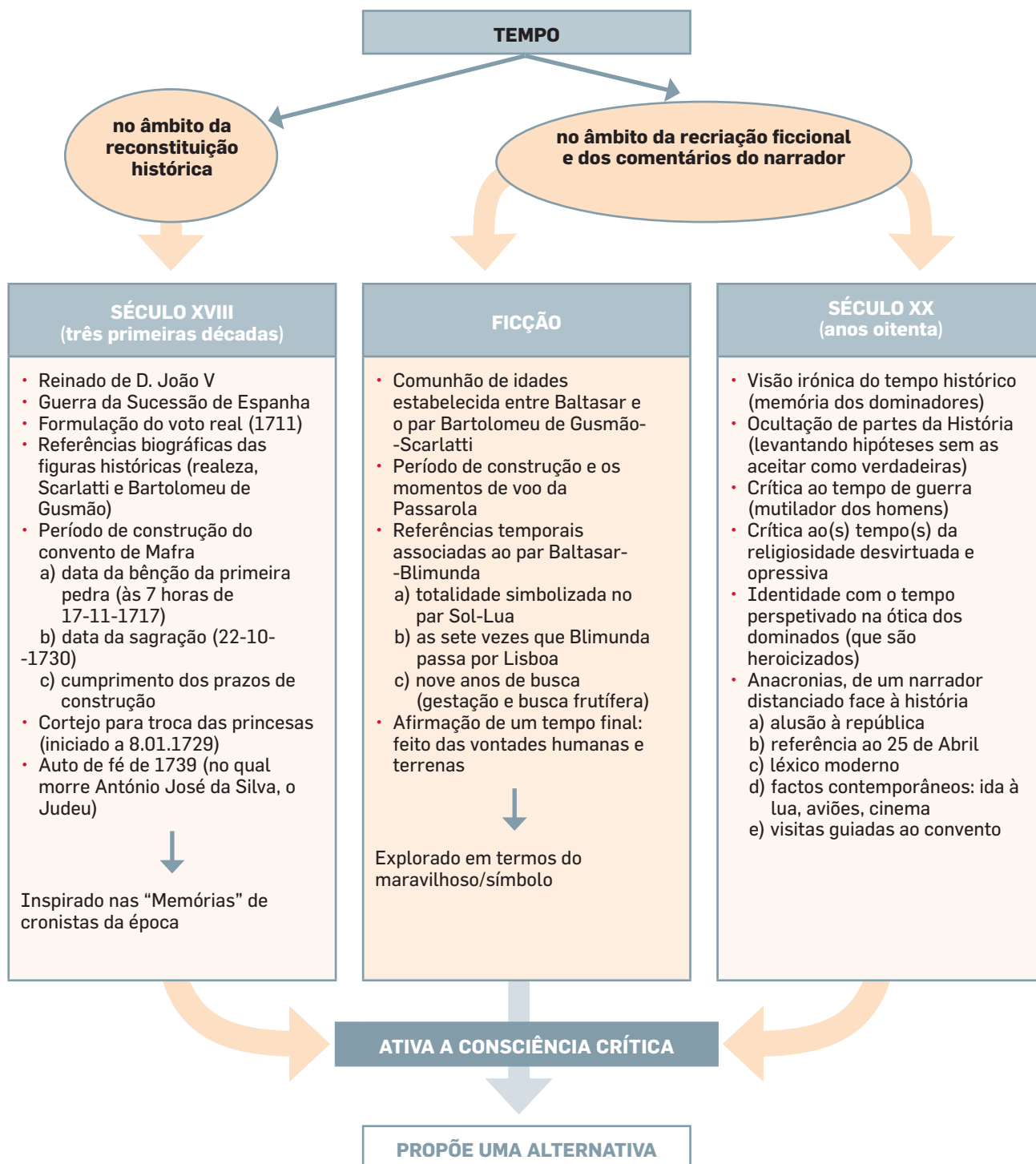
A.1 Para outros momentos da obra

Bartolomeu Gusmão foge para Toledo e lá morre doido; Baltasar, depois de ter regressado a Mafra, parte novamente para Monte Junto para se inteirar do estado em que ficara a máquina voadora, desaparecendo, de seguida. Blimunda procura Baltasar durante nove anos, percorrendo o país de lés a lés, acabando por o encontrar a ser queimado num auto de fé, onde recolhe a sua vontade para eternizar o amor de ambos.

Pág. 295

LER

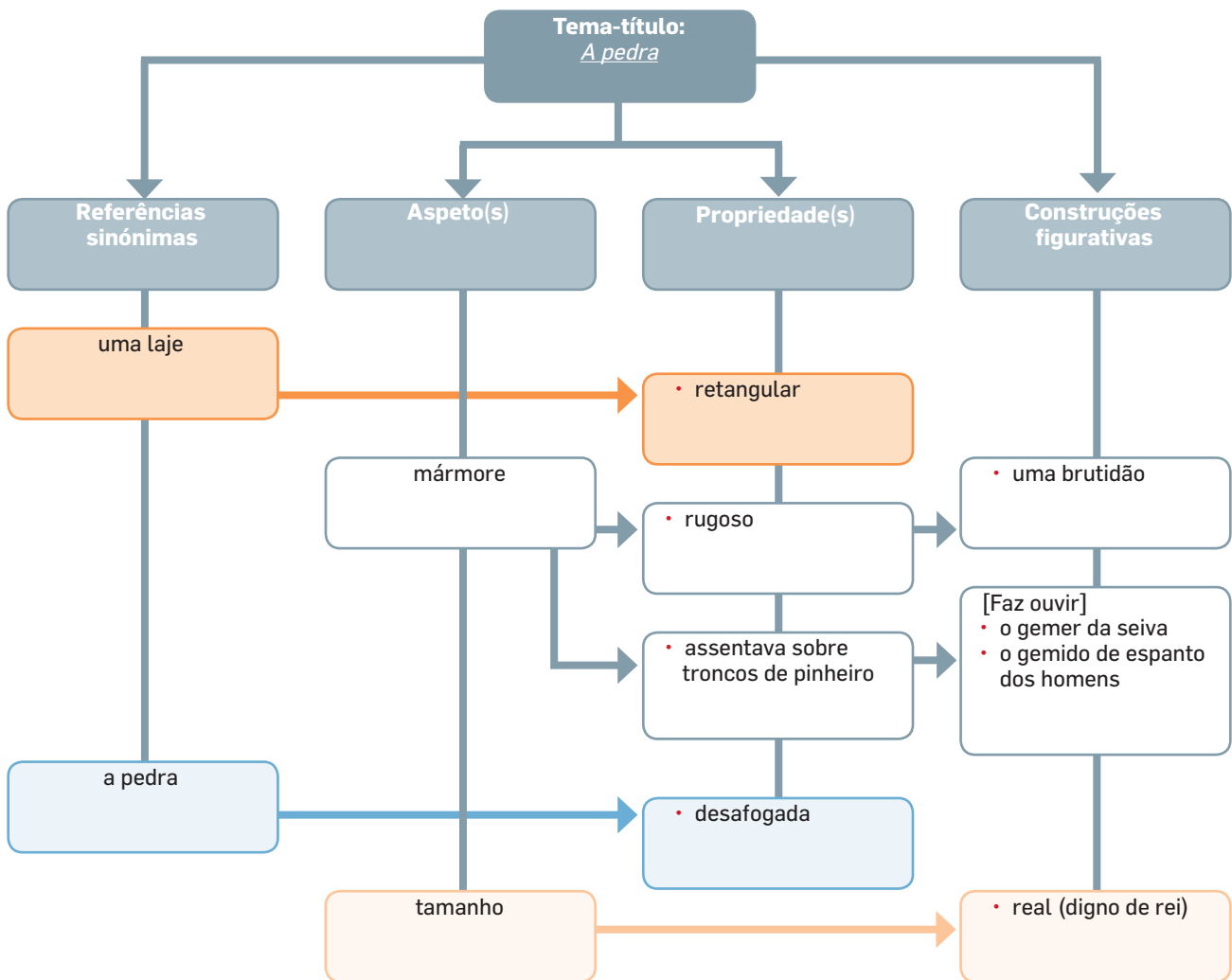
Exercício A.1 (proposta de preenchimento do esquema relativo à abordagem do ‘tempo’ em *Memorial do Convento*)



Pág. 298

PRÁTICAS DA LÍNGUA

Exercício A.1 (proposta de preenchimento do esquema relativo à abordagem da sequência descritiva num excerto em *Memorial do Convento*)

**Exercício B** (resolução das três instruções relativas à sequência descritiva considerada)

1. “uma brutidão de mármore rugoso” (que assentava sobre troncos de pinheiro); “o gemido de espanto” (que saiu da boca dos homens); “este instante” (em que a pedra desafogada apareceu...)”
2. “... neste instante em que a pedra desafogada, vinda de Pero Pinheiro, apareceu...”
3. “... apareceu em seu real tamanho, digno do monumento que o rei prometera mandar construir”.

Pág. 307

ORIENTAÇÕES DE LEITURA**Exercício A.1 (localização do excerto em função de uma linha temática: construção do convento)**

Fase final da construção do convento, cerca de 14 anos depois da celebração da primeira pedra.

Exercício A.2 (segmentação do texto, segundo uma referência textual temática)

Primeiro momento: luar frente às grandes estátuas

Segundo momento: luz da lua ensombrada pela grande nuvem

Terceiro momento: luar iluminando as estátuas, de novo

Exercício A.3 (léxico associado a uma isotopia temática: luz)

Efeitos associados ao jogo do “luar” e das “sombas”, na progressão para o “negrume” e o verbo “esconder”; a referência a “Santa Clara” (associada à visão, à claridade); a menção à leitura “clara” de Blimunda sobre os nomes das estátuas; a quebra da luz provocada pela nuvem; as estátuas referidas como “vultos brancos”; o contraste da escuridão provocada pela nuvem negra com o “brilho das fogueiras” dos soldados

Exercício A.4 (simbologia das estátuas)

Entre a claridade que estes mártires trouxeram a um mundo de perseguições, de poder exacerbado (tal como o casal, que é tomado como excepcional, natural, puro, mas ameaçado num país dominado pela Inquisição) e o exemplo de amor espiritual que revelaram (tal como o amor puro, feito de crença, de fé, de partilha do casal), a par do sacrifício a que foram votados (confronte-se o final do romance).

Exercício A.5 (simbologia do jogo luz/sombra)

A nuvem tolda a claridade, faz perder feições, evidencia o lado mais informe, tal como o espírito pode ser ameaçado por forças “escuras”, impeditivas da realização do bem (cf. a sombra ameaçadora da Inquisição).

Exercício A.6 (comentário ao discurso da personagem: Blimunda)

A dimensão religiosa trazida para a vida, para a ação e para o pensamento; não na dimensão da inércia, do que possam representar do passado. Afirmção do presente como tempo de sobrevivência, de sacrifício, de trabalho.

Exercício A.7 (justificação do protagonismo de uma personagem: Blimunda)

A capacidade visionária e reflexiva da personagem, sublinhando a essencialidade da existência humana; a afirmação de um ciclo que se cumpre e se repete entre nascer e morrer, nas limitações de um saber que se possa abrir sempre ao mistério, à novidade (nem que seja a de significar que se pode nascer mais tarde ou morrer mais cedo, dependendo das opções de cada um na própria vida); uma lição de vida, um sentido religioso para o nosso percurso na vida.

B.1 Resposta variável.

Para outros momentos da obra

A.1

As estátuas foram blocos de mármore antes de serem esculpidas. Também a “mãe da pedra” foi um rochedo enorme antes de ser trabalhada. Isto significa que só a ação do homem dá sentido à matéria.

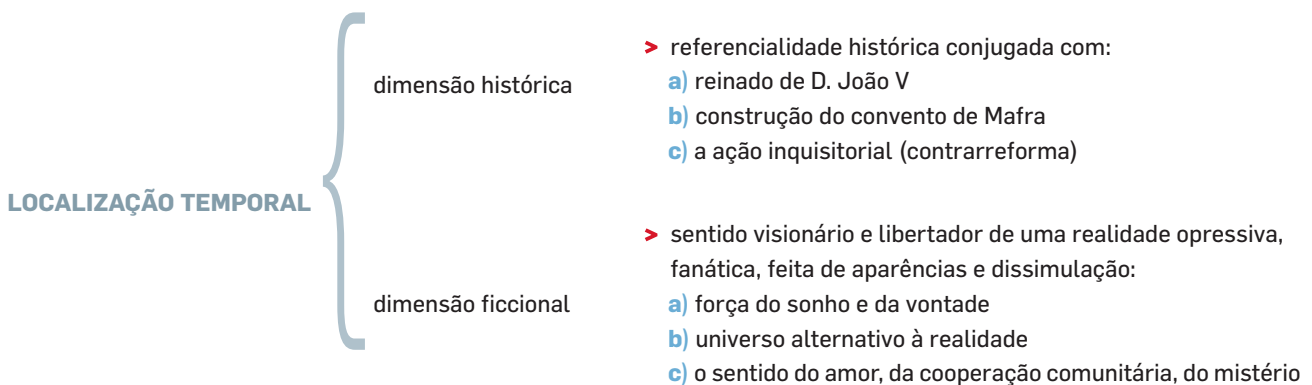
B.1

Blimunda sugere que todos têm de morrer, mas tal não significa o seu desaparecimento, revelando a sua crença na imortalidade do ser humano ou na sua constante renovação/renascimento.

Pág. 309

ORIENTAÇÕES DE LEITURA

Exercício B.4 (localização temporal do excerto)



Para outros momentos da obra

A.1

Este excerto destaca a imortalidade do amor entre Baltasar e Blimunda, o qual contrasta com o que é sugerido no primeiro excerto, onde se verifica o cerimonial do relacionamento entre o rei e a rainha, juntos por conveniência.

A.2

No primeiro auto de fé é visível o magnetismo do olhar que fará com que o par amoroso se una carnalmente. Neste, o casal, unido já intensamente, atinge a plenitude, numa reunião espiritual que perpetuará o amor que o uniu desde o primeiro instante.

SEQUÊNCIA 4

Com Textos para (Re)Contar

Págs. 324-325

TESTAR (AVALIAÇÃO FORMATIVA)

Proposta de correção

A

1. O excerto apresentado remete, predominantemente, para duas linhas de ação narrativa presentes em *Memorial do Convento*: a primeira, de caráter mais histórico, corresponde ao primeiro parágrafo; a segunda, de cariz mais ficcional, ao segundo. A primeira liga-se à concretização do sonho de D. João V – a construção do convento de Mafra; a segunda remete para a realização do sonho de padre Bartolomeu (a construção da passarola).
2. O acontecimento que originou a presença do rei foi o lançamento da primeira pedra para a construção do Convento de Mafra. D. João V deslocou-se ao local onde decorriam as obras – executadas por homens do povo –, para averiguar a evolução destas.
3. No excerto está presente um narrador heterodiegético (3ª pessoa), de focalização onisciente. O narrador relata uma história passada, na qual a sua participação como personagem não se verifica. A sua capacidade de dar conta de factos futuros no momento encarado como presente justifica também a sua onisciência. Só assim se compreende ainda a presença de formas verbais no futuro do indicativo (“Mas em Lisboa dirá o guarda-livros... Afinal quanto terá custado aquilo, e ninguém dará satisfação...”; “...ainda as paredes da basílica não terão um metro acima do chão e Marta Maria estará enterrada...”) que remetem para suposições previstas pelo narrador, segundo o que ele parece conhecer, ou para factos narrativos que são já anunciados.
4. O texto faz referência a várias personagens, sendo de destacar as que maior relevo possuem na alusão (os construtores do convento), num romance em que se assiste à preocupação essencial de mostrar as péssimas condições em que vivia a classe popular, por oposição aos privilégios da corte. Na primeira linha da ação apresentada destaca-se a superioridade de el-rei D. João V, poderoso e rico, contrapondo-se às grandes dificuldades vividas pelos homens empreendedores da realização do sonho real. Na segunda, salientam-se as personagens Baltasar Sete-Sóis e Blimunda Sete-Luas, elementos do povo, que desempenham um papel fundamental na construção da passarola: Blimunda, com o seu poder de “visionária”, recolhe as “vontades” necessárias ao voo da máquina; Baltasar ajudou a construí-la.
5. Esta expressão significa a grande quantidade e/ou intensidade da chuva, o que traduz também as difíceis condições atmosféricas em que trabalhavam os homens. A sua utilização é ainda um indicador da presença de marcas de oralidade no discurso narrativo, o que, aliás, é característico da escrita de Saramago (na aproximação pretendida ao narrador-orador, que livremente, e numa fluidez assumida, conta e comenta a narrativa, sem grande obediência à fixação convencional da escrita).

B

1. 1. g); 2. d); 3. f); 4. a)

C

Resposta que deve integrar os argumentos e os exemplos solicitados, além de respeitar a tipologia textual e o número de palavras indicados.

Sugestão de uma proposta de planificação do texto.

INTRODUÇÃO

Anúncio da problematização da classificação de "romance histórico" para *Memorial do Convento*

DESENVOLVIMENTO

Primeiro argumento: A visão histórica do século XVIII é assumida numa perspectiva crítica e não oficial

- a) exemplo(s): a farsa palaciana, a ridicularização do casal real

Segundo argumento: O narrador não apresenta uma relação empática com as formas de poder da História setecentista

- b) exemplo: a crítica à Inquisição, ao poder institucional da Igreja, com exceção da figura do Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão

CONCLUSÃO

Mais do que com a História, o narrador do romance compromete-se com a narrativa, a história que propõe um universo alternativo com o plano mais ficcional

Os critérios de correção da atividade escrita proposta passam pela consideração dos seguintes itens:

- a obediência à linha temática proposta (afastamento da etiqueta de romancista histórico), bem como os tópicos/as funções sugeridos (compromisso narrativo; dois argumentos; dois exemplos);
- o respeito pelo gênero de texto proposto (texto argumentativo);
- a extensão quanto ao limite de palavras (150-200 palavras);
- a correção da escrita (coerência de informação, estruturação do texto, sintaxe, seleção vocabular, pontuação, acentuação, ortografia)
- enquadramento dos erros ortográficos, entre outros, nos indicadores seguintes:
 - a) ausência, colocação errada ou desenho ambíguo do acento;
 - b) troca de acento grave por agudo, ou do til por circunflexo, etc.;
 - c) incorreta translineação de palavras;
 - d) ausência de duplo hífen na translineação de palavras que já contenham hífen;
 - e) incorreta utilização de maiúscula e de minúscula;
 - f) utilização incorreta de grafemas.

5

TESTES DE AVALIAÇÃO

GRUPO I

A

Leia atentamente o poema seguinte.

MAR, MANHÃ

Suavemente grande avança
Cheia de sol a onda do mar;
Pausadamente se balança,
E desce como a descansar.

5 Tão lenta e longa que parece
De uma criança de Titã
O glauco¹ seio que adormece,
Arfando à brisa da manhã.

Parece ser um ente apenas
10 Este correr da onda do mar,
Como uma cobra que em serenas
Dobras se alongue a colear.

Unido e vasto e interminável
No são sossego azul do sol,
15 Arfa com um mover-se estável
O oceano ébrio de arrebol².

E a minha sensação é nula,
Quer de prazer, quer de pesar...
Ébria³ de alheia a mim ondula
20 Na onda lúcida do mar.

Fernando Pessoa, *Cancioneiro*

¹ Glauco – verde-mar

² arrebol – luz do amanhecer

³ Ébria – embriagada

Responda, de forma completa e contextualizada, às questões abaixo apresentadas.

1. Descreva as impressões causadas pelo movimento do mar.
2. Justifique a constituição do título, servindo-se de elementos textuais.
3. Caracterize o estado de espírito do sujeito poético.
4. Faça o levantamento de três recursos estilísticos e comente a sua expressividade.

B

A propósito da metamorfose da dor (dor real / dor imaginária), presente em *Autopsicografia*, José Gil afirma:

“Só a arte permite aprender a sentir, sentir melhor, sabendo o que se sente e sentindo mais intensamente. Neste sentido, a arte prolonga a vida.

Mas, se considerarmos a maneira como a arte transforma as sensações, como as torna abstratas, como a consciência abstrata da sensação se torna por sua vez sensível, graças à linguagem poética,
5 suscitando o mesmo tipo de emoções que a vida, mas mais “requintadas”, mais intensas – poderemos então dizer que a arte entra em rutura com a vida; poderemos dizer que o poeta é um simulador”.

Fernando Pessoa ou a *Metafísica das Sensações*, Relógio d'Água, Lisboa, s.d.

Comente o juízo crítico apresentado, num texto de 80 a 130 palavras, convocando os conhecimentos adquiridos sobre o assunto em questão.

Não se esqueça que um texto:

- deve ter introdução, desenvolvimento e conclusão;
- deve ser claro e articulado nas suas diferentes partes;
- deve evitar repetições desnecessárias.

GRUPO II

(...) A criação literária é, para Fernando Pessoa, uma das faces do mistério iniciático. Mistério que se encontra subjacente na *Mensagem*, bem como todo o jogo da heteronímia, no diálogo profundo entre os vários poetas: Caeiro que responde a Search e a Pessoa ele mesmo, recusando o mistério que a eles permanentemente intriga (...); e Campos respondendo a Caeiro que um orçamento é tão natural como
5 uma árvore (...) ou a Pessoa que este é o momento da “Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!”.

Trata-se para ele de dar corpo a vários corpos, a partir de um corpo só, de dar voz a várias vozes, a partir de uma só voz. A iniciação, única e sempre a mesma, que encontramos tanto no pensamento filosófico como na atividade literária, é a do desdobramento que na criação se verifica desde o primeiro ser, o Adão primordial de gnósticos, Kabalistas, alquimistas – todos os que se dizem herdeiros de uma
10 tradição hermética. Desdobramento, multiplicação, que só depois de assumidos e esgotados permitem a unidade.

O poeta, adepto por excelência, tem o desejo (ora mais ora menos reprimido) desse primeiro tempo de androginia perfeita. Mas só quando esgotar o mundo do possível pode sonhar recuperá-lo.
(...)

Ivette K. Centeno, *Fernando Pessoa: magia e fantasia*, Edições ASA, p. 63, Porto, 2004

1. Selecione, em cada um dos itens de 1.1. a 1.7., a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

1.1. Na criação literária de Fernando Pessoa...

- A) não existe qualquer mistério iniciático.
- B) encerra-se uma das faces do mistério iniciático.
- C) encontra-se a oposição entre o sonho e a infância.
- D) os heterónimos não mantêm qualquer tipo de diálogo.

1.2. O fenómeno heteronímico consiste em...

- A) recusar o mistério que intriga os outros poetas.
- B) dar asas a personalidades latentes em Caeiro.
- C) atribuir corpo e voz a várias personalidades.
- D) utilizar vários nomes para designar a mesma pessoa.

1.3. A iniciação é uma prática associada...

- A) ao pecado atribuído a Adão e Eva.
- B) à criação heteronímica.
- C) ao pensamento filosófico.
- D) ao desdobramento do ser.

1.4. Em “pode sonhar recuperá-lo.” (linha 13), “lo” remete para...

- A) “o desejo” (linha 12).
- B) “primeiro tempo” (linha 12).
- C) “o mundo” (linha 13)
- D) “o mundo do possível” (linha 13).

1.5. Entre “gnósticos, Kabalistas, alquimistas” (linha 9) e “todos os que se dizem herdeiros de uma tradição hermética.” (linhas 9-10) estabelece-se uma relação semântica de ...

- A) holonímia-meronímia.
- B) meronímia-holonímia.
- C) hiponímia-hiperonímia.
- D) hiperonímia-hiponímia.

1.6. A forma verbal “esgotar” (linha 13) encontra-se no...

- A) futuro do conjuntivo.
- B) infinitivo pessoal.
- C) infinitivo impessoal.
- D) presente do indicativo.

1.7. Na frase “Mas só quando esgotar o mundo do possível pode sonhar recuperá-lo.” (linha 13), o grupo verbal “pode sonhar” expressa a modalidade...

- A) apreciativa.
- B) deôntica com valor de permissão.
- C) epistémica com valor de certeza.
- D) epistémica com valor de probabilidade.

2. Responda de forma correta aos itens apresentados.

2.1. Indica a função sintática do segmento “uma das faces do mistério iniciático” (linha 1).

2.2. Classifique a oração “que encontramos tanto no pensamento filosófico como na atividade literária” (linhas 7-8).

2.3. Identifique a classe de palavras a que pertence “os”, presente em “todos os que se dizem herdeiros de uma tradição hermética.” (linhas 9-10).

GRUPO III

As sensações, de natureza física ou emotiva, dão ao ser humano a possibilidade de apreender a realidade e de viver de acordo com as suas opções/escolhas.

Apresente uma reflexão acerca da importância das sensações para o Homem, num texto de 200 a 300 palavras, servindo-se de dois argumentos e de, pelo menos, um exemplo significativo para cada desses argumentos.

GRUPO I

A

Leia atentamente o poema seguinte.

MAR, MANHÃ

Suavemente grande avança
Cheia de sol a onda do mar;
Pausadamente se balança,
E desce como a descansar.

5 Tão lenta e longa que parece
De uma criança de Titã
O glauco¹ seio que adormece,
Arfando à brisa da manhã.

10 Parece ser um ente apenas
Este correr da onda do mar,
Como uma cobra que em serenas
Dobras se alongue a colear.

Unido e vasto e interminável
No são sossego azul do sol,
15 Arfa com um mover-se estável
O oceano ébrio de arrebol².

E a minha sensação é nula,
Quer de prazer, quer de pesar...
Ébria³ de alheia a mim ondula
20 Na onda lúcida do mar.

Fernando Pessoa, *Cancioneiro*

¹ Glauco – verde-mar

² arrebol – luz do amanhecer

³ Ébria – embriagada

Responda, de forma completa e contextualizada, às questões abaixo apresentadas.

1. Divida o texto em partes, justificando a opção tomada.
2. Caracterize o espaço e elementos naturais convocados.
3. Indique três marcas características da poesia ortónima presentes no poema.
4. Refira e comente a expressividade de três recursos expressivos usados no texto poético.

B

A propósito da metamorfose da dor (dor real/dor imaginária), presente em *Autopsicografia*, José Gil afirma:

“Só a arte permite aprender a sentir, sentir melhor, sabendo o que se sente e sentindo mais intensamente. Neste sentido, a arte prolonga a vida.

Mas, se considerarmos a maneira como a arte transforma as sensações, como as torna abstratas, como a consciência abstrata da sensação se torna por sua vez sensível, graças à linguagem poética, suscitando o mesmo tipo de emoções que a vida, mas mais “requintadas”, mais intensas – poderemos então dizer que a arte entra em rutura com a vida; poderemos dizer que o poeta é um simulador”.

Fernando Pessoa ou a *Metafísica das Sensações*, Relógio d'Água, Lisboa, s.d.

Comente o juízo crítico apresentado, num texto de 80 a 130 palavras, convocando os conhecimentos adquiridos sobre o assunto em questão.

Não se esqueça que um texto:

- deve ter introdução, desenvolvimento e conclusão;
- deve ser claro e articulado nas suas diferentes partes;
- deve evitar repetições desnecessárias.

GRUPO II

Leia o texto seguinte.

(...) A criação literária é, para Fernando Pessoa, uma das faces do mistério iniciático. Mistério que se encontra subjacente na *Mensagem*, bem como todo o jogo da heteronímia, no diálogo profundo entre os vários poetas: Caeiro que responde a Search e a Pessoa ele mesmo, recusando o mistério que a eles permanentemente intriga (...); e Campos respondendo a Caeiro que um orçamento é tão natural como uma árvore (...) ou a Pessoa que este é o momento da “Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!”.

Trata-se para ele de dar corpo a vários corpos, a partir de um corpo só, de dar voz a várias vozes, a partir de uma só voz. A iniciação, única e sempre a mesma, que encontramos no pensamento filosófico como na atividade literária, é a do desdobramento que na criação se verifica desde o primeiro ser, o Adão primordial de gnósticos, Kabalistas, alquimistas – todos os que se dizem herdeiros de uma tradição her-
mética. Desdobramento, multiplicação, que só depois de assumidos e esgotados permitem a unidade.

O poeta, adepto por excelência, tem o desejo (ora mais ora menos reprimido) desse primeiro tempo de androginia perfeita. Mas só quando esgotar o mundo do possível pode sonhar recuperá-lo.

(...)

Ivette K. Centeno, *Fernando Pessoa: magia e fantasia*, Edições ASA, p. 63, Porto, 2004

1. Selecione, em cada um dos itens de 1.1. a 1.7., a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

1.1. Na criação literária de Fernando Pessoa...

- A) encerra-se uma das faces do mistério iniciático.
- B) não existe qualquer mistério iniciático.
- C) os heterónimos não mantêm qualquer tipo de diálogo.
- D) encontra-se a oposição entre o sonho e a infância.

1.2. O fenómeno heteronímico consiste em...

- A) utilizar vários nomes para designar a mesma pessoa.
- B) recusar o mistério que intriga os outros poetas.
- C) dar asas a personalidades latentes em Caeiro.
- D) atribuir corpo e voz a várias personalidades.

1.3. A iniciação é uma prática associada...

- | | |
|---|-------------------------------------|
| A) ao pecado atribuído a Adão e Eva. | C) ao pensamento filosófico. |
| B) ao desdobramento do ser. | D) à criação heteronímica. |

1.4. Em “pode sonhar recuperá-lo.” (linha 13), “lo” remete para...

- | | |
|---|----------------------------------|
| A) “primeiro tempo” (linha 11). | C) “o desejo” (linha 11). |
| B) “o mundo do possível” (linha 12). | D) “o mundo” (linha 12). |

1.5. Entre “gnósticos, Kabalistas, alquimistas” (linha 9) e “todos os que se dizem herdeiros de uma tradição hermética.” (linhas 9-10) estabelece-se uma relação semântica de ...

- | | |
|----------------------------------|----------------------------------|
| A) holonímia-meronímia. | C) meronímia-holonímia. |
| B) hiponímia-hiperonímia. | D) hiperonímia-hiponímia. |

1.6. A forma verbal “esgotar” (linha 12) encontra-se no...

- | | |
|-----------------------------------|---------------------------------|
| A) infinitivo pessoal. | C) futuro do conjuntivo. |
| B) presente do indicativo. | D) infinitivo impessoal. |

1.7. Na frase “Mas só quando esgotar o mundo do possível pode sonhar recuperá-lo.” (linha 12), o grupo verbal “pode sonhar” expressa a modalidade...

- | | |
|--|--|
| A) apreciativa. | C) epistémica com valor de certeza. |
| B) deontica com valor de permissão. | D) epistémica com valor de probabilidade. |

2. Responda de forma correta aos itens apresentados.

2.1. Classifique a oração “que na criação se verifica desde o primeiro ser” (linha 8).

2.2. Identifica a função sintática do grupo “o desejo... desse primeiro tempo de androginia perfeita.” (linhas 11-12).

2.3. Indica o valor lógico do conector “ora” em “ora mais ora menos reprimido” (linha 11).

GRUPO III

As sensações, de natureza física ou emotiva, dão ao ser humano a possibilidade de apreender a realidade e de a viver de acordo com as suas opções/escolhas.

Apresente uma reflexão acerca da importância das sensações para o Homem, num texto de 200 a 300 palavras, servindo-se de dois argumentos e de, pelo menos, um exemplo significativo para cada desses argumentos.

GRUPO I

A

Leia, atentamente, o seguinte poema de Alberto Caeiro.

XXXIX

- O mistério das coisas, onde está ele?
Onde está ele que não aparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio e que sabe a árvore
5 E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?
Sempre que olho para as coisas e penso no que os homens pensam delas,
Rio como que um regato que soa fresco numa pedra.
- Porque o único sentido oculto das coisas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
10 É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as coisas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.
- 15 Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos:
As coisas não têm significação: têm existência.
As coisas são o único sentido oculto das coisas.

Alberto Caeiro, *O Guardador de Rebanhos*

Responda, de forma completa e contextualizada, às questões abaixo apresentadas.

1. Divida o texto em partes e sintetize o conteúdo de cada uma delas.
2. Refira a atitude do “eu” poético perante o mundo.
3. Confirme, com elementos do texto, a negação do “mistério das coisas”.
4. Expondo a sua filosofia de vida, Caeiro afirma: “... o único sentido oculto das coisas / É elas não terem sentido oculto nenhum”. (vv. 8-9).
 - 4.1. Identifique o mundo que o poeta aceita.

B

Caeiro faz a apologia daquilo que se vê, que nos é revelado, e coloca a criação poética no plano do fenómeno natural (tal como a árvore dá frutos, o homem cria versos).

Fazendo apelo à sua experiência de leitura e atendendo à afirmação acima transcrita, redija um texto expositivo-argumentativo, de 80 a 130 palavras, obedecendo ao plano que se apresenta.

I – Introdução – 1º parágrafo – tese defendida pelo heterónimo

II – Desenvolvimento – 2º parágrafo – relação do “eu” com a natureza e relação do “eu” com a escrita.
3º parágrafo – razões da escolha da tese de Alberto Caeiro

III – Conclusão – 4º (e último) parágrafo – confirmação da tese inicial, recorrendo à exemplificação com poemas do heterónimo.

GRUPO II

Leia o texto seguinte.

Ler e indagar a obra pessoana é penetrarmos no acontecimento mais notório da inteligência portuguesa nos tempos modernos. Acontecimento que engloba o renovar da nossa língua, a destruição/construção de uma consciência individual e coletiva capaz de compreender o mundo, uma reflexão lúcida do mistério, a reformulação do que tem sido e do que é ser português, o repensar as possibilidades criativas da cultura portuguesa.

Se Pessoa recebeu do simbolismo a atitude de explorar diferentes virtualidades do uso da língua, ele foi mais longe nessa poética aventura pela criação e aprofundamento de novas correntes literárias. Se herdou do realismo o comportamento crítico face à sociedade, ele reorganizou esse comportamento a um nível mais profundo vivendo o drama da busca de uma consciência do eu – primado indispensável à negação e/ou afirmação de valores: “o que em mim sente está pensando”.

Se nele ainda pode ecoar o romantismo (começou a escrever poesia em português depois de ler Garrett) a sua palavra centraliza-se menos na relação eu/mundo ou eu/natureza do que nas relações eu/mim mesmo ou eu/criação literária.

Como disse Gilberto Kujawski, Pessoa é um poeta universal porque nos ofereceu “uma interpretação, ao mesmo tempo, múltipla e unitária da vida” – emparceirando, assim, com um outro génio português, Camões, pela criação de novos padrões culturais e linguísticos. Esta “interpretação múltipla” foi alargada (quase) até ao impossível pela criação de outros poetas nele e fora dele mesmo – os heterónimos (Campos, Reis e Caeiro, entre os principais). (...)

Horizontes da palavra, Edições ASA

1. Selecione, em cada um dos itens de **1.1.** a **1.7.**, a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

1.1. A obra pessoana representa

- A)** a renovação da língua portuguesa.
- B)** o hermetismo do pensamento.
- C)** a consciência coletiva e individual.
- D)** a criatividade da cultura portuguesa.

1.2. A exploração das diferentes virtualidades do uso da língua resulta, prioritariamente,

- A)** do simbolismo e dos restantes -ismos.
- B)** da inventividade de Pessoa e dos modernistas.
- C)** da criação e aprofundamento de novas correntes literárias.
- D)** do drama da busca da consciência do “eu”.

1.3. A atitude crítica de Fernando Pessoa foi herdada do

- A) romantismo.
- B) realismo.
- C) simbolismo.
- D) sensacionismo.

1.4. A genialidade pessoana é comparada à de Camões porque

- A) ambos exaltaram a pátria.
- B) os dois se centraram na relação eu/mundo.
- C) escreveram obras épico-líricas.
- D) criaram novos padrões culturais e linguísticos.

1.5. O segmento “Ler e indagar a obra pessoana...” (linha 1) corresponde ao

- A) predicativo do sujeito.
- B) sujeito.
- C) complemento direto.
- D) complemento oblíquo.

1.6. Os termos “ler” e “indagar” são exemplos de

- A) derivação afixal por prefixação.
- B) derivação afixal por sufixação.
- C) composição morfológica.
- D) derivação por conversão.

1.7. O grupo “pela criação de outros poetas nele e fora dele mesmo” (linha 17) corresponde a um

- A) complemento agente da passiva.
- B) complemento oblíquo.
- C) modificador do grupo verbal.
- D) predicativo do complemento direto.

2. Responda de forma correta aos itens apresentados.

2.1. Indique o tempo e o modo da forma verbal “tem sido” (linha 4).

2.2. Identifique o processo de coesão exemplificado no uso do pronome “ele” em “ele foi mais longe nessa...” (linhas 6-7) e “ele reorganizou esse comportamento...” (linha 8).

2.3. Classifique a oração iniciada por “Se” em “Se Pessoa recebeu do simbolismo...” (linha 6).

GRUPO III

Ler revela-se de grande utilidade, uma vez que é uma atividade utilizada como entretenimento mas também como um modo eficaz de adquirir conhecimentos.

Num texto de 200 a 300 palavras, apresente uma reflexão sobre a importância da leitura.

GRUPO I

A

Leia, atentamente, o seguinte poema de Alberto Caeiro.

XXXIX

- O mistério das coisas, onde está ele?
Onde está ele que não aparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio e que sabe a árvore
5 E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?
Sempre que olho para as coisas e penso no que os homens pensam delas,
Rio como que um regato que soa fresco numa pedra.
- Porque o único sentido oculto das coisas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
10 É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as coisas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.
- 15 Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: -
As coisas não têm significação: têm existência.
As coisas são o único sentido oculto das coisas.

Alberto Caeiro, *O Guardador de Rebanhos*

Responda, de forma completa e contextualizada, às questões abaixo apresentadas.

1. Segmente o texto, considerando as suas partes constitutivas, e justifique a sua segmentação.
2. Caracterize a atitude de sujeito poético face ao mundo que o rodeia.
3. Apresente uma justificação para a referência aos “poetas” e aos “filósofos”.
4. Explícite a teoria de Caeiro, evidenciada no texto, sobre o pensamento e os sentidos.

B

Caeiro faz a apologia daquilo que se vê, que nos é revelado e coloca a criação poética no plano do fenómeno natural (tal como a árvore dá frutos, o homem cria versos).

Fazendo apelo à sua experiência de leitura e atendendo à afirmação acima transcrita, redija um texto expositivo-argumentativo, de 80 a 130 palavras, obedecendo ao plano que se apresenta.

I – Introdução – 1º parágrafo – tese defendida pelo heterônimo

II – Desenvolvimento – 2º parágrafo – relação do “eu” com a natureza e relação do “eu” com a escrita.
3º parágrafo – razões da escolha da tese de Alberto Caeiro

III – Conclusão – 4º (e último) parágrafo – confirmação da tese inicial, recorrendo à exemplificação com poemas do heterônimo.

GRUPO II

Leia o texto seguinte.

Ler e indagar a obra pessoana é penetrarmos no acontecimento mais notório da inteligência portuguesa nos tempos modernos. Acontecimento que engloba o renovar da nossa língua, a destruição/construção de uma consciência individual e coletiva capaz de compreender o mundo, uma reflexão lúcida do mistério, a reformulação do que tem sido e do que é ser português, o repensar as possibilidades criativas da cultura portuguesa.

Se Pessoa recebeu do simbolismo a atitude de explorar diferentes virtualidades do uso da língua, ele foi mais longe nessa poética aventura pela criação e aprofundamento de novas correntes literárias. Se herdou do realismo o comportamento crítico face à sociedade, ele reorganizou esse comportamento a um nível mais profundo vivendo o drama da busca de uma consciência do eu – primado indispensável à negação e/ou afirmação de valores: “o que em mim sente está pensando”.

Se nele ainda pode ecoar o romantismo (começou a escrever poesia em português depois de ler Garrett) a sua palavra centraliza-se menos na relação eu/mundo ou eu/natureza do que nas relações eu/mim mesmo ou eu/criação literária.

Como disse Gilberto Kujawski, Pessoa é um poeta universal porque nos ofereceu “uma interpretação, ao mesmo tempo, múltipla e unitária da vida” – emparceirando, assim, com um outro génio português, Camões, pela criação de novos padrões culturais e linguísticos. Esta “interpretação múltipla” foi alargada (quase) até ao impossível pela criação de outros poetas nele e fora dele mesmo – os heterónimos (Campos, Reis e Caeiro, entre os principais).

(...)

Horizontes da palavra, Edições ASA

- 1.** Selecione, em cada um dos itens de **1.1.** a **1.7.**, a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

1.1. A obra pessoana representa

- A)** o hermetismo do pensamento.
- B)** a renovação da língua portuguesa.
- C)** a criatividade da cultura portuguesa.
- D)** a consciência coletiva e individual.

1.2. A exploração das diferentes virtualidades do uso da língua resulta, prioritariamente,

- A)** da inventividade de Pessoa e dos modernistas.
- B)** do simbolismo e dos restantes -ismos.
- C)** do drama da busca da consciência do “eu”.
- D)** da criação e aprofundamento de novas correntes literárias.

1.3. A atitude crítica de Fernando Pessoa foi herdada do

- A)** sensacionismo. **C)** romantismo.
B) simbolismo. **D)** realismo.

1.4. A genialidade pessoana é comparada à de Camões porque

- A)** os dois se centraram na relação eu/mundo. **C)** criaram novos padrões culturais e linguísticos.
B) ambos exaltaram a pátria. **D)** escreveram obras épico-líricas.

1.5. O segmento “Ler e indagar a obra pessoana...” (linha 1) corresponde ao

- A)** predicativo do sujeito. **C)** sujeito.
B) complemento direto. **D)** complemento oblíquo.

1.6. Os termos “ler” e “indagar” exemplificam a

- A)** derivação por conversão. **C)** derivação afixal por sufixação.
B) derivação afixal por prefixação. **D)** composição morfológica.

1.7. O grupo “pela criação de outros poetas nele e fora dele mesmo” (linha 17) corresponde a um

- A)** complemento oblíquo. **C)** modificador do grupo verbal.
B) complemento agente da passiva. **D)** predicativo do complemento direto.

2. Responda de forma correta aos itens apresentados.

2.1. Indique o tempo e o modo da forma verbal “foi” (linha 7).

2.2. Identifique o processo de coesão presente em “eu/mundo ... eu/natureza”, “eu/mim ... eu/criação literária” (linhas 12-13).

2.3. Classifique a oração iniciada por “porque” em “porque nos ofereceu uma interpretação, ao mesmo tempo, múltipla e unitária da vida” (linhas 14-15).

GRUPO III

Ler revela-se de grande utilidade, uma vez que é uma atividade utilizada como entretenimento mas também como um modo eficaz de adquirir conhecimentos.

Num texto de 200 a 300 palavras, apresente uma reflexão sobre a importância da leitura.

GRUPO I

A

Leia atentamente o texto.

Uns, com os olhos postos no passado,
Vêem o que não vêem; outros, fitos
Os mesmos olhos no futuro, vêem
O que não pode ver-se.

5 Porque tão longe ir pôr o que está perto –
A segurança nossa? Este é o dia,
Esta é a hora, este o momento, isto
É quem somos, e é tudo.

Perene flui a interminável hora
10 Que nos confessa nulos. No mesmo hausto¹
Em que vivemos, morreremos. Colhe
O dia, porque és ele.

Ricardo Reis, *Odes*, Lisboa, Ática, 1981

¹ *hausto* – sorvo, aspiração (neste contexto, metáfora de valor temporal)

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas ao questionário.

1. Divida o poema em partes lógicas e justifique essa divisão.
2. Refira o tempo que o poeta valoriza, comprovando com frases do texto.
3. Indique a filosofia de vida que o poeta propõe.
4. A perfeição do estilo clássico é confirmada por determinados recursos estilísticos e pela construção sintática.
 - 4.1. Ordene o verso 5 e releve os recursos mais expressivos.

B

Tendo em conta o estudo que fez da poesia de Ricardo Reis, comente, num texto de 80 a 130 palavras, a afirmação que se segue.

Ricardo Reis é considerado um homem lúcido e cauteloso, que tenta construir uma felicidade relativa, um misto de resignação e de moderado gozo que não compromete a sua liberdade interior.

GRUPO II

Leia o texto a seguir transcrito.

Na poesia de Reis é constante a desconfiança perante a Fortuna, os sentimentos fortes, o prazer. Diz a sabedoria antiga que a Fortuna é insidiosa e nada devemos esperar que não provenha de nós próprios. “A sorte inveja, Lídia. Emudeçamos”. O melhor é viver longe do tumulto das cidades, onde “mãos alheias” nos oprimem; mas até no retiro campestre, tão grato a Epicuro, cumpre fugir aos laços do amor demasiado intenso. A amante de Reis é apenas a companheira de viagem, “pagã triste e com flores no regaço”; não se beijam nem sequer apertam as mãos, para que, morrendo um deles, a sua lembrança não fira o coração do outro.

Assim a felicidade consiste em gozar ao de leve os “instantes volúveis”, buscando “o mínimo de dor ou gozo”, colhendo as flores para logo as largar das mãos, iludindo o curso dos dias com promessas, vagamente distraídos, mas distraídos por cálculo, por “malícia”. Tudo o mais é inútil. “Não vale a pena/ Fazer um gesto”. Obedeçamos como as árvores ao ritmo das estações: “Igual é o fado, quer o procuremos/Quer o esperemos”. É claro que a lúcida abstinência epicurista não permite alegria, produz, quando muito, um calmo contentamento; já Séneca reparava no matiz melancólico do pensamento de Epicuro. “Não há tristezas/Nem alegrias/Na nossa vida” – diz Ricardo Reis. Quando se coroa de rosas sabe-se que as rosas hão de murchar; quando bebe vinho, saboreando lentamente os goles frescos, não esquece que tudo, a taça, a mão a mão que a empunha, os lábios, está condenado a perecer. [...] Reis parece existir apenas em função de um problema, o problema crucial de remediar o sentimento da fraqueza humana e da inutilidade de agir por meio de uma arte de viver que permite chegar à morte de mãos vazias e com o mínimo de sofrimento.

Jacinto do Prado Coelho, *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*

1. Selecione, em cada um dos itens de 1.1. a 1.7., a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

1.1. Na poesia de Ricardo Reis é frequente percecionar-se

- A) um elogio constante à amada, Lídia.
- B) a referência aos deuses como seres superiores.
- C) uma atitude de confiança no destino e na Fortuna.
- D) desconfiança face aos sentimentos e prazer intensos.

1.2. O relacionamento entre Reis e a mulher amada é

- A) superficial, de modo a evitar o sofrimento no momento da partida.
- B) intenso, embora tema o momento da rutura e consequente despedida.
- C) conflituoso, dado o carácter moralista assumido por Ricardo Reis.
- D) amistoso, pois ela aceita a filosofia de vida do companheiro.

1.3. O facto de ter consciência de que tudo parece faz com que Ricardo Reis viva

- A) moderadamente, procurando a ataraxia.
- B) intensamente, aproveitando o dia.
- C) indiferente a tudo o que rodeia.
- D) unicamente através dos sentimentos.

1.4. Os versos de Ricardos Reis “Igual é o fado, quer o procuremos/Quer o esperemos” apresentam frases coordenadas

- A) copulativas.
- B) adversativas.
- C) conclusivas.
- D) disjuntivas.

1.5. Na frase “Diz a sabedoria antiga que a Fortuna é insidiosa” (linhas 1-2), o grupo “a sabedoria antiga” desempenha a função sintática de

- A) complemento direto.
- B) complemento indireto.
- C) sujeito.
- D) predicativo do sujeito.

1.6. A oração “que a Fortuna é insidiosa” (linha 2) é subordinada

- A) substantiva relativa.
- B) substantiva completiva.
- C) adjetiva relativa restritiva.
- D) adverbial consecutiva.

1.7. O pronome pessoal “nos” em “onde “mãos alheias” nos oprimem” (linhas 3-4) tem como referente

- A) a sabedoria antiga e a Fortuna.
- B) a poesia e a desconfiança.
- C) o sujeito poético e Lídia.
- D) os sentimentos fortes e o prazer.

2. Responda aos itens seguintes.

2.1. Identifique o ato ilocutório exemplificado em “Obedeçamos como as árvores ao ritmo das estações” (linha 11).

2.2. Registe o tipo de coordenação presente em “não se beijam nem sequer apertam as mãos” (linha 6).

2.3. Classifique a oração “que a lúcida abstinência epicurista não permite alegria” (linha 12).

GRUPO III

Ricardo Reis, à semelhança do mestre Caeiro, prefere o contacto permanente com o campo, defendendo o afastamento do “tumulto das cidades”.

Apresente a sua reflexão sobre as vantagens/desvantagens dos dois espaços anteriormente referidos, utilizando, no mínimo, dois argumentos e, pelos menos, um exemplo significativo para cada um deles, num texto de 200 a 300 palavras.

GRUPO I

A

Leia atentamente o texto e responda, depois, às questões.

Uns, com os olhos postos no passado,
Veem o que não vêem; outros, fitos
Os mesmos olhos no futuro, lêem
O que não pode ver-se.

- 5 Porque tão longe ir pôr o que está perto –
A segurança nossa? Este é o dia,
Esta é a hora, este o momento, isto
É quem somos, e é tudo.

- Perene flui a interminável hora
10 Que nos confessa nulos. No mesmo hausto¹
Em que vivemos, morreremos. Colhe
O dia, porque és ele.

Ricardo Reis, *Odes*, Lisboa, Ática, 1981

¹ *hausto* – sorvo, aspiração (neste contexto, metáfora de valor temporal)

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas ao questionário.

1. Segmente o poema em três partes, justificando convenientemente essa segmentação.
2. Indique as principais preocupações do sujeito poético.
3. Justifique o recurso à interrogação presente no poema.
4. A presença de um interlocutor é perceptível em determinadas expressões.
 - 4.1. Identifique-as e transcreva-as.

B

Tendo em conta o estudo que fez da poesia de Ricardo Reis, comente, num texto de 80 a 130 palavras, a afirmação que se segue.

Ricardo Reis é considerado um homem lúcido e cauteloso, que tenta construir uma felicidade relativa, um misto de resignação e de moderado gozo que não compromete a sua liberdade interior.

GRUPO II

Leia o texto a seguir transcrito.

Na poesia de Reis é constante a desconfiança perante a Fortuna, os sentimentos fortes, o prazer. Diz a sabedoria antiga que a Fortuna é insidiosa e nada devemos esperar que não provenha de nós próprios. “A sorte inveja, Lídia. Emudeçamos”. O melhor é viver longe do tumulto das cidades, onde “mãos alheias” nos oprimem; mas até no retiro campestre, tão grato a Epicuro, cumpre fugir aos laços do amor demasiado intenso. A amante de Reis é apenas a companheira de viagem, “pagã triste e com flores no regaço”; não se beijam nem sequer apertam as mãos, para que, morrendo um deles, a sua lembrança não fira o coração do outro.

Assim a felicidade consiste em gozar ao de leve os “instantes volúveis”, buscando “o mínimo de dor ou gozo”, colhendo as flores para logo as largar das mãos, iludindo o curso dos dias com promessas, vagamente distraídos, mas distraídos por cálculo, por “malícia”. Tudo o mais é inútil. “Não vale a pena/Fazer um gesto”. Obedecemos como as árvores ao ritmo das estações: “Igual é o fado, quer o procuremos/Quer o espere-mos”. É claro que a lúcida abstinência epicurista não permite alegria, produz, quando muito, um calmo contentamento; já Séneca reparava no matiz melancólico do pensamento de Epicuro. “Não há tristezas/Nem alegrias/Na nossa vida” – diz Ricardo Reis. Quando se coroa de rosas sabe-se que as rosas hão de murchar; quando bebe vinho, saboreando lentamente os goles frescos, não esquece que tudo, a taça, a mão a mão que a empunha, os lábios, está condenado a perecer. [...] Reis parece existir apenas em função de um problema, o problema crucial de remediar o sentimento da fraqueza humana e da inutilidade de agir por meio de uma arte de viver que permite chegar à morte de mãos vazias e com o mínimo de sofrimento.

Jacinto do Prado Coelho, *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*

1. Selecione, em cada um dos itens de **1.1.** a **1.7.**, a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

1.1. Na poesia de Ricardo Reis é frequente percecionar-se

- A)** um elogio constante à amada, Lídia.
- B)** desconfiança face aos sentimentos e prazer intensos.
- C)** a referência aos deuses como seres superiores.
- D)** uma atitude de confiança no destino e na Fortuna.

1.2. O relacionamento entre Reis e a mulher amada é

- A)** intenso, embora tema o momento da rutura e consequente despedida.
- B)** amistoso, pois ela aceita a filosofia de vida do companheiro.
- C)** superficial, de modo a evitar o sofrimento no momento da partida.
- D)** conflituoso, dado o carácter moralista assumido por Ricardo Reis.

1.3. O facto de ter consciência de que tudo perece faz com que Ricardo Reis viva

- A)** intensamente, aproveitando o dia.
- B)** moderadamente, procurando a ataraxia.
- C)** indiferente a tudo o que rodeia.
- D)** unicamente através dos sentimentos.

1.4. A frase “não se beijam nem sequer apertam as mãos” (linha 6) apresenta orações coordenadas

- | | |
|-------------------------|------------------------|
| A) copulativas. | C) conclusivas. |
| B) adversativas. | D) disjuntivas. |

1.5. Na frase complexa “Diz a sabedoria antiga que a Fortuna é insidiosa” (linhas 1-2), a oração “que a Fortuna é insidiosa” desempenha a função sintática de

- | | |
|---------------------------------|-----------------------------------|
| A) complemento indireto. | C) complemento direto. |
| B) sujeito. | D) predicativo do sujeito. |

1.6. A oração “onde “mãos alheias” nos oprimem” (linhas 3-4) é subordinada

- | | |
|-----------------------------------|--|
| A) substantiva relativa. | C) adjetiva relativa restritiva. |
| B) substantiva completiva. | D) adjetiva relativa explicativa. |

1.7. O segmento sublinhado em “a felicidade consiste em gozar ao de leve os “instantes volúveis” corresponde a um

- | | |
|--|--|
| A) complemento oblíquo. | C) complemento direto. |
| B) modificador do grupo verbal. | D) predicativo do complemento direto. |

2. Responda aos itens seguintes.

2.1. Identifique o tipo de modalidade presente no verso “pagã triste e com flores no regaço” (linha 5).

2.2. Indique o referente do pronome pessoal “o” em “quer o procuremos/Quer o esperemos”. (linhas 11-12).

2.3. Classifique a oração “que permite chegar à morte de mãos vazias e com o mínimo de sofrimento.” (linha 18)

GRUPO III

Ricardo Reis, à semelhança do mestre Caeiro, prefere o contacto permanente com o campo, defendendo o afastamento do “tumulto das cidades”.

Apresente a sua reflexão sobre as vantagens/desvantagens dos dois espaços anteriormente referidos, utilizando, no mínimo, dois argumentos e, pelos menos, um exemplo significativo para cada um deles, num texto de 200 a 300 palavras.

GRUPO I

A

Leia atentamente o seguinte texto:

Que noite serena!
Que lindo luar!
Que linda barquinha
Bailando no mar!

- 5 Suave, todo o passado – o que foi aqui de Lisboa – me surge...
O terceiro-andar das tias, o sossego de outrora,
Sossego de várias espécies,
A infância sem o futuro pensado,
O ruído aparentemente contínuo da máquina de costura delas,
10 E tudo bom e a horas,
De um bem e de um a-horas próprio, hoje morto.

Meu Deus, que fiz eu da vida?

Que noite serena, etc.

Quem é que cantava isso?

- 15 Isso estava lá.
Lembro-me mas esqueço.
E dói, dói, dói...

Por amor de Deus, parem com isso dentro da minha cabeça.

Álvaro de Campos, *Poesias*, Lisboa, Ática, 1993

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas ao questionário.

1. Identifique os elementos caracterizadores do passado evocado pelo sujeito poético.
2. Os quatro primeiros versos são a citação de uma cantiga, parcialmente retomada no verso 13.
 - 2.1. Explique a função de cada uma das citações.
3. Refira os sentimentos do sujeito poético relativamente ao presente.
4. Comente o efeito expressivo da repetição “E dói, dói, dói, ...” (v. 17).

B

Fazendo apelo à sua experiência de leitura, comente a afirmação que se segue, a propósito da poesia de Álvaro de Campos, num texto bem estruturado, de 80 a 130 palavras.

Para Campos, a sensação é tudo, sim, mas não necessariamente a sensação das coisas como são, antes das coisas conforme sentidas.

Fernando Pessoa, *Páginas de Autointerpretação*

GRUPO II

(...) Campos é um homem possuído pelo “sentimento trágico de la vida” de que nos fala Unamuno. Renuncia ao lamuriar pusilâme de Pessoa e envereda pela imprecação indignada. Os seus poemas, navalhas verbais que rasgam o tecido espiritual, não permitem ao leitor um acesso teórico, visto que anulam a distância necessária para a fruição estética. Pessoa, tendo conseguido em Campos a ilusão

5 de estar a falar por boca de outrem, supera a sua timidez proverbial e atreve-se a confessar-se. E a vida é o pecado por excelência. Como Antero, Campos só encontra a libertação na morte, no retorno do ser ao abismo do nada. O sensacionista veemente torna-se o “deprimido nas sensações”, o homem “sem fim na vida”. De tanto querer tudo de todas as maneiras nem sequer chega a ser ele próprio. Não pode encontrar-se nos outros, porque carece de caridade. Não é nada. É uma ficção. O criador secundário

10 revela-se tão indeterminado como o seu criador primário. A caracterização fictícia de Pessoa falha rotundamente. Campos, se excluirmos uma diferença de tom, é um heterónimo redundante.

(...) O mergulho no vácuo depara-se-lhe como única alternativa à realidade. Campos escreve então uma poesia confessional que revela o Pessoa marginal, o dipsomaníaco, o homem que vê a vida fugir-lhe por entre as mãos sem conseguir agarrá-la. A energia positiva das Odes vai-se transformando em

15 energia negativa. Campos passa da exaltação à depressão, do excesso ao defeito, do eufórico “ser tudo de todas as maneiras” à paralisadora “lipotimia das sensações”.

A obra poética de Campos descreve uma curva involutiva. No fim já não é o Campos cosmopolita, aguerrido, difuso, quem nos fita. É Fernando Pessoa, com os seus olhos cansados de míope.

Luís de Oliveira e Silva, in Prefácio *Poesias* de Álvaro de Campos, Clássica Editora, Lisboa, 1985

1. Selecione, em cada um dos itens de 1.1. a 1.7., a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

1.1. Unamuno é citado no texto por

- A) se ter referido a Alberto Caeiro.
- B) emitir uma opinião sobre Campos.
- C) se sentir atraído pela heteronímia.
- D) ser de nacionalidade espanhola.

1.2. Campos, em termos estéticos e estilísticos,

- A) aproxima-se de Fernando Pessoa.
- B) imita o mestre, Caeiro.
- C) distingue-se do criador, Pessoa.
- D) recusa sentir tudo de todas as maneiras.

1.3. O heterónimo pessoano referido no texto

- A) é um deprimido que alcança a paz.
- B) sente-se eufórico e realizado.
- C) passa da euforia à disforia.
- D) procura a morte para solução dos problemas.

1.4. Ao afirmar-se que “A obra poética de Campos descreve uma curva involutiva.”, pretende-se dizer que

- A)** a poesia de Campos progrediu linearmente. **C)** foram colocados obstáculos à realização poética de Campos.
B) a obra poética do autor reflete um retrocesso. **D)** a poesia deste heterónimo passou por diferentes momentos.

1.5. O segmento frásico sublinhado em “Campos é um homem possuído pelo “sentimento trágico de la vida” (linha 1) corresponde ao

- A)** complemento agente da passiva. **C)** predicativo do complemento direto.
B) modificador do grupo verbal. **D)** complemento direto.

1.6. A forma verbal “permitem” (linha 3) pertence à subclasse dos verbos

- A)** transitivos predicativos. **C)** intransitivos.
B) transitivos indiretos. **D)** transitivos diretos e indiretos.

1.7. O adjetivo “fictícia” (linha 10) pertence à subclasse dos adjetivos

- A)** numeral. **C)** relacional.
B) conectivo. **D)** qualificativo.

2. Responda aos itens seguintes.

2.1. Indique a função sintática desempenhada pelo grupo frásico exigido por um verbo de regência preposicional.

2.2. Refira o nome do ato ilocutório cuja intenção do emissor é influenciar ou levar o recetor a agir.

2.3. Registe o valor de uma oração subordinada adjetiva relativa separada por vírgula(s).

GRUPO III

Catarina Carvalho afirma: “Não é fácil ser mulher no século XXI. (...) As mulheres estão, pelo menos, cada vez mais confusas. (...) Entre a naturalidade com que acedem a MBAs, doutoramentos, pós-doutoramentos... estão as pressões sociais para serem mães, namoradas, mulheres perfeitas.”

Notícias Magazine, p. 4, 15 de janeiro de 2012 (adaptado)

Considere as afirmações anteriores e, num texto de 200 a 300 palavras, apresente uma reflexão sobre a condição da mulher na atualidade, face às solicitações e contingências profissionais, sociais e familiares.

Utilize, pelo menos, dois argumentos e um exemplo significativo para cada um deles.

GRUPO I

A

Leia atentamente o seguinte texto:

Que noite serena!
Que lindo luar!
Que linda barquinha
Bailando no mar!

- 5 Suave, todo o passado – o que foi aqui de Lisboa – me surge...
O terceiro-andar das tias, o sossego de outrora,
Sossego de várias espécies,
A infância sem o futuro pensado,
O ruído aparentemente contínuo da máquina de costura delas,
10 E tudo bom e a horas,
De um bem e de um a-horas próprio, hoje morto.

Meu Deus, que fiz eu da vida?

Que noite serena, etc.

Quem é que cantava isso?

- 15 Isso estava lá.
Lembro-me mas esqueço.
E dói, dói, dói...

Por amor de Deus, parem com isso dentro da minha cabeça.

Álvaro de Campos, Poesias, Lisboa, Ática, 1993

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas ao questionário.

1. Refira os traços caracterizadores do passado evocado pelo sujeito poético.
2. Apresente uma justificação para a oposição estabelecida entre passado/presente.
3. Explícite o sentido da oposição adverbial “aqui” (v. 5) e “lá” (v. 15).
4. A tranquilidade e harmonia do passado contrastam com a inquietação do presente.
 - 4.1. Descreva o estado de espírito do sujeito poético no momento da escrita.

B

Fazendo apelo à sua experiência de leitura, comente a afirmação que se segue, a propósito da poesia de Álvaro de Campos, num texto bem estruturado, de 80 a 130 palavras.

Para Campos, a sensação é tudo, sim, mas não necessariamente a sensação das coisas como são, antes das coisas conforme sentidas.

Fernando Pessoa, Páginas de Autointerpretação

GRUPO II

(...) Campos é um homem possuído pelo “sentimento trágico de la vida” de que nos fala Unamuno. Renuncia ao lamuriar pusilâme de Pessoa e envereda pela imprecação indignada. Os seus poemas, navalhas verbais que rasgam o tecido espiritual, não permitem ao leitor um acesso teórico, visto que anulam a distância necessária para a fruição estética. Pessoa, tendo conseguido em Campos a ilusão de estar a falar por boca de outrem, supera a sua timidez proverbial e atreve-se a confessar-se. E a vida é o pecado por excelência. Como Antero, Campos só encontra a libertação na morte, no retorno do ser ao abismo do nada. O sensacionista veemente torna-se o “deprimido nas sensações”, o homem “sem fim na vida”. De tanto querer tudo de todas as maneiras nem sequer chega a ser ele próprio. Não pode encontrar-se nos outros, porque carece de caridade. Não é nada. É uma ficção. O criador secundário revela-se tão indeterminado como o seu criador primário. A caracterização fictícia de Pessoa falha rotundamente. Campos, se excluirmos uma diferença de tom, é um heterónimo redundante.

(...) O mergulho no vácuo depara-se-lhe como única alternativa à realidade. Campos escreve então uma poesia confessional que revela o Pessoa marginal, o dipsomaníaco, o homem que vê a vida fugir-lhe por entre as mãos sem conseguir agarrá-la. A energia positiva das Odes vai-se transformando em energia negativa. Campos passa da exaltação à depressão, do excesso ao defeito, do eufórico “ser tudo de todas as maneiras” à paralisadora “lipotimia das sensações”.

A obra poética de Campos descreve uma curva involutiva. No fim já não é o Campos cosmopolita, aguerrido, difuso, quem nos fita. É Fernando Pessoa, com os seus olhos cansados de míope.

Luís de Oliveira e Silva, in Prefácio *Poesias* de Álvaro de Campos,
Clássica Editora, Lisboa, 1985

1. Selecione, em cada um dos itens de 1.1. a 1.7., a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

1.1. Unamuno é citado no texto por

- A) se ter referido a Alberto Caeiro.
- B) se sentir atraído pela heteronímia.
- C) emitir uma opinião sobre Campos.
- D) ser de nacionalidade espanhola.

1.2. Campos, em termos estéticos e estilísticos,

- A) imita o mestre, Caeiro.
- B) aproxima-se de Fernando Pessoa.
- C) recusa sentir tudo de todas as maneiras.
- D) distingue-se do criador, Pessoa.

1.3. O heterónimo pessoano referido no texto

- A) é um deprimido que alcança a tranquilidade.
- B) passa da euforia à disforia.
- C) procura a morte como o seu mestre.
- D) sente-se eufórico e realizado.

1.4. Ao afirmar-se que “A obra poética de Campos descreve uma curva involutiva.”, pretende-se dizer que

- A)** a obra poética do autor reflete um retrocesso. **C)** a poesia deste heterónimo passou por diferentes momentos.
- B)** a poesia de Campos progrediu linearmente. **D)** foram colocados obstáculos à realização poética de Campos.

1.5. O segmento frásico sublinhado em “E a vida é o pecado por excelência” (linhas 5-6) corresponde ao

- A)** complemento agente da passiva. **C)** predicativo do sujeito.
- B)** modificador do grupo verbal. **D)** complemento direto.

1.6. A oração “que revela o Pessoa marginal” (linha 13) é subordinada

- A)** adjetiva relativa restritiva. **C)** substantiva completiva.
- B)** adjetiva relativa explicativa. **D)** substantiva relativa.

1.7. O pronome “lhe”, em “o homem que vê a vida fugir-lhe” (linha 13) pertence à subclasse dos

- A)** relativos. **C)** possessivos.
- B)** demonstrativos. **D)** pessoais.

2. Responda aos itens seguintes.

2.1. Indique a função sintática que um grupo frásico exigido por um verbo copulativo normalmente desempenha.

2.2. Refira o nome do ato ilocutório que expressa a intenção do emissor realizar futuramente uma ação ou cumprir o que enuncia.

2.3. Registe o nome da oração que completa o sentido de um verbo, de um nome ou de um adjetivo.

GRUPO III

Catarina Carvalho afirma: “Não é fácil ser mulher no século XXI. (...) As mulheres estão, pelo menos, cada vez mais confusas. (...) Entre a naturalidade com que acedem a MBAs, doutoramentos, pós-doutoramentos... estão as pressões sociais para serem mães, namoradas, mulheres perfeitas.”

Notícias Magazine, p. 4, 15 de janeiro de 2012 (adaptado)

Considere as afirmações anteriores e, num texto de 200 a 300 palavras, apresente uma reflexão sobre a condição da mulher na atualidade, face às solicitações e contingências profissionais, sociais e familiares.

Utilize, pelo menos, dois argumentos e um exemplo significativo para cada um deles.

GRUPO I

A

Leia com atenção as seguintes estrofes do canto III de *Os Lusíadas*.

1 Agora tu, Calíope, me ensina
O que contou ao Rei o ilustre Gama:
Inspira imortal canto e voz divina
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assim o claro inventor da Medicina¹,
De quem Orfeu pariste, ó linda Dama,
Nunca por Dafne, Clície ou Leucotoe²,
Te negue o amor devido, como soe³.

2 Põe tu, Ninfa⁴, em efeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganipe⁵ corre e mana.
Deixa as flores de Pindo⁶, que já vejo
Banhar-me Apolo na água soberana;
Senão direi que tens algum receio,
Que se escureça⁷ o teu querido Orfeo⁸.

3 Prontos estavam todos escutando
O que o sublime Gama contaria,
Quando, depois de um pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assim dizia:
“Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia:
Não me mandas contar estranha história,
Mas mandas-me louvar dos meus a glória.”

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, canto III

¹ Apolo; ² Três ninfas amadas por Apolo; ³ Costuma; ⁴ Calíope; ⁵ Fonte inspiradora dos poetas; ⁶ Monte da Grécia consagrado a Apolo e às Musas; ⁷ Esqueça; ⁸ Orfeu.

Apresente, de forma completa e bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Identifique, justificando, os planos estruturais da narrativa épica evidenciados no excerto selecionado.
2. Explícite a razão da invocação presente nas duas primeiras estâncias.
3. Considere as duas primeiras estâncias.
 - 3.1. Indique as três formas como aparece tratado o destinatário do discurso.
 - 3.2. Apresente três traços caracterizadores do ‘eu’ discursivo, fundamentando-se na informação dos versos.
4. Saliente o aspeto marcante do povo lusitano que surge referenciado na última estância, confirmando com uma expressão textual.

B

Num texto de 80 a 130 palavras, comente uma das várias reflexões desenvolvidas pelo poeta ao longo de *Os Lusíadas*, sem deixar de referir o que motiva, na epopeia, a reflexão selecionada.

GRUPO II

Leia atentamente o texto seguinte.

A VIAGEM QUE MUDOU O MUNDO

Antes da chegada de Vasco da Gama à Índia, o mundo estava todo dividido; nesse dia começou a «aldeia global».

A inauguração, em 1998, da Ponte Vasco da Gama, sobre o estuário do Tejo, veio finalmente constituir uma homenagem permanente àquele que é um dos mais famosos portugueses de sempre. Ao lado de Vasco da Gama, com projeção mundial equivalente só existem o Infante D. Henrique e Fernão de Magalhães (que organizou a primeira viagem à volta do mundo, embora ao serviço de Espanha). Sim, porque as «glórias» desportivas são não só efémeras mas sobretudo irrelevantes...

Quase toda a gente sabe dizer de cor que «Vasco da Gama descobriu o caminho marítimo para a Índia». Mas esta frase feita pode gerar confusão: se ele descobriu o caminho marítimo, era porque o caminho terrestre já era conhecido. E é verdade. Só que ninguém ia à Índia por terra. Da Índia, o que interessava na Europa eram as especiarias, que nesse tempo valiam como ouro. Quem trazia esses produtos para o Ocidente eram os marinheiros árabes, que os deixavam na zona de Suez. As mercadorias atravessavam o istmo às costas de camelos para serem embarcadas em navios da República de Veneza, que por sua vez as vendia, mais caras do que os olhos da cara, nas praças europeias. O ideal seria ir buscá-las ao oriente...

Quem teve a ideia foi D. João II, o rei que já vimos assinar o tratado de Tordesilhas. Mas entretanto esse estadista visionário morreria sem deixar herdeiro direto, sucedendo-lhe o cunhado, D. Manuel I. Foi da missão de encontrar o caminho marítimo para a Índia que o novo soberano incumbiu Vasco da Gama. Constituiu-se uma pequena esquadra e os aventureiros lá partiram, a 8 de julho de 1497. Viveram as mais movimentadas aventuras, mas tudo acabaria por correr bem, tendo atingido a Índia em 20 de maio de 1498. Esta viagem não só lançou as bases do império português do Oriente, como inaugurou a primeira era da globalização, a que o historiador inglês Arnold Toynbee chamou era Gâmica (do nome de Vasco da Gama).

No rasto dos portugueses, outras potências europeias lançaram-se ao assalto da Ásia e da África, e a História do mundo entraria na fase da «aldeia global».

É ou não verdade que se justificava o feriado de 20 de maio, data da chegada dos portugueses à Índia, exatamente 500 anos antes da inauguração da ponte Vasco da Gama?

in *Visão*, nº 981, 22 a 28 de dezembro de 2011, p. 59

1. Selecione, em cada um dos itens de 1.1. a 1.7., a única opção que permite obter uma afirmação correta.

1.1 O autor do texto manifesta a opinião de que

- A) a inauguração da Ponte Vasco da Gama se juntou a outras iniciativas com o mesmo fim.
- B) as descobertas marítimas dos portugueses estão ao nível das vitórias desportivas.
- C) a ponte Vasco da Gama serviu para homenagear o descobridor do caminho marítimo para a Índia.
- D) o Infante D. Henrique e Fernão de Magalhães também mereciam ser dignificados com um evento semelhante ao da Ponte Vasco da Gama.

1.2. A referência ao rei D. João II é feita com o objetivo de

- A)** mostrar a sua importância pelo facto de ter assinado o Tratado de Tordesilhas.
- B)** enaltecer Vasco da Gama por encontrar o caminho marítimo para a Índia.
- C)** evidenciar o antecessor de D. Manuel I.
- D)** realçar a ideia da importância da sua pretensão: ir buscar as especiarias ao oriente.

1.3. Com o uso do conector «Antes de» (subtítulo), faz-se referência a um acontecimento

- A)** de realização simultânea aos primórdios da aldeia global.
- B)** de realização anterior às origens da aldeia global.
- C)** de realização gradual associada à chegada de Vasco da Gama à Índia.
- D)** de realização posterior à chegada de Vasco da Gama à Índia.

1.4 Em «àquele que é um dos mais famosos portugueses de sempre.» (linha 2), o «que» estabelece uma relação de

- A)** consequência.
- B)** causalidade.
- C)** comparação.
- D)** retoma.

1.5. Na frase «as 'glórias' desportivas são não só efémeras mas sobretudo irrelevantes...» (linha 5), o constituinte sublinhado corresponde ao

- A)** predicativo do sujeito.
- B)** complemento direto.
- C)** sujeito.
- D)** predicativo do complemento direto.

1.6. A oração «que por sua vez as vendia, mais caras do que os olhos da cara, nas praças europeias.» (linha 12) classifica-se como subordinada

- A)** substantiva relativa sem antecedente.
- B)** adjetiva relativa restritiva.
- C)** adjetiva relativa explicativa.
- D)** substantiva completiva.

- 1.7.** O emprego do pronome «lhe» em «sucendo-lhe o cunhado, D. Manuel I (linha 15) está ao serviço da coesão
- A)** lexical.
 - B)** referencial.
 - C)** frásica.
 - D)** temporal.
- 2.** Considere a frase «Quem trazia esses produtos para o Ocidente eram os marinheiros árabes, **que os** deixavam na zona de Suez.» (linhas 9-10).
- 2.1.** Identifique os antecedentes das palavras destacadas.
 - 2.2.** Indique a classe e a subclasse a que pertencem.
 - 2.3.** Classifique-os em termos de função sintática.

GRUPO III

Considere o subtítulo do texto do Grupo II.

Antes da chegada de Vasco da Gama à Índia, o mundo estava todo dividido; nesse dia começou a «aldeia global».

Num texto bem estruturado, com um mínimo de 200 e um máximo de 300 palavras, elabore uma dissertação acerca das vantagens e desvantagens da construção da aldeia global.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos, ilustrando cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

GRUPO I

A

Leia com atenção as seguintes estrofes do canto III de *Os Lusíadas*.

- 1 Agora tu, Calíope, me ensina
O que contou ao Rei o ilustre Gama:
Inspira imortal canto e voz divina
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assim o claro inventor da Medicina¹,
De quem Orfeu pariste, ó linda Dama,
Nunca por Dafne, Clície ou Leucotoe²,
Te negue o amor devido, como soe³.
- 2 Põe tu, Ninfa⁴, em efeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganipe⁵ corre e mana.
Deixa as flores de Pindo⁶, que já vejo
Banhar-me Apolo na água soberana;
Senão direi que tens algum receio,
Que se escureça⁷ o teu querido Orfeu⁸.

- 3 Prontos estavam todos escutando
O que o sublime Gama contaria,
Quando, depois de um pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assim dizia:
“Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia:
Não me mandas contar estranha história,
Mas mandas-me louvar dos meus a glória.”

Luís de Camões
in *Os Lusíadas*

¹ Apolo; ² Três ninfas amadas por Apolo; ³ Costuma; ⁴ Calíope; ⁵ Fonte inspiradora dos poetas; ⁶ Monte da Grécia consagrado a Apolo e às Musas; ⁷ Esqueça; ⁸ Orfeu.

Apresente, de forma completa e bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Refira, justificadamente, os planos estruturais da narrativa épica evidenciados no excerto selecionado.
2. Considere as duas primeiras estâncias.
 - 2.1. Identifique o Rei mencionado pelo narrador na primeira estrofe.
 - 2.2. Destaque a importância dada à figura de Apolo nas duas estrofes.
3. Explícite a razão da invocação presente nas duas primeiras estâncias.
4. Saliente o aspeto marcante do povo lusitano que surge referenciado na última estância, confirmando com uma expressão textual.

B

Num texto de 80 a 130, comente uma das várias reflexões desenvolvidas pelo poeta ao longo de *Os Lusíadas*, sem deixar de referir o que motiva, na epopeia, a reflexão selecionada.

GRUPO II

Leia atentamente o texto seguinte.

A VIAGEM QUE MUDOU O MUNDO

Antes da chegada de Vasco da Gama à Índia, o mundo estava todo dividido; nesse dia começou a «aldeia global».

A inauguração, em 1998, da Ponte Vasco da Gama, sobre o estuário do Tejo, veio finalmente constituir uma homenagem permanente àquele que é um dos mais famosos portugueses de sempre. Ao lado de Vasco da Gama, com projeção mundial equivalente só existem o Infante D. Henrique e Fernão de Magalhães (que organizou a primeira viagem à volta do mundo, embora ao serviço de Espanha). Sim,
5 porque as «glórias» desportivas são não só efémeras mas sobretudo irrelevantes...

Quase toda a gente sabe dizer de cor que «Vasco da Gama descobriu o caminho marítimo para a Índia». Mas esta frase feita pode gerar confusão: se ele descobriu o caminho marítimo, era porque o caminho terrestre já era conhecido. E é verdade. Só que ninguém ia à Índia por terra. Da Índia, o que interessava na Europa eram as especiarias, que nesse tempo valiam como ouro. Quem trazia esses
10 produtos para o Ocidente eram os marinheiros árabes, que os deixavam na zona de Suez. As mercadorias atravessavam o istmo às costas de camelos para serem embarcadas em navios da República de Veneza, que por sua vez as vendia, mais caras do que os olhos da cara, nas praças europeias. O ideal seria ir buscá-las ao oriente...

Quem teve a ideia foi D. João II, o rei que já vimos assinar o tratado de Tordesilhas. Mas entretanto
15 esse estadista visionário morreria sem deixar herdeiro direto, sucedendo-lhe o cunhado, D. Manuel I. Foi da missão de encontrar o caminho marítimo para a Índia que o novo soberano incumbiu Vasco da Gama. Constituiu-se uma pequena esquadra e os aventureiros lá partiram, a 8 de julho de 1497. Viveram as mais movimentadas aventuras, mas tudo acabaria por correr bem, tendo atingido a Índia em 20 de maio de 1498. Esta viagem não só lançou as bases do império português do Oriente, como inaugurou a
20 primeira era da globalização, a que o historiador inglês Arnold Toynbee chamou era Gâmica (do nome de Vasco da Gama).

No rasto dos portugueses, outras potências europeias lançaram-se ao assalto da Ásia e da África, e a História do mundo entraria na fase da «aldeia global».

É ou não verdade que se justificava o feriado de 20 de maio, data da chegada dos portugueses à
25 Índia, exatamente 500 anos antes da inauguração da ponte Vasco da Gama?

in *Visão*, nº 981, 22 a 28 de dezembro de 2011, p. 59

1. Selecione, em cada um dos itens de 1.1. a 1.7., a única opção que permite obter uma afirmação correta.

1.1. O autor do texto manifesta a opinião de que

- A) a ponte Vasco da Gama serviu para homenagear o descobridor do caminho marítimo para a Índia.
- B) a inauguração da Ponte Vasco da Gama se juntou a outras iniciativas com o mesmo fim.
- C) as descobertas marítimas dos portugueses estão ao nível das vitórias desportivas.
- D) o Infante D. Henrique e Fernão de Magalhães também mereciam ser dignificados com um evento semelhante ao da Ponte Vasco da Gama.

- 1.2.** A referência ao rei D. João II é feita com o objetivo de
- A)** mostrar a sua importância pelo facto de ter assinado o Tratado de Tordesilhas.
 - B)** enaltecer Vasco da Gama por encontrar o caminho marítimo para a Índia.
 - C)** evidenciar o bem-sucedido e sucessor monarca, o rei D. Manuel I.
 - D)** realçar a ideia da importância da sua pretensão: ir buscar as especiarias ao oriente.
- 1.3.** Com o uso do conector «Antes de» (subtítulo), faz-se referência a um acontecimento
- A)** de realização posterior à chegada de Vasco da Gama à Índia.
 - B)** de realização simultânea aos primórdios da aldeia global.
 - C)** de realização anterior às origens da aldeia global.
 - D)** de realização gradual associada à chegada de Vasco da Gama à Índia.
- 1.4.** Em «As mercadorias atravessavam o istmo às costas de camelos para serem embarcadas em navios da República de Veneza » (linhas 10-12), o «para» estabelece uma relação de
- A)** consequência.
 - B)** retoma.
 - C)** finalidade.
 - D)** comparação.
- 1.5.** Na frase «as «glórias» desportivas são não só efémeras mas sobretudo irrelevantes...» (linha 5), o constituinte sublinhado corresponde ao
- A)** predicativo do sujeito.
 - B)** predicado.
 - C)** complemento direto.
 - D)** predicativo do complemento direto.
- 1.6.** A oração «que por sua vez as vendia, mais caras do que os olhos da cara, nas praças europeias.» (linha 12) classifica-se como subordinada
- A)** substantiva completiva.
 - B)** substantiva relativa sem antecedente.
 - C)** adjetiva relativa restritiva.
 - D)** adjetiva relativa explicativa.

- 1.7. O emprego do pronome «lhe» em «sucendo-lhe o cunhado, D. Manuel I (linha 5) está ao serviço da coesão
- A) referencial.
 - B) lexical.
 - C) frásica.
 - D) temporal.
2. Considere a frase «se ele descobriu o caminho marítimo, era porque o caminho terrestre já era conhecido.» (linhas 7-8).
- 2.1. Identifique o antecedente da palavra sublinhada.
- 2.2. Indique a classe e a subclasse a que pertence.
- 2.3. Classifique, em termos de função sintática, “ele” e “o caminho marítimo” na oração subordinada.

GRUPO III

Considere o subtítulo do texto do Grupo II.

Antes da chegada de Vasco da Gama à Índia, o mundo estava todo dividido; nesse dia começou a «aldeia global».

Num texto bem estruturado, com um mínimo de 200 e um máximo de 300 palavras, elabore uma dissertação acerca da importância dos feitos heroicos para o progresso da Humanidade.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos, ilustrando cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

GRUPO I

A

Leia atentamente o seguinte poema de *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

II
OS AVISOS

SEGUNDO
ANTÓNIO VIEIRA

O céu 'strela o azul e tem grandeza.
Este, que teve a fama e à glória tem,
Imperador da língua portuguesa,
Foi-nos um céu também.

5 No imenso espaço seu de meditar,
Constelado de formas e de visão,
Surge, prenúncio claro do luar,
El-Rei D. Sebastião.

10 Mas não, não é luar: é luz do etéreo.
É um dia; e, no céu amplo de desejo,
A madrugada irreal do Quinto Império
Doira as margens do Tejo.

Apresente, de forma completa e bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Identifique, no poema, os segmentos textuais que traduzem os elogios feitos a António Vieira.
1.1. Indique os motivos/as razões que justificam esses elogios.
2. Demonstre a utilização de palavras relacionadas com “luz”, ao longo da composição poética.
3. Justifique a inserção deste poema na estrutura global da *Mensagem*.

B

Num texto coerente, entre 80 e 130 palavras, comente a afirmação que se segue, atendendo ao estudo comparativo dinamizado entre *Os Lusíadas* de Luís de Camões e a *Mensagem* de Fernando Pessoa.

“Distanciados quase quatro séculos, Camões e Pessoa sentem os problemas nacionais, cada um à sua medida e de acordo com os contextos históricos e nacionais. (...) A diferença essencial consiste no plano factual: Camões move-se na linha das realidades acontecidas (...); Pessoa, mais na asa do sonho, da imaginação e do desejo.”

J. Oliveira Macêdo, in *Sob o signo do Império*, 2002, Edições ASA (adaptado)

GRUPO II

Leia com atenção o texto que se segue.

A leitura, pelas vantagens pessoais e sociais que representa, deve ser a grande prioridade da escola, da família e dos governos. Esta asserção ganha destaque considerável se atendermos ao facto de que Portugal é considerado um dos países da União Europeia com maior índice de analfabetismo total (pessoas que nunca frequentaram a escola) e de analfabetismo funcional (pessoas que frequentaram

5 a escola, mas que não conseguem ler nem escrever o suficiente para serem autónomas nas suas atividades de exercício pleno da cidadania a que têm direito). Por outro lado, a inexistência de materiais de leitura adequados à instrução das faixas etárias mais baixas, nos PALOP e nas comunidades emigrantes portuguesas, é razão de sobra para preocupação no que respeita ao futuro incerto das políticas de expansão da língua portuguesa no mundo.

10 Cada vez mais os estudiosos estabelecem uma correlação direta entre as questões do analfabetismo/iletrismo – caracterizados pela ausência de competências ao nível da leitura e da escrita – e os problemas pessoais e sociais que afetam as camadas menos privilegiadas da sociedade. Transpostos estes conceitos para a situação nacional e para a realidade educacional vivida nos PALOP, significa isto que não se pode pensar em sucesso educativo ou em desenvolvimento social enquanto se descuidar o

15 ensino da leitura. É comumente aceite que o domínio deficiente da leitura e a falta de hábitos de leitura condenam as nossas sociedades à pobreza não só em termos financeiros mas também culturais.

Hoje em dia aprender a ler não passa apenas pelo exercício mecânico de tradução de uma mancha gráfica para um conjunto de sons audíveis. Presentemente os grandes desafios que se colocam à educação são: ensinar a ler criticamente; ensinar a gostar de ler; criar hábitos de leitura vitalícios.

Graça Castanho, "ALL – Aprender a Ler Lendo: Projeto de literacia para o século XXI", Gabriela Funk, in *(Re)pensar o ensino do português*, Edições Salamandra (texto adaptado ao novo acordo ortográfico)

1. Selecione, em cada um dos itens de 1.1. a 1.7., a única opção que permite obter uma afirmação correta.

1.1. A palavra "asserção", na linha 2, significa

- A) opinião.
- B) afirmação.
- C) consideração.
- D) comentário.

1.2. As expressões entre parênteses nas linhas 3, 4, 5 e 6

- A) apresentam a causa do aspeto referido anteriormente.
- B) revelam a opinião do autor.
- C) generalizam o referente antecedente.
- D) explicitam a referência anterior.

1.3. De acordo com o autor do texto, o ensino da leitura é fundamental para

- A)** o sucesso educativo e o progresso social.
- B)** a tradução de caracteres gráficos.
- C)** o combate à pobreza financeira de uma nação.
- D)** o desenvolvimento de hábitos de leitura.

1.4. O pronome relativo sublinhado em “que representa” (linha 1) retoma o grupo

- A)** “A leitura”.
- B)** “vantagens pessoais”.
- C)** “vantagens sociais”.
- D)** “vantagens pessoais e sociais”.

1.5. A palavra “PALOP” (linha 7), quanto ao seu processo de formação, é um exemplo de

- A)** uma sigla.
- B)** empréstimo.
- C)** um acrónimo.
- D)** amálgama.

1.6. O sujeito da frase “significa isto que não se pode pensar em sucesso educativo ou em desenvolvimento” (linhas 14-15) é

- A)** nulo subentendido.
- B)** “que não se pode pensar em sucesso educativo ou em desenvolvimento”.
- C)** “isto”.
- D)** nulo indeterminado.

1.7. O segmento sublinhado em “o domínio deficiente da leitura e a falta de hábitos de leitura condenam as nossas sociedades à pobreza” (linhas 15-16) desempenha a função sintática de

- A)** complemento oblíquo.
- B)** complemento direto.
- C)** complemento indireto.
- D)** modificador do grupo verbal.

2. Responda de forma correta aos itens que se seguem.

2.1. Identifique o sujeito do predicado “é razão de sobra para preocupação” (linha 8).

2.2. Classifique a oração “que afetam as camadas menos privilegiadas da sociedade.” (linha 12).

2.3. Indique a função sintática do constituinte sublinhado em “o domínio deficiente da leitura” (linha 15).

GRUPO III

O mar, além de motivação e inspiração artística, provoca reações distintas a quem com ele convive.

Num texto bem estruturado, com um mínimo de 200 e um máximo de 300 palavras, apresente uma reflexão sobre o aspeto referido na afirmação supracitada.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

GRUPO I

A

Leia atentamente o seguinte poema de *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

II
OS AVISOS

SEGUNDO
ANTÓNIO VIEIRA

O céu 'strela o azul e tem grandeza.
Este, que teve a fama e à glória tem,
Imperador da língua portuguesa,
Foi-nos um céu também.

⁵ No imenso espaço seu de meditar,
Constelado de formas e de visão,
Surge, prenúncio claro do luar,
El-Rei D. Sebastião.

¹⁰ Mas não, não é luar: é luz do etéreo.
É um dia; e, no céu amplo de desejo,
A madrugada irreal do Quinto Império
Doira as margens do Tejo.

Apresente, de forma completa e bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Indique os motivos/as razões que justificam os elogios feitos a Padre António Vieira.
2. A palavra “céu” associa-se conotativamente à idealização, ao sonho preconizados na *Mensagem*.
 - 2.1. Comprove a afirmação feita, apoiando-se nas referências textuais.
3. Explique a funcionalidade do articulador que inicia a terceira estrofe.
4. Na última estrofe, o sujeito poético relaciona claramente António Vieira com o “Quinto Império”.
 - 4.1. Caracterize este “Quinto Império”, recorrendo a referências textuais.

B

Num texto coerente, entre 80 e 130 palavras, comente a afirmação que se segue, atendendo ao estudo comparativo dinamizado entre *Os Lusíadas* de Luís de Camões e a *Mensagem* de Fernando Pessoa.

“Distanciados quase quatro séculos, Camões e Pessoa sentem os problemas nacionais, cada um à sua medida e de acordo com os contextos históricos e nacionais. (...) A diferença essencial consiste no plano factual: Camões move-se na linha das realidades acontecidas (...); Pessoa, mais na asa do sonho, da imaginação e do desejo.”

J. Oliveira Macêdo, in *Sob o signo do Império*, 2002, Edições ASA (adaptado)

GRUPO II

Leia com atenção o texto que se segue.

A leitura, pelas vantagens pessoais e sociais que representa, deve ser a grande prioridade da escola, da família e dos governos. Esta asserção ganha destaque considerável se atendermos ao facto de que Portugal é considerado um dos países da União Europeia com maior índice de analfabetismo total (pessoas que nunca frequentaram a escola) e de analfabetismo funcional (pessoas que frequentaram a escola, mas que não conseguem ler nem escrever o suficiente para serem autónomas nas suas atividades de exercício pleno da cidadania a que têm direito). Por outro lado, a inexistência de materiais de leitura adequados à instrução das faixas etárias mais baixas, nos PALOP e nas comunidades emigrantes portuguesas, é razão de sobra para preocupação no que respeita ao futuro incerto das políticas de expansão da língua portuguesa no mundo.

Cada vez mais os estudiosos estabelecem uma correlação direta entre as questões do analfabetismo/iletrismo – caracterizados pela ausência de competências ao nível da leitura e da escrita – e os problemas pessoais e sociais que afetam as camadas menos privilegiadas da sociedade. Transpostos estes conceitos para a situação nacional e para a realidade educacional vivida nos PALOP, significa isto que não se pode pensar em sucesso educativo ou em desenvolvimento social enquanto se descuidar o ensino da leitura. É comumente aceite que o domínio deficiente da leitura e a falta de hábitos de leitura condenam as nossas sociedades à pobreza não só em termos financeiros mas também culturais.

Hoje em dia aprender a ler não passa apenas pelo exercício mecânico de tradução de uma mancha gráfica para um conjunto de sons audíveis. Presentemente os grandes desafios que se colocam à educação são: ensinar a ler criticamente; ensinar a gostar de ler; criar hábitos de leitura vitalícios.

Graça Castanho, “ALL – Aprender a Ler Lendo: Projeto de literacia para o século XXI”, Gabriela Funk, in *(Re)pensar o ensino do português*, Edições Salamandra (texto adaptado ao novo acordo ortográfico)

1. Selecione, em cada um dos itens de **1.1.** a **1.7.**, a única opção que permite obter uma afirmação correta.

1.1. A palavra “asserção”, na linha 2, significa

- A)** consideração.
- B)** comentário.
- C)** opinião.
- D)** afirmação.

1.2. As expressões entre parênteses nas linhas 3, 4, 5 e 6

- A)** a referente antecedente.
- B)** explicitam a referência anterior.
- C)** revelam a opinião do autor.
- D)** generalizam o referente antecedente.

1.3. De acordo com o autor do texto, o ensino da leitura é fundamental para

- A)** a tradução de caracteres gráficos.
- B)** o combate à pobreza financeira de uma nação.
- C)** o sucesso educativo e o progresso social.
- D)** o desenvolvimento de hábitos de leitura.

1.4. O pronome relativo sublinhado em “que representa” (linha 1) retoma o grupo

- A) “vantagens pessoais e sociais”. C) “vantagens pessoais”.
B) “A leitura”. D) “vantagens sociais”.

1.5. A palavra “PALOP” (linha 7), quanto ao seu processo de formação, é um exemplo de

- A) uma sigla. C) amálgama.
B) empréstimo. D) um acrónimo.

1.6. O sujeito da frase “significa isto que não se pode pensar em sucesso educativo ou em desenvolvimento” (linhas 13-14) é

- A) “isto”. C) nulo subentendido.
B) nulo indeterminado. D) “que não se pode pensar em sucesso educativo ou em desenvolvimento”.

1.7. O segmento sublinhado em “o domínio deficiente da leitura e a falta de hábitos de leitura condenam as nossas sociedades à pobreza” (linhas 15-16) desempenha a função sintática de

- A) complemento indireto. C) complemento oblíquo.
B) modificador do grupo verbal. D) complemento direto.

2. Responda de forma correta aos itens que se seguem.

2.1. Identifique o tipo de modalidade representada em “A leitura... deve ser a grande prioridade da escola, da família e dos governos.” (linhas 1-2).

2.2. Classifique a oração “que afetam as camadas menos privilegiadas da sociedade.” (linha 12).

2.3. Indique a função sintática do constituinte sublinhado em “Presentemente os grandes desafios que se colocam à educação...” (linha 19).

GRUPO III

O mar, além de motivação e inspiração artística, provoca reações distintas a quem com ele convive.

Num texto bem estruturado, com um mínimo de 200 e um máximo de 300 palavras, apresente uma reflexão sobre o aspeto referido na afirmação supracitada.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

GRUPO I

A

Leia com atenção o excerto de *Felizmente Há Luar!*, de Luís de Sttau Monteiro.

O espanto de Vicente pode revestir a forma de um olhar interrogador para os dois polícias que o ladeiam.

Fixa atentamente D. Miguel porque não tem a certeza de estar a agradar. A meio da frase faz uma pausa para estudar a reação do governador, e recomeça.

Francamente adulator.

Irritado.

Vicente começa a compreender que se enganou ao gabar Gomes Freire, mas ainda não sabe que caminho há de tomar.

Com esperança.

Como quem pede desculpa.

Com escárnio.

D. MIGUEL

Que sabe você do meu primo?

VICENTE

(Espantado)
Do primo de V. Excelência?

D. MIGUEL

Falo do general Gomes Freire d'Andrade.

VICENTE

Sou um homem o povo, Excelência... Tenho o general Gomes Freire na conta em que o tem o povo.

D. MIGUEL

E em que conta o tem o povo?

VICENTE

Excelência: Se pusermos de parte a pessoa d'el-rei e a vossa, a ninguém tem o povo mais amor do que ao primo de V. Excelência. Soldado distinto, súbdito fiel... Em ninguém põe o povo mais esperança do que no general...

D. MIGUEL

Esperança de quê?

VICENTE

(Depois de examinar o governador com atenção)
Excelência: fala-se de... Fala-se de... V. Ex.^a não pode ignorar que se fala de revolução.

D. MIGUEL

E liga-se o nome de meu primo a essa revolução?

VICENTE

O povo fala...

D. MIGUEL

O povo fala... E que interessa o que diz o povo?

VICENTE

Há quem diga que a voz do povo é a voz de Deus... Mas também há quem diga o contrário!
Bem vistas as coisas, que pode a voz do povo contra a voz d'el-rei?

UMA VOZ

(Vinda de fora do palco e aumentando a intensidade à medida que o principal Sousa se aproxima dos presentes)
Diz o "Eclesiastes" que, tendo Deus dividido o género humano em várias nações, a cada uma delas deu um príncipe que a governasse...
(O principal Sousa surge no palco, imponentemente vestido)
É de origem divina o poder dos reis e é portanto a sua – e não a do povo – a voz de Deus.

	VICENTE <i>(Com humildade)</i> O povo, Reverência, não leu o “Eclesiastes” e pouco se preocupa com a origem do poder. Interessa-lhe mais o preço do pão... Talvez, se o ensinassem a ler, tomasse conhecimento do “Eclesiastes”... PRINCIPAL SOUSA E talvez não, meu filho: a sabedoria é tão perigosa como a ignorância! Ambas podem afastar o homem de Deus e dos seus caminhos. Sei bem como a palavra “liberdade”, na boca dos demagogos, se torna aliciante e admito, até, que o soberano, por vezes, tenha ido contra a lei estabelecida, mas esta interrupção duma lei particular é justificada pela lei geral, que lhe confia todo o poder necessário para a salvação do Estado... Compreendes, meu filho?
--	--

Apresente, de forma completa e bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Insira, justificadamente, o excerto na estrutura da obra a que pertence.
2. Evidencie as características do general Gomes Freire de Andrade, justificando a influência que este exercia sobre o povo.
3. Apresente uma possível explicação para a seguinte afirmação do principal Sousa: “... a sabedoria é tão perigosa como a ignorância!”.
4. Considere as didascálias, inseridas no texto, que acompanham as falas de Vicente.
 - 4.1. Analise a evolução a que se assiste no comportamento da personagem.

B

Fazendo apelo à sua experiência de leitura e aos conhecimentos adquiridos sobre a realidade sociopolítica existente em Portugal no tempo da escrita, demonstre, num texto coerente, entre 80 e 130 palavras, o paralelismo entre as personagens convocadas no excerto apresentado no Grupo I e aquelas que Sttau Monteiro procurou atingir.

GRUPO II

Leia atentamente o texto que se segue.

A arte teatral nasce do encontro entre duas forças convergentes: a obra, concebida pelo poeta¹ dramático e animada sobre as tábuas do palco pelo encenador, e o público, a quem se dirige e destina. O ator é o elo de ligação entre estes dois elementos: a ele compete produzir a descarga elétrica resultante da aproximação desses dois polos; é por via dele que se transmite ao público o pensamento do autor, tomado, graças à sua intervenção, sensível e presente.

Inicialmente um texto, o teatro não se esgota, contudo, nesse texto. A obra escrita pelo poeta implica a presença do ator (que emprestará a sua pessoa às *personagens* por aquele concebidas) e o mundo em que este há de evoluir e viver o conflito ideado² pelo autor. Assim, vem o teatro a resolver-se

¹ poeta: neste contexto, usado com o sentido de autor.

² ideado: concebido.

10 numa verdadeira síntese das artes, num modo superior de expressão em que todas as formas artísticas - da poesia³ à declamação e à mímica, da pintura e da arquitetura à música - colaboram e, unificadas no plano comum do espetáculo, harmoniosamente se fundem.

O ator, com a sua presença física, viva, real, a sua voz, os seus gestos, a sua marcha, é um dos elementos essenciais dessa síntese. "O prazer da metamorfose – escreveu Nietzsche⁴ em *A Origem da Tragédia* – é a condição prévia de toda a arte dramática. O fenómeno dramático primordial consiste em 15 ver-se a si próprio metamorfoseado e agir como se realmente se vivesse dentro de um outro corpo, com um outro carácter."

Épocas houve da história do teatro em que o ator [...] ocupou o lugar predominante adentro da síntese teatral. Tais épocas, porém, não coincidem com os períodos áureos da arte dramática, visto que esse predomínio de uma das partes do todo sobre o próprio todo equivale ao rompimento do equilíbrio 20 pressuposto pela síntese das artes. Os momentos mais altos da história do teatro são aqueles em que – como sucedeu na Grécia antiga, no apogeu da Idade Média, ou na Inglaterra isabelina – todas as artes, e portanto também a do ator, embora gravitando em torno do texto e ordenadas em sua função, concorrem harmoniosa e proporcionalmente para atingir o objetivo comum: o espetáculo teatral.

Luíz Francisco Rebello, "O Ator", Separata da *Enciclopédia da Vida Corrente*, Lisboa, 1953
(texto adaptado ao novo acordo ortográfico)

³ poesia: neste contexto, usado com o sentido de literatura.

⁴ Nietzsche: filósofo alemão (1844-1900)

1. Selecione, em cada um dos itens de 1.1. a 1.7., a única opção que permite obter uma afirmação correta.

1.1. O equilíbrio da arte dramática resulta

- A) do envolvimento do ator.
- B) da fusão das várias artes.
- C) da ligação entre a obra e o público.
- D) do trabalho do autor e do encenador.

1.2. Na Grécia antiga e na Inglaterra isabelina

- A) todas as manifestações artísticas, juntamente com o trabalho do ator, concorriam de forma equilibrada.
- B) o ator era considerado o elo de ligação entre o autor e o encenador.
- C) atribuía-se ao ator o lugar mais importante dentro da arte teatral.
- D) foi retirado ao ator o estatuto de peça fundamental na arte dramática.

1.3. Entre o sublinhado e as palavras destacadas em "duas forças convergentes: **a obra**, concebida pelo poeta dramático e animada sobre as tábuas do palco pelo encenador, e **o público**, a quem se dirige e destina." (linhas 1 e 2), verifica-se um mecanismo de coesão.

- A) lexical, com recurso à substituição.
- B) referencial, com recurso à anáfora.
- C) interfrásica.
- D) referencial, com recurso à catáfora.

1.4. O constituinte “o elo de ligação entre estes dois elementos” (linha 3) corresponde ao

- | | |
|-------------------------------|--|
| A) sujeito. | C) predicativo do sujeito. |
| B) complemento direto. | D) modificador apositivo do nome. |

1.5. Os adjetivos “sensível e presente” (linha 5) modificam o nome

- | | |
|-------------------------|--------------------------|
| A) “público”. | C) “autor”. |
| B) “pensamento”. | D) “intervenção”. |

1.6. O segmento “harmoniosamente se fundem” (linha 11) contém um advérbio

- | | |
|---------------------|-------------------------|
| A) conetivo. | C) de predicado. |
| B) de frase. | D) relativo. |

1.7. Em “embora gravitando em torno do texto e ordenadas em sua função” (linha 22), o enunciador pretende estabelecer uma relação de

- | | |
|----------------------|-------------------------|
| A) concessão. | C) consequência. |
| B) causa. | D) condição. |

2. Responda de forma correta aos itens que se seguem.

2.1. Identifique a subclasse do adjetivo em “A arte teatral” (linha 1).

2.2. Refira o antecedente do pronome demonstrativo em “por aquele concebidas” (linha 7).

2.3. Indique o grau do adjetivo presente na expressão “Os momentos mais altos da história do teatro” (linha 20).

GRUPO III

“O entendimento da diversidade cultural ajuda à comparação e clarificação das circunstâncias históricas, dos modos de expressão visual, convenções e ideologias, valores e atitudes, pressupondo a emergência de processos de relativização cultural e ideológica que promovem novas formas de olhar, ver e pensar. Estas formas revelam-se essenciais na educação em geral, pelo facto de implicarem processos cooperativos como resposta às mudanças que se vão operando culturalmente.”

<http://www.criamar.pt/pageview.aspx?pageid=264&langid=1> [consultado em 11 de março de 2012]

Num texto bem estruturado, com um mínimo de 200 e um máximo de 300 palavras, apresente uma reflexão sobre a importância da arte na vida das pessoas, tendo como ponto de análise a citação previamente apresentada.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

GRUPO I

A

Leia com atenção o excerto que se segue de *Felizmente Há Luar!*, de Luís de Sttau Monteiro.

O espanto de Vicente pode revestir a forma de um olhar interrogador para os dois polícias que o ladeiam.

Fixa atentamente D. Miguel porque não tem a certeza de estar a agradar. A meio da frase faz uma pausa para estudar a reação do governador, e recomeça.

Francamente adulator.

Irritado.

Vicente começa a compreender que se enganou ao gabar Gomes Freire, mas ainda não sabe que caminho há de tomar.

Com esperança.

Como quem pede desculpa.

Com escárnio.

D. MIGUEL

Que sabe você do meu primo?

VICENTE

(Espantado)
Do primo de V. Excelência?

D. MIGUEL

Falo do general Gomes Freire d'Andrade.

VICENTE

Sou um homem o povo, Excelência... Tenho o general Gomes Freire na conta em que o tem o povo.

D. MIGUEL

E em que conta o tem o povo?

VICENTE

Excelência: Se pusermos de parte a pessoa d'el-rei e a vossa, a ninguém tem o povo mais amor do que ao primo de V. Excelência. Soldado distinto, súbdito fiel... Em ninguém põe o povo mais esperança do que no general...

D. MIGUEL

Esperança de quê?

VICENTE

(Depois de examinar o governador com atenção)
Excelência: fala-se de... Fala-se de... V. Ex.^a não pode ignorar que se fala de revolução.

D. MIGUEL

E liga-se o nome de meu primo a essa revolução?

VICENTE

O povo fala...

D. MIGUEL

O povo fala... E que interessa o que diz o povo?

VICENTE

Há quem diga que a voz do povo é a voz de Deus... Mas também há quem diga o contrário!
Bem vistas as coisas, que pode a voz do povo contra a voz d'el-rei?

UMA VOZ

(Vinda de fora do palco e aumentando a intensidade à medida que o principal Sousa se aproxima dos presentes)
Diz o "Eclesiastes" que, tendo Deus dividido o género humano em várias nações, a cada uma delas deu um príncipe que a governasse...
(O principal Sousa surge no palco, imponentemente vestido)
É de origem divina o poder dos reis e é portanto a sua – e não a do povo – a voz de Deus.

	VICENTE <i>(Com humildade)</i> O povo, Reverência, não leu o “Eclesiastes” e pouco se preocupa com a origem do poder. Interessa-lhe mais o preço do pão... Talvez, se o ensinassem a ler, tomasse conhecimento do “Eclesiastes”... PRINCIPAL SOUSA E talvez não, meu filho: a sabedoria é tão perigosa como a ignorância! Ambas podem afastar o homem de Deus e dos seus caminhos. Sei bem como a palavra “liberdade”, na boca dos demagogos, se torna aliciante e admito, até, que o soberano, por vezes, tenha ido contra a lei estabelecida, mas esta interrupção duma lei particular é justificada pela lei geral, que lhe confia todo o poder necessário para a salvação do Estado... Compreendes, meu filho?
--	--

Apresente, de forma completa e bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Demonstre a consciência política de Vicente, a partir das falas da personagem.
2. Evidencie as características do general Gomes Freire de Andrade, justificando a influência que este exercia sobre o povo.
3. Apresente uma possível explicação para a repetição de “meu filho” na fala de Principal Sousa.
4. Refira a importância deste excerto para o desenvolvimento da ação.

B

Fazendo apelo à sua experiência de leitura e aos conhecimentos adquiridos sobre a realidade sociopolítica existente em Portugal no tempo da escrita, demonstre, num texto coerente, entre 80 e 130 palavras, o paralelismo entre as personagens convocadas no excerto apresentado no Grupo I e aquelas que Sttau Monteiro procurou atingir.

GRUPO II

Leia atentamente o texto que se segue.

A arte teatral nasce do encontro entre duas forças convergentes: a obra, concebida pelo poeta¹ dramático e animada sobre as tábuas do palco pelo encenador, e o público, a quem se dirige e destina. O ator é o elo de ligação entre estes dois elementos: a ele compete produzir a descarga elétrica resultante da aproximação desses dois polos; é por via dele que se transmite ao público o pensamento do autor, tomado, graças à sua intervenção, sensível e presente.

Inicialmente um texto, o teatro não se esgota, contudo, nesse texto. A obra escrita pelo poeta implica a presença do ator (que emprestará a sua pessoa às *personagens* por aquele concebidas) e o mundo em que este há de evoluir e viver o conflito ideado² pelo autor. Assim, vem o teatro a resolver-se numa verdadeira síntese das artes, num modo superior de expressão em que todas as formas artísticas - da poesia³ à declamação e à mímica, da pintura e da arquitetura à música - colaboram e, unificadas no plano comum do espetáculo, harmoniosamente se fundem.

¹ poeta: neste contexto, usado com o sentido de autor.

² ideado: concebido.

³ poesia: neste contexto, usado com o sentido de literatura.

O ator, com a sua presença física, viva, real, a sua voz, os seus gestos, a sua marcha, é um dos elementos essenciais dessa síntese. “O prazer da metamorfose - escreveu Nietzsche⁴ em *A Origem da Tragédia* - é a condição prévia de toda a arte dramática. O fenómeno dramático primordial consiste em ver-se a si próprio metamorfoseado e agir como se realmente se vivesse dentro de um outro corpo, com um outro carácter.”

Épocas houve da história do teatro em que o ator [...] ocupou o lugar predominante adentro da síntese teatral. Tais épocas, porém, não coincidem com os períodos áureos da arte dramática, visto que esse predomínio de uma das partes do todo sobre o próprio todo equivale ao rompimento do equilíbrio pressuposto pela síntese das artes. Os momentos mais altos da história do teatro são aqueles em que – como sucedeu na Grécia antiga, no apogeu da Idade Média, ou na Inglaterra isabelina – todas as artes, e portanto também a do ator, embora gravitando em torno do texto e ordenadas em sua função, concorrem harmoniosa e proporcionalmente para atingir o objetivo comum: o espetáculo teatral.

Luíz Francisco Rebello, “O Ator”, Separata da *Enciclopédia da Vida Corrente*, Lisboa, 1953
(texto adaptado ao novo acordo ortográfico)

⁴ Nietzsche: filósofo alemão (1844-1900)

1. Selecione, em cada um dos itens de 1.1. a 1.7., a única opção que permite obter uma afirmação correta.

1.1. O equilíbrio da arte dramática resulta

- A) do envolvimento do ator.
- B) da ligação entre a obra e o público.
- C) do trabalho do autor e do encenador.
- D) da fusão das várias artes.

1.2. Na Grécia antiga e na Inglaterra isabelina

- A) atribuía-se ao ator o lugar mais importante dentro da arte teatral.
- B) todas as manifestações artísticas, juntamente com o trabalho do ator, concorriam de forma equilibrada.
- C) o ator era considerado o elo de ligação entre o autor e o encenador.
- D) foi retirado ao ator o estatuto de peça fundamental na arte dramática.

1.3. Entre o sublinhado e as palavras destacadas em “duas forças convergentes: **a obra**, concebida pelo poeta dramático e animada sobre as tábuas do palco pelo encenador, e **o público**, a quem se dirige e destina.” (linhas 1 e 2), verifica-se um mecanismo de coesão.

- A) referencial, com recurso à catáfora.
- B) lexical, com recurso à substituição.
- C) referencial, com recurso à anáfora.
- D) interfrásica.

1.4. O constituinte “o elo de ligação entre estes dois elementos” (linha 3) corresponde ao

- | | |
|-------------------------------|--|
| A) sujeito. | C) predicativo do sujeito. |
| B) complemento direto. | D) modificador apositivo do nome. |

1.5. Os adjetivos “sensível e presente” (linha 5) modificam o nome

- | | |
|--------------------------|-------------------------|
| A) “autor”. | C) “público”. |
| B) “intervenção”. | D) “pensamento”. |

1.6. O segmento “harmoniosamente se fundem” (linha 11) contém um advérbio

- | | |
|-------------------------|---------------------|
| A) conectivo. | C) de frase. |
| B) de predicado. | D) relativo. |

1.7. Em “embora gravitando em torno do texto e ordenadas em sua função” (linha 22), o enunciador pretende estabelecer uma relação de

- | | |
|-------------------------|----------------------|
| A) consequência. | C) concessão. |
| B) causa. | D) condição. |

2. Responda de forma correta aos itens que se seguem.

2.1. Identifique a subclasse do adjetivo presente em “numa verdadeira síntese” (linhas 8-9).

2.2. Classifique a oração “visto que esse predomínio... equivale ao rompimento...” (linhas 18-19).

2.3. Indique o grau do adjetivo presente em “o espetáculo teatral.” (linha 23).

GRUPO III

“O entendimento da diversidade cultural ajuda à comparação e clarificação das circunstâncias históricas, dos modos de expressão visual, convenções e ideologias, valores e atitudes, pressupondo a emergência de processos de relativização cultural e ideológica que promovem novas formas de olhar, ver e pensar. Estas formas revelam-se essenciais na educação em geral, pelo facto de implicarem processos cooperativos como resposta às mudanças que se vão operando culturalmente.”

<http://www.criamar.pt/pageview.aspx?pageid=264&langid=1> [consultado em 11 de março de 2012]

Num texto bem estruturado, com um mínimo de 200 e um máximo de 300 palavras, apresente uma reflexão sobre a importância da arte na vida das pessoas, tendo como ponto de análise a citação previamente apresentada.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

GRUPO I

A

Leia, atentamente, o excerto romanesco a seguir transcrito.

Pelas ruas escuras, foram subindo até ao alto da Vela, aquela não era a estrada para a aldeia da Paz, caminho obrigatório para o norte que o padre leva, porém, era como se tivessem que apartar-se dos lugares habitados, ainda que em todas estas barracas estejam homens dormindo, ou já acordando, são construções de fábrica precária, o mais que por aqui há são cabouqueiros, gente de muita força e pouco mimo, havemos de tornar a passar por estas bandas daqui por uns meses, mais ainda se forem anos, então veremos uma grande cidade de tábuas, maior que Mafra, quem viver verá, a isto e outras coisas, por agora bastem os toscos aposentos para neles descansarem os ossos os fatigados homens do alvião e da enxada, não tarda que toquem as cornetas, que também cá está a tropa, já não anda a morrer na guerra, e o que faz é guardar estas grosseiras legiões, ou ajudar onde não sofra a farda desdouro, em verdade mal se distinguem os guardas dos guardados, rotos uns, rasgados outros. O céu está cinzento e pérola para o lado do mar, mas, por cima dos cabeços que o defrontam, espalha-se lentamente uma cor de sangue aguado, depois vivo e vivíssimo, e em pouco virá o dia, oiro e azul, que a estação corre formosa. Blimunda é que nada vê, tem os olhos baixos, no bolso o bocado de pão que ainda não pode comer, Que será que vão querer de mim.

É o padre o que quer, não Baltasar, este sabe tão pouco como Blimunda. Em baixo, distingue-se confusamente o traçado dos caboucos, negro sobre sombra, há de ser ali a basílica. O terrapleno começa a encher-se de homens, estão a acender fogueiras, alguma comida quente para começar o dia, restos de ontem, daqui a pouco estarão bebendo o caldo das gamelas, molhando nele o pão grosso, só Blimunda terá de esperar a sua vez. Diz o padre Bartolomeu Lourenço, No mundo tenho-te a ti, Blimunda, a ti, Baltasar, estão no Brasil os meus pais, em Portugal meus irmãos, portanto pais e irmãos tenho, mas para isto não servem irmãos e pais, amigos se requerem, ouçam então, na Holanda soube o que é o éter, não é aquilo que geralmente se julga e ensina, e não se pode alcançar pelas artes da alquimia, para ir buscá-lo lá onde ele está, no céu, teríamos nós de voar e ainda não voamos, mas o éter, deem agora muita atenção ao que vou dizer-lhes, antes de subir aos ares para ser o onde as estrelas se suspendem e o ar que Deus respira, vive dentro dos homens e das mulheres, Nesse caso, é a alma, concluiu Baltasar, Não é, também eu, primeiro, pensei que fosse a alma, também pensei que o éter, afinal, fosse formado pelas almas que a morte liberta do corpo, antes de serem julgadas no fim dos tempos e do universo, mas o éter não se compõe das almas dos mortos, compõe-se, sim, ouçam bem, das vontades dos vivos.

Em baixo, começavam os homens a descer para os caboucos, onde mal se via ainda. Disse o padre, Dentro de nós existe vontade e alma, a alma retira-se com a morte, vai lá para onde as almas esperam pelo julgamento, ninguém sabe, mas a vontade, ou se separou do homem estando ele vivo, ou a separa dele a morte, é ela o éter, é portanto a vontade dos homens que segura as estrelas, é a vontade dos homens que Deus respira, E eu que faço, perguntou Blimunda, mas adivinhava a resposta, Verás a vontade dentro das pessoas, Nunca a vi, tal como nunca vi a alma, Não vês a alma porque a alma não se pode ver, não vias a vontade porque não a procuravas, Como é a vontade, É uma nuvem fechada, Que é uma nuvem fechada, Reconhecê-la-ás quando a vires, experimenta com Baltasar, para isso viemos aqui, Não posso, jurei que nunca o veria por dentro, Então comigo.

Blimunda levantou a cabeça, olhou o padre, viu o que sempre via, mais iguais as pessoas por dentro do que por fora, só outras quando doentes, tornou a olhar, disse, Não vejo nada. O padre sorriu, Talvez que eu já não tenha vontade, procura melhor, Vejo, vejo uma nuvem fechada sobre a boca do estômago.

O padre persignou-se, Graças, meu Deus, agora voarei. Tirou do alforge um frasco de vidro que tinha presa fundo, dentro, uma pastilha de âmbar amarelo, Este âmbar, também chamado eletro, atrai o éter, andarás sempre com ele por onde andarem pessoas, em procissões, em autos de fé, aqui nas obras do convento, e quando vires que a nuvem vai sair de dentro delas, está sempre a suceder, aproxima o frasco aberto, e a vontade entrará nele, E quando estiver cheio, Tem uma vontade dentro, já está cheio, mas esse é o indecifrável mistério das vontades, onde couber uma, cabem milhões, o um é igual ao infinito, E que faremos entretanto, perguntou Baltasar, Vou para Coimbra, de lá, a seu tempo, mandarei recado, então irão os dois para Lisboa, tu construirás a máquina, tu recolherás as vontades, encontrar-nos-emos os três quando chegar o dia de voar, abraço-te Blimunda, não me olhes tão de perto, abraço-te Baltasar, até à volta. Montou a mula e começou a descer a ladeira. O sol aparecera por cima dos cabeços. Come o pão, disse Baltasar, e Blimunda respondeu, Ainda não, primeiro vou ver a vontade daqueles homens.

(in *op. cit.*, 33ª edição, cap. XI, Lisboa, Caminho, pp. 124-127)

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Explícite o tópico predominantemente tratado no primeiro parágrafo.
2. Apresente a visão crítica aqui assumida pelo narrador.
3. Destaque uma gradação progressiva no final do primeiro parágrafo, explicando a sua expressividade.
4. Comprove a coexistência das quatro linhas de ação no excerto.

B

Na contracapa de *Memorial do Convento* pode ler-se: “Era uma vez um rei que fez promessa de levantar um convento em Mafra. Era uma vez a gente que construiu esse convento. Era uma vez um soldado maneta e uma mulher que tinha poderes. Era uma vez um padre que queria voar e morreu doido. Era uma vez.”

Num texto de 80 a 130 palavras, e partindo do conhecimento que tem da obra em questão, reporte-se ao modo como as diferentes linhas de ação se articulam no romance.

GRUPO II

Leia, agora, o excerto seguinte:

D. João V (Rei de Portugal) 1689-1750 – filho de D. Pedro II e de sua mulher, D. Maria Sofia Isabel de Neuburgo, reinou de 1706 a 1750 e ficou conhecido pelo cognome de “Magnânimo”. (...)

Debilitado o país pelas prolongadas guerras da Restauração e, depois, pela infeliz participação na Guerra da Sucessão de Espanha, procurará D. João V recompor a administração, governando como monarca absoluto, sem nunca ter convocado cortes.

As minas do Brasil vieram trazer grandes riquezas a Portugal, aproveitando-as o rei de Portugal para obras sumptuárias, para doações a igrejas e mosteiros, para luxo da sua corte, para a compra de indulgências, etc. Entre as suas iniciativas magnificentes, aponta-se o convento de Mafra e a capela que mandou erigir na igreja de S. Roque em Lisboa. Outros templos e conventos fez espalhar pelo reino.

Ante a ameaça dos Turcos, corresponde ao pedido de auxílio formulado pelo Papa Clemente XI. Quando as grandes potências europeias recusaram intervir, D. João V enviou, em 1717, uma esquadra que combateu, por forma decisiva, em Matapan.

Por sua iniciativa, o Papa Clemente XII concede dignidade de Cardeal ao Patriarca de Lisboa, desde 1737. E o Papa Bento XIV reconhece a D. João V e aos seus sucessores o título de Rei Fidelíssimo – que o punha em igualdade com o Rei Cristianíssimo de França e o Rei Católico de Espanha.

Protegeu as Artes e a Cultura, criando bibliotecas como a do convento de Mafra, a Biblioteca Real – depois da Ajuda – e a Biblioteca da Universidade de Coimbra. Fundou também a Real Academia de História, em 1720. (...)

Figura controversa – até pela sua vida privada, recheada de aventuras amorosas – nem por isso pode deixar de se reconhecer uma dignificação cultural e artística trazida pelo seu reinado a Portugal. Há, porém, autores que o acusam de não ter aproveitado as riquezas que, especialmente, do Brasil lhe chegaram para o lançamento de indústrias e de outras iniciativas reprodutivas para uma nova estruturação da economia portuguesa.

Dicionário de História de Portugal, Vol. I, Círculo de Leitores (com supressões)

1. Selecione, em cada um dos itens de 1.1. a 1.7., a única opção que permite obter uma afirmação correta.

1.1. A governação de D. João V como monarca absoluto caracteriza-se pela

- A) guerra da Restauração.
- B) não convocação de cortes.
- C) guerra da Sucessão.
- D) recomposição da administração.

1.2. O ouro vindo do Brasil foi utilizado

- A) na construção de redes de esgotos e habitações.
- B) na melhoria das condições de vida da população mais pobre.
- C) em doações ao clero, edificações magnânimes e luxos cortesãos.
- D) na arte e na cultura, através da criação de uma rede de bibliotecas.

1.3. O envolvimento do monarca na guerra contra os turcos deveu-se

- A) ao pedido expresso pelo Papa Clemente XI.
- B) à recusa de todos os outros países europeus.
- C) ao envio de uma esquadra portuguesa em 1715.
- D) à devoção de D. João V, enquanto cristão.

1.4. A governação de D. João V foi alvo de

- A) algumas críticas por não ter investido na reestruturação da economia.
- B) muitos elogios por ter defendido a arte e a cultura portuguesas.
- C) desaprovação devido à quantidade de filhos bastardos.
- D) aprovação por todo o apoio que deu às ordens religiosas.

1.5. Em “Outros templos e conventos fez espalhar pelo reino.” (linha 9), o constituinte sublinhado corresponde ao

- A) sujeito.
- B) complemento direto.
- C) modificador apositivo do nome.
- D) complemento indireto.

1.6. Na frase complexa presente nas linhas 11-12, a primeira vírgula

- A) separa um vocativo.
- B) isola os elementos de uma enumeração.
- C) separa a oração subordinada do subordinante.
- D) destaca um modificador da frase.

1.7. Em “Rei fidelíssimo” (linha 14), o adjetivo encontra-se no grau

- A) normal.
- B) superlativo relativo de superioridade.
- C) superlativo absoluto analítico.
- D) superlativo absoluto sintético.

2. Faça corresponder a cada um dos quatro elementos da coluna **A** um da coluna **B**, de modo a obter afirmações verdadeiras.

Coluna A	Alínea
2.1. Na expressão “...iniciativas magnificentes...” (linha 8), ...	
2.2. Com o elemento sublinhado em “... <u>que</u> mandou erigir” (linhas 8-9), ...	
2.3. Em “... o punha em igualdade...” (linhas 14-15), ...	
2.4. Em “Há, porém, autores que o acusam...” (linhas 20-21), ...	
2.5. No constituinte “estruturação da economia” (linhas 22-23), ...	

Coluna B
A) ... o enunciador estabelece uma relação de oposição com o enunciado anterior.
B) ... o enunciador estabelece coesão lexical pelo recurso a uma relação semântica de equivalência.
C) ... o enunciador recorre a uma catáfora pronominal.
D) ... o enunciador retoma o referente “capela”.
E) ... o enunciador estabelece a coesão lexical pelo recurso a uma relação semântica de causalidade.
F) ... o enunciador retoma anaforicamente o grupo nominal “D. João V” pelo processo de pronominalização.
G) ... o enunciador utiliza um grupo nominal que mantém a coesão cataforicamente.
H) ... o enunciador serve-se de um complemento do nome.
I) ... o enunciador recorre a um modificador restritivo do nome.

GRUPO III

A Igreja é uma instituição que tem sido criticada pela preocupação evidenciada na manutenção de riqueza e de poder.

Produza um texto expositivo-argumentativo, de duzentas a trezentas palavras, no qual aborde a questão da influência da Igreja na sociedade ao longo dos tempos, comprovando a tese defendida com alguns argumentos.

GRUPO I

A

Leia, atentamente, o excerto romanesco a seguir transcrito.

Pelas ruas escuras, foram subindo até ao alto da Vela, aquela não era a estrada para a aldeia da Paz, caminho obrigatório para o norte que o padre leva, porém, era como se tivessem que apartar-se dos lugares habitados, ainda que em todas estas barracas estejam homens dormindo, ou já acordando, são construções de fábrica precária, o mais que por aqui há são cabouqueiros, gente de muita força e pouco mimo, havemos de tornar a passar por estas bandas daqui por uns meses, mais ainda se forem anos, então veremos uma grande cidade de tábuas, maior que Mafra, quem viver verá, a isto e outras coisas, por agora bastem os toscos aposentos para neles descansarem os ossos os fatigados homens do alvião e da enxada, não tarda que toquem as cornetas, que também cá está a tropa, já não anda a morrer na guerra, e o que faz é guardar estas grosseiras legiões, ou ajudar onde não sofra a farda desdouro, em verdade mal se distinguem os guardas dos guardados, rotos uns, rasgados outros. O céu está cinzento e pérola para o lado do mar, mas, por cima dos cabeços que o defrontam, espalha-se lentamente uma cor de sangue aguado, depois vivo e vivíssimo, e em pouco virá o dia, oiro e azul, que a estação corre formosa. Blimunda é que nada vê, tem os olhos baixos, no bolso o bocado de pão que ainda não pode comer, Que será que vão querer de mim.

É o padre o que quer, não Baltasar, este sabe tão pouco como Blimunda. Em baixo, distingue-se confusamente o traçado dos caboucos, negro sobre sombra, há de ser ali a basílica. O terrapleno começa a encher-se de homens, estão a acender fogueiras, alguma comida quente para começar o dia, restos de ontem, daqui a pouco estarão bebendo o caldo das gamelas, molhando nele o pão grosso, só Blimunda terá de esperar a sua vez. Diz o padre Bartolomeu Lourenço, No mundo tenho-te a ti, Blimunda, a ti, Baltasar, estão no Brasil os meus pais, em Portugal meus irmãos, portanto pais e irmãos tenho, mas para isto não servem irmãos e pais, amigos se requerem, ouçam então, na Holanda soube o que é o éter, não é aquilo que geralmente se julga e ensina, e não se pode alcançar pelas artes da alquimia, para ir buscá-lo lá onde ele está, no céu, teríamos nós de voar e ainda não voamos, mas o éter, deem agora muita atenção ao que vou dizer-lhes, antes de subir aos ares para ser o onde as estrelas se suspendem e o ar que Deus respira, vive dentro dos homens e das mulheres, Nesse caso, é a alma, concluiu Baltasar, Não é, também eu, primeiro, pensei que fosse a alma, também pensei que o éter, afinal, fosse formado pelas almas que a morte liberta do corpo, antes de serem julgadas no fim dos tempos e do universo, mas o éter não se compõe das almas dos mortos, compõe-se, sim, ouçam bem, das vontades dos vivos.

Em baixo, começavam os homens a descer para os caboucos, onde mal se via ainda. Disse o padre, Dentro de nós existe vontade e alma, a alma retira-se com a morte, vai lá para onde as almas esperam pelo julgamento, ninguém sabe, mas a vontade, ou se separou do homem estando ele vivo, ou a separa dele a morte, é ela o éter, é portanto a vontade dos homens que segura as estrelas, é a vontade dos homens que Deus respira, E eu que faço, perguntou Blimunda, mas adivinhava a resposta, Verás a vontade dentro das pessoas, Nunca a vi, tal como nunca vi a alma, Não vês a alma porque a alma não se pode ver, não vias a vontade porque não a procuravas, Como é a vontade, É uma nuvem fechada, Que é uma nuvem fechada, Reconhecê-la-ás quando a vires, experimenta com Baltasar, para isso viemos aqui, Não posso, jurei que nunca o veria por dentro, Então comigo.

Blimunda levantou a cabeça, olhou o padre, viu o que sempre via, mais iguais as pessoas por dentro do que por fora, só outras quando doentes, tornou a olhar, disse, Não vejo nada. O padre sorriu, Talvez

que eu já não tenha vontade, procura melhor, Vejo, vejo uma nuvem fechada sobre a boca do estômago. O padre persignou-se, Graças, meu Deus, agora voarei. Tirou do alforge um frasco de vidro que tinha presa fundo, dentro, uma pastilha de âmbar amarelo, Este âmbar, também chamado eletro, atrai o éter, andarás sempre com ele por onde andarem pessoas, em procissões, em autos de fé, aqui nas obras do

45 convento, e quando vires que a nuvem vai sair de dentro delas, está sempre a suceder, aproximás o frasco aberto, e a vontade entrará nele, E quando estiver cheio, Tem uma vontade dentro, já está cheio, mas esse é o indecifrável mistério das vontades, onde couber uma, cabem milhões, o um é igual ao infinito, E que faremos entretanto, perguntou Baltasar, Vou para Coimbra, de lá, a seu tempo, mandarei recado, então irão os dois para Lisboa, tu construirás a máquina, tu recolherás as vontades, encontrar-

50 -nos-emos os três quando chegar o dia de voar, abraço-te Blimunda, não me olhes tão de perto, abraço-te Baltasar, até à volta. Montou a mula e começou a descer a ladeira. O sol aparecera por cima dos cabeços. Come o pão, disse Baltasar, e Blimunda respondeu, Ainda não, primeiro vou ver a vontade daqueles homens.

(in *op. cit.*, 33ª edição, cap. XI, Lisboa, Caminho, pp. 124-127)

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Explícite o tópico predominantemente tratado no primeiro parágrafo.
2. Apresente a visão crítica aqui assumida pelo narrador.
3. Destaque uma gradação progressiva no final do primeiro parágrafo, explicando a sua expressividade.
4. Comprove a coexistência das quatro linhas de ação no excerto.

B

Na contracapa de *Memorial do Convento* pode ler-se: “Era uma vez um rei que fez promessa de levantar um convento em Mafra. Era uma vez a gente que construiu esse convento. Era uma vez um soldado maneta e uma mulher que tinha poderes. Era uma vez um padre que queria voar e morreu doido. Era uma vez.”.

Num texto de 80 a 130 palavras, e partindo do conhecimento que tem da obra em questão, reporte-se ao modo como as diferentes linhas de ação se articulam no romance.

GRUPO II

Leia, agora, o excerto seguinte:

D. João V (Rei de Portugal) 1689-1750 – filho de D. Pedro II e de sua mulher, D. Maria Sofia Isabel de Neuburgo, reinou de 1706 a 1750 e ficou conhecido pelo cognome de “Magnânimo”. (...)

Debilitado o país pelas prolongadas guerras da Restauração e, depois, pela infeliz participação na Guerra da Sucessão de Espanha, procurará D. João V recompor a administração, governando como

5 monarca absoluto, sem nunca ter convocado cortes.

As minas do Brasil vieram trazer grandes riquezas a Portugal, aproveitando-as o rei de Portugal para obras sumptuárias, para doações a igrejas e mosteiros, para luxo da sua corte, para a compra de indulgências, etc. Entre as suas iniciativas magnificentes, aponta-se o convento de Mafra e a capela que mandou erigir na igreja de S. Roque em Lisboa. Outros templos e conventos fez espalhar pelo reino.

10 Ante a ameaça dos Turcos, corresponde ao pedido de auxílio formulado pelo Papa Clemente XI. Quando as grandes potências europeias recusaram intervir, D. João V enviou, em 1717, uma esquadra que combateu, por forma decisiva, em Matapan.

Por sua iniciativa, o Papa Clemente XII concede dignidade de Cardeal ao Patriarca de Lisboa, desde 1737. E o Papa Bento XIV reconhece a D. João V e aos seus sucessores o título de Rei Fidelíssimo – que
15 o punha em igualdade com o Rei Cristianíssimo de França e o Rei Católico de Espanha.

Protegeu as Artes e a Cultura, criando bibliotecas como a do convento de Mafra, a Biblioteca Real – depois da Ajuda – e a Biblioteca da Universidade de Coimbra. Fundou também a Real Academia de História, em 1720. (...)

Figura controversa – até pela sua vida privada, recheada de aventuras amorosas – nem por isso
20 pode deixar de se reconhecer uma dignificação cultural e artística trazida pelo seu reinado a Portugal. Há, porém, autores que o acusam de não ter aproveitado as riquezas que, especialmente, do Brasil lhe chegaram para o lançamento de indústrias e de outras iniciativas reprodutivas para uma nova estruturação da economia portuguesa.

Dicionário de História de Portugal, Vol. I, Círculo de Leitores (com supressões)

1. Selecione, em cada um dos itens de 1.1. a 1.7., a única opção que permite obter uma afirmação correta.

1.1. A governação de D. João V como monarca absoluto caracteriza-se pela

- A) recomposição da administração.
- B) guerra da Sucessão.
- C) guerra da Restauração.
- D) não convocação de cortes.

1.2. O ouro vindo do Brasil foi utilizado

- A) na melhoria das condições de vida da população mais pobre.
- B) na arte e na cultura, através da criação de uma rede de bibliotecas.
- C) na construção de redes de esgotos e habitações.
- D) em doações ao clero, edificações magnânimes e luxos cortesãos.

1.3. O envolvimento do monarca na guerra contra os turcos deveu-se

- A) à devoção de D. João V, enquanto cristão.
- B) à recusa de todos os outros países europeus.
- C) ao envio de uma esquadra portuguesa em 1715.
- D) ao pedido expresso pelo Papa Clemente XI.

1.4. A governação de D. João V foi alvo de

- A) muitos elogios por ter defendido a arte e a cultura portuguesas.
- B) algumas críticas por não ter investido na reestruturação da economia.
- C) aprovação por todo o apoio que deu às ordens religiosas.
- D) desaprovação devido à quantidade de filhos bastardos.

1.5. Em “Outros templos e conventos fez espalhar pelo reino.” (linha 9), o constituinte sublinhado corresponde ao

- A) sujeito.
- B) modificador apositivo do nome.
- C) complemento indireto.
- D) complemento direto.

1.6. Na frase complexa presente nas linhas 11-12, a primeira vírgula

- A) separa a oração subordinada do subordinante.
- B) isola os elementos de uma enumeração.
- C) destaca um modificador da frase.
- D) separa um vocativo.

1.7. Em “Rei fidelíssimo” (linha 14), o adjetivo encontra-se no grau

- A) superlativo absoluto analítico.
- B) superlativo absoluto sintético.
- C) normal.
- D) superlativo relativo de superioridade.

2. Faça corresponder a cada um dos quatro elementos da coluna **A** um da coluna **B**, de modo a obter afirmações verdadeiras.

Coluna A	Alínea
2.1. Na expressão “...iniciativas magnificentes...” (linha 8), ...	
2.2. Com o elemento sublinhado em “... <u>que</u> mandou erigir” (linhas 8-9), ...	
2.3. Em “... o punha em igualdade...” (linhas 14-15), ...	
2.4. Em “Há, porém, autores que o acusam...” (linhas 20-21), ...	
2.5. No constituinte “estruturação da economia” (linhas 22-23), ...	

Coluna B
A) ... o enunciador utiliza um grupo nominal que mantém a coesão cataforicamente.
B) ... o enunciador estabelece a coesão lexical pelo recurso a uma relação semântica de causalidade.
C) ... o enunciador serve-se de um complemento do nome.
D) ... o enunciador estabelece uma relação de oposição com o enunciado anterior.
E) ... o enunciador retoma anaforicamente o grupo nominal “D. João V” pelo processo de pronominalização.
F) ... o enunciador recorre a um modificador restritivo do nome.
G) ... o enunciador recorre a uma catáfora pronominal.
H) ... o enunciador estabelece coesão lexical pelo recurso a uma relação semântica de equivalência.
I) ... o enunciador retoma o referente “capela”.

GRUPO III

A Igreja é uma instituição que tem sido criticada pela preocupação evidenciada na manutenção de riqueza e de poder.

Produza um texto expositivo-argumentativo, de duzentas a trezentas palavras, no qual aborde a questão da influência da Igreja na sociedade ao longo dos tempos, comprovando a tese defendida com alguns argumentos.

Sequência 1 – Fernando Pessoa-ortónimo – Versão 1

GRUPO I

A

1. Ao longo do poema, o sujeito poético oferece-nos uma descrição do mar que se prende essencialmente com aspetos percecionados visual e auditivamente. Assim, visualmente, a onda do mar “grande avança”, “cheia de sol”, “E desce”, “Tão lenta e longa”. “O glauco seio” adormece e o “correr da onda” faz lembrar uma cobra devido ao seu movimento ondulatório. Surge depois a referência ao “oceano ébrio de arrebol”, cuja luminosidade se associa à sensação visual. A nível auditivo, há a referência ao barulho provocado pelo mar, daí as expressões “Arfando” e “Arfa”, salientando também o sossego que caracteriza o ambiente exterior sentido pelo “eu” poético. Conclui-se, então, que a descrição feita aponta para a imensidão do mar e para a lentidão do seu movimento.
2. Entre o título e o poema estabelece-se uma relação de perfeita interligação, uma vez que aponta para a localização espacial e temporal do quadro descrito pelo sujeito lírico. Deste modo, a referência ao “Mar” confirma-se no texto sempre que o sujeito da enunciação descreve o envolvimento marítimo; a alusão a “Manhã” justifica-se pelo momento do dia em que a paisagem exterior está a ser percecionada (“brisa da manhã”, “cheia de sol”, “arrebol”).
3. As quatro primeiras estrofes referem-se primordialmente ao mundo físico exterior, sendo a quinta a única que revela marcas explícitas do mundo interior do eu-poético, como confirmam as expressões de primeira pessoa (“minha”, “a mim”). Verifica-se, então, que toda a descrição que o sujeito lírico faz da realidade observada em nada lhe tocou no íntimo, daí ele mencionar que a sua “sensação é nula./Quer de prazer, quer de pesar”, o que permite deduzir a sua indiferença, o seu tédio, a sua monotonia que, de certo modo, já se fazia evidenciar ao longo da composição poética, atendendo ao som nasal que se percebe no ondular, balançar da onda.

4. A temática do poema é, sem dúvida, realçada pela utilização de variados recursos estilísticos. Neste caso concreto, salienta-se a aliteração do som nasal (já referido anteriormente), a realçar o movimento ondulatório do mar, assim como o estado de espírito do sujeito lírico (“Suavemente, grande avança/... Pausadamente se balança”). De notar o valor expressivo dos advérbios de modo que se apresentaram no exemplo dado, tal como o gerúndio verbal, categorias gramaticais que confirmam a predominância do som nasal. A adjetivação múltipla e expressiva (“Unido e vasto e interminável”) ao serviço da caracterização do oceano poderá entrar em oposição relativamente ao “eu” lírico que se apresenta como um ser fragmentado. A comparação e o encavalamento presentes no verso 11 realçam o movimento da onda associado ao de uma cobra.

B

As afirmações registadas reportam-se a uma reflexão sobre a atividade criadora, aproximando-se da análise pessoana sobre a génese e natureza da arte.

Na verdade, só o artista é capaz de captar a realidade e torná-la poética pelo trabalho intelectual, embora não possa recusar totalmente as sensações, dado que estas lhe permitem captar o real. Mas isto não significa que se tenha de viver com e por elas. A racionalidade humana permite “aprender a sentir, sentir melhor”. A arte, por vezes, “transforma as sensações”, torna-as abstratas, desencadeando outras emoções que se opõem à vida, originando uma realidade artisticamente construída, afastada da vida concreta.

Parece pois que a arte possibilita leituras diversas, tal como José Gil revela ao apresentar a arte como prolongamento da vida, ou como rutura com ela.

128 palavras

GRUPO II

1.1. B; 1.2. C; 1.3. D; 1.4. B; 1.5. C; 1.6. A; 1.7. C

2.1. Predicativo do sujeito.

2.2. Subordinada adjetiva relativa restritiva.

2.3. Pronome demonstrativo.

GRUPO III

Não se apresentam cenários de resposta dada a natureza do item. Recomenda-se, todavia, a leitura dos critérios de avaliação publicados pelo GAVE no seu site oficial e relativos à resposta deste grupo.

**Sequência 1 – Fernando Pessoa-ortónimo
– Versão 2**
GRUPO I**A**

1. O texto pode dividir-se em duas partes lógicas. A primeira contempla as quatro primeiras estrofes, verificando-se nestas a descrição temporal e espacial do acontecimento, feita de forma subjetiva. Só na última quadra (segunda parte) se regista a reação do sujeito poético face à realidade observada, dando-se, aí, conta da sua indiferença ou alheamento, apesar da beleza natural percecionada.
2. Trata-se de um espaço marítimo, com focalização posta numa onda do mar, que surge personificada e comparada a um ser humano, como por exemplo a “uma criança Titã”. Dá-se conta dos movimentos desta onda que surge pela manhã, “No são sossego azul do sol.”
3. Uma das marcas características do ortónimo é visível no tema – o mar –, bem como na estrutura formal, notando-se a preferência pela quadra e pelo verso curto, pela denominada vertente neogarrettiana, onde não lhe falta a rima cruzada que confere ao poema musicalidade e um ritmo embalatório, para além de se poder percecionar o tédio, o vazio ou a indiferença, em termos de conteúdo.
4. No texto destacam-se o hipérbato, por exemplo na ordenação dada aos 1.º e 2.º versos, sendo que só no fim do segundo aparece o sujeito da oração, de modo a destacar-se os atributos e só depois se desvenda o objeto ou entidade a que os mesmos se reportam; surgem também várias comparações (veja-se a título exemplifi-

cativo o verso 4 da 1.ª estrofe e o verso 1 da estrofe 3), de modo a clarificar a agitação da onda, e, finalmente, refira-se a personificação, ao atribuir comportamentos humanos à onda, como o “arfar” (“Arfando à brisa da manhã”), contribuindo para lhe conferir maior importância.

B

As afirmações registadas reportam-se a uma reflexão sobre a atividade criadora, aproximando-se da análise pessoana sobre a génese e natureza da arte.

Na verdade, só o artista é capaz de captar a realidade e torná-la poética pelo trabalho intelectual, embora não possa recusar totalmente as sensações, dado que estas lhe permitem captar o real. Mas isto não significa que se tenha de viver com e por elas. A racionalidade humana permite “aprender a sentir, sentir melhor”. A arte, por vezes, “transforma as sensações”, torna-as abstratas, desencadeando outras emoções que se opõem à vida, originando uma realidade artisticamente construída, afastada da vida concreta.

Parece pois que a arte possibilita leituras diversas, tal como José Gil revela ao apresentar a arte como prolongamento da vida, ou como rutura com ela.

128 palavras

GRUPO II

1.1. A; **1.2.** D; **1.3.** B; **1.4.** A; **1.5.** B; **1.6.** C; **1.7.** C

2.1. Subordinada adjetiva relativa restritiva.

2.2. Complemento direto.

2.3. Valor disjuntivo.

GRUPO III

Não se apresentam cenários de resposta dada a natureza do item. Recomenda-se, todavia, a leitura dos critérios de avaliação publicados pelo GAVE no seu site oficial e relativos à resposta deste grupo.

Sequência 1 – Heterónimo Alberto Caeiro – Versão 1

GRUPO I

A

1. O texto apresentado é suscetível de ser dividido em três partes lógicas, correspondentes a cada uma das estrofes.

Na primeira parte (1ª estrofe), encontram-se uma série de interrogações, através das quais se depreende a filosofia de Caeiro relativamente àquilo que as coisas representam.

Para ele, as coisas existem por si e não há nelas qualquer mistério, uma vez que elas se apresentam tal como são e é deste modo que ele se identifica com elas. Aliás, é até visível uma certa ironia quando afirma que ri daquilo que os homens pensam das coisas, mas até o seu riso é “como um regato”, ou seja, é simples, puro e espontâneo.

Na segunda parte (2ª estrofe), o poeta justifica a atitude anterior e explica a razão de não ver o mistério das coisas. Para ele as coisas não têm sentidos ocultos; nelas não há nada que compreender e talvez isso seja estranho ou cause estranheza.

Na última estrofe (3ª parte), verifica-se a confirmação das afirmações anteriores, agora de carácter mais pessoal, reafirmando que os seus sentidos lhe permitiram aprender que as coisas existem, mas não têm significado, “têm existência” e não precisam de ter “significação”.

2. Neste poema transparece a maneira como Alberto Caeiro encara o mundo. Com efeito, o mundo é encarado com objetividade e concretismo, notando-se a preferência por um mundo natural, do qual o poeta faz parte integrante, comparando-se mesmo ao regato “que soa fresco numa pedra”. O mundo surge aqui reduzido aos fenómenos das coisas e à natureza delas, numa tentativa de simplificar e clarificar os elementos que integram o mundo, o que, de algum modo, atenua a “dor de pensar” que é característica do ser consciente. Por isso, prefere modelos naturais como a pedra, a árvore, o rio. Caeiro apresenta um mundo no qual se

deve aprender a desaprender, facto que é confirmado no verso 6, onde se destaca o que comumente os homens veem nas coisas, mas que ele não vê, porque tudo é como é, só é preciso saber ver, apurando os sentidos para que estes aprendam sozinhos que “as coisas não têm significação: têm existência”.

3. Para negar “o mistério das coisas”, Caeiro pergunta: “Que sabe o rio e que sabe a árvore”, onde está o seu mistério e por que “não aparece/Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?”. Afirma ainda que “o único sentido oculto das coisas/É elas não terem sentido oculto nenhum”, ou que “As coisas não têm significação: têm existência./As coisas são o único sentido oculto das coisas”. No fundo, basta acreditar, apenas, na existência e negar a sua essência para repudiar a presença do mistério.

4.1. Caeiro aceita um mundo objetivo, concreto e natural. Daí que, normalmente, se identifique com o pastor que vive em contacto permanente com a natureza que, por sua vez, integra elementos naturais como o rio, as árvores, as flores, o vento, mas onde os elementos resultantes do trabalho ou ação do homem não surgem.

Na realidade, Caeiro aceita um mundo bastante restrito e limitado, reduzindo-o aos fenómenos mais simples e primitivos, recusando a intervenção do homem, de modo a evitar transformações e depredações. Assim, dir-se-á que Caeiro cria um mundo só dele, um mundo inocente e saudável, só possível de encontrar em locais paradisíacos ou distantes da ação humana.

B

Caeiro é o heterónimo pessoano que se identifica com o real objetivo, bastando-lhe observar os fenómenos do mundo exterior e vivê-los em estado de pura contemplação.

Elogia o contacto com o campo e retrata-se como um homem ingénuo, aberto e contente por poder contemplar a natureza e nela poder diluir-se. É o poeta cujos versos surgem com naturalidade e espontaneidade.

As suas teses assentam no primado do exterior, na variedade do real e na recusa do pensamento, para evitar a construção de mundos falsos. Para Caeiro basta saber ver, até porque “Pensar incomoda como andar à chuva”.

Caeiro confronta-se com um mundo despojado de complexidade, porque acredita na singularidade das coisas. Por isso, “O essencial é saber ver/Saber ver sem estar a pensar”, “Porque pensar é não compreender”.

128 palavras

GRUPO II

1.1. A; 1.2. C; 1.3. B; 1.4. D; 1.5. B; 1.6. D; 1.7. A

2.1. Pretérito perfeito do indicativo composto.

2.2. Coesão lexical.

2.3. Subordinada adverbial condicional.

GRUPO III

Não se apresentam cenários de resposta dada a natureza do item. Recomenda-se, todavia, a leitura dos critérios de avaliação publicados pelo GAVE no seu site oficial e relativos à resposta deste grupo.

Sequência 1 – Heterónimo Alberto Caeiro – Versão 2

GRUPO I

1. O texto apresentado pode dividir-se em três partes lógicas, correspondentes a cada uma das estrofes, uma vez que na primeira se encontram uma conjunto de interrogações, através das quais se percebe a filosofia de vida do sujeito poético. Para ele as coisas existem e não têm quaisquer mistérios e identifica-se com os elementos naturais, considerando-se ele próprio mais um elemento da natureza. Na segunda parte (2ª estrofe), surge a justificação da atitude anterior e a explicação para o facto de não ver mistério nas coisas, afirmando que, para ele, as coisas não têm sentidos ocultos, nelas não há nada que compreender e isso pode causar estranheza.

Na última estrofe (3ª parte), verifica-se a confirmação das afirmações anteriores, agora de carácter mais pessoal, dado que o sujeito da enunciação afirma que os seus sentidos lhe permitiram aprender que as coisas existem, mas não têm significado, “têm existência”.

2. O sujeito poético encara o mundo de uma forma objetiva, concreta e com lucidez. Faz a apologia da natureza e das sensações, considerando-se mais um elemento natural. A única realidade é, para ele, a que se capta com os sentidos, pois não há significados ocultos. As coisas são como se veem e não se fizeram para se pensar nelas. Além disso, deve-se ter um espírito aberto e inocente para se poder desfrutar da natureza plena e inconscientemente.
3. O sujeito lírico considera os sonhos dos poetas e os pensamentos dos filósofos estranhos, criticando-os por assumirem atitudes metafísicas, que este recusa. Compara mesmo a estranheza das suas condutas à perplexidade que a sua maneira de ver o mundo possa causar. Na realidade, estas duas entidades surgem em oposição ao “eu” poético, uma vez que adotam posturas que ele recusa.
4. Para Caeiro tudo se resume às sensações; por isso, é o poeta que recusa o pensamento, se bem que entre, por vezes, em contradição, como se vê neste poema quando afirma que pensa (“e penso no que os homens pensam delas”), contrariando-se, seguidamente, quando atribui a atitude reflexiva aos poetas e aos filósofos (“E do que os sonhos de todos os poetas/E os pensamentos de todos os filósofos”). Privilegia, sem dúvida, as sensações, os órgãos dos sentidos, fundamentalmente a visão, afirmando que não precisa de pensar para saber que “As coisas não têm significação: têm existência” e isto foi o que os seus sentidos “aprenderam sozinhos”.

B

Caeiro é o heterónimo pessoano que se identifica com o real objetivo, bastando-lhe observar os

fenómenos do mundo exterior e vivê-los em estado de pura contemplação.

Elogia o contacto com o campo e retrata-se como um homem ingénuo, aberto e contente por poder contemplar a natureza e nela poder diluir-se. É o poeta cujos versos surgem com naturalidade e espontaneidade.

As suas teses assentam no primado do exterior, na variedade do real e na recusa do pensamento, para evitar a construção de mundos falsos. Para Caeiro basta saber ver, até porque “Pensar incomoda como andar à chuva”.

Caeiro confronta-se com um mundo despojado de complexidade, porque acredita na singularidade das coisas. Por isso, “O essencial é saber ver/Saber ver sem estar a pensar”, “Porque pensar é não compreender”.

GRUPO II

1.1. B; 1.2. D; 1.3. D; 1.4. C; 1.5. C; 1.6. A; 1.7. B

2.1. Pretérito perfeito do indicativo.

2.2. Coesão lexical.

2.3. Subordinada adverbial causal.

GRUPO III

Não se apresentam cenários de resposta dada a natureza do item. Recomenda-se, todavia, a leitura dos critérios de avaliação publicados pelo GAVE no seu site oficial e relativos à resposta deste grupo.

Sequência 1 – Heterónimo Ricardo Reis – Versão 1

GRUPO

1. O poema pode dividir-se em três partes lógicas, correspondendo cada uma delas a uma estrofe. Assim, na primeira parte (1.ª estrofe), o poeta faz uma espécie de crítica a todos quantos constroem a sua existência a partir de um passado morto ou de um futuro incerto, deixando já antever a sua preferência pelo presente. Na segunda parte (2.ª estrofe), este interroga-se sobre o por-

quê da atitude dos que não vivem o presente e propõe que, apesar da brevidade do momento actual (“dia”, “hora”, “momento”), se viva nele, porque nós também somos efémeros e é nossa condição viver o presente. Na 3.ª estrofe (última parte), mostra já uma consciência mais aguda do carácter precário do ser humano e a sua preocupação com a morte, e, numa atitude moralista, sugere que se frua o dia. Aqui, consciente da efemeridade da vida e da inevitabilidade da morte (“No mesmo hausto/Em que vivemos, morreremos. Colhe/O dia...”), postula a filosofia estoico-epicurista e, sob influência do *carpe diem* horaciano, aponta como conduta o fruir o dia a dia.

2. Neste poema é nítida a valorização do presente, principalmente porque demonstra a não fiabilidade da visão orientada para o passado ou para o futuro, ao afirmar que aqueles que têm “os olhos postos no passado/Vêem o que não vêem”, e os que os têm “fitos... no futuro, vêem/O que não pode ver-se”.

Assim, defende o presente como tempo de realização do homem, perguntando “Porque tão longe ir pôr o que está perto./A segurança nossa? Este é o dia”.

A valorização conferida ao momento presente é ainda visível na predominância dos verbos no presente do indicativo (“vêem”, “pode”, “está”, “é”, “somos”, “flui”, “confessa”, “vivemos”, “és”), nas referências temporais gradativamente mais restritas (“dia”, “hora”, “momento”), na insistente utilização do demonstrativo e a sublinhar a importância de viver o instante presente (“Este é o dia,/esta é a hora, este momento) e na similitude entre o tempo presente e o homem (“este o momento, isto/é que somos, e é tudo... Colhe/O dia porque és ele.”).

3. O poeta faz a apologia do presente e reconhece o primado da vida exterior. Propõe uma concepção simples da vida e um gozo moderado do momento presente (*carpe diem* de Horácio), conformando-se com a ordem natural das coisas e com o destino, bem ao gosto dos estoicos. Valoriza o espírito racional e despreza as emoções por poderem ser enganadoras e por não permitirem

esquecer o passado e pairarem sobre o futuro. Mostra-se um ser austero, que recusa construir a sua existência no passado ou num futuro incerto. Acredita e defende que é em cada instante vivido que o homem se realiza e conquista a felicidade possível ("A segurança nossa"). É desta forma que procura superar a angústia causada pela consciência da transitoriedade e nulidade do ser, constantemente ameaçado pela efemeridade do tempo ("Perene flui a interminável hora/Que nos confessa nulos"). Tendo consciência da efemeridade da vida e da iminência da morte, faz a a apologia de uma filosofia de vida estoico-epicurista que, sob influência de Horácio, postula como regra da conduta humana o viver cada dia, cada instante, de uma forma serena e calma.

4.2. O verso 5 apresenta uma estrutura frásica alatinada que dificulta a sua compreensão, utilizando-se o hipérbato para destacar o movimento interrogativo.

O verso devia ordenar-se do seguinte modo: "Porque ir pôr tão longe o que está perto." Para além deste recurso estilístico, está também presente a antítese ("longe"/"perto") que evidencia a relação existente entre uma temporalidade distante, enganadora, e aquela que se pode alcançar.

B

A afirmação sintetiza objetivamente as características da poesia de Ricardo Reis.

Realmente, da sua poesia liberta-se um tom melancólico, triste, motivado pela contenção a que se obriga e que o impede de alcançar o prazer intenso ou a felicidade. Se esta existe, é na moderação, na contenção.

Ricardo Reis faz a apologia do presente, dando primazia à vida exterior. Propõe uma concepção simples da vida e um gozo moderado do momento presente (*carpe diem*), conformando-se com o destino (estoicismo). Valoriza o espírito racional e despreza as emoções por poderem ser enganadoras e não permitirem esquecer o passado, pairando sobre o futuro.

E talvez porque acredita poder ser feliz adotando as filosofias referidas, Reis defende o fruir

calmo e superficial, evitando os danos profundos causados por uma vivência intensa das emoções.

130 palavras

GRUPO II

1.1. D; **1.2.** A; **1.3.** A; **1.4.** D; **1.5.** C; **1.6.** B; **1.7.** C

2.1. Ato ilocutório diretivo.

2.2. Coordenação copulativa – frases coordenadas copulativas.

2.3. Subordinada substantiva completiva.

GRUPO III

Não se apresentam cenários de resposta dada a natureza do item. Recomenda-se, todavia, a leitura dos critérios de avaliação publicados pelo GAVE no seu site oficial e relativos à resposta deste grupo.

Sequência 1 – Heterónimo Ricardo Reis – Versão 2

GRUPO I

- O poema pode dividir-se em três partes lógicas, correspondentes a cada uma das estrofes. Na primeira (1ª estrofe), o sujeito poético endereça uma crítica a todos aqueles que fundamentam a sua existência num passado morto ou num futuro incerto, o que permite antever a sua preferência pelo presente; na segunda, interroga-se acerca das razões que impedem os outros de viverem o presente, e propõe que se viva nele apesar de breve, até porque somos efémeros e, como tal, deve viver-se o que se tem como certo, ou seja, o presente; na terceira e última parte (3ª estrofe), revela a sua consciência aguda da precariedade e brevidade da vida e a sua preocupação com a morte, que é inevitável, dado que para ela se caminha.
- As principais preocupações são viver o presente, encontrar a segurança naquilo que está próximo, uma vez que tem consciência de que a vida é efémera, transitória, e de que caminha inexoravelmente para a morte. Como tal, preocupa-se em viver o dia, em ataraxia.

3. A interrogação traduz a perplexidade do sujeito poético face à necessidade que alguns têm de procurarem a segurança, a harmonia e o bem estar longe, quando tudo isso se pode alcançar perto, à nossa volta, bastando, apenas, ter essa predisposição.

4.1. A presença de um interlocutor pode ser percecionada ao longo do poema, dada a perspectiva moralista que “eu” assume. Ele afirma a sua singularidade, demarcando-se de “uns” e de “outros”, porque vivem no passado ou no futuro, sendo esta existência ilusória alvo de uma apreciação crítica. Contudo, esse interlocutor assume contornos mais definidos na última estrofe, quando o “eu” se dirige a um recetor, dirigindo-lhe um apelo – “Colhe/O dia, porque és ele.”, ou ainda na 2ª estrofe, quando coloca a questão “Porque tão longe ir pôr...?”, presumivelmente dirigida a um recetor, embora seja ele a responder, assumindo, de novo, o seu carácter moralista.

B

A afirmação sintetiza objetivamente as características da poesia de Ricardo Reis.

Realmente, da sua poesia liberta-se um tom melancólico, triste, motivado pela contenção a que se obriga e que o impede de alcançar o prazer intenso ou a felicidade. Se esta existe, é na moderação, na contenção.

Ricardo Reis faz a apologia do presente, dando primazia à vida exterior. Propõe uma concepção simples da vida e um gozo moderado do momento presente (*carpe diem*), conformando-se com o destino (estoicismo). Valoriza o espírito racional e despreza as emoções por poderem ser enganadoras e não permitirem esquecer o passado, pairando sobre o futuro.

E talvez porque acredita poder ser feliz adotando as filosofias referidas, Reis defende o fruir calmo e superficial, evitando os danos profundos causados por uma vivência intensa das emoções.

130 palavras

GRUPO II

1.1. B; 1.2. C; 1.3. B; 1.4. A; 1.5. C; 1.6. D; 1.7. A

2.1. Modalidade apreciativa.

2.2. O referente é “o fado”.

2.3. Subordinada adjetiva relativa restritiva.

GRUPO III

Não se apresentam cenários de resposta dada a natureza do item. Recomenda-se, todavia, a leitura dos critérios de avaliação publicados pelo GAVE no seu site oficial e relativos à resposta deste grupo.

Sequência 1 – Heterónimo Álvaro de Campos – Versão 1

GRUPO I

A

1. O tempo evocado é o da infância feliz, vivida em Lisboa, que o sujeito poético caracteriza como um tempo de encantamento que a memória convoca quando ouve a cantiga; é também um de período de “Sossego de várias espécies” (v. 7), físicas e mentais, vivido com despreocupação, porque se trata de uma “infância sem o futuro pensado” (v.8). É um tempo de harmonia, de tranquilidade, de vivências familiares e domésticas, representado pelo “terceiro andar das tias” (v.6), pelo “ruído aparentemente contínuo da máquina de costura” (v. 9) e em que “É tudo bom e a horas” (v.10).

2.1. A primeira citação remete para a memória encantada da infância, o tempo em que o sujeito poético ouvia a cantiga agora evocada; a segunda, para quando a consciência do presente se interpõe entre o “eu” e a recordação da infância. A permanência do seu eco na memória do sujeito poético faz com que essa cantiga se revele como um resto do passado morto, que se torna incomodo e que, como tal, o sujeito tenta silenciar.

3. A repetição da forma verbal “dói” acentua o efeito da dor experimentada pelo “eu”, para a qual contribui também o valor semântico do verbo utilizado. O facto de essa repetição constituir um verso curto e tripartido, com recurso a um monossílabo de sons abertos, confere a essa dor uma dimensão insuportável, uma presença constante, da qual o sujeito poético não se consegue libertar.

4. A consciência do presente, que surge do confronto com o passado evocado, desencadeia um sentimento de perda irremediável que domina o sujeito poético. A saudade de um tempo perdido é agudizada e o verso final traduz o desespero do “eu” perante a impossibilidade de esquecer a cantiga e de recuperar a infância perdida.

B

A citação aponta para a conceção de sensacionismo de Álvaro de Campos, que difere da de Caeiro.

Enquanto Alberto Caeiro é apologista das sensações físicas e recusa o pensamento, Álvaro de Campos procura a totalização das sensações, as inúmeras percepções que estas lhe oferecem, para poder “sentir tudo de todas as maneiras”.

Por isso, Álvaro de Campos situa-se entre o excesso da dinâmica em fúria e o abatimento, visto que o seu drama reside numa espécie de frustração total, feita da incapacidade de unificar o pensamento e o sentimento, o mundo exterior e o mundo interior.

Serve-se da máquina, irracional e exterior, para projetar os seus sonhos e desejos, materializando-se, ao desejar poder exprimir-se “como um motor se exprime” e “ser completo como uma máquina” (“Ode Triunfal”).

127 palavras

GRUPO II

1.1. B; 1.2. C; 1.3. C; 1.4. B; 1.5. A; 1.6. D; 1.7. D

2.1. Complemento oblíquo.

2.2. Diretivo.

2.3. Valor explicativo.

GRUPO III

Não se apresentam cenários de resposta dada a natureza do item. Recomenda-se, todavia, a leitura dos critérios de avaliação publicados pelo GAVE no seu site oficial e relativos à resposta deste grupo.

Sequência 1 – Heterónimo Álvaro de Campos – Versão 2

GRUPO I

A

1. O tempo evocado é o da infância feliz, vivida em Lisboa e caracterizado como:

- um tempo de encantamento, trazido pela cantiga que a memória convoca;
- um tempo de “Sossego de várias espécies”, físicas e mentais, vivido como um tempo despreocupado (“A infância sem o futuro pensado”);
- um tempo de harmonia, tranquilo e organizado, de vivências familiares e domésticas, representado pelo “terceiro andar das tias”, com o “ruído aparentemente contínuo da máquina de costura”, onde “tudo” era “bom e a horas”.

2. O ambiente experienciado e proporcionado pela audição da cantiga reproduzida na primeira estrofe bem como o estado de espírito de permanente agitação são motivos suficientes e justificativos da oposição que se pode estabelecer entre o presente e o passado. Para o sujeito poético, o momento atual é de sofrimento e, como tal, sente necessidade de recordar o passado que, ao que tudo indica, lhe trouxera algumas alegrias. Desse modo, consegue mitigar a dor do presente.

3. A oposição adverbial “aqui” e “lá” marca o distanciamento que se opera na consciência do sujeito em relação à memória convocada. O advérbio “aqui” refere o lugar do presente, percebido como sendo o mesmo lugar da infância; “lá” remete para a infância, que já só existe na memória do sujeito e está irremediavelmente distante do “eu” presente.

- 4.1. No momento da escrita, o sujeito poético toma consciência do presente que, ao ser confrontado com o passado, desencadeia um sentimento de perda irremediável. Consciente da impossibilidade de recuperar o passado, o “eu” revela saudade desse tempo remoto e feliz e mostra o seu desespero, no último verso, perante a impossibilidade de esquecer a cantiga que lhe recorda o passado e, como tal, lhe acentua o sofrimento no momento em que escreve.

B

A citação aponta para a conceção de sensacionismo de Álvaro de Campos, que difere da de Caeiro. Enquanto Alberto Caeiro é apologista das sen-

sações físicas e recusa o pensamento, Álvaro de Campos procura a totalização das sensações, as inúmeras percepções que estas lhe oferecem, para poder “sentir tudo de todas as maneiras”.

Por isso, Álvaro de Campos situa-se entre o excesso da dinâmica em fúria e o abatimento, visto que o seu drama reside numa espécie de frustração total, feita da incapacidade de unificar o pensamento e o sentimento, o mundo exterior e o mundo interior.

Serve-se da máquina, irracional e exterior, para projetar os seus sonhos e desejos, materializando-se, ao desejar poder exprimir-se “como um motor se exprime” e “ser completo como uma máquina” (“Ode Triunfal”).

127 palavras

GRUPO II

1.2. C; 1.2. D; 1.3. B; 1.4. A; 1.5. C; 1.6. A; 1.7. D

2.1. Predicativo do sujeito.

2.2. Compromissivo.

2.3. Subordinada substantiva completiva.

GRUPO III

Não se apresentam cenários de resposta dada a natureza do item. Recomenda-se, todavia, a leitura dos critérios de avaliação publicados pelo GAVE no seu site oficial e relativos à resposta deste grupo.

Sequência 2 – *Os Lusíadas* – Versão 1

GRUPO I

A

1. O excerto destacado da obra *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, apresenta três dos planos estruturais da narrativa épica. As estâncias 1-2 dão conta da invocação do Poeta a Calíope; daí tratar-se do plano do Poeta. Na estância 3, mais concretamente nos primeiros quatro versos, assiste-se à mudança para o plano da viagem, uma vez que agora Camões, enquanto narrador, se reporta a um acontecimento ligado ao plano central da obra, destacando a personagem

Vasco da Gama, o qual, de seguida, passará a ser narrador. A partir do verso 5 da estrofe 3, a narração ficará a cargo do capitão da armada que, a pedido do rei de Melinde, irá contar a história do seu povo; portanto, inicia-se o plano da História de Portugal.

2. Camões invoca Calíope, musa da poesia épica, para que esta lhe ensine “o que contou ao Rei o ilustre Gama” (v. 2, est. 1). No fundo, suplica-lhe inspiração, pois irão ser narrados os mais importantes empreendimentos da história portuguesa, dignos de canto épico.

3.1. O destinatário do discurso do poeta é invocado pelo nome (Calíope), pela sua caracterização e pelo seu estatuto (ó linda Dama), bem como pela condição mítica associada à de “ninha”.

3.2. O ‘eu’ discursivo apresenta-se como um “mortal” que necessita de apoio superior para poder cantar o que se propõe: o merecido canto dos feitos lusitanos. Neste sentido, ele é admirador da causa e da condição portuguesas, que quer ver reconhecidas a ponto de cumprir alguma chantagem com Calíope. Esta ou ajuda o poeta ou, então, ele vê-a como detentora de receios.

4. Atentando na última estrofe, conclui-se que Vasco da Gama destaca a grandeza do povo lusitano, marcado por muitos e grandes feitos; daí, este ser glorioso (“Mandas-me louvar dos meus a glória.”, v. 8, est. 3) e marcado por um passado relevante, feito de “grão genealogia” (v. 5, est. 3).

B

No final do canto VIII de *Os Lusíadas*, o poeta reflete acerca do poder do ouro.

Esta dimensão materialista evidencia-se num episódio em que os portugueses, chegados à Índia, são traiçoeiramente recebidos pelo Catual. O Gama é feito prisioneiro. Só por chantagem / suborno, o capitão português regressa às naus. Entre o valor da vida e o poder do ouro, este parece impor-se, numa

terra que foi objetivo dos navegadores, sem que revele o local onde o “bicho da terra” pode ter segura a curta vida.

Causando falsidades, perjúrios e corrupções, o vil interesse do dinheiro é renegado pelo poeta.

(100 palavras)

GRUPO II

1.1. C / 1.2. D / 1.3. B / 1.4. D / 1.5. A / 1.6. C / 1.7. B

- 2.1. O antecedente de “que” é “os marinheiros árabes”; o de “os” é “esses produtos”.
- 2.2. O “que” é um pronome relativo; “os” é um pronome pessoal.
- 2.3. Sintaticamente, “que” é o sujeito (da subordinada relativa), “os” corresponde ao complemento direto (da mesma).

GRUPO III

O texto produzido é avaliado mediante:

- a obediência às instruções: gênero textual (dissertação), tema (vantagens / desvantagens da aldeia global); constituintes textuais (dois argumentos e um exemplo para cada); limite de palavras (200-250 palavras).
- a superestrutura básica / gráfica da introdução-desenvolvimento-conclusão, com paragrafação equilibrada;
- a correção escrita (ortografia, sintaxe, pontuação, seleção vocabular, coesão e coerência na articulação dos parágrafos).

Sequência 2 – *Os Lusíadas* – Versão 2

GRUPO I

A

1. O excerto destacado da obra *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, apresenta três dos planos estruturais da narrativa épica. As estâncias 1-2 dão conta da invocação do Poeta a Calíope; daí tratar-se do plano do Poeta. Na estância 3, mais concretamente nos primeiros quatro versos,

assiste-se à mudança para o plano da viagem, uma vez que agora Camões, enquanto narrador, se reporta a um acontecimento ligado ao plano central da obra, destacando a personagem Vasco da Gama, o qual, de seguida, passará a ser narrador. A partir do verso 5 da estrofe 3, a narração ficará a cargo do capitão da armada que, a pedido do rei de Melinde, irá contar a história do seu povo; portanto, inicia-se o plano da História de Portugal.

- 2.1. O rei mencionado é o Rei de Melinde, com quem Vasco da Gama travará diálogo e a quem narrará a História de Portugal.
- 2.2. Apolo, deus da poesia, surge nas duas estrofes como o deus com quem Calíope mantém relações afetivas próximas, delas tendo nascido Orfeu. Além disso, o poeta refere-o numa espécie de chantagem com Calíope: ela concede-lhe o favor pedido e ele dar-lhe-á razões para ser mais admirada e amada, a ponto de não ser trocada por outras musas.

3. Camões invoca Calíope, musa da poesia épica, para que esta lhe ensine “o que contou ao Rei o ilustre Gama” (v. 2, est. 1). No fundo, suplica-lhe inspiração, pois irão ser narrados os mais importantes empreendimentos da história portuguesa, dignos de canto épico.
4. Atentando na última estrofe, conclui-se que Vasco da Gama destaca a grandeza do povo lusitano marcado por muitos e grandes feitos; daí, este ser glorioso (“Mandas-me louvar dos meus a glória.”, v. 8, est. 3) e marcado por um passado relevante, feito de “grão genealogia” (v. 5, est. 3).

B

No final do canto VI de *Os Lusíadas*, o poeta reflete sobre o valor do esforço e do trabalho.

Decorrente do anúncio da chegada à Índia, por mar, nela se revê o objetivo cumprido dos navegadores, ainda que “sofrendo tempestades e ondas cruas”. Todos enfrentaram adversidades, com o espírito e a virtude de um percurso feito de ideais, e não de prazeres ou materialismos. Deu-se, portanto,

sentido a uma busca identificada com a procura do local onde o “bicho da terra” pode ter segura e curta vida.

Alcançado o destino, afirma-se a capacidade da heroica virtude semelhante às honras imortais.

(100 palavras)

GRUPO II

1.1. A / **1.2.** D / **1.3.** C / **1.4.** C / **1.5.** B / **1.6.** D / **1.7.** A

2.1. O antecedente de “ele” é “Vasco da Gama”.

2.2. “Ele” é um pronome pessoal.

2.3. Sintaticamente, “ele” é o sujeito (da subordinada adverbial); “o caminho marítimo” corresponde ao complemento direto (da mesma).

GRUPO III

O texto produzido é avaliado mediante:

- a obediência às instruções: género textual (dissertação), tema (contributos dos feitos heroicos para o progresso da Humanidade); constituintes textuais (dois argumentos e um exemplo para cada); limite de palavras (200-250 palavras).
- a superestrutura básica / gráfica da introdução-desenvolvimento-conclusão, com paragrafação equilibrada;
- a correção escrita (ortografia, sintaxe, pontuação, seleção vocabular, coesão e coerência na articulação dos parágrafos).

Sequência 2 – Mensagem – Versão 1

GRUPO I

A

1. Os segmentos textuais tradutores dos elogios são “teve a fama e à glória tem”, “Imperador da língua portuguesa”, “foi-nos um céu”, bem como o seu meditar caracterizado por ser “Constelado de formas e de visão”.

1.1. As razões centram-se no plano do meditar, do pensar, do intelecto, pela construção

do ideal do Quinto Império e no plano da utilização da língua e da construção de uma referência cultural (o imperador da língua portuguesa).

2. São de destacar as palavras/expressões “strela”; “constelado”; “claro luar”; “luz do etéreo”; “dia”; “madrugada”; “doira”.

3. O poema insere-se na Terceira Parte, intitulada “O Encoberto”, o que se anuncia e que, não sendo concreto/percetivelmente definido, trará a luz, como anunciavam as profecias (entre elas, as de António Vieira). Daí pertencer à subparte de “Os Avisos” (a par de Bandarra e do ‘eu’ presente no poema Terceiro), que preparam essa “Paz nas alturas”.

B

Camões, consciente da excecionalidade das proezas militares e das navegações dos Portugueses, encontra na epopeia a forma literária mais adequada para exaltar o seu povo e, desse modo, immortalizar os seus feitos e as suas virtudes que, no fundo, caracterizam o herói coletivo, o “peito ilustre lusitano”. Assim, *Os Lusíadas*, poema épico de exaltação nacionalista, é a forma de o poeta dar conta “das realidades acontecidas” na época expansionista, as glórias nacionais já passadas.

Por outro lado, Pessoa, com *Mensagem*, consciente do fim de um ciclo (“Cumpru-se o Mar e o Império se desfez”), profetiza a renovada grandeza da pátria, mediante a instauração do Quinto Império, situando-se, portanto, “mais na asa do sonho, da imaginação e do desejo”.

(118 palavras)

GRUPO II

1.1. B **1.2.** D **1.3.** A **1.4.** A **1.5.** C **1.6.** C **1.7.** A

2.1. “a inexistência de materiais de leitura adequados à instrução das faixas etárias mais baixas” (linhas 6-7).

2.2. Oração subordinada adjetiva relativa restritiva.

2.3. Complemento do nome.

GRUPO III

Não se apresentam cenários de resposta dada a natureza do item. Recomenda-se, todavia, a leitura dos critérios de avaliação publicados pelo GAVE no seu site oficial e relativos à resposta deste grupo.

Sequência 2 – Mensagem – Versão 2

GRUPO I

A

1. As razões centram-se no plano do meditar, do pensar, do intelecto, pela construção do ideal do Quinto Império e no plano da utilização da língua e da construção de uma referência cultural (o imperador da língua portuguesa).

- 2.1. O céu marcado positivamente (“strela”, “grandeza”) é associado ao próprio António Vieira (metaforicamente tratado como um céu) pela sua grande capacidade intelectual (o meditar), criadora de um mito, de um ideal (Quinto Império).

3. O articulador contrastivo contraria, retifica a informação da estrofe anterior; não é o luar que Vieira visiona, é uma luz portadora do ideal, da perfeição, o nascer do dia, simbolizando o nascer de um tempo novo, sonhado, transcendendo, por isso, o real - o Quinto Império.

- 4.1. Este “Quinto Império” surge do desejo, do sonho, do divino, do intelecto; constrói-se no plano do inteligível, não do sensível ou material, daí associar-se ao plano do “ir-real”. Trata-se ainda de um império que focaliza, dá brilho, enaltece Portugal (“Doira as margens do Tejo”).

B

Camões, consciente da excepcionalidade das proezas militares e das navegações dos Portugueses, encontra na epopeia a forma literária mais adequada para exaltar o seu povo e, desse modo, imortalizar os seus feitos e as suas virtudes que, no fundo, caracterizam o herói coletivo, o “peito

ilustre lusitano”. Assim, *Os Lusíadas*, poema épico de exaltação nacionalista, é a forma de o poeta dar conta “das realidades acontecidas” na época expansionista, as glórias nacionais já passadas.

Por outro lado, Pessoa, com *Mensagem*, consciente do fim de um ciclo (“Cumpru-se o Mar e o Império se desfez”), profetiza a renovada grandeza da pátria, mediante a instauração do Quinto Império, situando-se, portanto, “mais na asa do sonho, da imaginação e do desejo”.

(118 palavras)

GRUPO II

- 1.1. D 1.2. B 1.3. C 1.4. B 1.5. D 1.6. A 1.7. D

- 2.1. Modalidade deôntica com valor de obrigação.

- 2.2. Oração subordinada adjetiva relativa restritiva.

- 2.3. Modificador do grupo verbal.

GRUPO III

Não se apresentam cenários de resposta dada a natureza do item. Recomenda-se, todavia, a leitura dos critérios de avaliação publicados pelo GAVE no seu site oficial e relativos à resposta deste grupo.

Sequência 3 – Felizmente Há Luar! – Versão 1

GRUPO I

A

1. O excerto integra-se no Ato I, no qual se pretende encontrar um culpado pela agitação que se fazia sentir. Visando a sua imolação como exemplo para todos quantos intentassem implantar ideais liberais, um “bode expiatório” é procurado. Daí D. Miguel Forjaz ouvir Vicente, um homem do povo cujas informações fornecidas se revelariam de grande utilidade para a condenação do general Gomes Freire.

No fundo, nesta passagem textual, D. Miguel apenas pretende confirmar as suspeitas que

tem do envolvimento de seu primo em conspirações, de modo a preparar mais rapidamente a sua execução.

2. Gomes Freire de Andrade era considerado um fiel amigo do povo, um homem corajoso, um soldado valente, justificando, deste modo, a esperança que os mais pobres e fracos depositavam nele.

Tendo servido no exército napoleónico, o general contactara de perto com os ideais da Revolução Francesa; assistira à queda da monarquia absoluta em França; percebera as vantagens do regime liberal. Por isso, idealizava para Portugal um regime mais justo, uma sociedade onde a liberdade, a igualdade e a fraternidade imperassem. Logo, não é de estranhar que as vítimas do regime despótico vissem o general como o salvador da pátria.

3. Com esta afirmação, o Principal Sousa pretende salientar o duplo efeito do conhecimento: se por um lado é através dele que se ganha consciência da realidade e se aprende a analisá-la, também este pode atuar nefastamente, dado que pode desencadear a revolta e, conseqüentemente, a repressão sobre aqueles que a desencadearam. Se a ignorância simboliza permanecer nas trevas, a sabedoria pode conduzir à morte; logo, essa situação é tão ou mais perigosa do que ser ignorante. Este é o posicionamento de quem se vê ameaçado pelo conhecimento.

- 4.1. As três informações em didascália, aquando da intervenção de Vicente, são reveladoras de um comportamento que se rege pela astúcia. Assim, inicialmente “*Es-pantado*”, rapidamente adota uma atitude calculista, ao dirigir-se a D. Miguel, depois de o ter examinado “*com atenção*”. Posteriormente, a (falsa) humildade apodera-se dele quando interage com o Principal Sousa.

B

As personagens destacadas pertencem a dois grandes grupos: o dos poderosos e opressores e o dos pobres e oprimidos.

Vicente, que deveria integrar-se no segundo núcleo, vai ascender socialmente pela denúncia, simbolizando, por isso, os denunciadores do regime salazarista, que obtinham cargos ou regalias à custa da vida sofrida daqueles que eram denunciados. Os outros elementos apontam também para classes distintas, mas com interesses comuns: se D. Miguel se interessa pelo prestígio político, o Principal Sousa preocupa-se com o protagonismo da Igreja. Contudo, ambos se aproximam pela vontade de controlarem a situação político-social do país à custa da repressão. O membro do clero é a metáfora do cardeal Cerejeira, que dava apoio aos governantes, visando a riqueza e os bens que a Igreja sempre detivera.

(126 palavras)

GRUPO II

1.1. B 1.2. A 1.3. D 1.4. C 1.5. B 1.6. C 1.7. A

2.1. Adjetivo relacional.

2.2. “(o) poeta”.

2.3. Grau superlativo relativo de superioridade.

GRUPO III

Não se apresentam cenários de resposta dada a natureza do item. Recomenda-se, todavia, a leitura dos critérios de avaliação publicados pelo GAVE no seu site oficial e relativos à resposta deste grupo.

Sequência 3 – Felizmente Há Luar! – Versão 2

GRUPO I

1. Vicente é, sem dúvida, uma das personagens mais evolutivas da obra. De todos quantos integram a classe social a que pertence, ele é o que manifesta maior consciência do estado em que se encontra o país. Sabe que se prepara uma revolução e os efeitos que esta poderá ter na sociedade; sabe que a origem social condiciona os indivíduos; sabe que a cultura, o conhecimento podem desencadear uma consciência

mais profunda dos problemas; sabe que o povo vive miseravelmente e que tem como objetivo saciar a fome (“O povo, Reverência, não leu o “Eclesiastes” ... Interessa-lhe mais o preço do pão”) . Ora, tudo isto confirma a convicção de que a experiência de vida e o contacto com a realidade são fatores fundamentais para a consciencialização político-social desta personagem, que peca por se aproveitar de uma situação da qual não sai moralmente vitoriosa.

2. Gomes Freire de Andrade era considerado um fiel amigo do povo, um homem corajoso, um soldado valente, justificando-se, deste modo, a esperança que os mais pobres e fracos depositavam nele.

Tendo servido no exército napoleónico, o general contactara de perto com os ideais da Revolução Francesa; assistira à queda da monarquia absoluta em França; percebera as vantagens do regime liberal. Por isso, idealizava para Portugal um regime mais justo, uma sociedade onde a liberdade, a igualdade e a fraternidade imperassem. Logo, não é de estranhar que as vítimas do regime despótico vissem o general como o salvador da pátria.

3. Por um lado, a repetição da expressão “meu filho” permite ao enunciador estabelecer uma maior proximidade com o seu interlocutor, de forma a convencê-lo das palavras que profere; por outro, essa repetição acentua o carácter hipócrita do eclesiástico.
4. Pelo contacto estabelecido entre Vicente e os governadores do reino, percebe-se um crescendo na ação: um dos delatores já está escolhido para cumprir a sua missão de controlar todas as ações do general Gomes Freire de Andrade, pelo que a sua acusação começa a desenhar-se.

B

As personagens destacadas pertencem a dois grandes grupos: o dos poderosos e opressores e o dos pobres e oprimidos.

Vicente, que deveria integrar-se no segundo núcleo, vai ascender socialmente pela denúncia,

simbolizando, por isso, os denunciante do regime salazarista, que obtinham cargos ou regalias à custa da vida sofrida daqueles que eram denunciados. Os outros elementos apontam também para classes distintas, mas com interesses comuns: se D. Miguel se interessa pelo prestígio político, o Principal Sousa preocupa-se com o protagonismo da Igreja. Contudo, ambos se aproximam pela vontade de controlarem a situação político-social do país à custa da repressão. O membro do clero é a metáfora do cardeal Cerejeira, que dava apoio aos governantes, visando a riqueza e os bens que a Igreja sempre detivera.

(126 palavras)

GRUPO II

1.1. D 1.2. B 1.3. A 1.4. C 1.5. D 1.6. B 1.7. C

2.1. Adjetivo qualificativo.

2.2. Subordinada adverbial causal.

2.3. Grau normal.

GRUPO III

Não se apresentam cenários de resposta dada a natureza do item. Recomenda-se, todavia, a leitura dos critérios de avaliação publicados pelo GAVE no seu site oficial e relativos à resposta deste grupo.

Sequência 4 – Memorial do Convento – Versão 1

GRUPO I

A

1. O tópico predominantemente tratado no primeiro parágrafo diz respeito à descrição das ruas que vão dar ao alto da Vela e aquilo que aí se pode ver: a miséria dos trabalhadores que aí se aglomeram para concretizar o sonho real da construção do convento, bem como as más condições em que estes vivem. No fundo, sobressai a epopeia dos homens esquecidos pela História quando são eles que verdadeiramente a fazem, isto é, destaca-se a segunda linha de ação do romance.

2. O narrador adota uma perspetiva crítica perante o estado de pobreza em que vivem os trabalhadores e os soldados que, já não sendo necessários na guerra, foram canalizados para trabalhar na obra real. Destaca-se o lado miserável daqueles que mesmo obrigados cumprem a missão de servir os poderosos, conforme se lê no segmento “mal se distinguem os guardas dos guardados, rotos uns, rasgados outros”.
3. A gradação diz respeito ao passar do tempo e à tonalidade do céu que “abriga” os trabalhadores: a cor do sangue, que de “aguado” passa a “vivo” e “vivíssimo”, sugerindo a dor que se vai acentuar à medida que a construção for progredindo, até porque os trabalhadores vão aumentar e as mortes destes também. A epopeia do trabalho não apaga a cor do sofrimento.
4. Ainda que algumas linhas de ação surjam apenas indiretamente, a verdade é que todas são perceptíveis no excerto. Com efeito, quando se referem os homens aglomerados “pelas ruas escuras” (que ao nascer do sol entrarão nos “caboucos” para escavarem os alicerces do convento), fazem-se referências que se enquadram na linha de ação da epopeia do trabalho. O empenhamento em que estão envolvidos diz respeito à construção do convento, isto é, à promessa formulada por D. João V (primeira linha de ação). É o casal Baltasar e Blimunda, acompanhado pelo padre Bartolomeu, que percorre estas ruas, percepcionando-se a relação que os une e reafirmando-se a promessa de Blimunda de nunca olhar por dentro Baltasar, o que remete para a linha de ação do homem maneta e da mulher vidente. Ainda mais explícita é a quarta linha, porque aqui se refere explicitamente a máquina voadora e a matéria que a fará voar.

B

As quatro linhas de ação anunciadas na contracapa do romance descortinam o seu conteúdo e sugerem a independência entre elas.

Inicialmente, as ações poderiam circunscrever-se a dois domínios: um de carácter mais histórico,

outro mais ficcionado. Todavia, o autor soube, magistralmente, jogar com as obras do rei e do padre Bartolomeu Lourenço, interpretando personagens nessas linhas da narrativa. Perante a movimentação do “soldado maneta” (construtor da passarola e trabalhador na edificação do Convento) e da “mulher que tinha poderes” (Blimunda), o narrador integra essas ações num só mosaico.

Unir acontecimentos históricos a outros ficcionados e congregar a polifonia de vozes arquitetam uma obra que valoriza o sofrimento daqueles que a história esquece e troça daqueles que por esta são destacados.

(119 palavras)

GRUPO II

1.1. B); **1.2.** C); **1.3.** A); **1.4.** A); **1.5.** B); **1.6.** C); **1.7.** D)

2.1. G); **2.2.** D); **2.3.** F); **2.4.** A); **2.5.** H)

GRUPO III

O texto produzido é avaliado mediante:

- a obediência às instruções dadas (temáticas: influência da igreja na sociedade ao longo dos tempos; plano textual: listagem de 2/3 dos argumentos comprovativos do tema);
- o género textual (texto expositivo-argumentativo);
- a correção escrita (ortografia, sintaxe, pontuação, acentuação, seleção vocabular e coerência na articulação dos parágrafos);
- o cumprimento do limite de palavras (200 a 300 palavras).

Sequência 4 – Memorial do Convento – Versão 2

GRUPO I

A

1. O tópico predominantemente tratado no primeiro parágrafo diz respeito à descrição das ruas que vão dar ao alto da Vela e aquilo que aí se pode ver: a miséria dos trabalhadores que aí

se aglomeram para concretizar o sonho real da construção do convento, bem como as más condições em que estes vivem. No fundo, sobressai a epopeia dos homens esquecidos pela História quando são eles que verdadeiramente a fazem, isto é, destaca-se a segunda linha de ação do romance.

2. O narrador adopta uma perspectiva crítica perante o estado de pobreza em que vivem os trabalhadores e os soldados que, já não sendo necessários na guerra, foram canalizados para trabalhar na obra real. Destaca-se o lado miserável daqueles que mesmo obrigados cumprem a missão de servir os poderosos, conforme se lê no segmento “mal se distinguem os guardas dos guardados, rotos uns, rasgados outros”.
3. A gradação diz respeito ao passar do tempo e à tonalidade do céu que “abriga” os trabalhadores: a cor do sangue, que de “aguado” passa a “vivo” e “vivíssimo”, sugerindo a dor que se vai acentuar à medida que a construção for progredindo, até porque os trabalhadores vão aumentar e as mortes destes também. A epopeia do trabalho não apaga a cor do sofrimento.
4. Ainda que algumas linhas de ação surjam apenas indiretamente, a verdade é que todas são perceptíveis no excerto. Com efeito, quando se referem os homens aglomerados “pelas ruas escuras” (que ao nascer do sol entrarão nos “caboucos” para escavarem os alicerces do convento), fazem-se referências que se enquadram na linha de ação da epopeia do trabalho. O empenhamento em que estão envolvidos diz respeito à construção do convento, isto é, à promessa formulada por D. João V (primeira linha de ação). É o casal Baltasar e Blimunda, acompanhado pelo padre Bartolomeu, que percorre estas ruas, percepcionando-se a relação que os une e reafirmando-se a promessa de Blimunda de nunca olhar por dentro Baltasar, o que remete para a linha de ação do homem maneta e da mulher vidente. Ainda mais explícita é a quarta linha, porque aqui se refere explicitamente a máquina voadora e a matéria que a fará voar.

B

As quatro linhas de ação anunciadas na contracapa do romance descortinam o seu conteúdo e sugerem a independência entre elas.

Inicialmente, as ações poderiam circunscrever-se a dois domínios: um de carácter mais histórico, outro mais ficcionado. Todavia, o autor soube, magistralmente, jogar com as obras do rei e do padre Bartolomeu Lourenço, interpretando personagens nessas linhas da narrativa. Perante a movimentação do “soldado maneta” (construtor da passarola e trabalhador na edificação do Convento) e da “mulher que tinha poderes” (Blimunda), o narrador integra essas ações num só mosaico.

Unir acontecimentos históricos a outros ficcionados e congregar a polifonia de vozes arquitetam uma obra que valoriza o sofrimento daqueles que a história esquece e troça daqueles que por esta são destacados.

(119 palavras)

GRUPO II

1.1. C); 1.2. A); 1.3. D); 1.4. B); 1.5. C); 1.6. D);
1.7. B)

2.1. C); 2.2. A); 2.3. I); 2.4. G); 2.5. B)

GRUPO III

O texto produzido é avaliado mediante:

- a obediência às instruções dadas (temáticas: influência da igreja na sociedade ao longo dos tempos; plano textual: listagem de 2/3 dos argumentos comprovativos do tema);
- o género textual (texto expositivo-argumentativo);
- a correção escrita (ortografia, sintaxe, pontuação, acentuação, seleção vocabular e coerência na articulação dos parágrafos);
- o cumprimento do limite de palavras (200 a 300 palavras).

